

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**JUVENTUDE E MÍDIA: AS MEDIAÇÕES FAMÍLIA E
ESCOLA NA RELAÇÃO DO JOVEM COM O
CONSUMO DE NOTÍCIAS**

TESE DE DOUTORADO

Gláise Bohrer Palma

Santa Maria, RS, Brasil

2017

Sistema de Bibliotecas
UFSM

CC
DC
2017
171j

JUVENTUDE E MÍDIA:

**AS MEDIAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA NA RELAÇÃO
DO JOVEM COM O CONSUMO DE NOTÍCIAS**

Glaíse Bohrer Palma

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Comunicação.**

Orientadora: Prof^ª. Dra. Veneza Veloso Mayora Ronsini

Santa Maria, RS, Brasil

2017

123181

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

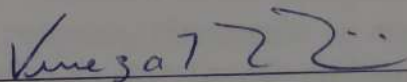
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado

**JUVENTUDE E MÍDIA: AS MEDIAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA NA
RELAÇÃO DO JOVEM COM O CONSUMO DE NOTÍCIAS**

elaborada por
Gláise Bohrer Palma

como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutora em Comunicação

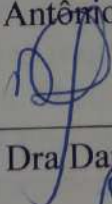
COMISSÃO EXAMINADORA:



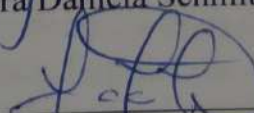
Dra. Veneza Veloso Mayora Ronsini
Presidente/Orientadora (UFSM)



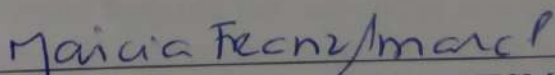
Prof. Dr. Antônio Fausto Neto (UNISINOS)



Profa. Dra. Daniela Schmitz (UFRGS)



Prof. Dra. Laura Storch (UFSM)



Profa. Dra. Marcia Amaral (UFSM)

Santa Maria, 30 de junho de 2017.

RESUMO

Tese de Doutorado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

JUVENTUDE E MÍDIA: AS MEDIAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA NA RELAÇÃO DO JOVEM COM O CONSUMO DE NOTÍCIAS

AUTORA: Glaíse Bohrer Palma

ORIENTADORA: Veneza Veloso Mayora Ronsini

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de junho de 2017.

Esta tese tem como objetivo geral analisar o papel das mediações da família e da escola no consumo de notícias pelos jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas e privadas de Santa Maria. Como objetivos específicos buscamos: realizar um levantamento estatístico acerca do consumo de notícias dos jovens nos meios de comunicação, considerando televisão, rádio, jornal, revista, internet e livro; compreender o interesse do jovem pela notícia televisiva como fonte de informação; examinar os modos de busca de notícia na internet, considerando que pode ser por meio de sites informativos, redes sociais, páginas dos telejornais, etc.; investigar as razões que levam os jovens a acessar a internet; avaliar a relação dos jovens com o consumo de mídia hegemônica e contra-hegemônica; correlacionar a classe social e o modo como ocorre o consumo midiático. Para tanto consideramos a visão de consumo como fenômeno cultural e da juventude como categoria socialmente construída, propondo a reflexão acerca da lógica do consumo midiático a partir de uma perspectiva atenta à multiplicidade das práticas individuais, compreendendo as relações sociais implicadas no consumo de bens simbólicos. A formulação teórica desta investigação é baseada na perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero e do consumo midiático de Nestor García Canclini, utilizando o conceito de classe social de Bourdieu como categoria empírica. Adotamos as abordagens quantitativa e qualitativa da pesquisa, integrando os resultados por meio de um cruzamento. Inicialmente utilizamos a técnica da amostra não probabilística, aplicando um questionário em 394 estudantes de ensino médio de escolas federais, estaduais e particulares de Santa Maria. Em um segundo momento foi realizada observação nas escolas privadas e estaduais como exercício exploratório e de aproximação com as práticas juvenis. Finalizando nosso percurso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com doze jovens estudantes secundaristas, seis que frequentam a escola pública e seis que frequentam a escola privada. Os resultados apontam para um consumo de notícias fragmentado por meio das redes sociais, especialmente o Facebook, e a assistência televisiva. O consumo midiático se dá, inicialmente, com vistas ao entretenimento e comunicação, seja por meio da assistência de séries e filmes pelo serviço *Netflix* ou acesso à internet, com preponderância da rede social Facebook. A prática de assistir telejornais é demarcada pela ritualidade familiar de consumo em conjunto. Há uma clara relação entre desempenho escolar e consumo de notícias, destacando também que jovens pertencentes a classes sociais mais altas demonstram maior interesse em manterem-se informados. As mediações família e escola têm um papel fundamental nas práticas midiáticas dos jovens investigados. O consumo de mídia hegemônica faz parte da rotina dos estudantes, que não têm o hábito, em sua maioria, de buscar mídias alternativas.

Palavras-chave: consumo midiático; juventude; notícia; classe social.

ABSTRACT

Doctoral Thesis

Postgraduate Program in Communication

Federal University of Santa Maria

YOUTH AND MEDIA: FAMILY AND SCHOOL MEDIATIONS IN THE RELATIONSHIP OF YOUNG PEOPLE WITH THE CONSUMPTION OF NEWS

AUTHOR: Gláise Bohrer Palma

ADVISOR: Veneza Veloso Mayora Ronsini

Place and date of defense: Santa Maria, June 30th, 2017.

This thesis aims to analyse the role of family and school mediations in the consumption of news by young high school students in public and private schools in Santa Maria. As specific objectives, we aim to carry out a statistical survey about the consumption of news in the media by the youth, considering television, radio, newspaper, magazine, internet and book. In addition, we aim to understand the young person's interest in television news as a source of information; examine the ways of searching for news on the internet, considering that it may be through informative websites, social networks, news pages, etc. Also, investigate the reasons that lead young people to access the internet; evaluate the relation of young people to the consumption of hegemonic and counter-hegemonic media; and correlate social class and how media consumption occurs. For this, we consider the view of consumption as a cultural and youth phenomenon as a socially constructed category, proposing the reflection about the logic of media consumption from a perspective attentive to the multiplicity of individual practices, including the social relations involved in the consumption of symbolic goods. The theoretical formulation of this research is based on the perspective of the mediations of Jesús Martín-Barbero and the media consumption of Nestor García Canclini, using Bourdieu's concept of social class as an empirical category. We adopted the quantitative and qualitative approaches of the research, integrating the results through a cross. We initially used the non-probabilistic sample technique, applying a questionnaire to 394 high school students from federal, state and private schools in Santa Maria. In a second moment, an observation was made in private and state schools as an exploratory exercise and approach to juvenile practices. At the end of our course, semi-structured interviews were carried out with twelve young secondary students, six attending a public school and six attending a private school. The results point to a fragmented news consumption through social networks, especially Facebook, and television assistance. The media consumption is initially given for entertainment and communication, through either the assistance of series and movies by the service Netflix or access to the internet, with preponderance of the social network Facebook. The practice of watching television news is demarcated by the family ritual of consumption together. There is a clear relationship between school performance and news consumption, noting also that young people belonging to higher social classes show a greater interest in keeping informed. Therefore, the family and school mediations have a fundamental role in the media practices of the young investigated. Hegemonic media consumption is part of the routine of students, who are not in the habit of mostly seeking alternative media.

Keywords: media consumption; youth; news; social class.

INTRODUÇÃO

Considerando a visão de consumo como fenômeno cultural e da juventude como categoria socialmente construída nos propomos a pensar aqui a lógica do consumo midiático a partir de uma perspectiva atenta à multiplicidade das práticas individuais, compreendendo as relações sociais implicadas no consumo de bens simbólicos.

Esta introdução é constituída pelo tema e sua delimitação, a problemática de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, a justificativa do projeto, assim como, na intenção de uma melhor compreensão do modo como foi organizada a construção teórica deste trabalho, uma breve descrição de cada capítulo.

O presente estudo tem como **tema** a juventude e a mídia, **delimitando** o foco no consumo de notícias pelos jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas e privadas de Santa Maria – RS.

Deste modo, o referencial teórico é desenvolvido tendo em vista três palavras-chave: consumo, juventude e notícia. A partir destes três conceitos é que se desenvolve a problemática do projeto, explicitada a seguir.

Para propor um debate em torno do consumo de notícias dos jovens de ensino médio é preciso explicitar primeiro a questão da cultura, como ela é entendida aqui, sua situação na atualidade e algumas correlações entre a pluralidade cultural, as mediações e o aparato tecnológico que subsidia a comunicação a partir da qual comunicação e cultura também se constroem.

Para Martín-Barbero (2006, p. 54),

[...] dois processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades. Os processos de globalização econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – até o ponto de convertê-las em dimensão protagônica de muitos dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais dos últimos anos, ao mesmo tempo em que essas mesmas identidades, mais as de gênero e as de idade, estão reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local.

O desenvolvimento tecnológico traz para a sociedade um novo modo de relação entre os processos simbólicos e novas formas de produzir e comunicar. Assim, o lugar da cultura na sociedade se modifica pelo fato da mediação tecnológica da comunicação deixar de ser apenas instrumental para se converter em estrutural. A tecnologia hoje não remete apenas a aparelhos, mas sim a novos modos de percepção e linguagem, novas sensibilidades e escritas.

No caso da América Latina, o contexto de desenvolvimento tecnológico em meio à tão propalada sociedade da informação se dá em um ambiente de desigualdade social que deteriora os dispositivos de comunicação e, em consequência, de coesão cultural e política (MARTÍN-BARBERO, 2006). Neste entorno fragilizado, as formas de aprender se modificam atreladas às informações circundantes dispersas e ainda a um sistema educativo organizado em torno da escola e do livro.

Posto este cenário, temos a juventude como categoria-chave para o estudo de consumo de mídia, optando por um recorte empírico que dê conta dos jovens matriculados na rede privada, estadual e federal de ensino médio da cidade de Santa Maria. Os estudos sobre juventude a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, adotada aqui, não são novos. No surgimento do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) em Birmingham, as problematizações teóricas já envolviam pesquisas relativas à juventude, a emergência de várias “subculturas” ligadas aos jovens de classes trabalhadoras que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante de poder. Este contexto era visto pelo Centro como parte integrante da tensão existente como afirmação da resistência através do consumo cultural. As perspectivas inauguradas pelo CCCS marcaram uma mudança decisiva no estudo das culturas juvenis: a partir de então elas não foram estudadas somente em relação a suas produções culturais, mas tentava-se ver nelas pistas para compreender as mudanças sociais e culturais das sociedades contemporâneas. Entre as obras mais importantes para o campo de estudos sobre juventude e cultura no âmbito dos Estudos Culturais, está o livro *Learning to Labour*, de Paul Willis (1977) que utiliza um método etnográfico de estudo para tratar sobre a cultura da classe operária, mais especificamente sobre os jovens que deixavam a escola e iam trabalhar. Willis apresenta uma extensa etnografia da escola, cujo foco são jovens estudantes do sexo masculino, pertencentes à classe operária inglesa. Através deste estudo o autor questiona a suposta universalidade e preexistência da ideologia dominante, contrapondo-se a qualquer tipo de crítica. Ao contrário, o texto nos mostra modos de apropriação e contestação à reprodução cultural e social por parte dos jovens que pertencem à classe operária. A partir da investigação de Willis podemos examinar a questão da reprodução social e compreender que a

[...] cultura de classe não é um padrão neutro, uma categoria mental, um conjunto de variáveis imposto sobre a escola, a partir de fora. Ela compreende experiências, relações e conjuntos de tipos sistemáticos de relações que determinam não apenas “escolhas” específicas e “decisões” em períodos específicos, mas também estruturam, real e experiencialmente, a forma como essas “escolhas” surgem e são definidas, antes de mais nada. (WILLIS, 1991, p. 12)

Já a coletânea de textos intitulada *Resistance Through Rituals: youth subcultures in*

post-war britain (1975) aponta uma série de mudanças, levantadas por um debate mais amplo, além da escola e da expansão da educação, como responsáveis pela visibilidade alcançada pela categoria juventude após os anos 1950. Os autores destes textos destacam como um dos primeiros fatores o aumento do mercado e do consumo no pós-guerra, que viabilizou o crescimento da indústria de lazer voltada para a juventude. A partir de então, houve também a eclosão dos meios de comunicação de massa e de cultura de massa, as diferenças sociais alavancadas pelo fim da guerra, além do surgimento de diferentes estilos, com maneiras diversas de se vestir e gêneros musicais marcantes, como o rock.

Desde então, os estudos sobre juventude vêm se destacando nas ciências sociais. Para introduzir a noção de juventude e de como a compreendemos aqui, partimos do entendimento de que

[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p. 113)

Quando classificamos alguém por idade (ou por geração ou classe, por exemplo) estamos de algum modo organizando um espaço na sociedade onde cada um deve se manter, um modo de impor limites sociais. Através destes recortes construídos socialmente estão sendo atribuídos um conjunto de valores e práticas subjetivas socialmente postuladas, afinal “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113).

A presença dos jovens na sociedade contemporânea está associada à dimensão do consumo, vínculo que se consolidou no Brasil na década de 90. Rocha e Pereira (2009) observam que, após um longo período de ostracismo, a conexão entre consumo e juventude começa a ter cada vez mais espaço nas ciências sociais.

O consumo midiático juvenil é marcado por uma nova realidade comunicacional que vivenciamos frente à hiperconexão. García Canclini (2010) lembra que, com o avanço das tecnologias de comunicação, o fato de estar conectado ou desconectado é estratégico e gera novas modalidades de diferenciação, igualdade ou desigualdade. Ao focar nos aspectos comunicacionais, as velhas diferenças e desigualdades se reelaboram e aparecem novas maneiras de equilibrar ou desequilibrar as relações sociais.

Como afirma Canclini (2010) mudaram-se os modos de fazer perguntas. Estamos em uma etapa transversal, intermediária e transnacional, na qual nenhuma disciplina pode abarcar a totalidade. Não se pode falar a partir dos recursos tradicionais sobre o global e o local, é necessário combinar estratégias de conhecimento.

Atualmente, o consumo deixou de ser visto como processo que ocorre através de simples ações verticais de dominação, pois “a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem *mediadores* como a família, o bairro e o grupo de trabalho” (GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 52). No caso de nossa pesquisa, interessa analisar a relação entre jovens e meios de comunicação sob as mediações da família e da escola. Ainda devemos considerar que “a comunicação não é eficaz se não inclui também interações de colaboração e transação entre uns e outros” (GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 52). Assim, os conteúdos são interpretados e, muitas vezes, utilizados de modo diverso daquele com que foram pensados inicialmente. Conteúdos midiáticos podem pontuar a rotina da casa, demonstrando, por exemplo, que o horário de ver o Jornal Nacional é também o momento da janta e reunião familiar. Conteúdos previstos para serem distribuídos com a intenção de informar a população podem transformar-se em ideias para as redações dos estudantes de ensino médio ou ainda como fonte de informação fidedigna sobre a qual discorrer, como alguns dos nossos informantes relataram.¹ Utilizando-nos aqui da compreensão sociocultural do consumo acerca da qual Canclini trabalha, consideramos que o consumo “é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e o uso dos produtos” (1995, p. 53).

O autor demarca que algumas correntes da antropologia e da sociologia consideram que no consumo se manifesta uma racionalidade sociopolítica interativa, ou seja, consumir é distinguir-se, é expandir-se culturalmente, é estar na moda e também estar a par das inovações tecnológicas, por exemplo. Autores como Bourdieu (1998) e Appadurai (1986) produziram textos que evidenciam que nas sociedades atuais grande parte da racionalidade das relações sociais se constrói na disputa pela apropriação de bens simbólicos através dos quais se propõem um modo de distinção. Mediante o consumo, pessoas e grupos se integram ou se distanciam, distinguem-se ou encontram afinidades.

A pesquisa empírica desta tese demonstrou que, para os jovens, o consumo midiático funciona como sistema de integração e comunicação, como pontuado por Canclini (1995). A internet é amplamente utilizada pelos jovens para interação com os amigos, a assistência à televisão ocorre em momentos de integração familiar, o acesso à rede por meio do celular realiza-se em momentos em que os jovens estão sozinhos, mas também junto aos amigos, o que

¹ Pesquisa realizada em 2016 pelo CNT/MDA aponta que 41,4% da população consultada (de todas as faixas etárias) consideram que a mídia não é isenta ao noticiar fatos da política do Brasil. Para 29,6%, em alguns momentos a mídia é isenta, em outros momentos não é isenta. 22,4% consideram a mídia sempre isenta ao noticiar fatos da política do Brasil. Disponível em <http://www.cnt.org.br/Pesquisa/cnt-md>

os une em torno de uma prática em comum.

García Canclini destaca que estudos empíricos têm demonstrado a necessidade e tendência do ser humano de organizar os significados e ordenar os desejos. Por meio dos rituais, como o Natal, a Páscoa e datas comemorativas, são dados significados a objetos materiais na intenção de estabelecer sentidos e práticas que os preservem.

Consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora. Por isso, além de serem úteis para a expansão do mercado e a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles, como afirma Douglas e Isherwood, “as mercadorias servem para pensar”. (CANCLINI, 1995, p. 59)

Atitudes do cotidiano podem nos dar muitas pistas importantes. Analisar os modos através dos quais consumimos informação pode ser de grande valia para compreendermos o papel que os meios de comunicação têm na vida das pessoas. Reis (2012) propõe uma reflexão sobre o uso da categoria ritual nos estudos da comunicação, fazendo um cruzamento entre antropologia e teorias da comunicação para pensar os meios como desempenhando funções na vida da sociedade e dos indivíduos equivalentes aos dos rituais. Isto pode ser observado no jornal que o leitor lê diariamente na hora do café da manhã, no programa televisivo que a família assiste ao fim da tarde, no rádio ligado ao amanhecer. Deste modo, pontuamos a segunda perspectiva sob a qual compreendemos o consumo: como processo de ritualização.

As referências expostas até aqui nos ajudam a refletir na elaboração da problemática de estudo no que diz respeito aos modos de consumo de informação pelo jovem. As questões que podem nortear este tipo de estudo estão vinculadas às formas, horários, espaços em que os indivíduos fazem uso dos meios. Na atualidade, um modo de o jovem sentir-se inserido na sociedade, valorizado e pertencente à determinada camada social é através do celular que porta e do uso que faz do dispositivo, este sendo apenas um exemplo dos *gadgets*² hoje em dia utilizados pela juventude para se distinguir ou sentir-se como fazendo parte de um determinado grupo social. Embora tão exaltados como meios democráticos de comunicação, em países como o Brasil, ainda com imensa desigualdade social, o uso de aparatos tecnológicos não chega a ser de acesso a todos. Estudos como o que desenvolvemos aqui nos dão pistas sobre o modo de consumo simbólico e, portanto, a inserção da cultura na análise da relação do sujeito com os meios de comunicação.

² O termo *gadgets* refere-se a dispositivos eletrônicos portáteis como celulares, smartphones, tocadores de mp3, entre outros.

O consumo pensando a partir da vertente dos Estudos Culturais é compreendida como um processo em que não há somente uma dimensão de assimilação ou aceitação do que é visto, ouvido ou lido, no caso dos meios de comunicação, mas interpretado de acordo com seus modos de ver o mundo. Neste ponto, as mediações família e escola, eleitas por nós como conceitos empíricos a serem trabalhados, adquirem sua importância no que tange à interferência que estes dois espaços sociais têm na vida dos jovens.

Em sua dissertação de mestrado, Oliveira (2008) mostra que a escola não se apresenta como monopólio da produção de significados para os jovens, frente a um cenário em que há múltiplas formas através das quais são construídas percepções sobre o mundo, como o ciberespaço e os meios de comunicação. Sejam jovens do centro das cidades ou da periferia, o universo escolar apresenta-se defasado em comparação aos recursos disponíveis nas redes de comunicação da atualidade. Investigaremos aqui se a disparidade entre a cultura escolar e o contexto social de jovens pode reverberar de forma diversa entre aqueles oriundos das classes mais baixas da sociedade e aqueles provenientes das classes mais altas. Para tanto, importa-nos a categoria *classe social*, que tem aqui caráter operacional para chegarmos a esclarecimentos sobre o consumo. Os afazeres dentro de casa e a própria necessidade de trabalhar para colaborar no sustento da família são fatores que se moldam conforme a classe social a que pertence o jovem. Consideramos que o tempo para ver televisão em família, o capital social formado pelos entes com quem o jovem convive, os comentários rotineiros em frente à televisão, entre outros, são elementos potencialmente transformadores da prática de consumo midiático dos estudantes.

As mediações família e escola, tendo em vista a classe social a que pertence o indivíduo e que também vai definir a escola em que o aluno estuda e o capital cultural familiar e do estudante, forma um cenário na reflexão para entender os modos como os jovens consomem bens simbólicos, compreendendo o consumo como uma prática sociocultural em que se constroem significados e sentidos de viver.

Compreendemos o consumo midiático como uma via de mão dupla, em que o jovem consome e a mídia trabalha na intenção de fazê-lo consumir, mas o processo, no entanto, tem suas mediações que interferem no modo como o indivíduo faz sua leitura, interpretação e opta por este ou aquele meio e produto comunicativo. Família e escola atuam assim, como alicerces mediadores. Não são os únicos, mas são os que nos importam aqui, por termos optado trabalhar com a mediação socialidade³, a partir de Martín-Barbero, como veremos no decorrer do texto.

³ Alguns autores, como Martín-Barbero, utilizam o termo socialidade e outros dizem sociabilidade. Utilizaremos aqui os termos como sinônimos.

Entrando na especificidade de nosso estudo, que parte da preocupação com o consumo de jornalismo, a notícia é o objetivo que move a atividade jornalística. Segundo Sousa (2005, p. 74) “a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação”. Não nos aprofundaremos aqui no conceito de notícia, mas temos a intenção apenas de esclarecer a que nos referimos quando mencionamos o consumo de jornalismo.

Estamos preocupados com o modo de acesso à notícia, os gêneros televisivos mais vistos, se os jovens têm ou não o hábito de ler jornais e revistas, se ouvem radiojornalismo e os caminhos trilhados pelos jovens na internet. Os jovens se interessam por notícias? Pensam ser importante manterem-se informados? Que assuntos lhes interessa? Como se dá esse consumo de notícias? A partir de perguntas que estão relacionadas com os objetivos de pesquisa, nossa intenção é responder a seguinte questão: **‘como é a relação das mediações família e escola e o consumo de notícias pelos jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas e privadas de Santa Maria?’**

A partir da problemática exposta e dos pontos centrais resumidamente explicitados, chegamos aos objetivos deste estudo.

Deste modo, esta pesquisa pretende, como objetivo geral:

- **Analisar** o papel das mediações família e escola no consumo de notícias pelos jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas e privadas de Santa Maria.

Como objetivos específicos, nos propomos a:

- **Realizar um levantamento estatístico** acerca do consumo de notícias dos jovens nos meios de comunicação, considerando televisão, rádio, jornal, revista, internet e livro;

- **Compreender** o interesse do jovem pela notícia televisiva como fonte de informação;

- **Examinar os modos** de busca de notícia na internet, considerando que pode ser por meio de sites informativos, redes sociais, páginas dos telejornais, etc.;

- **Investigar as razões** que levam os jovens a acessar a internet;

- **Avaliar a relação** dos jovens com o consumo de mídia hegemônica e contra-hegemônica;

- **Correlacionar a classe social** e o modo como ocorre o consumo midiático.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2014⁴, 97% dos entrevistados afirmaram ver

⁴ Utilizamos aqui referências de 2014 pois na PBM 2015 e 2016 não foi feito o levantamento de quantos entrevistados afirmavam ver TV e sim outros dados como intensidade e frequência de quem assistia televisão. O trabalho de campo desta pesquisa deu-se entre os dias 12 de outubro e 6 de novembro de 2013, quando foram entrevistados 18.312 brasileiros de 16 anos ou mais de idade, em 848 municípios, segundo dados retirados do

TV, um hábito que une praticamente todos os brasileiros, com independência de gênero, idade, renda, nível educacional ou localização geográfica. A internet e o rádio são meios de comunicação também muito presentes na vida das pessoas, ainda que em menor grau se comparados à televisão: 61% têm o costume de ouvir rádio e 47% têm o hábito de acessar a internet, segundo o mesmo documento. A última Pesquisa Brasileira de Mídia, de 2016⁵, aponta que para 89% dos entrevistados a televisão é o meio de comunicação mais utilizado para se informar sobre o que acontece no Brasil. Nesta mesma pesquisa, 61% dos jovens entre 16 e 25 anos afirmaram assistir televisão diariamente.

Por meio da problematização e dos objetivos acima expostos, chegamos ao aspecto metodológico que viabiliza a reflexão e elucidação das questões propostas. Para tanto, é necessário que a abordagem desta pesquisa nos propicie caminhos que nos deem dados numéricos, mas também de interpretação e consideração sobre os significados destes dados. Assim, optamos aqui por utilizar métodos quantitativos e qualitativos, como está exposto a seguir.

Aspectos metodológicos

Neste estudo exploramos o caráter quantitativo e qualitativo da pesquisa. Conforme Jacks (2014), no levantamento realizado sobre os estudos em recepção de 2000 a 2009, a maior parte dos trabalhos com abordagem sociocultural, na qual nos enquadrados, foi realizada mediante o método qualitativo, adotado em 102 dos 112 trabalhos. Os outros 10 utilizaram ambos métodos, qualitativo e quantitativo, demonstrando uma opção com tendência de crescimento, conforme indica a autora. Acreditamos que diferentes abordagens de pesquisa nos darão uma riqueza de possibilidades para refletir e ponderar sobre o problema a ser tratado. Com diferentes maneiras de coletar e analisar dados teremos uma noção mais ampla do que está em jogo no que diz respeito ao modo como se dá o consumo midiático por jovens de ensino médio de Santa Maria. Embora haja críticas por parte de cientistas sociais sobre o caráter restrito da pesquisa quantitativa que simplificaria a vida social limitando-a aos fenômenos que podem ser enumerados (Goldenberg, 2004), a postura adotada frente a esta noção de menor compreensão do significado em troca do rigor matemático tende à complementaridade e não à

próprio documento, disponível em <http://www.secom.gov.br/>

⁵ O trabalho de campo desta pesquisa deu-se entre os dias 23 de março a 11 de abril de 2016, quando foram entrevistadas 15.015 pessoas com 16 anos de idade ou mais, de todas as classes econômicas (ABCDE), de ambos os sexos, residentes nas 27 unidades da Federação (interior e capital).

exclusão de uma ou outra abordagem. Afinal,

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos. (GOLDENBERG, 2004, p. 62)

Assim, seguimos neste trabalho, inicialmente, a técnica da amostra não probabilística⁶. Para definir quantos alunos participariam, foi utilizado um cálculo estatístico desenvolvido pela literatura da área. De um total de 10.029 alunos matriculados nas redes federal, estadual e particular⁷ de ensino de Santa Maria, fazem parte da amostra deste estudo 394 estudantes.

Mas, antes, na intenção de promover um teste piloto com o instrumento de pesquisa, no segundo semestre de 2013 foram disponibilizados, através do perfil da pesquisa no *Facebook*⁸ e *Twitter*⁹, questionários produzidos no *Google Drive*¹⁰, para que os jovens de ensino médio de Santa Maria e região respondessem sobre os meios de comunicação que utilizam. Ao todo, 79 jovens responderam ao instrumento, sendo 65 pertencentes à rede privada de ensino e 14 estudantes da rede pública. A partir deste teste, foram observadas algumas fragilidades do questionário, que foi revisado e as questões reconstruídas. Uma das dificuldades encontradas no teste piloto foi a falta de iniciativa dos próprios estudantes em responderem ao instrumento. No momento em que observamos o baixo número de respondentes, optamos por fortalecer o acesso e a visibilidade do questionário, postando-o nas páginas que algumas escolas possuem no *Facebook*, assim como solicitando para assessores de comunicação das escolas que lembrassem ou convidassem os alunos de ensino médio para que respondessem ao instrumento.

Deslocando a metodologia da esfera quantitativa para a qualitativa, realizamos entrevistas com doze de jovens de classes distintas, seis estudantes de uma escola pública e seis de uma escola privada de Santa Maria.

A seguir, a partir do cenário da temática na área e da trajetória da pesquisa, apresentamos argumentos que justificam este estudo.

⁶ A partir do julgamento da pesquisa foram eleitas as escolas em que seriam aplicados os formulários, segundo critérios de localização em diferentes bairros da cidade, que, supúnhamos, nos dariam dados de jovens pertencentes a classes sociais distintas.

⁷ De acordo com a listagem de estudantes matriculados nas escolas de ensino médio no ano de 2013, fornecido pela 8ª Coordenadoria de Educação à pesquisa.

⁸ Rede social criada em 2004 nos Estados Unidos.

⁹ Rede social criada em 2006 nos Estados Unidos.

¹⁰ Serviço que permite armazenamento de arquivos, produção e compartilhamento de questionários, entre outros serviços.

Justificativa

O presente estudo **justifica-se** por apresentar problemática inovadora para a área da comunicação e instigante para a pesquisa, que pretende agregar pesquisa quantitativa e qualitativa ao trabalho, de modo a apresentar dados que sejam representativos, ao mesmo tempo em que as entrevistas em profundidade permitem o aprofundamento da investigação. Uma das críticas comumente feitas às pesquisas da área das ciências sociais diz respeito à característica qualitativa e ‘pouco representativa’ que nossos estudos teriam. No entanto, por acreditarmos que aliar a estatística à interpretação seja um caminho rico e possível em um trabalho de doutorado, é que se propõe seguir o caminho aqui delineado.

Nilda Jacks, pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está coordenando um projeto de caráter nacional intitulado Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência¹¹, com o objetivo de “conhecer as práticas ciberculturais tecidas na relação com a mídia” (JACKS et al., 2014a, p. 1), cujos resultados parciais foram publicados e utilizados nesta tese. (JACKS E TOALDO, 2013; JACKS E TOALDO, 2014; JACKS et al. 2014a; JACKS et al., 2014 b; JACKS et al., 2015; JACKS et al., 2015 a; JACKS et al., 2016; JACKS e SCHMITZ, 2016)

Fazendo uma busca no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações¹² com as palavras-chave *juventude* e *consumo*, foram localizados 52 trabalhos entre teses e dissertações desde 2000, demonstrando o pequeno número de estudos que unem estes dois conceitos. Já quando a palavra-chave é *notícia*, são apenas 5 trabalhos encontrados, embora nenhuma tese ou dissertação trate sobre o consumo do produto jornalístico pelos jovens.

A problemática em questão neste trabalho, que une a categoria *juventude* a consumo de notícia por meio da mídia, vem ao encontro de um campo que carece de solidificação no que diz respeito a estudos que reflitam sobre dados e explicitem interpretações e análises fundamentadas acerca do tema. Como salienta a professora doutora em Sociologia, da Faculdade de Educação da USP, Maria da Graça Setton, em levantamento sobre o estado da arte sobre Juventude, Mídias e TICs:

As discussões relativas às interfaces entre Jovens e Mídias nas áreas da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social estão ainda em fase de consolidação. Embora um grupo de estudiosos venha se debruçando sobre esta articulação de temas, falta-nos um corpo de pesquisas teóricas e empíricas

¹¹ Informações gerais sobre a pesquisa estão disponíveis em <https://redebrasilconectado.wordpress.com/>;

¹² Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/> Data de captura: 10 de janeiro de 2017.

com expressividade e visibilidade acadêmica nacional. (2009, p. 63)

Deste modo, nosso estudo justifica-se por vir a agregar reflexões para um campo que necessita de expansão. Como jornalista, a pesquisa buscou encontrar um objeto de estudo que aliasse o Jornalismo e o comportamento das pessoas relacionado à busca por notícias. Pensando no processo de comunicação, sempre houve uma tendência pessoal, como profissional da área, a tentar entender como os espectadores, leitores, ouvintes, aqui denominados consumidores midiáticos, participavam deste processo. Por isso, a participação no grupo de estudos Usos Sociais da Mídia desde 2012, quase um ano antes do processo seletivo para o doutorado, com a intenção de construir e aprimorar um projeto que desse conta desta perspectiva de investigação. Desde o início do estudo havia interesse em pensar em uma indagação de pesquisa que dissesse respeito ao interlocutor do processo comunicativo.

Pensar o jovem hoje e como ele consome jornalismo é um trabalho desafiador que pode nos levar não necessariamente a respostas claras, mas a pontos de conexão que nos permitam compreender melhor a articulação entre os meios de comunicação e a juventude na contemporaneidade.

A seguir, apresentamos brevemente onde nos situamos nos estudos em recepção já desenvolvidos nos últimos anos no Brasil.

Breve recapitulação dos estudos em recepção no Brasil

As primeiras teses e dissertações acadêmicas que tratam da recepção surgiram no Brasil nos anos 80. Mas apenas nos anos 2000 os estudos na área apresentaram sua consolidação (JACKS, 2014).

De um total de 1.769 pesquisas, considerando teses e dissertações que foram realizadas nos 11 programas de Pós-Graduação em Comunicação em funcionamento na década de 1990, apenas 49 referem-se a estudos de recepção (JACKS, MENEZES E PIEDRAS, 2008). Destes, 32 são relativos à abordagem sociocultural¹³, compreendendo o processo de recepção midiática como encadeamento que perpassa complexas relações sociais e culturais, com a qual identificamos nossa investigação.

Segundo o levantamento realizado por Jacks, Menezes e Piedras (2008) acerca das pesquisas desenvolvidas na década de 90 no Brasil, foram encontrados doze estudos que têm o

¹³ Jacks segue no texto a classificação proposta por Escosteguy (2004) que identificou as abordagens “Sociocultural”, “Comportamental” e “outros” ao analisar o mesmo corpus, porém com outros objetivos.

adolescente como parte de seus objetos, sendo que seis investigações abordam do ponto de vista da recepção¹⁴. Destes seis, cinco foram classificados como pesquisas realizadas a partir da abordagem sociocultural e uma comportamental.

No entanto, conforme ressalva feita no texto posterior com o levantamento das teses e dissertações realizadas de 2000 a 2009 (JACKS, 2014), o único trabalho que trata do jovem encontrado nas pesquisas da década de 1990 não foi inserido no capítulo sobre a recepção de adolescentes¹⁵. De todo modo, na avaliação de Jacks, Menezes e Piedras (2008) houve uma importante contribuição dos estudos da década de 90 na exploração do receptor adolescente/jovem¹⁶, até então pouco analisado no campo de estudos da recepção.

No que diz respeito às pesquisas realizadas de 2000 a 2009 houve um aumento no número de Programas de Pós-Graduação em Comunicação para 44. De um total de 5.715 pesquisas, apenas “209 tratam dos processos e das práticas de recepção dos meios de comunicação de forma empírica” (JACKS, 2014, p. 11). Em 2000 foi somada à abordagem sociocultural a sociodiscursiva, pois foi “necessário fazer esse acréscimo para dar ênfase a um desenvolvimento identificado na área, qual seja, a adoção das teorias do discurso, em qualquer de suas perspectivas, para analisar a recepção” (idem). A abordagem comportamental foi mencionada para quantificar os estudos que a adotaram e os trabalhos com a abordagem ‘outros’ não foram considerados.

A partir das abordagens encontradas, podemos afirmar que nos inscrevemos nos estudos de concepção sociocultural, que têm em suas premissas a confluência de comunicação e cultura, tendo em vista a mediação comunicativa da cultura, a visão não elitista de cultura e uma estreita relação com os Estudos Culturais (JACKS, 2008). São estas as pesquisas que nos interessam e nas quais nos focaremos nesta revisão.

Como nosso trabalho visa uma reflexão acerca dos **jovens** e seu consumo midiático, com ênfase no **jornalismo** e tendo como recorte empírico a **classe social**, é relevante recapitular

¹⁴ Fazemos aqui menção aos levantamentos sobre estudos da recepção no Brasil, tendo em vista que trabalhamos com a abordagem do ponto de vista da recepção e no estado da arte mencionado são consideradas questões como consumo cultural e midiático, que é o nosso principal eixo de atenção.

¹⁵ Há aqui uma diferença conceitual entre jovem e adolescente para as autoras e, por isso, o trabalho com jovens não foi inserido no capítulo referido.

¹⁶ Aqui utilizamos o termo adolescente/jovem apenas no que tange ao estado da arte realizado por Jacks, Menezes e Piedras (2008) e Jacks (2014) visto que no primeiro levantamento apenas trabalhos que dizem respeito ao adolescente foram citados e analisados e um estudo que tratou sobre jovens foi deixado de fora. Já no segundo levantamento (JACKS, 2014) a autora une os estudos que tratam sobre adolescentes e jovens. No decorrer desta tese, utilizaremos apenas os termos juventude(s), jovens, estudantes, informantes, respondentes e alunos.

as teses e dissertações que trabalharam sob essas perspectivas, como está no quadro a seguir.

Quadro 1 – Teses e dissertações das décadas de 1990 e 2000 sob a perspectiva da recepção

Temática	Década de 90	Década 2000
Recepção em geral	54 ¹⁷ estudos (de um total de 1.769)	209 pesquisas (de um total de 5.715)
Jornalismo	2 dissertações, mas com foco no público infantil ¹⁸ . Destas, uma com abordagem sociocultural e outra comportamental. Uma dissertação trata da recepção de conteúdo jornalístico de rádio e televisão por produtores rurais do Amazonas (abordagem comportamental) ¹⁹ Nenhuma trabalha especificamente com jovens.	54 investigações (entre teses e dissertações considerando todas as abordagens e públicos). Destas, selecionando as pesquisas que trabalham com jovens, temos uma que aborda jovens e adolescentes, 5 que tratam de jovens e adultos e 3 sobre jovens. Em relação à abordagem, em todas as investigações mencionadas sobre Jornalismo, 21 seguem a concepção sociocultural, 17 a sociodiscursiva e 16 a comportamental.
Juventude, considerando os estudos de recepção de modo geral, não apenas relacionado ao jornalismo	6 dissertações com adolescentes, sendo três destas apenas com adolescentes e três considerando crianças e adolescentes. Destas, uma com abordagem comportamental e 5 com abordagem sociocultural ²⁰ .	44 trabalhos com jovens e adolescentes exclusivamente ²² (abordagem sociocultural 29 trabalhos, sociodiscursiva com 2 estudos, comportamental com 13 investigações) ²³

¹⁷ Há algumas desconexões entre os dados conforme podem ser verificadas em Jacks, Menezes e Piedras, (2008, p. 18-20) e Jacks (2014, p. 141) no decorrer dos textos consultados, mas concluímos que são 54 estudos.

¹⁸ Conforme John (In JACKS, 2014, p. 139) “na década de 1990, a recepção do conteúdo jornalístico esteve praticamente ausente das preocupações dos pesquisadores que desenvolveram suas teses e dissertações nos programas de pós-graduação em Comunicação... os únicos dois trabalhos que estabelecem algum diálogo com o jornalismo, ambos focados no público infantil... efetivamente não centraram sua preocupação nesse conteúdo.”

¹⁹ Conforme Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 74-75). Esta pesquisa foi desconsiderada no texto sobre as investigações que tratam de conteúdos jornalísticos da década de 90 por John (In JACKS, 2014).

²⁰ Conforme Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 45) e Schmitz (In JACKS, 2014, p. 188)

²² Excluídas aqui as investigações que trabalham de modo concomitante com jovens e demais segmentos como crianças, adultos e idosos.

²³ De acordo com Schmitz (JACKS, 2014, p. 191)

	Uma pesquisa com jovens ²¹ sob o prisma da abordagem sociocultural.	
Classe social e juventude	Não há aprofundamento nesta categoria.	8 trabalhos aprofundam esta categoria mas tratam apenas de jovens de classe popular ²⁴

Fonte: Produção própria a partir de informações de Jacks, Menezes e Piedras (2008) e Jacks (2014).

Na década de 90 os estudos da recepção referentes a **conteúdos jornalísticos** foram escassos, contando com apenas duas dissertações que tratam sobre jornalismo produzido para crianças e a relação do público com os suplementos infantis, e uma investigação acerca da recepção de conteúdo jornalístico de rádio e televisão por produtores rurais do Amazonas.

Este quadro muda quando se observa o desenvolvimento de pesquisas de 2000 a 2009, em que 54 trabalhos, entre teses e dissertações, tratam sobre a recepção jornalística. O jornalismo, junto à telenovela, foi o gênero mais estudado nessa década. No que diz respeito ao público estudado com relação ao gênero jornalístico, uma investigação tratou de jovens e adolescentes, cinco trataram de jovens e adultos e três trataram sobre jovens²⁵.

Já se considerarmos os estudos de recepção de modo geral, não apenas vinculado ao jornalismo, de 2000 a 2009, a juventude aparece em 44 trabalhos²⁶. Um grande aumento, se compararmos os estudos de recepção da década de 90, em que houve seis pesquisas com adolescentes e uma com jovens.

Observamos, ainda, que no estado da arte acerca de pesquisas em recepção com jovens, de 2000 a 2009, apenas 8 trabalhos aprofundam o tema da classe social teórica e empiricamente, ainda assim tratando apenas sobre jovens de classe popular, desconsiderando jovens de classe

²¹ A pesquisa com jovens é apenas citada por Jacks, Menezes e Piedras (2008, p 47) e não foi abordada no capítulo que trata de adolescentes. No segundo livro (2014) a ausência de mais informações sobre a pesquisa com jovens referentes ao anos 90 é mencionada, justificando que o levantamento sobre a década de 90 levou em conta apenas os estudos que tratavam de adolescentes e não de jovens. (SCHMITZ In JACKS, 2014, p. 188)

²⁴ Segundo Schmitz (JACKS, 2014, p. 205, 206)

²⁵ Aqui só estamos ressaltando os trabalhos que trataram sobre jovens e adolescentes, sem referir os que tratam sobre grupos étnicos, adultos, mulheres, famílias, comunidades e grupos específicos, comunidade e indefinido, categorias levantadas por John (In JACKS, 2014).

²⁶ Mencionando aqui as investigações que trabalham somente com jovens e adolescentes. Se fôssemos considerar os estudos que mencionam jovens concomitante com outro grupo geracional, teríamos 77 teses e dissertações. (SCHMITZ In JACKS, 2014, p. 191)

média e alta.

Vimos então, através de nossa proposta de estudo, somar-nos às pesquisas sobre juventude e recepção que se, por um lado, estão em franca expansão, ainda carecem de investigações que tratem sobre juventude e consumo midiático de modo geral, assim como a relação deste público com o jornalismo²⁷. Nossa pesquisa apresenta, também, um recorte empírico comparativo em que consideramos jovens de classe média alta, média e média baixa, de escolas públicas e privadas de Santa Maria, o que agrega ao campo da comunicação no que tange às discussões sobre a questão de classe social.

A começar no primeiro capítulo, nos debruçamos sobre o referencial teórico a partir do qual refletimos sobre a problemática proposta. Com o título **Recepção e Consumo na Sociedade Midiatizada**, nos fundamentamos nos autores Martín-Barbero e García Canclini, de modo a traçar o percurso teórico básico seguido neste trabalho, situando nossa pesquisa nos **Estudos de Recepção Latino-Americanos** a partir do **Consumo de Bens Simbólicos**. Sobre consumo de modo geral e consumo de bens simbólicos de modo específico nesta tese, utilizaremos García Canclini (1995) e sua problematização na tentativa de pensar uma “teoria sociocultural do consumo” (1995, p. 52). O autor apresenta essa proposta com o objetivo de incluir os processos de comunicação e recepção de bens simbólicos, ultrapassando a análise simplista de consumo compreendido pela racionalidade econômica, para dar conta dos processos socioculturais em que se realiza o consumo. Para ele, “no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” (GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 56). Martín-Barbero nos traz a perspectiva das mediações seguida nesta investigação tendo em vista a comunicação como protagonista dos processos sociais vividos atualmente. Com Veron e Fausto Neto propomos a inserção de nosso trabalho sob a perspectiva de uma problemática inserida em um contexto de midiatização que perpassa as práticas sociais dos jovens de nossa amostra.

No segundo capítulo, intitulado **Juventudes**, nos propomos a trabalhar a noção de juventude, a categoria *classe social* para a compreensão das identidades, assim como a observação e análise dos fluxos midiáticos e comunicacionais com autores como Sposito, Abramo, Branco, Borelli, Bourdieu, Dayrell, Freire Filho, Jacks, Margulis, Martín-Barbero, Pais, Pereira, Rocha, Ronsini, Urresti, entre outros.

²⁷ Jacks (2014) aponta que o principal meio estudado, nas pesquisas em recepção, é a televisão. Este fato se repete nas duas décadas em que foram feitos os levantamentos, independentemente do público relacionado.

No terceiro capítulo, **Aproximações com o Campo: a experiência de pesquisa junto ao jovem**, apresentamos a metodologia utilizada, os dados encontrados e passamos à análise, a partir das informações encontradas.

Finalizamos com as considerações finais sobre o consumo juvenil de notícias.

1. RECEPÇÃO E CONSUMO NA SOCIEDADE MIDIATIZADA

A comunicação medeia nosso cotidiano, nossas práticas, nossa experiência de mundo. Tendo em vista essa afirmação como um fato que instaura a mídia como aspecto medular da sociedade atual, propomos aqui investigar o processo comunicacional do ponto de vista do consumo. As configurações dos meios de comunicação hoje resultam da articulação entre dispositivos tecnológicos e condições particulares de produção e recepção, estruturando o mercado discursivo das sociedades industriais e conformando a comunicação midiática. O surgimento de novas tecnologias, assim como sua evolução, transforma a comunicação midiática gerando um processo de midiatização nas sociedades industriais. (VERON, 1997)

Silverstone (2002) propõe que pensemos e estudemos a mídia em sua profundidade, como dimensão social e cultural, mas também política e econômica. Assim, compreendemos a mídia como parte de um processo em que as pessoas procuram persuadir, se informar, se entreter, e se conectar umas às outras.

Para Veron (1997), é o conceito de midiatização que nos permite refletir sobre múltiplos aspectos do desenvolvimento social nas sociedades industriais, que até agora foram analisados e discutidos de forma um tanto quanto dispersa²⁸. Midiatização é um termo utilizado já há algum tempo na área acadêmica da Europa, assim como na América Latina, por investigadores que trabalham com as tecnologias de comunicação. (VERÓN, 1997)

Fausto Neto (2006) aponta mudanças da atualidade em função da intermediação midiática, em que a lógica de fluxos e redes afetam nosso modo de viver. Neste cenário, o autor demarca que o termo midiatização tanto pode ser um conceito para explicar o corpo social em que vivemos, quanto uma ocorrência que nos traz questões de suas próprias características específicas de funcionamento. De todo modo, o conceito não está totalmente definido, sendo considerado pelos próprios autores que com ele trabalham e sobre o termo refletem, o aspecto de processualidade na busca por uma compreensão e definição do que é a midiatização.

Para Fausto Neto (2006), a midiatização ocorre de modo transversal e relacional, afetando o campo midiático, assim como o das instituições e de seus usuários. Os jovens investigados em nosso estudo estariam, assim, mergulhados em uma sociedade midiatizada,

²⁸ Veron (1997) também utiliza o termo hiper-mediatização, designando a emergência dos multimeios, as redes hipertextuais e a explosão comunicativa provocada pela internet. Se a midiatização se refere ao processo de comunicação interno em países pós-industriais, o termo 'hiper' remete à globalização, ou à escala global com que os meios interferem em nossas relações com o mundo.

não apenas por serem integrantes de uma coletividade maior que vivencia a atualidade, mas por sua geração formar o grupo que, guardadas as devidas considerações acerca de classe social e acesso aos meios, já nasceu circundada por redes e fluxos de comunicação que “misturam com todos os aspectos significativos do funcionamento social”. (FAUSTO NETO, 2006, p. 10). Estamos trabalhando com um conceito cuja dinâmica ocorre “com as tecnologias sendo convertidas em meios, segundo lógicas diferentes de práticas sociais”. (FAUSTO NETO, 2008, p. 93). Nos novos modos de organização social a realidade está atrelada a um ambiente de fluxos, em que se reformulam os modos de expressar a realidade, visto que a mesma é constituída na atual ambiência midiática.

Podemos também pensar na escola e na família enquanto instituições que fazem parte dessa sociedade midiaticizada e que são afetadas, assim como afetam, esse processo de nova constituição social, ou de reconstituição da sociedade como a conhecíamos até então, pois “é a complexidade das novas formas de experiência e de existência que passa a habitar na nossa cotidianidade concreta”. (LOPES, 2014, p. 69). Novos modos de pensar a educação e a constituição familiar são construídos a partir do contexto inaugurado por essa forma de estar no mundo, assim como os modos de lidar com a sociedade midiaticizada são aprendidos e mediados pela escola e pela família. Afinal “a midiaticização institui um novo «feixe de relações», engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições e os atores sociais.” (FAUSTO NETO, 2008, p. 96).

É primordial para uma análise sobre o consumo midiático de jovens, compreendê-los então como indivíduos que já nasceram em meio a telas e à velocidade da informação. Tendo em vista que compreender a mídia como um processo é entendê-la como historicamente específica (SILVERSTONE, 2002) consideramos aqui a investigação sobre o consumo midiático dos jovens em uma sociedade midiaticizada, em que não apenas os meios estão presentes em todas as esferas de nossa vida, mas que modifica os nossos modos de viver e de lidar com a experiência do que é o mundo hoje. Estamos em “uma nova forma de ambiente – da informação e da comunicação – que mediante tecnologia, dispositivos e linguagens trata de produzir um outro conceito de comunicação”. (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

A integração de diferentes tecnologias de comunicação, o aumento de oferta de programas e canais, assim como um sistema de distribuição cada vez mais plural faz parte do cenário dos meios de comunicação da atualidade. Como afirma Ronsini,

Os meios de comunicação como aparatos tecnoperceptivos, especialmente os

meios audiovisuais, mobilizam-nos para a simultaneidade das tarefas, abolem o passado e o futuro na fabricação do império das novidades que necessitam ser consumidas com voracidade, instantaneamente, e resulta em uma vivência fragmentada e heterogênea tal como o ritmo das imagens nas telas da televisão e do computador. (2011, p. 12)

Seguimos aqui a concepção de Canclini, para quem o consumo ultrapassa a relação da necessidade e instrumentalidade dos bens. Tratar sobre consumo é também tratar sobre “aspectos não econômicos como recepção, apropriação, audiências e usos”. (JACKS e TOALDO, 2013, p. 5).

Neste ponto é importante definir a diferença entre os conceitos de consumo cultural, consumo midiático e recepção²⁹, visto que são termos-chave para nossa investigação. Consumo cultural pode ser definido como “el conjunto de procesos de apropiación y usos de productos en los que el valor simbólico prevalece sobre los valores de uso y de cambio, o donde al menos estos últimos se configuran subordinados a la dimensión simbólica.” (GARCÍA CANCLINI, 1992, p. 5). Os bens culturais são produtos que refletem a cultura de um povo, os interesses de determinada época, funcionam como integradores, assim também como elementos de diferenciação social, formando um universo simbólico. O estudo de como os indivíduos ou determinada sociedade consome esses bens é compreendido por nós como consumo cultural.

Já consumo midiático pode ser pensado como parte do consumo cultural, visto sua especificidade enquanto relacionado aos meios de comunicação. Consumo midiático seria, para nós, o modo como os jovens consomem os meios, no que tange à assistência à televisão, leitura de livros, acesso a redes sociais e o que fazem ao acessá-las: se leem notícias, se leem postagens dos amigos, se postam, o que postam, enfim, o modo como o fazem.

Consumo midiático seria, então, constituinte do consumo cultural, ou nas palavras de Jacks e Toaldo (2013, p. 6-7) trata-se do

[...] consumo do que a mídia oferece: nos grandes meios – televisão, rádio, jornal, revista, internet, *sites*, *blogs*, celulares, *tablets*, *outdoors*, painéis ... – e nos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios – novelas, filmes, notícias, informações, entretenimentos, relacionamentos, moda, *shows*, espetáculos, publicidade, entre outros. Neste contexto, a oferta da mídia inclui também o próprio estímulo ao consumo, que se dá tanto através da oferta de bens (por meio do comércio eletrônico e da publicidade), quanto no que se refere a tendências, comportamentos, novidades, identidades, fantasias, desejos...

Em nossa pesquisa, o estudo do consumo midiático foi complementado por uma

²⁹ Para uma leitura mais aprofundada sobre as definições dos termos ver Jacks e Toaldo, 2013; Ronsini, 2011.

pequena amostra do consumo cultural dos jovens de ensino médio, de modo que podemos ter alguns indícios de como os estudantes consomem cultura e este fator vai agregar na compreensão das práticas acerca do fenômeno comunicacional estudado.

Já a recepção diz respeito à “análise de respostas dos receptores aos conteúdos de um programa específico” e/ou “as consequências desse envolvimento com tal programa ou gênero” (JACKS e TOALDO, 2013, p. 7). Os estudos da recepção teriam, assim, um maior foco nas mensagens e na produção de sentido resultante do processo.

No entanto, assumimos aqui uma investigação com abordagem a partir do ponto de vista da recepção, compreendendo que a recepção não seria somente uma etapa no processo de comunicação, mas sim um *locus* a partir do qual deve-se pensar todo o decurso comunicacional (RONSINI, 2011).

A partir da abordagem cultural dos meios de comunicação oriunda dos Estudos Culturais do Contemporary Cultural Studies, de Birmingham, é que se consolida o aporte teórico base que seguimos neste estudo. A seguir, contemplamos as principais contribuições e problemáticas trazidas pelos autores centrais que compõem o cenário a partir do qual propomos a reflexão sobre o consumo de bens simbólicos pelos jovens estudantes de ensino médio de Santa Maria.

1.1. ESTUDOS DE RECEPÇÃO LATINO-AMERICANOS

Na América Latina nos anos 80, com a emergência das indústrias culturais, as reflexões de Jesús Martín-Barbero e de Néstor GARCÍA Canclini conferem a seus textos princípios teóricos dos estudos culturais britânicos. De fato, a partir destes autores há uma renovação dos Estudos Culturais com os importantes conceitos de mediação (Martín-Barbero) e hibridismo (Canclini), além dos estudos sobre consumo cultural e consumo midiático que serão seguidos neste trabalho. A importância destes autores para os estudos de recepção advém de uma compreensão que leva em conta as indústrias culturais na América Latina e a nossa realidade frente às desigualdades sociais.

Martín-Barbero propõe a corrente do Uso Social dos Meios que concebe o receptor também como um sujeito produtor, considerando o cotidiano como espaço a ser estudado em seus modos de fazer, suas práticas diárias e o consumo como categoria de análise. Para o autor, os usos sociais propõem compreender a recepção considerando os conflitos presentes no processo, o modo como trabalha a hegemonia e as resistências que são mobilizadas, resgatando

os modos de apropriação e as respostas ao discurso dominante. (MARTÍN-BARBERO, 1999). Quando nos referimos a usos sociais, estamos também discorrendo sobre consumo, sobre um espaço de construção de sentidos, um processo que mobiliza diferentes competências culturais, pois “O espaço da reflexão sobre o consumo é o espaço das práticas cotidianas enquanto lugar de interiorização da desigualdade social, desde a relação com o próprio corpo até o uso do tempo, do seu habitat, da consciência do possível em cada vida, do alcançável e do inalcançável”. (tradução livre, MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 57).

A proposta de Barbero leva em conta a pluralidade de matrizes culturais e as diferentes temporalidades no estudo das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais. A preocupação do autor é compreender a inserção das camadas populares latino-americanas no contexto específico de um processo acelerado de modernização ao mesmo tempo em que continua o subdesenvolvimento e a desigualdade social. Este quadro traz como consequências o surgimento de um novo sujeito cuja identidade é transformada com grande influência das tecnologias de comunicação.

A partir desta perspectiva há um deslocamento do eixo que se estabelecia na produção para a atenção com o consumo, na intenção de verificar o uso que os receptores fazem dos conteúdos da mídia de massa e como isso afeta as práticas cotidianas. Como assinala Ronsini, referindo-se ao campo da recepção,

A análise específica da recepção olha o poder da esfera da produção atuando no momento da circulação dos produtos por ela gerados, pergunta sobre o circuito do sentido a partir da apropriação no consumo e alcança o grau de generalidade a partir de observações de micro escala que são remontadas teoricamente em uma análise interpretativa inclusiva, sem que isso signifique apreender o processo comunicativo como um todo. (2011, p. 95)

Martín-Barbero alerta que a emergência dos estudos comunicacionais dos processos de recepção na América Latina marca o lugar do receptor em um contexto de dominação. No entanto, há um deslocamento possível que é o ‘da comunicação como processo de dominação e dominação como processo de comunicação’ (tradução livre, MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 47). Este deslocamento de perspectiva permite compreender a atividade dos dominados enquanto cúmplices da dominação, assim também como indivíduos que podem revidar os discursos do processo comunicacional. Os estudos de recepção dizem respeito a relações de poder. “A produção e a reprodução social do sentido envolvidas nesses processos culturais não são apenas uma questão de sentido, mas, também e principalmente, uma questão de poder”. (LOPES, 2014, p. 67). Tratar da recepção é também “estudar o funcionamento da hegemonia,

o que significa questionar qual é a efetiva capacidade de réplica dos receptores diante da dominação ideológica.” (RONSINI, 2011, p. 81).

A leitura que os receptores fazem da mensagem midiática é perpassada pelas mediações, que agem em um processo concernente aos atos e experiências cotidianas, à formação textual, aos aparatos tecnológicos e suas linguagens, às instituições de que fazemos parte, às referências que temos para enxergar o mundo, à classe social a que pertencemos e assim por diante.

Silverstone nos ajuda a pensar sobre o processo comunicacional, ao dizer que

[...] a mediação envolve o trabalho de instituições, grupos e tecnologias. Ela não começa nem termina com um texto singular. Suas pretensões de fechamento, o produto das ideologias e narrativas de notícias, por exemplo, são comprometidas, no ponto da transmissão, pela certeza de que a próxima comunicação, a próxima história, o comentário ou a interrogação por vir levarão as coisas e os significados adiante e para outro lugar. (2002, p. 37)

Para Martín-Barbero a mediação é um conceito fundamental e deve ser compreendida como espaço intermediário entre produção e recepção que interfere em como o indivíduo recebe o conteúdo, ou, na fala de Jacks, como “um conjunto de influências que estrutura, organiza e reorganiza a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade.” (JACKS, 1996, p. 47).

No entanto, as mediações dizem respeito a um dado momento histórico e, como tal, modificam-se. A sociedade e seu cenário comunicacional transformaram-se e trouxeram alterações no modo de pensarmos as mediações, como veremos a seguir.

1.1.1. A transformação no mapa das mediações

A vivência fragmentada da atualidade repercute no modo como consumimos notícia e nos informamos acerca do mundo. O próprio mapa das mediações foi sendo modificado ao longo do tempo por Martín-Barbero (de 1987 até 2009) deslocando o eixo que começou com a preocupação em relação à cultura como mediadora da comunicação, para ter seu foco na comunicação mediando a cultura. Ou seja, há maior ênfase hoje na comunicação, o que vem ao encontro das reflexões propostas pelos autores que estudam a midiatização e seus significados. Passamos das ‘mediações culturais da comunicação’ para as ‘mediações comunicativas da

cultura'³⁰.

Quando Martín-Barbero assume como foco as 'mediações comunicativas' compreendemos o comunicativo como protagonista e nos parece compatível aproximar essa construção teórica com o conceito de midiatização, que traz a comunicação como cerne dos processos sociais da atualidade. Há uma imersão social, por vezes involuntária, ou não consciente, por meio da qual as telas, largamente disseminadas atualmente, e as informações advindas dos meios de comunicação de modo geral perfazem um processo de experiência do vivido.

Martín-Barbero apresenta uma perspectiva de investigação mostrando a importância das mediações para os estudos em comunicação, pensando de modo integrado. As mediações estão embutidas nas práticas sociais e sua análise deve compreender as imbricações do processo.

As mediações são 'espaços' em que ocorrem as interações entre a produção e a recepção. As investigações que trabalham com este conceito dizem respeito a este *locus* em que estão relacionados a intencionalidade do sistema de produção com os modos de ver dos sujeitos. Mediações são então 'processos estruturantes' (LOPES, 2014) que conformam e reconformam tanto a produção quanto a recepção no movimento comunicacional.

Tratar das mediações que compõem a sociedade midiatizada e da recepção implica em trabalhar com um contexto em que há movimentos entre os espaços midiáticos e através de fluxos contínuos em que encontramos as mesmas temáticas abordadas, de modos diversos, pelos diferentes meios de comunicação e pelas múltiplas plataformas possíveis. As novas tecnologias midiáticas permitem que o mesmo conteúdo flua por vários canais e assumam formas distintas no ponto de recepção, estabelecendo a convergência. (JENKINS, 2008). Deste modo, a relação entre públicos, produtores e conteúdos midiáticos tem sido impactada por novos modos de se relacionar e novas maneiras de contar histórias.

Mas como nos apropriarmos do mapa das mediações em nosso cenário de estudo? A utilização do mapa pelo pesquisador depende da estratégia metodológica adotada na pesquisa empírica de modo que a escolha pode incidir em mediações específicas, e não em outras, dependendo do destaque que ganham no tratamento analítico. (LOPES, 2014).

Nosso objeto de pesquisa e nossa problemática levam-nos à apropriação das mediações

³⁰ Para uma discussão acerca da transformação do mapa das mediações por Martín-Barbero, ver Lopes (2014) e Ronsini (2011).

propostas por Barbero (1990): tecnicidade, ritualidade e socialidade, com ênfase nesta última (não iremos tratar da institucionalidade, que também é uma mediação proposta por Barbero). Iremos analisar as experiências dos jovens em relação à mídia levando em conta as diferentes linguagens midiáticas, os modos de consumo de mídia, pensando a ritualidade presente no cotidiano dos jovens, e, de modo mais aprofundado, em como as relações do dia a dia dos estudantes interfere em suas interações com a mídia. A socialidade ou sociabilidade concerne “às relações sociais, ao indivíduo/sujeito e seus múltiplos pertencimentos identitários com base em referentes individuais, de gênero, etnia e geração que são estruturados a partir de uma posição de classe.” (RONSINI, 2011, p. 91).

Importa-nos aqui pensar a partir de duas esferas constituintes da socialidade: família e escola. Questões de relevância para nosso estudo são ‘como as mediações família e escola afetam a experiência da mídia’, sem deixar de refletir sobre ‘como a mediação afeta a experiência escolar’, embora com menos atenção nessa última reflexão, visto que uma análise sobre a relação mediação e escola necessitaria de uma imersão maior no universo escolar e uma metodologia que ouvisse com mais ênfase a comunidade escolar sobre essa questão. Mídia e escola se afetam mutuamente e podemos pensar, a partir do levantamento empírico realizado nesta investigação, o quanto estas duas instituições se relacionam. De um lado a mídia como espaço de informação, que auxilia nas aulas, com os professores trazendo conteúdo midiático para as dinâmicas escolares, assim como serve de suporte para os alunos, que buscam conteúdos como reforço às explicações dos professores em aula. Por outro lado, a mídia representa uma ameaça, um escape à tradição e à autoridade institucional da escola e do professor. Põe em jogo o modo de pensar a didática da sala de aula, instiga a escola a rever seu funcionamento. E não estamos aqui apenas discorrendo sobre um uso instrumental, mas sim como uma nova ambiência que interfere no modo de pensar sobre o próprio conhecimento e o que ele significa em meio à nova sociedade mediada.

Já a importância de considerarmos a mediação da família parte do pressuposto que ela é uma ‘unidade básica de audiência’ (MARTÍN-BARBERO, 1999) e constitui uma mediação social que congrega conflitos e tensões e compõe um espaço chave para leitura e decodificação dos meios. Como aponta Jacks (2014) quando se trata de adolescentes a principal mediação é a família, mas também professores, os quais permitem firmar comparações e críticas aos conteúdos da mídia.

1.2 CONSUMO MIDIÁTICO EM MEIO À CONVERGÊNCIA

Trabalhamos com um panorama de novos meios de comunicação e tecnologias, em que é importante levar em conta que o receptor enquanto sujeito não está apenas na frente de uma máquina quando está ao computador, por exemplo, mas sim em uma relação com uma ‘tecnicidade diferenciadora’ (OROZCO GOMEZ, 2006) com ‘vinculação direta entre informação e cérebro’, em que novas formas de leitura, possibilidades e caminhos traçados pelo próprio receptor são possíveis. Não há mais, como na televisão tradicional, uma trilha linear que direciona o receptor a percorrer aquele caminho, mas diversas trajetórias possíveis. Outra mudança importante trata do fato de o receptor também estar no processo como potencial produtor da informação, podendo interagir mais com o processo de circulação de informação.

Consideramos que uma nova tecnologia de comunicação não suplanta necessariamente a tecnologia anterior. Este fato pode ser confirmado nos dados empíricos que mostram os meios de comunicação se complementando. Há seis motivos pelos quais as tecnologias convivem, considerando adequações que as anteriores sofrem pela chegada de novas modalidades de comunicação. (OROZCO GOMEZ, 2006, p. 85).

1. Cada tecnologia de comunicação envolve outros fatores além dos técnicos.
2. Cada tecnologia necessita de conhecimento para sua utilização.
3. Cada meio de comunicação requer um modo diferente de interação do usuário.
4. As tecnologias de comunicação são distintas e oferecem recursos diferentes para o que o receptor precisa.
5. As mudanças provocadas por cada tecnologia são diferentes e, a partir delas, requerem adaptações por parte dos usuários.
6. Tendo em vista a desigualdade social, não há como todos os sujeitos terem acesso às novas tecnologias ofertadas.

Neste contexto de mudança tecnológica, não somente o reordenamento instrumental está em jogo, como também mudanças socioculturais e perceptivas. Ou seja, novos modos de lidar com a tecnologia, novos espaços ocupados pelos meios de comunicação (como na educação, por exemplo), novas maneiras de interagir com as características emergentes de cada meio. Deste modo:

[...] o que estamos presenciando ao vivo no âmbito da comunicação não é tanto a dissolução dos papéis sociais dos usuários diante da tecnologia de informação, que, não obstante as possibilidades oferecidas, continuam refletindo inércias e padrões tradicionais; nem a dissolução, pelo menos não ainda, das condições objetivas frente ao conhecimento, que também continuam refletindo autoritarismo e imposições. O que vemos é a dissolução de alguns dos critérios, tanto de produção quanto de circulação e consumo, que enquadram o conhecimento. Sobretudo dos critérios cognoscitivos e de legitimidade e autoridade que se encontram perturbados. (OROZCO GOMEZ, 2006, p. 82)

A mudança da distribuição para a circulação aponta para um modo mais participativo de cultura, “em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes.” (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 24). E a propagação se dá para além das comunidades territoriais, transformando as configurações de como circulam as mídias.

Jenkins, Green e Ford utilizam o termo ‘mídia propagável’ para se referir à mídia com potencial de compartilhamento que está no bojo da transformação de circulação da informação. O momento atual de convergência que vivemos “é aquele em que há múltiplos sistemas de mídia (às vezes competindo, às vezes se complementando) cujas intersecções fornecem a infraestrutura para a comunicação contemporânea.” (2014, p. 67).

A cultura da convergência está intrinsecamente ligada a um conjunto de práticas culturais e sociais que constituem o panorama midiático juvenil atual. Orozco Gomez (2006) chama de ‘destempo’ a desconexão entre a velocidade em que a transformação tecnológica se desenvolve e o tempo que levamos para utilizá-la, assimilá-la, engendrando novos modos de lidarmos com as características específicas de cada tecnologia. Neste cenário, as práticas comunicativas sofrem alterações. Novas habilidades são requeridas aos receptores, novos lugares de interação são viabilizados, novos sujeitos produtores são potencializados, modificando profundamente o processo de circulação da informação.

Dos meios de comunicação de massa, nos deslocamos aos meios de comunicação em rede: “está-se passando da massa às redes através da ‘audienciação’, que é talvez o fenômeno ou tendência contemporânea mais generalizada” (OROZCO GOMEZ, 2006, p. 90). Neste novo modo de ‘ser audiência’, podemos compreender três mudanças para os atores sociais. (OROZCO GOMEZ, 2006).

A primeira mudança seria a transformação estrutural, transpondo critérios como gênero, classe ou etnia por critérios transversais de segmentação midiática e, conseqüentemente, tecnológica. Desta forma, o que está em jogo são novas formas de percepção e reconhecimento.

A segunda mudança perpassa o vínculo dos atores sociais com o seu próprio ambiente, os acontecimentos e as fontes tradicionais de informação, assim como com o governo ou a iniciativa privada, relação esta que vai sendo suplantada pelas telas (em vez de janelas) e pelos fóruns de discussão ou chats (em vez de encontros em praças públicas). Ainda, vemos a participação dos sujeitos se reduzindo ao *zapping* ou a comentários em redes sociais como Facebook e Twitter. Por outro lado, a mediação videotecnológica amplia a sensação de instantaneidade e verossimilhança, conferindo alto grau de veracidade às evidências visuais. A interatividade prometida parece diluir fronteiras entre produtores e consumidores ao possibilitar aos receptores transformarem-se em emissores do conhecimento construído. O que Orozco Gomez coloca em dúvida neste cenário é se realmente as novas tecnologias nos permitirão modificar as condições de produção de conhecimento ou nos concederá uma certa liberdade, mas enquadrada em condições limitadas. (2006, p. 91).

Tratando sobre os modos de interação possíveis do leitor de jornal, assim como do espaço destinado a essas práticas, Fausto Neto analisa até que ponto os meios atuam na construção desta zona de contato entre produção e recepção:

[...] os dispositivos jornalísticos não funcionam somente como mediadores de outras representações sociais, nem tão pouco se limitam à tarefa de promover interações entre os atores sociais. Vão mais além, na medida em que promovem a disputa de sentido entre diferentes instituições e atores, segundo regras, disposições e operações inerentes às fronteiras do habitus e da cultura jornalística. (FAUSTO NETO, 2000, p. 3)

Deste modo, é extrapolada a relação tradicional entre emissão e recepção, configurando um borramento das fronteiras entre os espaços de produção de sentido.

A terceira mudança no que diz respeito à audiência na atualidade está ligada à deslocalização dos sujeitos. A fragmentação e segmentação atuam hoje enfraquecendo o 'ser audiência', tornando os indivíduos cada vez mais espalhados e isolados frente às telas.

Integrando este olhar, Lopes ressalta que podemos destacar dois momentos básicos para os estudos da recepção nas relações da audiência com a mídia: "antes e após a entrada da participação do receptor nos processos que incentivam a transmediação e a interatividade."

(2013, p. 1) Na atualidade, a presença das telas é uma constante em todos os ambientes, como na escola, em casa, no bar, na reunião com amigos, na rua. Através dos computadores, celulares, tablets, laptops, temos a possibilidade de estar sempre conectados uns aos outros através dos aparatos tecnológicos, ao mesmo tempo em que podemos usufruir do consumo de entretenimento, informação, notícias, de um modo que cada meio complementa o outro na abordagem e no conteúdo sobre um mesmo tema.

Aqui nos interessa pensar as novas construções de ser e estar, as novas práticas comunicativas possibilitadas a partir da lógica da rede, que viabilizam novos modos de interação e caracterizam um tempo de convergência midiática, em que temos uma audiência multiconectada que elabora novos modos de recepção. Para Lopes, “Audiências e usuários viabilizam-se como sendo muito ativos – seletivos, autodirigidos, produtores bem como receptores de textos. São também crescentemente plurais e múltiplos, ainda que diversos, fragmentados ou individualizados.” (2013, p. 5).

Fausto Neto nos auxilia na reflexão sobre a conjuntura de convergência, que explicita o modo como a compreendemos neste estudo, vendo

[...] a natureza da comunicação – interpessoal e complexa, como a midiática – como uma questão relacional, e não só de caráter transmissional, na medida em que o sujeito lida, de modo voluntário, ou não, com algo que lhe é externo, como algo que lhe precede, a linguagem, enquanto ordem signíca, e que age sobre ele produzindo injunções, surpresas, e, também dissabores. Nestas condições o sujeito não é o mestre da atividade discursiva, mas efeito do seu funcionamento na medida em que se encontra ‘constrangido’ ou mobilizado por uma ordem que o transcende, como algo complexo e plural, que é a ordem da interdiscursividade. (FAUSTO NETO, 2009, p. 5)

O autor ainda apresenta transformações que ocorrem entre os receptores e o âmbito da produção da mensagem. Uma delas diz respeito à abertura de possibilidades de interação com os usuários, convidando-os a juntarem-se à lógica do processo produtivo, atuando no chamado ‘jornalismo-cidadão’, participando com sugestões de pautas, viabilizando a inserção de fotos e vídeos do internauta na rede.

Tornam-se numa espécie de co-gestores destes processos, ainda que quem tem controle destas novas modalidades de contrato e dos processos decisórios, em termos editoriais, sejam os *neo-gate-keepers*. Não deixam de ser, tais estratégias, novas formas de mediatizar os receptores junto ao âmbito do próprio sistema de produção tecnodiscursiva das mídias, algo que é favorecido, largamente pelas atuais plataformas interativas a que são submetidos processos de produção e de recepção de mensagens. Não mais mantido a distância, o receptor vira um co-gestor destes processos passando

integrar a própria cena produtiva midiática, nos seus mais variados formatos e gêneros. (FAUSTO NETO, 2009, p. 10)

Frente às mudanças que a convergência dos meios perpetua no processo comunicacional devemos considerar também o modo como os receptores agem vagando por diversas mídias, ignorando a fidelização a programas ou meios de comunicação específicos, desfazendo laços de permanência em prol de apropriar-se do espaço comunicativo como andarilho construindo o caminho conforme os seus interesses.

Neste espaço comunicativo nos deparamos com uma gama de possibilidades em que meios e conteúdos hegemônicos e contra-hegemônicos³¹ convivem. Downing (2002) traz à tona estes conceitos a partir de Gramsci para discorrer sobre a mídia radical. As definições de hegemonia e contra-hegemonia são utilizadas frequentemente “como uma forma de categorizar as tentativas de contestar as estruturas ideológicas dominantes e suplantá-las com uma visão radical alternativa”. (DOWNING, 2002, p. 48). A mídia radical estaria, para Downing, exercendo uma função fundamental no processo comunicacional de “não apenas fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas”. (DOWNING, 2002, p. 50) No entanto, cabe ressaltar alguns pontos a levar em conta quando tratamos de processos hegemônicos e contra-hegemônicos. Primeiro, que a hegemonia é negociada pelas classes sociais; segundo, que a hegemonia cultural capitalista não é estável e está sujeita a crises; por último, a hegemonia pode manter-se por longos períodos sem ser sequer questionada. (GRAMSCI, apud DOWNING, 2002, p. 50)

Como uma parte importante na luta contra-hegemônica no processo de insubordinação às classes dominantes está a mídia radical que inclui atividades desde “o teatro de rua e os murais até a dança e a música e não apenas os usos radicais das tecnologias de rádio, vídeo, imprensa e internet”. (DOWNING, 2002, p. 39). Em um contexto de audiências ativas como o que vivemos

Se o conteúdo da mídia radical alternativa sugere que a estrutura econômica ou política necessita urgentemente de certas mudanças, embora seja bem claro

³¹ Não é nosso objetivo entrar na discussão sobre os conceitos de hegemonia e contra-hegemonia e toda a construção histórica dos conceitos. Nos deteremos em clarear o conceito de mídia alternativa e radical segundo Downing (2002) para que possamos trabalhar nosso objeto empírico tendo em vista o consumo midiático deste tipo de mídia pelos jovens estudantes de ensino médio.

que, no presente, tais mudanças são inimagináveis, então o papel dessa mídia é manter viva a visão de como as coisas poderiam ser, até um momento na história em que sejam de fato exequíveis. (DOWNING, 2002, p. 41).

Funcionando como espaços de resistência abordamos nesta tese o consumo de mídia contra-hegemônica e como se dá esta dinâmica. Está em jogo no processo comunicacional uma disputa de poder em que ocorrem ações de subordinação e insubordinação aos preceitos dominantes da sociedade. Nesta pesquisa consideramos mídias hegemônicas como sendo os veículos tradicionais oriundos das grandes redes de comunicação, como Rede Globo e demais mídias do grupo, assim como a afiliada RBS e os jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*, Rede Bandeirantes, SBT, revistas como *Veja*, *Isto É* e *Época*, entre outros. Como mídia contra-hegemônica nos referimos especialmente a páginas existentes na rede e na rede social Facebook como *Think Olga*³², *Fórum*³³, *Mídia Ninja*³⁴, etc.. Utilizamos também o termo mídia alternativa para nos referirmos a estes meios contra-hegemônicos.

Deslocamos nossa reflexão, a seguir, para a questão do consumo e os conceitos que consideramos fundamentais para a compreensão do consumo midiático enquanto processo.

1.3. CONSUMO DE BENS SIMBÓLICOS

Canclini propõe a “teoria sociocultural do consumo” (1995, p. 52) com o objetivo de incluir os processos de comunicação e recepção de bens simbólicos, ultrapassando a análise simplista de consumo compreendido pela racionalidade econômica, para dar conta dos processos socioculturais em que se realiza o consumo. Para ele “no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” (GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 56) Ao discorrer sobre os estudos de comunicação da antropologia e sociologia da cultura

³² Segundo informações em seu perfil no Facebook, “Think Olga” é uma ONG feminista que luta pelo empoderamento feminino por meio de informação”. A Ong também possui um site na rede disponível em <http://thinkolga.com/>

³³ Conforme informações de seu perfil no Facebook, a revista Fórum “nasceu em 2001, inspirada na primeira edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Desde então vem fazendo jornalismo do lado da luta democrática, dos movimentos, dos mais pobres, dos direitos humanos, das garantias individuais, das lutas de gênero, dos LGBTs, de todas as etnias, de todas as cores. Fórum é hoje um dos veículos mais importantes da mídia livre e faz um contraponto de fato à mídia tradicional.” Disponível em https://www.facebook.com/pg/forumrevista/about/?ref=page_internal Acessada em maio de 2017. Também possui site na rede disponível em <http://www.revistaforum.com.br/>

³⁴ De acordo com seu perfil no Facebook, a Mídia Ninja é “Uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando. Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo. Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa.” Possui site na rede disponível em <http://midianinja.org/>

que serviram de fundamentação para analisar o consumo cultural no México, Canclini (1992) ressalta a importância de um estudo multidisciplinar que contemple o aspecto econômico que interfere em nossa vida em sociedade nas regras de convivência e conflitos, assim como as ciências da comunicação no que tange à utilização dos bens simbólicos como transmissores de informação e produção de sentido. Neste ponto, utilizamos como aporte central conceitos de Pierre Bourdieu, autor que aborda com maestria a temática com olhar relacional entre classe, comunicação e consumo cultural e desenvolveu sua teoria a partir dos conceitos de poder simbólico, campo e *habitus*.

Para o autor, *habitus* é “esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”. (BOURDIEU, 2011, p. 22). O *habitus* pode constituir-se de dispositivos de distinção (o modo como os jovens se informam, o que leem, suas opiniões sobre os meios e suas maneiras de expressá-las) assim como dispositivos de integração. Bourdieu chama de ‘categorias sociais de percepção’ (2011, p 22) e postula que as diferentes práticas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma ‘verdadeira linguagem’ (2011, p.22). Em cada nação e em cada cultura os modos de agir e o que se considera como adequado e inadequado, bom gosto ou mau gosto, se distingue segundo um sistema simbólico constituído culturalmente e de acordo com a posição de classe ocupada pelo indivíduo. Afinal, segundo o autor, o espaço social é formado de acordo com dois princípios básicos de diferenciação, o capital econômico e o capital cultural. Os sujeitos estão tanto mais próximos, quanto mais têm em comum nessas duas dimensões. Deste modo, jovens estudantes de escola particular, que têm acesso a certos bens que exigem condições financeiras elevadas assim como acesso ao capital cultural diferenciado, se identificarão mais com colegas da mesma escola e de mesmo capital econômico do que colegas estudantes de escolas estaduais da periferia. Neste cenário de disposições (*habitus*) atuando em diferentes campos há contínuas lutas simbólicas em que o que está sendo disputado é o poder. O conceito de poder simbólico nos ajuda a compreender então que o que está em jogo são as representações determinadas, validadas e legitimadas pelos atores sociais.

Canclini segue as teorizações propostas por Bourdieu quando analisa o consumo, afirmando que

[...] estos cruces frecuentes no eliminan las diversas y desiguales apropiaciones de los bienes culturales. Las hibridaciones de los consumos no son homogéneas. Las diferencias sociales se manifiestan y reproducen en las distinciones simbólicas que separan a los consumidores: los que asisten a los museos y

conciertos de los que no van; los que ven programas culturales o recreativos en la televisión. (GARCÍA CANCLINI, 1992, p. 7)

O autor define consumo, inicialmente, como “el conjunto de procesos socioculturales en que se realizan la apropiación y los usos de los productos”. (GARCÍA CANCLINI, 1992, p. 03). Para compreender o que se entende por consumo e por que as pessoas consomem, Canclini propõe seis modelos teóricos (1995), provenientes de diversas disciplinas, por meio dos quais vislumbramos os diferentes aspectos do processo.

Modelo 1: o consumo como espaço de reprodução da força de trabalho e expansão do capital. Compreende-se aqui as práticas de consumo como meios para fortalecer a estratégia mercantil dos grupos hegemônicos, em que a publicidade nos incita a consumir determinados objetos, logo eles se tornam obsoletos e são necessários outros para substituí-los, assim conservando a importância da força laboral dos trabalhadores e mantendo e ampliando o lucro das empresas.

Modelo 2: o consumo como lugar em que as classes e grupos competem pela apropriação do produto social. Este ponto de vista vê o consumo como um espaço de disputa pelos bens e pelas maneiras de usá-los. Abandona a visão vertical do modelo anterior, para pensar como um espaço de interação e de lutas de classes.

Modelo 3: o consumo como espaço de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos. O consumo aqui serve para construir e comunicar as diferenças sociais. Canclini salienta que vivemos, na atualidade, uma época em que, cada vez mais, a diferença está não necessariamente no que consumimos, mas no ‘como’ consumimos.

Modelo 4: o consumo como sistema de integração e comunicação. No entanto, o consumo também pode conferir um grau de integração e comunicação. Práticas como o modo de se alimentar igual ao dos familiares ou amigos, o uso do celular em redes de interação, o consumo de determinado programa de TV e depois os comentários entre colegas, são modos de consumo que, ao contrário de distinguir os indivíduos, os une em torno de uma prática em comum. Deste modo, consumir também quer dizer trocar significados e assemelhar-se ao outro.

Modelo 5: o consumo como cenário de objetivação dos desejos. Temos todas as necessidades de consumo culturalmente elaboradas e o desejo não pode ser ignorado quando se analisam as maneiras de consumir. Todavia, também não se pode pensar o consumo sem tratar sobre as condições socioeconômicas dos indivíduos.

Modelo 6: o consumo como processo de ritualização. Para Canclini, nenhuma sociedade suporta muito tempo a incerteza dos significados e dos rompantes do desejo. Por isso, são criados os rituais. Através dos rituais a sociedade intenciona, mediante acordos coletivos, a fixação dos significados que a regulam. De fato, atitudes do cotidiano podem nos dar muitas pistas importantes. Analisar os modos através dos quais consumimos notícia pode ser de grande valia para compreendermos o papel que os meios de comunicação têm na vida das pessoas.

Como já mencionamos na introdução, nossa pesquisa empírica trouxe dados que nos levam a focar nesta tese nos modelos por meio dos quais compreendemos o consumo como sistema de integração e comunicação, assim como um processo de ritualização.

Para Canclini, nenhum destes seis modelos teóricos é autossuficiente e é difícil conferir princípios teóricos e metodológicos de modo transversal que os combinem. No caso desta investigação, tratamos especificamente de consumo midiático e, por isso, há uma complexa singularidade que temos que encarar como problemática específica deste estudo. Embora todo consumo seja, de algum modo, cultural, visto que está implícito o simbolismo, a produção de significados, a satisfação de desejos e a ritualização no intento de fixar normas sociais, ao tratarmos de cultura os produtos têm valor de uso e troca, contribuem para a reprodução da sociedade, no entanto, os valores simbólicos prevalecem sobre os utilitários e mercantis. (CANCLINI, 1992, p. 5).

É fundamental para nossa pesquisa a compreensão de que os estudos comunicacionais não podem ser somente sobre o processo de comunicação, entendido aqui como a produção, circulação e recepção de mensagens, sem considerar as estruturas e os grupos sociais que se apropriam dessas mensagens e as reelaboram. Ou seja, é preciso levar em conta as mediações.

Martín-Barbero ressalta que uma das principais funções dos meios de comunicação na contemporaneidade é a de desvalorização do nacional, especialmente na percepção dos jovens, na emergência de culturas, como no caso da música e do audiovisual que estão ligadas a estratégias do mercado transnacional de televisão, que fragmentam e globalizam a cultura, que deslocalizam e revitalizam o local. Por um lado, os meios estão passando de meros intermediários das formações políticas para a sociedade a mediadores na constituição do sentido do discurso e da ação política. De meros transmissores de informação a ativamente atuantes na política como fiscalizadores da ação do governo e da corrupção, por exemplo.

No contexto cultural e social da atualidade os meios se modificam também pelas novas

demandas dos públicos e há a transformação da cultura de massa em cultura segmentada, através de uma forte diversidade de gostos e modos de consumir da audiência. Para o autor, na última década, os meios interpelam e constroem uma audiência que ainda é massiva pela quantidade de pessoas às quais se dirige, mas não pela relação de uniformidade e simultaneidade de mensagem. Esse fato nos obriga a repensar a visão que identifica a cultura midiática com homogeneização cultural, frente às ambiguidades existentes atualmente. A segmentação de públicos segue tendo uma marca democratizadora, no que diz respeito às diferentes demandas atendidas, com programações para diferentes grupos de diversos gostos de consumo cultural. Por outro lado, estamos frente a uma fragmentação da oferta que engendra as diferenças socioculturais a interesses comerciais ou, como afirma Martín-Barbero, “tende a construir solamente diferencias vendibles”. (2003, p. 76) De todo modo, um poderoso movimento de integração, com consequente superação de barreiras e inconcretude de fronteiras, avança através dos meios de comunicação e das tecnologias de informação.

[...] esa integración forma hoy parte de un más poderoso movimiento de globalización que a la vez nos desintegra al hacer prevalecer las exigencias de competitividad entre los Grupos (LV, Mercosur) sobre las de cooperación y complementariedad regional, y al subsumir la heterogénea diferencia de nuestras culturas em la indiferencia tendencial del mercado. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 77)

A reflexão que aqui nos propomos ajudará a compreender como o jovem atua como componente dessa cadeia midiática, enquanto sujeito ativo na comunicação, a partir das características próprias de sua cultura. O consumo midiático fortalece ou reordena a integração ou fragmentação midiática.

Canclini reforça essa visão, ao dizer que

No es extraño que en los gustos de consumidores de todas las clases convivan bienes de diferentes tiempos y grupos. En una colección doméstica de discos y cassetes solemos encontrar la salsa junto al rock, los tangos mezclados con Beethoven y el jazz. Alrededor, muebles coloniales y artesanales forman conjuntos que nadie siente incoherentes con otros modernos, con aparatos electrónicos y posters que anuncian a la vez conciertos de vanguardia y corridas de toros igualmente entrañables para los habitantes de la casa. Estos elementos, dispares si los miramos desde una perspectiva histórica evolucionista, según la cual el progreso sustituiría unas tendencias estéticas por otras, funcionan para la reproducción cultural y social, sirven a la integración y comunicación, a la ritualización ordenada de las prácticas. (CANCLINI, 1992, p. 7)

Em seu texto sobre audiências ativas, Javier Callejo (1996) destaca David Morley e James Lull e seus textos sobre televisão e audiência, salientando que ambos chegam à conclusão de que a televisão tem distintas significações para diferentes culturas. Deste modo, a cultura das audiências é que realiza o trabalho de apropriação do meio. Fatores como faixa etária, classe e grau de instrução são constituintes da estrutura que compõe o protagonismo do sujeito em nossa busca pela compreensão de como se dá essa relação entre os jovens e a mídia. A atividade da audiência está situada no encontro entre a lógica do campo da produção dos emissores e as condições sociais dos próprios consumidores, afinal, como ressalta Orozco Gomez, a atividade da audiência tem seu limite na dinâmica que estrutura o modo de vida da mesma, através das singularidades disponibilizadas pelos meios de comunicação nos modos de produção e circulação das mensagens.

Em seu estudo sobre forma de consumo televisivo na Espanha, Callejo observa que o tempo dedicado à televisão é de vital importância para caracterizar a relação com o meio, tempo este referido como ‘tempo vazio’ e ‘tempo de ócio’ pelos consumidores que fizeram parte da pesquisa do autor. Deste modo, a televisão foi fundamentalmente caracterizada como um meio de entretenimento e não de informação. A atitude de mudar constantemente de canal (característica especialmente encontrada no consumidor jovem e em homens adultos de classe média) emerge como uma manifestação de um *habitus*, relação que pode ser relacionada à busca contínua dos espectadores por novidades e à dinâmica caracterizada pela não fidelidade do consumidor a um programa específico. No entanto, em lado oposto, a classe popular e as donas de casa têm uma relação que tende à estabilidade e à rotina. (CALLEJO, 1996)

Conforme o autor, cada setor social projeta demandas que são opostas às de outros setores sociais, porque ocupam posições que também são opostas na estrutura social.

La relación con la televisión, como toda relación social, se inscribe en el juego entre la acción y la estructura. La distinta concepción de la televisión, según la posición social en la estructura social, evidencia la producción de la vida social por parte de los actores a través de los marcos de significado con los que organizan su experiencia, tal como señala Giddens (1984). La relación con la televisión, como con cualquier otro elemento de la vida social, es producida a partir de los principios estructurantes de significado que son propiedad de los actores. En una práctica social tan inserta en la vida cotidiana, se muestra con toda su fuerza el proceso de producción de la estructura social, lo que el mismo Giddens denomina proceso de estructuración (1984). (CALLEJO, 1996, s/p).

Os jovens têm um modo próprio de se relacionar com a mídia. Martín-Barbero fala sobre um novo ‘sensorium’ dos jovens “que se materializa e se expressa especialmente nos novos

modos de relação com a cultura audiovisual” (tradução livre, 1999, p. 70). Esta geração escreve com naturalidade no computador, preterindo o papel, e lida com naturalidade com as tecnologias eletrônicas.

A ambiência midiática, especialmente no que tange aos dispositivos móveis de comunicação, demarca um modo fluído e disperso de estar no mundo. Ao contrário da ritualidade da assistência à televisão, quando observamos, por exemplo, a união da família e, muitas vezes, a discussão do conteúdo midiático, o acesso ao celular se dá de modo individual, a todo momento, não importando o espaço físico em que se encontra o sujeito.

Os meios de comunicação como aparatos tecnoperceptivos, especialmente os meios audiovisuais, mobilizam-nos para a simultaneidade das tarefas, abolem o passado e o futuro na fabricação do império das novidades que necessitam ser consumidas com voracidade, instantaneamente, e resultam em uma vivência fragmentada e heterogênea tal como o ritmo das imagens nas telas da televisão e do computador. (RONSINI, 2011, p. 90)

Nossa sociedade apresenta um contexto midiático que passa da cultura letrada à cultura do audiovisual e, com isso, apresenta-se uma nova forma de estar no mundo, novos modos de experiência por meio de novos modos de consumo.

As juventudes estão no cerne desta mudança e é sobre elas que trataremos no próximo capítulo.

2. JUVENTUDES

Neste capítulo temos a intenção de compreender questões como o conceito de juventudes e da categoria *classe social* para a compreensão das suas identidades e gostos. Apresentando fundamentos teóricos para compreendermos o consumo midiático tendo em vista as mediações família e escola, pretendemos, ao fim do capítulo três, termos avançado na discussão sobre o jovem frente à convergência midiática considerando como recorte empírico a questão da classe social.

Podemos recorrer ao início dos Estudos Culturais na Inglaterra para discorrer sobre o primórdio dos trabalhos que estudam a juventude e mudanças sociais. Willis e seus estudos sobre a juventude junto ao Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham (CCCS), na Inglaterra, foram bastante difundidos (WILLIS, 1977). Paul Willis foi o membro do CCCS que teve destaque no que se refere aos estudos sobre a juventude e sua inserção nos processos de mudança social. Em sua obra intitulada *Learning to labour* (1977) reflete sobre a transição da juventude de origem operária da escola para o mundo do trabalho. Por meio de um trabalho etnográfico, Willis observou a escola, inserida em um sistema de dominação voltado para a formação de trabalhadores, e os jovens que assumiam um comportamento de oposição, marcado pelo desprezo à escola. Assim, eles se focavam em seus grupos de afinidade pessoal, com seus estilos de vida específicos. Isso ocorria pelo fato de o jovem reconhecer as desigualdades como parte do sistema econômico capitalista, que não oferecia condições iguais de mudança social. Embora não se caracterize por ser um estudo fechado em que é colocado um ponto final sobre as várias questões debatidas ao longo do percurso do texto, Willis conclui problematizando a questão da reprodução social e salienta o embate e as lutas existentes no decorrer do processo de passagem da vida escolar para a vida de trabalhador pelos estudantes de classe operária. Um aspecto importante salientado pelo autor diz respeito aos diferentes modos de perceber a escola por meninos de classe operária e média, pois

[...] enquanto na cultura de classe média o conhecimento e as qualificações são vistos como uma forma de deslocar para cima todo o conjunto de alternativas práticas abertas ao indivíduo, aos olhos da classe operária a teoria está vinculada a práticas produtivas particulares. Se ela não pode justificar seu lugar ali, deve ser rejeitada. (WILLIS, 1991, p. 78)

Para Willis, a perspectiva de trabalho para os jovens de classe média prevê uma ‘edificação cultural’, enquanto que para os jovens de classe popular há a clara necessidade de trabalhar para viver. Assim, para a classe popular a teoria deve servir à prática, deve ser útil. Caso contrário, perde seu valor.

Seguindo com o CCCS, surgia uma abordagem diferenciada que não incluía as concepções psicológicas e sociológicas da juventude. Tavares (2012) comenta sobre vários autores que estudaram a antiga teoria da subcultura da Escola de Chicago, bem como a etnografia. Já pesquisadores como Hall e Jefferson focaram mais nas questões sobre as aplicabilidades da teoria marxista. O centro localizado em Birmingham se dedicava aos estudos relacionados à teoria da cultura, cujo campo se constituía de forma interdisciplinar com diversas abordagens teóricas, como combinações entre estudos de literatura comparada e etnografia.

Já no Brasil, os primeiros estudos sobre juventude, até meados dos anos 70, estavam mais voltados para a análise de como os jovens se configuravam como geração numa estrutura social distribuída em termos de classe e status sociais. Abordagens à maneira dos estudos culturais, interessadas numa etnografia das subculturas juvenis, teriam maior visibilidade a partir dos anos 80 e 90. (TAVARES, 2012).

Na década de 90, temos trabalhos como o de Isabel Travancas (2007) que, através de uma vertente antropológica analisou como jovens universitários da cidade do Rio de Janeiro assistiam ao Jornal Nacional, focando na interpretação que os estudantes fazem da forma e do conteúdo das matérias jornalísticas. Com a aplicação de 264 questionários em universidades públicas e privadas, e posterior metodologia etnográfica em que a pesquisa assistiu ao Jornal Nacional com 16 jovens, foi possível constatar que há uma maneira fluída e dispersa de assistir televisão por parte destes jovens, assim como a autora concluiu que, embora o Jornal Nacional não seja a única fonte de informação, ele é uma referência para o universo pesquisado. Mais da metade dos jovens pesquisados via questionário assistiam preferencialmente programas jornalísticos e novelas e a grande maioria assistia ao Jornal Nacional com bastante frequência.

Rocha e Pereira (2009) estudam a juventude e o consumo em perspectivas complementares. Ao final dos anos 90, Rocha desenvolveu uma investigação que buscou compreender o papel do jovem na sociedade de consumo. Articulado pontos de vista de especialistas e dos próprios jovens a pesquisa tinha como propósito “elaborar uma espécie de mapa de valores, crenças e práticas sociais da adolescência, partindo da lógica de pensamento que a constitui” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p.21). Já Pereira, no começo dos anos 2000, aplicou 100 questionários em adolescentes do sexo feminino de camadas altas, moradoras do Rio de Janeiro, visando construir um mapa sobre diversos temas como hábitos de consumo, lazer, família, entre outros. Os dados de ambas pesquisas foram unidos e discutidos em livro de

2009 na intenção de compreender a juventude como fenômeno social.³⁵ Os autores apontam como marcas do período transitório vivido pelos jovens a ambivalência e a fragmentação. Ambivalência, pois o jovem é requisitado a desempenhar ora papel de criança e ora de adulto, tem experiências de dúvidas e certezas, é uma fase em que se tem uma liberdade maior do que na infância mas é preciso também arcar com as consequências. A fragmentação encontramos desde nossa cultura com exposição à mídia, globalização de valores e chegamos ao jovem que tem uma diversidade de práticas concorrendo igualmente. O jovem vive em meio ao conhecimento fragmentado (na escola com as mais de 10 matérias que fazem parte do currículo do ensino médio no mesmo ano), pode fazer parte de grupos distintos e aparentemente incoerentes entre si, compatibilizando diferenças. Todos estes aspectos, salientam os autores, foram apontados tanto pelos especialistas pesquisados quanto pelos adolescentes entrevistados. Claro que não podem ser generalizados, mas formam indícios importantes na busca por um mapa que nos guie na compreensão da cultura juvenil e de seu consumo midiático.

Sposito, Abramo e Branco são autores que fazem parte de uma pesquisa sobre o “Perfil da Juventude Brasileira” e contribuem para que pensemos sobre o jovem, suas práticas e valores. (ABRAMO E BRANCO, 2005). Silvia Borelli e Freire Filho (2008), em seus estudos têm articulado as práticas e representações juvenis em torno das mídias. Ronsini é uma autora que apresenta reflexões sobre consumo e identidades juvenis com ênfase na mediação de classe (2007, 2008, 2010, 2012, 2012a). Jacks coordena o projeto “Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência”, que teve início em 2012, reunindo pesquisadores de todo o Brasil, cujas publicações ainda estão em andamento.

No entanto, quando procuramos problemáticas que tragam o jovem relacionado ao consumo de notícias, raros são os trabalhos encontrados. Abaixo trazemos um breve relato do estado da arte que trata sobre temáticas próximas desde 2010.

Em seu estudo, Rios e Freitas (2011) buscaram compreender de que maneira os jovens se relacionam com os meios de comunicação. Partindo de uma amostra de 131 jovens com idade entre 15 e 18 anos, estudantes do 2º ano do ensino médio de duas escolas de Campina Grande (Paraíba), uma pública e outra privada, chegaram ao resultado de que a internet é o meio dominante, seguido dos meios convencionais, rádio, televisão e jornal impresso. A

³⁵ Os autores utilizam na obra o termo ‘adolescência’ e ‘adolescentes’ para designar jovens entre 13 e 19 anos. Embora aqui nossa nomenclatura seja distinta, estamos discorrendo sobre jovens urbanos, com idades dentro do parâmetro considerado na pesquisa de Rocha e Pereira, e, por isso, pensamos ser correto fazer correlações entre as pesquisas. Atentamos para não propor generalizações, mas aproximarmos os resultados, considerando as idiosincrasias de cada pesquisa e de cada universo investigado.

internet é utilizada por 98,48% dos alunos de colégio particular para pesquisas escolares, enquanto na escola pública esse número também é alto, ficando em 90,76%. As redes sociais são utilizadas por 75,38% dos jovens da escola pública e por 89,39% dos jovens da rede particular. Televisão é o segundo meio de comunicação mais procurado pelos jovens no estudo, com 58,5% dos estudantes assistindo televisão diariamente. Telejornais, filmes e novelas são os gêneros mais assistidos. Alguns dados comparativos entre estudantes de escola pública e privada chamam a atenção: os telejornais são assistidos por 75% dos alunos da escola privada e por 52,3% dos jovens da escola pública. Na escola particular 46% dos alunos têm interesse por temas políticos, enquanto na escola pública esse valor cai para 11,76%. O tema cultura é considerado importante para 62% dos alunos da escola particular e na escola pública esse número fica em 14,7%. Rádio fica em terceiro lugar na preferência dos jovens, sendo que mais de 90% deles optam pelo Rádio FM. Em relação a leitura de jornal, esta é a última opção dos estudantes. Na rede pública, 64% afirmam não gostar de ler jornal e na rede privada 60,93% dizem a mesma coisa. Aqueles que têm acesso ao jornal impresso o leem com frequência diversificada.

Soares, Pippi e Silva (2011) estudaram o perfil de acesso aos meios de comunicação por jovens do primeiro semestre do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa, localizada em São Borja, RS, totalizando 82 jovens pesquisados (considerando as habilitações em Relações Públicas, Jornalismo e Publicidade e Propaganda). Quase a metade dos jovens que responderam aos questionários tinha entre 17 e 21 anos (57 alunos de um total de 117). Todos os indivíduos mantinham constantemente contato com os meios de comunicação (independentemente de quais fossem). Também ficou evidenciado pelos números que a maioria dos jovens (59,6%) entre 17 e 21 anos procura inicialmente notícias nos meios de comunicação com os quais mantém contato regularmente. A grande maioria da amostra total (63,4%) permanece de cinco a dez horas diárias em contato com algum meio de comunicação, embora os mais jovens passem ainda mais tempo se formos comparar proporcionalmente. Todos os entrevistados assistem televisão, com exceção de um jovem que tem entre 17 e 21 anos. A maioria dos indivíduos busca na programação televisiva gêneros como telejornais e entrevistas, totalizando 60,97% dos jovens entre 17 e 21 anos. Com relação à internet, apenas quatro indivíduos com idade entre 17 e 21 anos não acessa e a maioria, ou 69,51%, acessa com frequência (entre os quais 61,40% acessam muito e 28,07% acessam moderadamente). Sobre o que os informantes buscam na internet, 47,36% dos mais jovens acessam sites de relacionamento, seguidos por 28,07% que buscam sites de pesquisa. Ainda foi revelada, através

da pesquisa, uma baixa leitura de jornais impressos por parte dos jovens (14,64 % não leem e 41,46% leem pouco) e mais da metade dos jovens entre 17 e 21 anos lê de dois a dez livros por ano (53,6%). O estudo concluiu que quanto mais jovens os acadêmicos que responderam ao questionário, maior sua relação com os meios de comunicação e maior tempo de contato com os meios. O fato de ser comum entre os entrevistados, a busca por informações e notícias por meio das mídias pode ser considerada uma característica da própria profissão, visto que todos são acadêmicos de Comunicação Social.

Além das investigações já mencionadas, tratando-se dos artigos apresentados na Compós³⁶ nos últimos sete anos, foi encontrado um texto, de autoria de Rocha, Pereira e Balthazar (2010), que versa sobre o consumo dos *gadgets* entre jovens de diferentes camadas sociais, relacionando o valor do tempo para a juventude com o uso dos aparatos tecnológicos. O texto não faz referência sobre o acesso a notícias, mas promove uma reflexão sobre o cotidiano multitarefa dos jovens com os *gadgets* e sua relação com o tempo.

O artigo de Jacks et all. (2014a) explana os resultados preliminares da pesquisa citada anteriormente que é realizada em caráter nacional sobre o consumo midiático. O texto apresenta dados decorrentes das respostas a um questionário aplicado a 30 jovens residentes na região Sul, assim como os resultados da pesquisa exploratória referente à observação de 30 perfis de jovens da mesma região no Facebook. Entre os dados apresentados foi constatado que, na maior parte das vezes, os jovens acessam a internet em suas residências através da conexão de banda larga. Sobre o Facebook, a maioria dos jovens acessa a rede social diariamente, apenas dois afirmam acessar raramente a página. Há algumas especificidades dos jovens do RS (em comparação aos do Paraná e SC), como por exemplo, os gaúchos e paranaenses têm acesso mais constante à rede e a utilizam menos para relacionar-se com colegas de faculdade e de trabalho, e mais para manter contato com amigos e familiares. No que diz respeito ao consumo midiático de modo geral são os gaúchos que mais possuem *smartphones* e, conseqüentemente, mais utilizam aplicativos como o Instagram, visto que os programas necessitam de configurações específicas não disponíveis em celulares comuns. Embora o estudo tenha se referido a jovens de modo geral e não determinado a idade média dos jovens respondentes, supõe-se que grande parte dos indivíduos frequenta ensino de nível superior, pois em nenhum momento foi feita referência no texto relativa à escola de ensino médio e, sim, ao acesso à internet na faculdade e contato através do Facebook com colegas da faculdade. Deste modo, a

³⁶ Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação que realiza congressos anuais nos quais mestres e doutores da área apresentam suas pesquisas.

amostra da pesquisa nos parece distinta da amostra com que trabalhamos neste estudo, embora possamos contar com alguns indícios de comportamento de jovens do Rio Grande do Sul apontados na pesquisa para refletirmos sobre as práticas de consumo midiático dos jovens estudantes de ensino médio de Santa Maria.

Ramos (2012), em sua dissertação de mestrado, visa compreender e analisar a influência da “dieta jornalística televisiva” na vida escolar dos jovens do ensino médio de uma escola pública em Camboriú (SC). Através de uma abordagem qualitativa e com aporte teórico de autores como Bourdieu, Canclini, Hall e Silverstone, o estudo aponta que os jovens creem que a televisão contribui para informações que ampliam o conhecimento, com 60% de sinalizações. No entanto, os informantes, de modo geral, têm dificuldades na formação de suas interpretações sobre a programação, sentindo-se confusos em relação ao que a mídia expõe ou transmite. Os jovens estudados “concordam em permanecer como telespectadores passivos de tudo, ou quase tudo que é colocado a eles, porque lhes parece cômodo permanecer no senso comum”. (RAMOS, 2012, p. 8). No entanto, não há confiança plena nas notícias assistidas, embora os estudantes digam que o telejornal é um tipo de programação que influencia na formação de decisões eleitorais e construções ideológicas. Na dissertação em questão, o autor trabalhou apenas com o veículo televisivo.

Pesquisa recente de Lindell e Sartoretto (2017) realizada com jovens secundaristas da Suécia e do Brasil buscou identificar as preferências e práticas de consumo de notícias nas diferentes classes sociais nos dois países. A investigação mostra claramente as diferenças entre os jovens pertencentes à classe média alta e à classe média baixa em suas relações com a mídia. Os jovens de classe alta são mais expostos às notícias no ambiente familiar, formando e reproduzindo o *habitus* de classe, enquanto que os jovens da classe trabalhadora percebem como desnecessário ter conhecimento sobre assuntos atuais. E ainda:

Among the working-class students in Brazil, news was not a subject for family conversations either. The interviewees seemed not to have common interests with their parents when it came to media consumption. ... In other families, the parents were more interested in entertainment than in news. (LINDELL e SARTORETTO, 2017, p. 10)

A reflexão proposta pela pesquisa corrobora a importância das relações sociais e do contexto na formação das atitudes em relação ao consumo de notícias. Os estudantes da elite são expostos diariamente ao que os autores chamam de ‘cultura legítima das notícias’, enquanto os jovens da classe trabalhadora não o são, nem pela família, colegas ou escola.

Como podemos perceber pelo exposto, o trabalho que propomos aqui encontra eco em alguns artigos e estudos, mas de modo escasso. Os diferenciais da pesquisa ora apresentada para as investigações anteriormente expostas encontram-se nos seguintes aspectos: associamos métodos quantitativos e qualitativos em nossa pesquisa visando, de um lado, reunir dados representativos estatisticamente e que nos norteiem sobre o consumo midiático dos jovens e, por outro, que nos deem informações para que possamos compreender qualitativamente o porquê deste consumo; entre os nossos objetivos buscamos avaliar a relação do jovem com as mídias hegemônica e contra-hegemônica, aspecto que não foi sequer tangenciado em nenhuma das pesquisas encontradas; também temos como objetivo relacionar a classe social ao consumo midiático, fator que também não é mencionado por nenhuma das investigações.

Antes de prosseguirmos com o foco no consumo midiático juvenil, passamos à tarefa de compreender de que juventude estamos tratando.

2.1 COMPREENDENDO O CONCEITO DE JUVENTUDES

Em nossas sociedades ocidentais podemos perceber o quanto a idade é preponderante como um dos eixos que ordenam a atividade social. No entanto, os conceitos utilizados como classificatórios são muitas vezes difíceis de definir, uma vez que temos uma linha tênue e não bem clara do que separa infância da adolescência, juventude de velhice e assim por diante. Como vivemos na atualidade o deslocamento, ou até mesmo o apagamento, de alguns rituais de passagem relacionados com os espaços institucionais que ocupam cada faixa de desenvolvimento do sujeito, temos que refletir sobre outros modos de pensarmos a juventude. Margulis e Urresti (1996) propõem então que acompanhemos a referência de juventude com a multiplicidade de situações sociais em que esta etapa da vida se desenvolve, pensando sobre os marcos sociais historicamente situados que condicionam as diversas maneiras de ser jovem.

Conforme apontam os autores já citados, a literatura sociológica mais recente trata de superar a definição de juventude como uma categorização por idade, incorporando a diferença social e o contexto cultural. Desde meados do século XIX encontramos em algumas sociedades uma maneira de conceber a juventude como aquele período em que não há algumas exigências comuns da vida adulta, como casar, ter filhos, sustentar-se, mas sim é esperado que o jovem estude e capacite-se, preparando-se para o futuro e as condições da vida adulta. Os autores defendem que

La juventud, como toda categoría socialmente constituida, que alude a fenómenos existentes, tiene una dimensión simbólica, pero también debe ser analizada desde otras dimensiones: se debe atender a los aspectos fácticos, materiales, históricos y políticos en que toda producción social se desenvuelve. (MARGULIS e URRESTI, 1996, p. 2)

Margulis e Urresti trazem a noção de ‘moratória’, “un espacio de posibilidades abierto a ciertos sectores sociales y limitado a determinados períodos históricos.” (1996, p. 1) Assim, jovens vivem este período de suas vidas segundo sua classe social, com mais ou menos responsabilidades. Por exemplo, jovens de classe média e alta têm oportunidade de estudar e adiar o ingresso na vida adulta e suas consequentes responsabilidades. Assim, casam ou saem de casa mais tarde, têm menos exigências, partindo de um contexto social que os protege das obrigações da vida adulta, fazendo uso mais prolongado de sua moratória social. Ao contrário dos jovens de camadas populares que, muitas vezes, começam a trabalhar cedo, visto a necessidade de ajudar no sustento da família, inclusive precisando deixar de estudar para dar conta de suas obrigações ‘precoces’, conforme expectativas criadas pela sociedade em relação aos jovens em situação de baixa condição econômica.

Tais características juvenis forjadas pelo contexto social e cultural produzem signos que tendem a cumprir funções estéticas, constituindo um conjunto de características vinculadas ao corpo, à vestimenta, ao modo como o sujeito expõe-se frente à sociedade. Deste modo, essa simbolização externa do que seja a juventude encerra em si o desejo de muitos adultos, que buscam nos signos aparentes estender o tempo de sua juventude. Assim, a ‘juventude-signo’ se transforma em mercadoria, que se compra e vende, intervindo no mercado do desejo como veículo de distinção e legitimidade. (MARGULIS e URRESTI, 1996, p. 3)

Consideramos que a juventude é uma condição constituída pela cultura, mas que também claramente tem relação com a idade para além da questão biológica, dizendo respeito ao aspecto geracional. Ou seja, a geração está vinculada a períodos de socialização distintos, incorporando códigos, linguagens, modos de perceber e distinguir na sociedade. Na cultura brasileira, por exemplo, costumamos dizer que os jovens se sentem longe do fim, da morte, percebem-se como imunes à dor e as doenças, como se uma sensação de infinitude fizesse parte deste período. Logo, temos como um dos lemas da juventude “A vida é agora” que refere a essa sensação de não apenas ser, mas ‘estar’ jovem, condição aliás que não garante apenas os jovens com idade de 15 a 24 anos³⁷, mas sujeitos que se nomeiam jovens, mesmo pertencendo

³⁷ Faixa etária considerada pelo IBGE para nomear a parcela jovem da população.

a outras faixas etárias.

Aqui temos outra questão pertinente ao conceito de juventude, que é a juventude aliada a um modo de ser, independente de geração ou de faixa etária e mais vinculado aos signos que a caracterizam, ao modo de pensar a vida, de vestir-se, de apropriar-se dos aparatos culturais, de comportar-se. Por outro lado, Bourdieu nos lembra que

Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações.... Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta (BOURDIEU, 1983, p.113).

Bourdieu nos remete à ideia de que as classificações, seja por idade, sexo ou classe, por exemplo, fazem parte de um jogo de poder, que visa impor limites e manter cada um em determinado espaço social. Rocha e Pereira (2009) apontam possibilidade de relativização para a visão de Bourdieu ao nos trazerem o conceito de ‘adulescência’, ou seja, indivíduos com idades consideradas pertencendo à fase adulta mas vivendo um estilo de vida próprio de adolescentes.³⁸ Assim, os ‘adulescentes’ adiam deveres e responsabilidades que se esperam dos adultos, estendem os estudos, mantêm-se na casa dos pais, entre outras características deste grupo social. Por outro lado, a juventude, por vezes, aparece como centro da dinâmica social e esta realidade pode ser vislumbrada nos esforços e investimentos atuais do mercado e da academia para compreender as juventudes. (ROCHA e PEREIRA, 2009)

Neste complexo cenário e levando em conta uma diversidade de aspectos para pensar as juventudes é que encontramos os jovens brasileiros na atualidade, com ampla desigualdade social e maneiras diversas de conceber o mundo. Como aponta estudo publicado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro³⁹ (2009, online) os jovens

[...] estão divididos em classe sociais que mantêm entre si relações de poder e de subordinação. Percebem e ocupam o espaço da cidade, de modos múltiplos. Divergem em opiniões políticas e culturais. Estudam e trabalham, estudam e não trabalham ou simplesmente trabalham. Há uma pequena parcela que não estuda e não trabalha. Contribuem ou não com seus ganhos para o sustento do

³⁸ Rocha e Pereira utilizam os termos adolescência e juventude como sinônimos, considerando que “adolescência e juventude se estendem a todos aqueles que vivenciam a experiência de estar em algum lugar entre a infância e a vida adulta” (2009, p. 21).

³⁹ Gênero e Diversidade na Escola é uma publicação resultado de um projeto destinado à formação de profissionais da área de educação, buscando a transversalidade nas temáticas de gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais.

núcleo familiar a que pertencem. Para uns/umas o trabalho é possibilidade de experimentar a condição juvenil em esferas de sociabilidade: lazer, cultura, consumo, autonomia, independência e prazer. Por vezes, não pertencem a qualquer núcleo familiar, mas a outros tipos de instituições.

De fato, conforme ressalta Abramo (2005), são muitos os ângulos através dos quais pode-se pensar as juventudes, segundo diferentes correntes teóricas e dimensões distintas. Aqui tomamos como recorte os jovens entre 15 e 24 anos, de acordo com a convenção seguida por instituições de pesquisa como IBGE e IPEA, assim como autores como Abramo e Branco (2005), Sposito (2003) e Pochmann (2004). Para além das similaridades entre os jovens ou grupos sociais de jovens, consideramos fundamental para compreender as juventudes levarmos em conta as diferenças sociais existentes. Assim, neste difuso e variado espectro descobrimos juventudes, alvo de grande parte dos produtos da indústria cultural na atualidade e que, ao mesmo tempo, forjam novos modos de relação com a mídia.

2.2 CULTURA JUVENIL

Na trajetória de vida juvenil, as dimensões expressiva e simbólica têm sido cada vez mais relevantes como modo de comunicação e posicionamento social. Por meio de representações, símbolos, rituais e práticas sociais os jovens buscam uma identidade juvenil. (DAYRELL, 2007)

É importante observar que, em torno de um mesmo estilo cultural as práticas juvenis não são necessariamente homogêneas. Há influências externas e interesses produzidos em cada grupo formado, podendo então ocorrer práticas de intolerância, outras visando um aproveitamento saudável das experiências, ou ainda mobilizações de luta e consciência cidadã, por exemplo. (DAYRELL, 2007). Junto às formações e práticas culturais juvenis, alia-se a dimensão da sociabilidade. Os amigos constituem uma referência importante para os jovens, cuja relação se dá no ambiente escolar, no trabalho, na prática de esportes e participação em atividades coletivas. Junto aos amigos, a juventude se vê atendida em necessidades como de comunicação, solidariedade e trocas afetivas, assim como funciona como espaço de identidade. Ronsini aponta que “os laços grupais tentam preencher as falhas do papel da escola, da família e do Estado no atendimento das necessidades juvenis”. (2007, p. 94). Embora a autora faça essa afirmação em um contexto de jovens que pertencem a um grupo social específico, consideramos que os laços de amizade e/ou coleguismo são para os jovens, de modo geral, um

parâmetro por meio do qual o indivíduo se enxerga, percebe o mundo e se orienta em meio a um espaço social turbulento e midiático, em que há mais experiências a serem vividas do que possibilidades de vivê-las.

Para Pais (1993), a condição juvenil tem também uma configuração espacial. O lugar que ocupam os jovens são espaços de suporte e mediação das relações sociais. Junto ao espaço de vivência, o jovem demonstra um modo próprio de viver o tempo, em que o ‘agora’ tem grande força como dimensão em que é possível realmente concentrar a atenção. Essa característica juvenil tem repercussão nos modos de consumo midiático e no surgimento do perfil ‘multitarefa’⁴⁰. Estudo recente levantou dados que demonstram que os adolescentes brasileiros realizam diferentes atividades ao mesmo tempo, como estudar, ouvir, música, comer, conversar com a família, e afirma que “a habilidade da geração interativa está na capacidade de alternar sua atenção, rapidamente, entre ações interativas em variadas plataformas e ambientes.” (PASSARELLI, JUNQUEIRA e ANGELUCI, 2014, p. 167)

Se, por um lado, podemos pensar as juventudes enquanto categoria universal, com características comuns como conflitos geracionais, linguagem e ligação com o tempo presente, por outro os jovens são também distintos e singulares, fazendo parte de grupos que os diferenciam, pertencendo a classes sociais específicas, que formam seus modos de enxergar o mundo e vivenciá-lo.

Contando com uma profunda pesquisa de campo realizada com jovens paulistanos, Borelli (2003) aponta a evidente desigualdade social e a respectiva interferência no consumo material de bens e na atitude diante da vida. Enquanto os jovens de classe alta frequentam a universidade ou estão se preparando para ela, os jovens da periferia começam a trabalhar cedo e aventam a possibilidade de cursar uma faculdade ou fazer um curso técnico. Enquanto o lazer dos jovens da classe alta gira em torno do cinema, shopping center, bares e festas, os pertencentes à classe popular ouvem música e dançam em espaços populares, além de assistir televisão como hábito de lazer. No entanto, o gosto por ouvir música e dançar é comum a todos os jovens. O questionamento relativo à moral religiosa e familiar também aparece como um traço em comum nas diferentes classes sociais. O uso da internet, computador e videogames aparece na pesquisa como opção para as classes altas e como desejada pelas classes populares. Interessante observar que todos os jovens entrevistados em São Paulo afirmaram não gostar de

⁴⁰ Em pesquisa realizada no ano de 2000 com 2.000 pessoas entre 12 e 30 anos das classes A, B e C de oito cidades de médio e grande porte do Brasil, os dados mostram que o “jovem urbano brasileiro é multitarefa”, faz mais de duas coisas ao mesmo tempo, com atenção alternada entre meios de comunicação. Fonte: Dossiê MTV.

ver televisão, mas, no entanto, na observação do cotidiano dos informantes, a televisão estava bastante presente na rotina domiciliar, variando de acordo com as maiores ou menores possibilidades de lazer. Para Borelli

[...] a recusa *ideológica* da televisão permite explicitar a existência de um critério já incorporado de *distinção*, que hierarquiza os campos sociais e fabrica um discurso que transforma a TV em produto pouco *legitimado* diante do cinema, da música e de outros campos, como o teatro, por exemplo, quase inacessível a parcelas carentes da população, mas citado como item fundamental por todos os entrevistados. (2003, p. 119, grifos da autora)

Destes apontamentos podemos deprender a construção da juventude com características similares e distintas, de acordo com condições particulares de escolaridade, etnia, gênero e classe. Assim, ser jovem na atualidade incide em uma

[...] necessidade que os jovens têm de responder e se adequar às novas formas de sociabilidade geradas num mundo de turbulências e transformações. Estas bruscas mudanças alteram parâmetros de repertório e sentido e obrigam a que todos equacionem, ao mesmo tempo, o respeito às antigas tradições – como família, instituições, etc. – e incorporem com rapidez e eficiência novas alternativas colocadas pela planetarização da cultura, pelo mercado de bens simbólicos e pelas novas tecnologias. (BORELLI, 2003, p. 116).

Neste contexto de mudanças, são diversos os ‘estilos de vida’ juvenis que podem ser observados no modo como é articulado o discurso, as opções de lazer, preferências de consumo cultural e midiático, entre outros. Conforme Freire Filho (2003, p. 73): “Em linhas gerais, o estilo de vida reflete a sensibilidade (ou a “atitude”) revelada pelo indivíduo na escolha de certas mercadorias e certos padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social”. As escolhas juvenis estão inseridas em estruturas amplas que moldam seus gostos e formam suas identidades. O estilo de vida “é constituído por imagens, representações e signos disponíveis no ambiente midiático e, em seguida, amalgamados em performances associadas a grupos específicos”. (FREIRE FILHO, 2003, p. 74)

Como constituinte do estilo de vida dos jovens estudados em nossa pesquisa, podemos considerar o conjunto de hábitos no consumo de mídia e suas relações com a escola e a família, que tanto podem incentivar ou desestimular o acesso e uso dos meios.

Os contornos que separam as instituições são cada vez mais tênues, “é a mídia que penetra e interfere em todos os espaços institucionais; é a família que se mostra cada vez mais permeável às influências do consumo e seus apelos...” (DAYRELL, 2007, p. 115)

O fato é que os jovens estão expostos a mundos sociais diferenciados, constituindo-se como indivíduos plurais, com construção identitária advinda de experiências variadas, com valores e comportamentos que advém da família por um lado, mas que são confrontados com outros modos de vida apreendidos nos grupos, na escola e na mídia, entre outros.

2.3. A CONVERGÊNCIA MUDIÁTICA COMO DEMARCADORA DA RELAÇÃO DOS JOVENS COM A MÍDIA

A questão da juventude, especificamente do jovem consumidor que nos interessa aqui, emerge nos anos 60 no Brasil a partir do Tropicalismo e da Jovem Guarda, movimentos estes que dão voz às expressões dos jovens. Formava-se então uma cultura adolescente-juvenil baseada nos bens de consumo ofertados pelos meios de comunicação e em programas de musicais e de auditório que dão eco à sua voz. Segundo Ronsini, “a relação entre juventude e mídia (...) pode ser tomada como sintomática de amplos setores juvenis quando se conclui sobre a imersão dos jovens em uma cultura oral e audiovisual, mas diz respeito a uma minoria que subverte essa mesma cultura para seus próprios fins.” (RONSINI, 2007, p. 50)

Os jovens de hoje cresceram com a televisão a cores, o aparelho de DVD, o controle remoto e o *zapping* e, uma parcela deles, com acesso ao computador e à internet. A midiaticização e a conectividade são fatores constituintes do universo em que se inserem, ao menos, os jovens estudados em nossa investigação.

Nosso foco no consumo midiático considera que

[...] nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa quanto eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido na continuidade da experiência e também, de quando em quando, das intensidades da experiência. (SILVERSTONE, 2002, p. 12)

Silverstone propõe que pensemos a mídia como um processo em que as pessoas procuram persuadir, informar, entreter e se conectar umas às outras. Compreender o consumo midiático juvenil hoje é concebê-lo como situado em um tempo específico em que “atos e eventos, palavras e imagens, impressões, alegrias e dores” (SILVERSTONE, 2002, p. 27) só têm significado na medida em que conseguimos conectá-las em alguma estrutura.

Na década de 90, Canclini liderou um estudo sobre o consumo cultural na cidade do México no qual apontava uma tendência decrescente das pessoas à participação em instalações públicas como cinema e teatro, enquanto crescia a “cultura a domicílio” (1995, p. 77) com rádio, televisão e vídeo. Esse panorama era reforçado claramente pela classe a que a pessoa pertencia. No caso específico da pesquisa mencionada, a expansão territorial e a massificação da cidade reduziram significativamente as interações entre os bairros, ao mesmo tempo em que houve uma reinvenção dos laços sociais e culturais através do aparato audiovisual como rádio e televisão. Segundo Canclini, mencionando a pesquisa, “são estes meios que, com sua lógica vertical e anônima, diagramam os novos vínculos invisíveis da cidade”. (1995, p. 78)

Os jovens estão imersos em um panorama em que duas características têm preponderância na composição da vida cotidiana atualmente: a abundância de informação e entretenimento, ao mesmo tempo em que o acesso aos mesmos se dá de modo fragmentado. (GARCÍA CANCLINI, 2009). Poderíamos conceber que essas características seriam só dos jovens de classe popular, com baixa escolaridade “sem suficientes quadros conceituais e ampla informação para selecionar e ordenar a avalanche de estímulos diários”. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 217). No entanto, o fato de os jovens de classes médias e altas terem maior acesso aos recursos tecnológicos e à conexão com conteúdos informativos e de entretenimento torna possível que a fragmentação e a descontinuidade sejam acentuadas nessa faixa social. Segundo pesquisas com estudantes secundaristas e universitários (BORELLI e ROCHA, 2008) os jovens têm dificuldade em situar períodos históricos do próprio país, tendo uma visão desconectada dos acontecimentos e uma fragmentação no modo como se relacionam com os saberes. Há um interesse contínuo no ‘aqui’ e no ‘agora’, que pode ser observado na predileção dos jovens em se informar por meio das notícias via internet, no grande acesso aos vídeos do Youtube, que informam e entretêm com edições frequentes e atuais, na consagração do presente e do instante. Neste cenário podemos observar o ‘nomadismo de percepção’ juvenil (BORELLI e ROCHA, 2008, p. 34) caracterizado pela atenção difusa, vários fluxos e atividades concomitantes, dando conta de práticas simultâneas concernentes ao consumo midiático. Assim, os jovens veem televisão, conversam com familiares e navegam na internet ao mesmo tempo. A oferta midiática facilita a construção deste contexto, mas é na recepção que o verdadeiro modo de consumir é moldado. A velocidade do tempo é característica marcante da atualidade. ‘Tudo acontece muito rápido’ e ‘não temos tempo’ são parte de discursos que presenciamos em nosso cotidiano.

É na televisão, onde a câmera do helicóptero nos permite ter acesso a uma imagem da densidade do tráfego nas avenidas ou da vastidão e desolação dos bairros de invasão. É na TV ou na rádio que cotidianamente *conectamos* com

o que acontece na cidade "que vivemos" e nos envolvemos com os acontecimentos, por mais longe que deles estejamos: do massacre do palácio da justiça ao contágio de AIDS no banco de sangue de uma clínica, do acidente de trânsito que bloqueia a avenida pela qual devo chegar ao meu trabalho. Aos avatares da política que fazem cair os valores na bolsa. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 62)

Ao mesmo tempo em que tomamos conhecimento do que ocorre no mundo pelos meios de comunicação “é também por uma forte ocupação das mídias digitais que, hoje, no Brasil, veiculam-se e articulam-se inúmeras manifestações culturais juvenis.” (BORELLI e ROCHA, 2008, p. 29)

A forte conexão entre os jovens e os *gadgets*⁴¹ na atualidade nos remete ao que McLuhan postulava já nos anos 1960 sobre os meios como extensões do homem. Somos testemunhas dos jovens com seus aparatos eletrônicos que “estabelecem novas formas de sociabilidade, reforçam laços de afinidade, expandem as redes sociais para níveis globais, criam múltiplas identidades, fazem circular rapidamente o conhecimento, promovem entretenimento, transferem informações” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 59) potencializando a comunicação e possibilitando um modo de se incluir no mundo. Os *gadgets* são marcas identitárias e estabelecem, por meio do seu consumo, novas formas de compreender o próximo e o distante. Os dispositivos móveis adquirem um valor central na vida da juventude como bem da cultura do consumo.

Este quadro nos traz indícios do quanto os jovens estão imersos na cultura do consumo midiático, substituindo, em certa medida, os espaços reais pelo espaço virtual dos meios de comunicação. Mediando a relação dos jovens com a mídia temos a escola e a família, que constituem fatores preponderantes nos quais nos focamos a seguir.

2.3.1. As mediações família e escola na relação dos jovens com a mídia

Embora tenha que se reconhecer a autonomia possível do sujeito, os mecanismos sociais são importantes mediadores dos jovens com a experiência de mundo. Como aponta García Canclini, “para os jovens, são particularmente significativas as condições familiares, ou sua falta, na integração/desintegração, na fragilidade dos laços sociais e na possibilidade de superá-la” (2009, p. 213).

⁴¹ Para mais informações ver “Os gadgets e a experiência adolescente”. In: ROCHA, E.; PEREIRA, C. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. RJ: Mauad X, 2009.

Vários autores investigam a relação entre família e jovem, seja demonstrando a importância da família na construção da subjetividade juvenil e como sua mais relevante referência identitária (GONÇALVES, 2005), diagnosticando a atual configuração de um tipo de comunicação mais horizontal no ambiente familiar com os jovens (OLIVEIRA, 2008) ou refletindo sobre o âmbito familiar como o espaço onde tem início o processo de recepção, pois é o lugar em que são geradas as primeiras apropriações dos conteúdos midiáticos (JACKS, 1996). Estes pressupostos nos dão aporte acerca da importância de pensarmos a mediação familiar no processo de consumo das mídias, afinal por meio da estrutura familiar o jovem apreende seus principais valores, passa a ter uma percepção de si, tendo por referência o outro, tem acesso a mídias e sua concepção de mundo é mediada pelas leituras que os familiares fazem dos conteúdos.

Em alguns de seus estudos, Morley (1991; 1994) investigou as relações entre família, televisão e poder político, na intenção de compreender como a família medeia o poder midiático. Embora a televisão não produza somente a visão hegemônica, Morley mostra em seus estudos esta mídia como um espaço da ideologia dominante. No que tange às decodificações realizadas, não há um caráter determinista, mas a leitura e interpretação dos meios sofrem interferência dos discursos e instituições em que estão inseridas pessoas de diferentes classes sociais. Lull (1988) também é um autor que buscou compreender como a rotina de interação familiar é constituída levando em conta a televisão, fatores culturais, contexto social e personalidades individuais.

Estes são apenas alguns exemplos de autores que têm em suas investigações uma preocupação nuclear com a instituição familiar, o que corrobora com nossa escolha em estudar essa mediação.

A importância de considerarmos a mediação da família parte do pressuposto que ela é uma ‘unidade básica de audiência’ (MARTÍN-BARBERO, 1997) e constitui uma mediação social que congrega conflitos e tensões e compõe um espaço chave para leitura e decodificação dos meios. Para Martín-Barbero (1997, p. 293) a família

representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento. E não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares.

Como veremos adiante, por meio do contato familiar e da audiência coletiva com os

pais e irmãos, os jovens comentam o conteúdo televisivo, discutem e formulam sua visão de mundo. Na atualidade, mesmo no ambiente familiar, os jovens estão expostos ao exterior. Meios como televisão e internet são espaços abertos para o mundo. A exposição às mídias potencializada pelo desenvolvimento tecnológico dá um poder ao jovem que antes ele não dispunha. Embora para ser produtor seja necessária uma aprendizagem específica, para ser consumidor é preciso apenas ter acesso e considerar as suas preferências. (PAIS, 2005)

Além do núcleo familiar, consideramos aqui uma segunda mediação como fundamental para nosso estudo: a escola. Como afirma Margulis “Como instancia socializadora las sociedades tienen a la familia, la escuela, la televisión, los grupos de amigos, todos funcionan como educadores en algún sentido.” (2004, p. 314) Do mesmo modo que a família, a escola e os grupos de amigos medeiam a relação que os jovens têm com os meios de comunicação.

A associação dos jovens com a escola tem sido alvo de vários trabalhos de pesquisadores brasileiros que buscam compreender os problemas vivenciados nesta relação (DAYRELL, 2007, 2009; SPOSITO, 2004, 2005, 2008; ABRAMOVAY e CASTRO, 2003, são alguns dos autores).

Segundo Bourdieu, a escola existe para reproduzir o sistema social, visando a manutenção do ‘sistema vigente’.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 1998, p. 41)

É fato que nas próprias oportunidades de acesso ao ensino há desigualdade sobre os sujeitos de diferentes classes sociais. Dayrell (2007) salienta que as escolas públicas de ensino médio no Brasil até a década de 1990 eram restritas a indivíduos das camadas altas e médias, compondo assim alguma homogeneidade no que tange a projetos de futuro, saber e habilidades⁴². No entanto, com a expansão do acesso à educação as escolas são compostas por

⁴² Segundo dados do IBGE, PNAD (2001), entre 1995 e 2001, o número total de estudantes entre 15 e 24 anos passou de 11,7 para 16,2 milhões. Neste mesmo período, o ensino médio registrou um aumento de 3 milhões de matrículas, significando um crescimento relativo de 65,1%. Dados do Ipea complementam esse panorama, mostrando que “Entre 1992 e 2012 a porcentagem de jovens brasileiros com idade entre 15 e 17 anos de idade frequentando a escola se elevou de 59,7% para 84,2%. Esse crescimento foi acentuado nos primeiros dez anos considerados, e mais lento nos últimos dez anos, o que nos indica, por um lado, um quadro de elevado acesso à escola e, por outro, a persistência de um problema grave de abandono precoce da escola por parte de um contingente significativo de adolescentes (cerca de 15%). ... No segmento de 18 a 24 anos, o crescimento

uma juventude cada vez mais heterogênea, marcada pela desigualdade, com índice elevado de pobreza e violência que permeiam seus horizontes de ação em relação aos estudos. Do mesmo modo, ocorreu uma busca significativa de jovens de camadas altas e médias para as redes particulares de ensino, que também apresentaram expansão. Por sua vez, a escola tem enfrentado um novo desafio: como lidar com este contexto heterogêneo, com sua diversidade e pluralidade imanente.

É paradoxal, mas ao mesmo tempo em que há o funcionamento de um sistema de reprodução social, ele não é fechado e concordamos que “El sistema educativo es sin duda uno de los instrumentos más eficaces para mejorar económicamente, para superar la pobreza y el hambre, entonces habría que incrementar el uso eficaz de los recursos que se le destinan.” (MARGULIS, 2004, 314)

Willis, que investigou na Inglaterra dos anos 70 como e por que rapazes da classe operária aceitavam empregos de classe operária por sua própria aparente escolha, observou que este fato se devia, em parte, por uma reprodução cultural que contribuía para a reprodução social. No entanto, a reprodução não é passiva e sim campo de luta pois “a reprodução cultural, em particular, sempre carrega consigo a possibilidade de produzir – na verdade, em um certo sentido, ela realmente os vive – resultados alternativos.” (WILLIS, 1991, p. 211)

O sistema escolar tem que lidar com as diferenças e as desigualdades que são hoje referência a um novo panorama que se instaura frente às tecnologias de comunicação e ao mundo em rede. Hoje predominam no vocabulário da sociedade brasileira os termos exclusão e inclusão. Mas o que eles significam?

A sociedade, antes concebida em termos de estratos e níveis, ou distinguindo-se segundo identidades étnicas ou nacionais, agora é pensada com a metáfora da rede. Os incluídos são os que estão conectados; os outros são os excluídos, os que veem rompidos seus vínculos ao ficar sem trabalho, sem casa, sem conexão. Estar marginalizado é estar desconectado. (GARCIA CANCLINI, 2009, p. 92)

Tomazetti e Schlickmann (2016) salientam que a escola possibilita uma adaptação às

percentual dos que frequentam a escola foi menor, (de 22% para 29,4%) isso não significa, porém, que não houve crescimento significativo do acesso destes jovens ao ensino básico, pois parte deles não frequenta neste momento a escola porque já concluiu o ensino médio” (página 2 do Boletim Juventude Informa. Participatório-Observatório Participativo da Juventude da Secretaria Nacional de Juventude/ SNJ – Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada/IPEA. Número 1, ano 1, agosto 2014)

condições do mercado, não almejando formar cidadãos críticos e aptos para exercer sua função na mudança social, mas sim promovendo a inserção dos jovens estudantes de ensino médio na realidade já construída.

A frequência à escola é marcada pela exclusão ou inclusão, considerando que o jovem pertence a uma instituição que está ao seu alcance, cujo sistema de ensino perpetua as diferenças entre os indivíduos e a manutenção de seu lugar na sociedade.

A forte articulação da experiência sobre a primazia da lógica da mobilidade social dos estudantes das classes médias opõe-se, de maneira brutal, às possibilidades apresentadas pela experiência pessoal e pela impossibilidade de efetivação de projetos de escola dos alunos das classes populares, marcados, que são, pelo fracasso escolar e pela falta de perspectiva de futuro, em muitos casos. (TOMAZETTI e SCHLICKMANN, 2016, p. 336)

Vivemos um período de mutações sociais, que afetam profundamente as instituições e os processos de socialização, especialmente das novas gerações. Estamos frente a uma condição juvenil especificamente situada em um contexto de sociedade midiaticizada, que coloca em questão o sistema educativo e as práticas pedagógicas sedimentadas. Dayrell (2007, p. 1107) propõe que “quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente.” Vivemos uma nova ‘condição juvenil’ que se constrói em um contexto de transformações socioculturais, com ressignificação das noções de tempo e espaço.

Especialmente no que diz respeito aos jovens das camadas populares podemos afirmar que suas vivências são difíceis, com desafios vinculados à situação econômica que interfere em suas trajetórias e em suas condições juvenis. Ao contrário dos jovens das camadas média-alta e alta da população, os jovens de classes populares dependem, em muitos casos, de seu trabalho para garantir recursos para lazer e consumo⁴³. Além disso, é primordial levar em conta o capital cultural que a família transmite aos filhos, considerando-o como “sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados” (BOURDIEU, 1998, p. 42) que afeta o modo como o jovem concebe e age frente à instituição escolar.

A distinção entre escola pública e privada demonstra uma divisão no modo de pensar a educação, reproduzindo a separação entre os grupos sociais. Assim, fariam parte das escolas privadas aqueles com capital econômico distinto, que torna possível o investimento em escolas

⁴³ De acordo com os dados da pesquisa *Retratos da Juventude Brasileira*, realizada em 2004, 36% dos jovens estudantes de 15 a 24 anos trabalhavam e 40% estavam desempregados, sendo que 76% deles estavam envolvidos, de alguma forma, com o mundo do trabalho (Sposito, 2005)

de ‘melhor qualidade’. Já os estudantes de escola pública, sem o capital econômico necessário para ir a uma escola privada, estariam em um degrau ‘menor’ da escala social e teriam de estudar em colégios com menos estrutura (se comparados ao particular), onde há greves todo ano e em que os próprios alunos fazem parte da luta simbólica por melhor qualidade de ensino por meio das ocupações⁴⁴. Então, não basta aos alunos da escola pública a preocupação com seu futuro, com a entrada em uma universidade, mas há a preocupação ‘extra’ com a qualidade de seu próprio ensino e de suas próprias condições de formação.

Por vezes, “o desenvolvimento das culturas subordinadas dá o suporte para movimentos políticos regionais, étnicos ou classistas que enfrentam o poder hegemônico e buscam outro modo de organização social” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 90). Assim consideramos as ocupações juvenis, em que os jovens estudantes se unem na luta pelas causas em que os professores estão há tempo, manifestando na greve suas inquietações e enfrentamentos com o poder hegemônico governamental.

As concepções democráticas da cultura – entre elas, as teorias liberais da educação – supõem que as diversas ações pedagógicas colaboram harmoniosamente para reproduzir um capital cultural que se imagina como propriedade comum. No entanto, os bens culturais acumulados na história de cada sociedade não pertencem realmente a todos (ainda que formalmente sejam oferecidos a todos). Não basta que.... as escolas se proponham transmitir a cada nova geração a cultura herdada. Só terá acesso a este capital artístico ou científico quem contar com os meios, econômicos e simbólicos, para dele se apropriar. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 80 -81)

Compreender um texto de filosofia requer possuir os códigos para decifrá-los. Estudos sobre a escola mostram que este treinamento intelectual cresce à medida que cresce o capital econômico e o capital escolar. Por exemplo, os alunos de escola pública frequentam menos cinema do que os alunos de escola privada, assistem emissoras de televisão aberta em vez de canais de televisão por assinatura, em sua maior parte não são sócios de clubes recreativos e suas viagens de férias são para locais mais próximos como balneários, em vez de praias. Todos estes fatores, que são determinados pela sua condição econômica, interferem no desenvolvimento de capitais a que o jovem tem acesso e em sua formação cultural.

Por sua vez, a escola não está preparada para lidar com as juventudes plurais que temos. Em artigo que trata sobre como a escola lida com a pluralidade cultural, Moreira e Candau afirmam que “ainda não podemos considerar que uma orientação multicultural numa

⁴⁴ Segundo a Agência Brasil (pertencente à EBC - Empresa Brasil de Comunicação) em outubro de 2016 mais de mil escolas públicas estavam ocupadas por estudantes em todo o Brasil. As ocupações ocorreram como modo de manifesto contra a aprovação da PEC 241/2016 que limitava gastos públicos e contra a reforma do ensino médio.

perspectiva emancipatória (SOUSA SANTOS, 2003) costume nortear as práticas curriculares das escolas e esteja presente, de modo significativo, nos cursos que formam os docentes que nelas ensinam” (2005, p. 37). Para o tradicional sistema escolar é um grande desafio lidar com a diversidade e abarcar as mudanças culturais do nosso tempo.

O que caracteriza o universo escolar é a relação entre as culturas, relação essa atravessada por tensões e conflitos. Isso se acentua quando as culturas crítica, acadêmica, social e institucional, profundamente articuladas, tornam-se hegemônicas e tendem a ser absolutizadas em detrimento da cultura experiencial, que, por sua vez, possui profundas raízes socioculturais. (MOREIRA e CANDAU, 2005, p. 45)

Tomazetti e Schlickmann (2016, p. 337) observam o modo conservador de ensino, quando afirmam que a escola busca “normatizar os corpos, hierarquizar saberes, homogeneizar os sujeitos, perdendo com isso a oportunidade de estabelecer, através das práticas escolares, relações de interação entre as gerações”. No entanto, os próprios jovens tratam de desafiar continuamente a autoridade do professor, inclusive contando como recurso os conteúdos advindos do acesso aos meios de comunicação.

Na atualidade, fazendo parte da cultura juvenil, está o acesso a mídias diversas que perpassam todos os momentos da vida cotidiana. ‘Competir’ com a cultura do audiovisual surge como tarefa específica que faz a escola repensar suas práticas pedagógicas. Consideramos também que a mídia é um bem consumido por distintas classes sociais. A diferença se estabelece então, não necessariamente nos bens de que cada classe se apropria, mas no modo de usá-los. A escola é um espaço social constituído por interações entre indivíduos plurais e diferentes, que se utilizam da mídia.

Seguindo as reflexões de Orozco (1992, 1992a) sobre escola e novas tecnologias de comunicação, a mudança no papel de autoridade é uma das transformações mais importantes engendradas pelas mídias na educação. Um dos aspectos a serem considerados é a própria mudança da aprendizagem na escola e na vida por influência das telas. O espaço físico em que se usa o computador ou se vê televisão transforma-se em lugar de aprendizado, muitas vezes mais relevante do que o que se aprende em instituições educativas formais. A audiência está exposta hoje a conteúdos em diferentes telas que superam muitas vezes quantitativamente a exposição ao quadro-negro e aos professores, vide o tanto de utilização da televisão, tablets, laptops e o próprio celular/smartphone.

Outro aspecto a ser considerado refere-se às fontes legitimadoras das aprendizagens. Os livros, apostilas, materiais que perpassam até hoje a educação formal perderam sua posição de

detentores de saber para dar espaço à veracidade vendida pelos meios de comunicação que, cada vez mais, estão introjetados de características que os tornam detentores da verdade e do que se passa na vida real. Especialmente o audiovisual tem em seus atributos imagéticos e sonoros o poder de transmutar o real para a tela, tornando-se o espaço por excelência de representação dos acontecimentos sociais.

Para Tomazetti e Schlickmann (2016, p. 339) a escola na atualidade “estaria assumindo apenas uma função informativa, que é característica da imprensa e das diferentes mídias digitais, de fácil acesso e disponível em todos os setores sociais.”

Embora, como ressalta Margulis em relação à função da escola, a consciência crítica deveria ser desenvolvida neste espaço: “Hay que enseñarles a pensar críticamente, a confiar en su propia capacidad de razonar y de observar, enseñarles a usar los conocimientos disponibles y a saber buscarlos, a desarrollar sus capacidades creativas.” (MARGULIS, 2004, P. 312)

Por meio das ‘próteses sensoriais e comunicacionais’ (DOFOUR, 2005, apud TOMAZETTI e SCHLICKMANN, 2016) o jovem tem hoje uma nova modalidade de acesso às informações, que é um importante aspecto a ser considerado quando se discorre sobre a crise no sistema de ensino e o novo estudante com que os educadores se defrontam. Tanto a instituição educacional quanto a mídia lidariam hoje com a informação que “está alicerçada nos princípios da novidade, da brevidade, da inteligibilidade e, sobretudo, da fragmentação; seu propósito é comunicar sem produzir um vínculo entre seu conteúdo e o comunicante, ou seja, sem que aquele que informa possa transmitir qualquer tipo de experiência” (idem, p. 339).

Sustentamos aqui que estes fatores estão no cerne da questão para pensarmos como a escola medeia a relação do jovem com os meios de comunicação. De fato, a midiatização da sociedade ampliou a circulação de informação e hoje não basta aos professores se calcarem apenas nos livros e com base em métodos até então utilizados para a prática educacional. As reflexões no campo da educação problematizam um novo modo de pensar o sistema de ensino levando em conta um novo modo de ser jovem, que estrutura e é estruturado pelo social e tem em vista um panorama comunicacional no qual os jovens estão imersos.

Martín-Barbero refere-se aos ‘saberes mosaicos’ (2008) que circulam em forma de informação fora da escola. Para ele esta é uma das modificações mais profundas causada pela revolução tecnológica comunicacional, que transforma os modos de circulação do saber até então centralizados e controlados por dispositivos técnicos e figuras sociais estabelecidas.

Para o autor (idem), há duas mudanças fundamentais no modo como circula o saber na atualidade. A descentralização e a deslocalização/destemporalização. Através da descentralização o saber transcende os livros e a escola, deixando de ser um processo linear e organizado a partir de eixos claros para ocorrer de modo não linear através das complexas linguagens que surgem. Pensando na segunda mudança, a deslocalização e destemporalização, temos modificações nos espaços do saber. Isso não significa que os espaços como a escola deixarão de existir, mas que há uma transformação em pauta que torna necessária a alteração nas condições de existência dos sistemas de ensino.

Apesar das mudanças necessárias, pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira (SPOSITO, 2005) mostra que a confiança que os jovens têm nos professores é apontada com muita intensidade, ficando logo depois da família. No entanto, esse dado pode significar mais respeito à conduta e competência dos mestres do que laços de interação pessoal, visto que os professores e escola são pouco citados como fontes de diálogo em torno de assuntos relevantes para os jovens. Quando perguntados sobre o grau de satisfação com a educação escolar recebida, tanto mais satisfeito é o jovem que chegou aos bancos universitários e menos satisfeitos os que frequentaram a escola até o ensino fundamental ou médio apenas.

Em que pese a questão da classe social na experiência de vida dos indivíduos em uma sociedade tão desigual quanto a brasileira, passamos para uma breve explanação sobre a juventude e sua vivência de classe.

2.4 O JOVEM PENSADO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CLASSE SOCIAL

Em um país como o Brasil, com tanta desigualdade social, consideramos fundamental refletirmos em nossa pesquisa sobre o conceito de classe social e considerar os jovens estudados sob o ponto de vista das distinções de classe na estrutura social. Temos consciência que este conceito é bastante complexo e “tem sido evitado, entre outros motivos, pela perda do seu significado político e, especialmente nos países de capitalismo avançado, pela sua insuficiência em explicar os fenômenos sociais, econômicos e culturais”. (RONSINI, 2007, p. 22). No entanto, não podemos analisar o consumo midiático sem levar em conta a classe social, pois

[...] a classe é vista como elemento estruturador das demandas porque estabelece orientações profissionais e expectativas quanto ao futuro, propicia motivações diferenciadas para construção dos estilos e ensina modos de se relacionar com autoridades, na família e fora dela”. (RONSINI, 2007, p. 57)

Partimos do pressuposto de que o modo de se relacionar com a escola é diferente entre jovens de distintas classes sociais, assim como supomos encontrar modos diversos de consumir mídia a depender da posição social em que se encontra o indivíduo.

Utilizamos classe social como classificador empírico e não entraremos em uma discussão aprofundada sobre o conceito. No entanto, devemos considerar que, nos espaços que elegemos como mediadores, família e escola, os jovens têm suas ações permeadas por elementos como sua origem étnica, sexo, idade, assim como pelo grupo social ao qual pertencem e pela cultura (RONSINI, 2004). As condições socioeconômicas do núcleo familiar definem o lugar ocupado na estrutura social e, portanto, articulam distinções.

Na pesquisa quantitativa empregamos o critério sócio ocupacional (QUADROS e ANTUNES, 2001) que leva em conta a ocupação do membro melhor situado na família para definir seu pertencimento a determinada classe social. Na investigação qualitativa somamos à sociologia ocupacional o Critério Brasil⁴⁵ e o conceito de capital desenvolvido por Bourdieu (1983, 1998).

Podemos relacionar o critério sócio ocupacional ao conceito de capital de Bourdieu (1983, 1998) que constitui uma baliza para compreendermos a estrutura e o funcionamento do mundo social. O capital econômico pressupõe determinada ocupação que repercute em renda e assim determina o indivíduo na hierarquia social. O capital cultural está relacionado à educação familiar e ao acesso à educação formal que o sujeito tem, refletindo em diplomas, assim como em consumo de bens culturais, cujos acessos dependem, largamente, do capital econômico. Já o capital social diz respeito à participação em grupos que constituem as relações do indivíduo. Também este capital está relacionado ao capital econômico e, conseqüentemente, associado ao critério sócio ocupacional, pois a depender da renda familiar será o bairro em que o indivíduo vai morar, a escola em que vai estudar, o acesso a bens culturais que terá e as pessoas com quem se relacionará.

O capital cultural, conforme nos traz Bourdieu (1999), pode existir sob três formas: o estado incorporado, que se torna *habitus*, transmitido fundamentalmente pela família e meio em que o jovem vive; o estado objetivado, em que o capital se traduz em bens culturais e no modo como se dá a apropriação destes bens; e o estado institucionalizado, representado pelo diploma por exemplo, que confere a quem o tem um valor estabelecido pelas instituições

⁴⁵ O Critério Brasil traduz-se em um conjunto de questões que devem ser feitas ao entrevistado para chegar a uma classificação econômica. É elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa.

sociais. No estado objetivado, não basta o indivíduo ter condições econômicas de compra dos objetos, mas é preciso um capital cultural em estado incorporado para que o sujeito faça uso adequado dele. Para compreendermos o capital cultural dos estudantes focaremos na escolaridade dos pais e irmãos e educação familiar que os jovens têm ao longo de sua história.

No que tange ao capital social nos deteremos, principalmente, no círculo de pessoas com as quais o estudante convive para além da instituição familiar, aspecto importante para compreender a construção da sociabilidade juvenil.

Para Bourdieu a posição ocupada socialmente por um indivíduo depende basicamente dos capitais econômico, cultural e social. Através do *habitus* incorporado através da experiência é que se manifesta a classe social a que pertence o sujeito, para além da mera constatação econômica acerca das condições materiais de vida. Segundo o autor, as práticas culturais estão ligadas ao nível de instrução, relacionadas ao volume de capital acumulado, ratificadas por anos de estudo, diplomas escolares e também pela herança familiar.

Os jovens agem de acordo com elementos que definem sua identidade, como sexo e idade, mas também pelo grupo social a que pertencem e pela sua cultura.

O grupo social é uma categoria-chave, pois diz respeito a um modo de experimentar a existência social, relacionado que está com as características da vida material que sinalizam um estilo de vida (lugar de origem e de residência, escolaridade, categoria ocupacional e salário, formas de lazer, etc.) (RONSINI, 2004, p. 16)

Assim, a partir das condições socioeconômicas da família podemos apreender as interações e o modo como os estudantes compreendem o mundo, situando o jovem em um mapa para reconhecer sua situação atual desde as mediações e os sujeitos.

Em nossa pesquisa empírica qualitativa, esperamos encontrar no jovem popular, que estuda com mais dificuldades, modos diferentes de consumir notícias, comparado ao jovem da camada alta da população, estudante de escolas privadas ou da rede federal, que tem seu estudo amparado pela família. Como Bourdieu aponta, parte dos jovens de classe mais favorecida ainda encara os estudos como um caminho a ser seguido para ter no futuro melhores chances de trabalho asseguradas pela sociedade. Já os jovens de classe popular veem no trabalho a chance de aceder à vida de adulto e não enxergam na escola a garantia de um futuro melhor.

Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da sua própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de

gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, 2007, p. 1109)

Para os jovens de classe popular, a condição juvenil só é possível porque trabalham, garantindo recursos para o lazer e consumo. Embora a necessidade de trabalhar influencie no percurso escolar do jovem, isso não significa necessariamente o abandono aos estudos. Para Dayrell, trabalhar e estudar são projetos que se relacionam e não se esgotam em uma simples oposição. Trabalhar também pode fazer parte da condição juvenil, como uma “mediação efetiva e simbólica” (DAYRELL, 2007, p.1109).

No livro “Os Herdeiros” (1964, 2014), Bourdieu e Passeron desfizeram o mito da escola libertadora, instituída como instrumento de democratização. Por meio de um estudo empírico com professores e estudantes universitários da França, os autores constataram que o sistema de ensino reproduz as desigualdades sociais. A origem social dos estudantes, mais do que fatores como sexo, idade e religião são fatores culturais determinantes para o sucesso escolar. No estudo foi apresentado como os jovens de classe alta demonstram mais aptidões que os de classe popular para o processo de aprendizagem graças ao seu entorno familiar (no qual está inserido o acesso a biblioteca, cinema e equipamentos culturais diversos). Jovens de classes sociais distintas têm experiências diversas de viver e perceber o mundo, constituindo, deste modo, *habitus* diferenciados uns dos outros em diferentes *campos* por onde circulam.

Voltamos aqui ao conceito de *habitus*, que é essencial neste contexto, pois é fundamental na compreensão das distinções de classe, pois constitui um sistema de disposições que é formado por regras aprendidas no decorrer da vida. O *habitus* estrutura o presente e o futuro e é estruturado pelo passado, regulando assim nosso comportamento e nosso modo de agir no cotidiano. Por meio da incorporação do *habitus* as relações sociais são estruturadas e por isso o entendimento deste termo nos é tão caro para podemos compreender as práticas juvenis.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas - o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (BOURDIEU, 1998, p. 22)

Com auxílio de Bourdieu podemos compreender como são estruturadas a reprodução e a diferenciação social e como se articulam o econômico e o simbólico no processo de reprodução e desigualdade. Concebemos que a sociedade é estruturada em classes sociais e que as relações entre as diferentes classes sociais são relações de poder e luta. Tomando a questão da desigualdade e de classes sociais no sentido marxista, consideramos que “As classes e as desigualdades de classes são não só aquilo que precisa ser explicado, mas são, sobretudo, o que explica a maior parte das condutas sociais e culturais.” (DUBET, 2005, p. 15) As relações entre as classes são também relações de dominação, cuja análise nos auxilia na compreensão dos modos de consumo, identidades e orientações culturais.

Em nossa investigação, embora tomemos como prerrogativas conceitos de Bourdieu que consideramos fundamentais para a compreensão do que podemos considerar como classe social, não a compreendemos como um grupo organizado e com consciência de classe. Nossa intenção é, sim, traçar um recorte empírico em que o conceito de classe nos traz subsídios para averiguar as distinções e semelhanças no modo como indivíduos de diferentes espaços sociais lidam com a mídia e como as instituições sociais *família* e *escola* medeiam essa relação.

3. APROXIMAÇÕES COM O CAMPO: A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA JUNTO AO JOVEM

Cabe neste ponto explicar a intenção inicial de propor um projeto de pesquisa que envolvesse métodos quantitativos e qualitativos de estudo. Uma vez que temos, nas ciências sociais, uma predominância por modelos metodológicos com ênfase no qualitativo, desde o início do doutorado buscamos um objeto cujo problema de pesquisa fosse viável de ser trabalhado através de um método misto. Na busca por complementaridade “A combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno, conhecida como triangulação, tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo.” (GOLDEMBERG, 2004, p. 63) Ou seja, nos remetemos aqui tanto à pesquisa quantitativa, em um primeiro momento, quanto à qualitativa, em um segundo momento.

3.1 UMA PROPOSTA DE TRIANGULAÇÃO: A COMPLEMENTARIDADE POSSÍVEL NA UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS QUANTITATIVO E QUALITATIVO

A partir dos objetivos já delineados desenvolveram-se estratégias para alcançá-los segundo determinadas metodologias. A metodologia quantitativa é pensada neste projeto para nos dar informações sobre fenômenos que podem, de certo modo, ser compreendidos através de medidas, na intenção de objetividade e clareza de dados. Como afirma Gressler (2004, p. 42):

[...] a abordagem quantitativa caracteriza-se pela formulação de hipóteses, definições operacionais das variáveis, quantificação nas modalidades de coleta de dados e informações, utilização de tratamentos estatísticos. Amplamente utilizada, a abordagem quantitativa tem, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação.

De acordo com dados da 8ª Coordenadoria de Educação, em 2013, quando iniciamos nosso trabalho de campo da pesquisa, eram 7.485 alunos matriculados na rede estadual da cidade. Já a rede federal possuía 699 alunos matriculados. Por fim, temos a rede privada, que contava com 1.845 alunos. Estes dados incluem matrículas do ensino médio integrado à Educação Profissional e o Ensino Normal/Magistério, mas não incluem matrículas de atendimento educacional especializado.

Cabe lembrar que a intenção foi definir uma amostra de pesquisa que fosse

representativa e apresentasse baixa margem de erro para aplicação de um formulário constituído de questões acerca dos modos de se informar dos estudantes.

Sobre a amostragem, é importante destacar que foi utilizada a amostra não probabilística (não aleatória), ou seja, não se conhece a probabilidade de um elemento da população vir a pertencer à amostra. Isto porque foram procuradas algumas escolas a partir de certos critérios para que os formulários⁴⁶ pudessem ser aplicados. Os critérios contaram com fatores como:

. Sabia-se de antemão a respeito de escolas particulares que não permitem a aplicação de instrumentos de pesquisa a seus alunos durante as aulas, então essas escolas não foram procuradas;

. Com outras escolas privadas foi feito contato, mas elas alegaram motivos como pouco tempo e muito conteúdo a ser ministrado, o que dificultaria a disponibilização de espaço para a aplicação dos formulários;

. Uma escola privada contou com o apoio de uma colega de trabalho da pesquisa, que intercedeu de modo a facilitar o contato e a participação da escola na pesquisa;

- A escola federal procurada é conhecida da comunidade acadêmica por ser aberta à participação de seus alunos em pesquisas, inclusive por estar localizada junto à Universidade Federal de Santa Maria;

- As quatro escolas estaduais que fazem parte do estudo têm peculiaridades: em uma delas foi onde a pesquisa realizou seu ensino médio e esse argumento foi utilizado para mostrar a familiaridade que a autora tem com a escola e a gratificação que teria em voltar à instituição agora como pesquisa e ter naqueles jovens vozes que fizessem parte da pesquisa; a outra escola é conhecida pelo meio jornalístico como tendo uma direção aberta e de muita interlocução com a sociedade, o que acreditamos facilitar o trabalho de pesquisa; as outras duas escolas localizam-se afastadas do centro, próximas a comunidades de pouco poder aquisitivo, diferente das duas primeiras que ficam em pontos mais centrais da cidade. As quatro escolas escolhidas situam-se em zonas distintas da cidade.

Para definir quantos seriam os alunos participantes, foi utilizado um cálculo estatístico

⁴⁶ Compreendemos nesta pesquisa formulário como sendo um instrumento em que, embora neste caso preenchido pelos informantes, contou com a presença do pesquisador que orientou o processo. Utilizamos a denominação questionário para nos referirmos ao instrumento aplicado via Internet que não contou com a mediação do pesquisador.

desenvolvido pela literatura da área que está explicitado adiante no texto.

Em uma etapa posterior, partimos para uma abordagem qualitativa de pesquisa, tendo em vista a busca por compreender a complexidade do problema comunicacional. Deste modo, essa fase “contrapõe-se à abordagem quantitativa uma vez que busca levar em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas, numa visão holística dos fenômenos.” (GRESSLER, 2004, p. 43).

A pesquisa de caráter qualitativo trata de um estudo não estatístico, que analisa em profundidade dados de difícil mensuração. No estudo em questão, realizamos observação durante o recreio em duas escolas. Conversamos com os jovens durante este período sobre suas práticas de consumo midiático, transcrevemos as observações para um diário de campo e gravamos as entrevistas que foram realizadas de modo informal. Posteriormente a esta investigação exploratória, utilizamos como método a entrevista em profundidade, em que foi possível obter informações de modo detalhado. Segundo Duarte (2012), entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador o ajuste livre das perguntas. Com questões semi-estruturadas em uma entrevista de caráter semi-aberto, tínhamos um roteiro a seguir que, no entanto, era flexível para a inserção de outras questões que surgissem no decorrer da entrevista. Neste modelo de entrevista cada resposta do entrevistado pode ser aprofundada, e uma pergunta geral pode dar lugar a outras perguntas específicas.

Na escolha dos estudantes para procedermos as entrevistas em profundidade, optamos por solicitar aos professores das duas escolas escolhidas, uma pública e uma particular, que nos indicassem um menino e uma menina que tivessem ótimas notas, um menino e uma menina com notas medianas, e ainda uma dupla com trajetória de notas baixas. Assim, temos 6 alunos em cada escola, totalizando doze alunos entrevistados. Partimos da hipótese de que o melhor rendimento escolar, traduzido em notas, nos daria um perfil de aluno com maior hábito de leitura, mais informado sobre o mundo, ao contrário do aluno com menor rendimento escolar, que seria mais afastado de uma conexão com as notícias e com menor hábito de leitura.

Ainda dentro dessa amostra com vistas à análise qualitativa, definimos as escolas em que seriam selecionados os jovens para as entrevistas em profundidade, considerando: uma escola privada e outra pública, ambas centrais; a escola privada, preliminarmente, foi considerada como frequentada por jovens de classe social mais alta; a escola estadual já havia sido espaço de aplicação dos formulários da pesquisa e foi diagnosticado que a classe social

predominante era média baixa; ambas escolas foram muito receptivas à presença da pesquisa nos vários momentos em que isso foi preciso, fosse pela observação realizada no recreio em ambas as instituições ou pelas entrevistas que ocorreram no ambiente escolar. Para determinar o pertencimento à classe social nos formulários, utilizamos a fundamentação teórica calcada em categorias sócio-ocupacionais a partir de Quadros e Antunes (2001), como já mencionado. Nas entrevistas em profundidade contamos com o auxílio do Critério Brasil, que apresenta parâmetros complementares para a classificação econômica, assim também como consideramos o capital social e cultural com aporte teórico de Bourdieu. Neste contexto, a entrevista em profundidade nos trouxe densidade de informações, assim como uma perspectiva relacional do fluxo midiático a partir da fala dos entrevistados, que foi gravada para posterior transcrição e análise.

Na entrevista em profundidade, levando em consideração os fatores levantados por Duarte (2012), buscamos formular questões que compõem a seguinte estrutura⁴⁷:

1. Dados Socioeconômicos – constitui o perfil do respondente e nos permite formular recorte por classe social no que diz respeito ao critério sócio-ocupacional e ao Critério Brasil;
2. Família – nos possibilita compreender um pouco acerca da interferência da família na constituição do sujeito e na mediação em relação aos meios de comunicação social;
3. Escola – nos permite compreender o que a escola representa na vida do estudante e a inserção dos meios de comunicação no ambiente de ensino. Através da compreensão da cultura escolar, poderemos analisar a mediação exercida pela escola;
4. Valores – buscamos inferências sobre como o jovem considera sua condição juvenil;
5. Lazer – nos traz indícios acerca do consumo cultural do jovem;
6. Consumo de Mídia Geral – nos permite examinar o consumo midiático geral do jovem através de livros, filmes, jornais, revistas e rádio;
7. Televisão – através das questões sobre assistência à televisão vamos compreender o modo como se dá a recepção;
8. Telejornal – focamos aqui especificamente na assistência ou não ao telejornal e como se dá essa relação;
9. Computador – procuramos saber se o jovem usa o computador e para que atividades;

⁴⁷ Como consta no apêndice A.

10. Celular – buscamos compreender os usos do celular;
11. Internet – este tópico tem relação com o computador e o celular, examinando o que o aluno costuma acessar, onde, quanto tempo, em que plataforma e quais são as atividades realizadas com mais frequência;
12. Redes Sociais – tendo em vista que as redes sociais estão entre os tópicos mais assinalados pelos jovens na pesquisa quantitativa, analisamos aqui o uso das redes para entretenimento ou informação e se há o uso convergente de televisão e redes sociais através da segunda tela.

Assim fechamos nosso percurso metodológico considerando o que diz Lopes:

Diante da complementaridade das técnicas de coleta, é igualmente possível combinar técnicas de amostragem probabilística e não probabilística. Por exemplo: numa pesquisa seleciona-se uma amostra aleatória para a qual se utiliza o questionário, devendo-se por isso dar conta da representatividade estatística tanto da amostra como dos dados. Em seguida, seleciona-se uma subamostra de caráter intencional com base nos critérios da representatividade social (e não mais estatística), à qual se aplica a entrevista. O perfil dessa segunda amostra é de sujeitos “típicos”, e os dados são essencialmente qualitativos. (2010, p. 145)

Desse modo, conseguimos trazer para a nossa investigação um caráter de pesquisa representativa estatisticamente no universo de mais de 10 mil estudantes de ensino médio de Santa Maria, agregando o que é fundamental em um trabalho de pesquisa em nível Doutorado que é o aprofundamento da análise com elementos que visam, para além do estatístico, a compreensão dos modos de consumo midiático dos jovens estudantes.

3.2. O FOCO NA PESQUISA QUANTITATIVA

O questionário para o teste piloto foi construído preliminarmente com perguntas básicas na intenção de que nos dessem índices de que caminhos seguir no questionário definitivo. Deste modo⁴⁸, as questões versam sobre o perfil dos estudantes, informações sobre a assistência de telejornal, a assistência de televisão de modo geral (a partir da opção de alguns gêneros televisivos), a leitura de jornais e revistas, o acesso à internet, o uso do computador e a audição do rádio.

⁴⁸ Conforme consta no apêndice B.

No que diz respeito aos gêneros televisivos, para fins de exequibilidade do instrumento de pesquisa, optamos por utilizar as denominações de Aronchi de Souza (2004), que traz uma classificação utilizada por grandes emissoras no Brasil e exterior e propõe cinco grandes categorias (entretenimento, educativo, informativo, publicidade e ‘outros’). A partir do quadro formulado pelo autor em que são apontadas as categorias e os gêneros da televisão brasileira foram produzidas as questões a respeito de que gêneros são os mais vistos pelos jovens estudantes de ensino médio.

Na formulação das perguntas do questionário definitivo, optamos por questões mais fechadas, que dessem opções aos informantes, no lugar das muitas questões abertas do questionário inicial utilizado como piloto. Isto justifica-se em virtude de nossa amostra ser composta por quase 400 jovens, o que dificulta a tabulação dos dados advindos de questões abertas. A partir da aplicação do teste piloto pudemos observar quais as respostas mais frequentes e formular as opções de algumas questões.

3.2.1 Sobre o teste piloto

Na intenção de fazer um teste piloto com o instrumento de pesquisa, no segundo semestre de 2013 foram disponibilizados, por meio do Facebook e Twitter, questionários produzidos no Google Drive, para que os jovens de ensino médio de Santa Maria e região respondessem sobre os meios de comunicação que utilizam. Ao todo, 79 jovens responderam ao instrumento, sendo 65 pertencentes à rede privada de ensino e os 14 restantes estudantes da rede pública. A partir deste teste, foram observadas algumas fragilidades do questionário, que foi revisado e as questões reconstruídas.

Construímos o formulário definitivo considerando a seguinte estrutura:

- Dados do estudante: idade, onde estuda, que período cursa, quem sustenta a família, qual função;
- Televisão: se assiste, canais preferidos, quais gêneros assiste, com quem, em que plataforma, onde;
- Telejornal: se assiste, quais telejornais assiste, frequência, com quem, qual plataforma, local de assistência, se todo ou parte e o porquê;
- Internet: se acessa, o que acessa, onde, quanto tempo, em que plataforma, quais

atividades,

- Revistas: se lê, em que plataforma, quais revistas;
- Jornais: se lê, em que plataforma, quais jornais;
- Livro: se lê, qual e quando leu o último livro;
- Rádio: se ouve, em que plataforma, qual emissora.

O teste piloto também contribuiu para que levantássemos alguns dados sobre os quais pudemos pensar nossa problemática de análise. Aqui colocamos algumas considerações preliminares que poderão ser confirmadas ou refutadas com os dados dos formulários definitivos e as entrevistas em profundidade. A maioria dos estudantes respondentes do teste piloto é de escola privada. Este dado pode revelar o acesso facilitado à internet, relativo à classe social que pertencem. No entanto, há que se considerar que alguns contatos foram realizados pela pesquisa com colegas da área de Relações Públicas de escolas particulares, mais do que em escolas públicas, solicitando a divulgação do instrumento de pesquisa e, também por isso, as respostas advindas das escolas particulares podem ter sido mais frequentes. No entanto, devido ao baixo índice de respostas se considerarmos o número total de alunos de ensino médio da cidade (79 alunos em uma população de 10.020 estudantes de ensino médio), optamos por proceder a aplicação definitiva do formulário presencialmente nas escolas. A intenção foi que esta mudança no modo de pensar e aplicar o instrumento de pesquisa nos desse respostas mais fiéis à realidade, assim como foi possível definir proporcionalmente os estudantes de diferentes níveis do ensino médio e entre escolas públicas e privadas.

Sobre o fato dos jovens assistirem a telejornais, podemos inferir que há ampla audiência com marcada hegemonia da Rede Globo. Do mesmo modo, os jovens afirmam que leem jornais, a maioria do grupo RBS. O rádio também vem a somar nesta audiência, com a maior parte dos jovens afirmando que ouvem a rádio Atlântida, do mesmo grupo.

Já em relação à leitura de revistas, houve quase um empate entre a revista Veja e a Super Interessante. Este dado nos mostra um interesse dos jovens por manterem-se informados sobre atualidades do cotidiano com a Veja e curiosidades do mundo e da vida com a Super Interessante.

Quase a totalidade dos jovens acessa a internet para fins de comunicação, tendo a notícia pouca importância em termos quantitativos para os estudantes de ensino médio na rede de computadores.

No segundo semestre de 2014 iniciamos a aplicação do formulário definitivo, desta vez presencialmente, em turmas de alunos de ensino médio de Santa Maria, em escolas da rede privada, estadual e federal de ensino, de modo proporcional. Em cada sala as questões a serem respondidas eram lidas, no intuito de apresentar as opções de resposta e sanar qualquer dúvida dos estudantes. Só então os próprios jovens preenchiam o formulário.

A seguir apresentamos brevemente como chegamos ao número de alunos que deviam responder ao formulário.

3.2.2 Cálculo da amostra

Com base em Barbetta (1998) determinamos a metodologia estatística a ser utilizada e a fórmula a ser seguida para chegar aos valores adotados.

Para iniciar o cálculo temos a fórmula padrão cuja aplicação nos dá como resultado um valor de amostra para populações infinitas.

$$n. = \frac{Z^2 \cdot p \cdot q}{e^2}$$

Onde:

n. = número provisório para populações infinitas

$Z^2 = 1,96$ = valor que se usa para margem de erro de 5%

$e = 0,05$ = meio intervalo de confiança escolhida para percentagem obtida

p = proporção de respostas positivas esperadas (no nosso caso não se sabe a percentagem de respostas esperadas para cada opção possível, então coloca-se 0,5, que maximiza a amostra).

q = 1 - p = complemento de p

A partir deste cálculo, chegamos então ao valor do 'n' para o tamanho da amostra, que é de 384,16, o qual arredondamos para 384 alunos.

No entanto, ainda nos restava fazer um cálculo de correção da amostra para populações finitas, através da seguinte fórmula.

$$n = \frac{n.}{1 + \frac{n.}{N}}$$

Onde N é a população a que chegamos através da fórmula anterior.

A partir dessa correção chegamos ao valor de 369,8, arredondando para 370 alunos aos quais deveriam ser aplicados o instrumento de pesquisa. Com essa amostra temos um trabalho estatístico que nos dará 95% de confiabilidade com 5 pontos para mais ou para menos.

Fazendo uma regra de três simples para chegar ao número de alunos de cada esfera (estadual, privada e federal) aos quais devíamos aplicar o formulário, chegamos aos seguintes valores: 277 alunos de escolas do estado devem participar da pesquisa, 26 alunos de escolas federais e 68 alunos de escolas privadas. Esses valores foram pensados proporcionalmente ao total de alunos do ensino médio e ao específico de cada rede. Os formulários foram aplicados durante o segundo semestre de 2014 e o ano de 2015, seguindo as regras já especificadas anteriormente. Em todas as escolas, as turmas que responderiam ao instrumento foram definidas pela funcionária/professora responsável que atendeu a pesquisadora, conforme o horário disponível pelos professores das turmas.

3.2.3 Dados da pesquisa quantitativa e uma primeira leitura do campo

Com vistas ao recorte por classe social na pesquisa quantitativa, utilizamos as classificações de Quadros e Antunes (2001) que agrega os grupos ocupacionais em quatro camadas.

A primeira delas é composta pelos proprietários que empregam mão de obra assalariada e pela alta classe média, assalariada ou não. Estes grupos, grosso modo, conformam a “elite” socioeconômica. A segunda camada engloba os “setores intermediários”, a saber: a média classe média, assalariada ou autônoma, e os proprietários do pequeno negócio familiar urbano (comércio e serviços). A terceira camada é formada pelo que denominamos “massa trabalhadora urbana”, constituída pela baixa classe média assalariada, pelos segmentos operários e demais assalariados populares e pelos segmentos inferiores dos trabalhadores autônomos. A quarta camada agrega a base do mercado de trabalho urbano (segmentos mais baixos de trabalhadores assalariados e autônomos e as empregadas domésticas, que a rigor devem ser incluídos na massa trabalhadora urbana) e, majoritariamente, a “massa rural” de agricultores familiares e trabalhadores rurais. (2001, p. 6)

Desse modo, denominamos aqui quatro classes sociais: média alta, média, média baixa

e baixa.

Observamos que o percentual de homens como responsáveis pelo sustento da casa ainda é maior que o de mulheres, sendo que 272 jovens (69%) afirmaram que o pai é um dos responsáveis por sustentar a casa, e 246 jovens (62,4%) afirmaram que a mãe é uma das responsáveis por sustentar a casa. Isso não significa que o sustento se dê somente por este membro da família, tendo em vista que 150 jovens (38%) do total afirmaram que o sustento da casa ocorre por responsabilidade de pai e mãe juntos.

Das escolas federais da cidade⁴⁹ foi realizada uma visita ao Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, que se situa junto à Universidade Federal de Santa Maria, e aplicados os formulários em 30 alunos do primeiro ano do ensino médio, 20 alunos do segundo ano do ensino médio e 19 alunos do terceiro ano do ensino médio, totalizando 69 alunos. Os estudantes do Colégio Técnico têm aula durante o dia e formam um grupo heterogêneo pertencente a diferentes classes sociais. Há estudantes de classe média alta cujas famílias são formadas por membro melhor situado sendo autônomos com formação superior, classe média composta por supervisor de vendas, gerente de depósito, motorista autônomo de caminhão e classe média baixa e baixa composta por empregada doméstica, vigilante, secretária e costureira.

Das escolas estaduais⁵⁰ foram visitadas quatro escolas de diferentes bairros de Santa Maria, para que pudéssemos ter a representação de diversas regiões da cidade.

A Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha localiza-se na região central da cidade de Santa Maria e oferece ensino médio e Profissionalizante. No ensino médio, são 380 alunos matriculados no primeiro ano, 273 no segundo ano e 151 alunos no terceiro ano, totalizando 874 alunos. No ensino profissionalizante, a escola conta com aproximadamente 70 alunos matriculados, divididos nos cursos Técnico em Informática, Técnico em Contabilidade e Técnico em Secretariado.⁵¹ Nesta escola foram aplicados formulários em 15 alunos do primeiro ano, 15 alunos do segundo ano e 27 alunos do terceiro ano, totalizando 57 alunos respondentes.

Esta escola é localizada no centro de Santa Maria e os estudantes respondentes frequentam as aulas pela manhã. Pertencem à classe média, baixa e média baixa, em sua maioria. Classe média composta por pequenos empresários, diretora de escola, professoras, e classe baixa composta por membro melhor situado sendo doméstica, vigilante, pedreiro, babá,

⁴⁹ Santa Maria possui três escolas de ensino médio federais: o Colégio Militar de Santa Maria, o Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria e o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria.

⁵⁰ Santa Maria possui 24 escolas de ensino médio estaduais.

⁵¹ Segundo dados da 8ª CRE referentes a 2013.

etc. Classe média baixa é maioria nos respondentes ao formulário composta por membro melhor situado trabalhando como consultora empresarial, montador de anúncios em jornal, secretária, vendedor do ramo alimentício, trabalhador em reforma de casas.

A Escola Estadual de Ensino Médio Manoel Ribas, em funcionamento desde 1954⁵², situa-se na região central da cidade, embora mais próximo à periferia do que a escola Maria Rocha, e possui 587 alunos matriculados no primeiro ano, 447 estudantes no segundo ano e 266 alunos no terceiro ano, totalizando 1.300 alunos. Os respondentes estudam pela manhã e pertencem, em sua maioria, à classe média baixa e baixa, com funções que variam como cinegrafista, vendedor, diarista, doméstica, pedreiro, vigilante, serviços gerais, eletricista, porteiro, mas também pai empresário, outro médio agricultor, funcionário público da UFSM, entre outros.

Nesta escola foram aplicados formulários em 13 alunos do primeiro ano de uma turma, em 15 alunos do primeiro ano de outra turma, em 22 alunos do segundo ano do ensino médio, e 23 alunos do terceiro ano, totalizando 73 alunos respondentes. Optamos por visitar duas turmas do primeiro ano em virtude do número pequeno de estudantes de cada turma.

A Escola Estadual de Ensino Médio Dom Antônio Reis localiza-se no bairro Salgado Filho, região pobre da cidade, e conta com 30 alunos matriculados no primeiro ano do ensino médio, 25 alunos do segundo ano e 17 alunos do terceiro ano, totalizando 62 alunos. Nesta escola o formulário foi aplicado em 53 jovens. Os respondentes estudam pela noite e pertencem, em sua maioria, à classe média baixa e baixa. Os responsáveis pelo sustento da família atuam em funções como recepcionista, pintor, estoquista, cortador de grama, servente de obra, embora tenha também pais donos de restaurante, pai tenente da BM, mãe enfermeira, pai protético.

A Escola Estadual de Educação Básica Irmão José Otão, localizada no bairro Nossa Senhora Medianeira, bairro próximo à periferia da cidade, possui 107 alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Médio, 58 alunos no segundo ano e 19 alunos no terceiro ano, totalizando 184 alunos. Foram aplicados formulários em 84 jovens desta escola. Os respondentes estudam pela manhã e pertencem à classe média baixa e baixa, com membro melhor situado em trabalhos no comércio e emprego de doméstica, auxiliar de limpeza, guarda noturno, entre outros.

Foram totalizados 267 formulários respondidos nas escolas da rede estadual.

⁵² De acordo com o histórico na página da instituição disponível em <http://historicomanece.blogspot.com.br/>

Das escolas particulares⁵³, estivemos na Escola Adventista que possui apenas uma turma de cada ano do ensino médio. Assim, responderam ao formulário 22 alunos do primeiro ano, 22 alunos do segundo ano e 18 alunos do terceiro ano. Foram totalizados 62 alunos respondentes. Os respondentes estudam pela manhã e pertencem à classe média alta e média. A escola localiza-se próximo ao centro da cidade. Os responsáveis pelo sustento da família são professores de ensino médio, subtenente do exército, funcionário público, embora também apareçam as ocupações faxineira e porteiro.

Tabela 1 – Respondentes válidos em cada escola

Escola	Número de Respondentes	Percentual do total de respondentes
Escola Estadual Irmão José Otão	85	21,6%
Escola Estadual Manoel Ribas	73	18,5%
Escola Estadual Maria Rocha	57	14,5%
Escola Dom Antônio Reis	50	12,7%
Escola Adventista	62	15,7%
CTISM	67	17%
Total	394	100%

Fonte: pesquisa própria.

Considerando o total de escolas e jovens respondentes, chegamos ao número de 398 alunos de escolas de ensino médio em Santa Maria que responderam ao formulário. Em relação à idade dos respondentes, 116 possuem 17 anos (29,2%), 99 possuem 15 anos (24,9%) e 96 possuem 16 anos (24,2%). Assim, 311 alunos que responderam ao formulário têm entre 15 e 17 anos. São 53 respondentes com 18 anos, 7 com 19 anos, e 26 alunos responderam outros. Destes 26 que responderam ‘outros’, 21 entrevistados têm 14 anos, um tem 21 e um jovem tem 22 anos. Foram retirados da amostra quatro entrevistados que têm acima de 30 anos. A faixa etária foco da pesquisa é dos 14 aos 24 anos, seguindo a convenção da literatura a respeito⁵⁴.

⁵³ Santa Maria possui 11 escolas de ensino médio privadas.

⁵⁴ Os organismos internacionais, como a OMS, ONU, UNESCO e Banco Mundial, assim também como o IBGE,

Nas entrevistas em profundidade, optamos por delimitar apenas aos jovens que cursam o 3º ano do ensino médio e que, conseqüentemente, têm acima de 14 anos.

Em relação à classe e aos critérios já mencionados, chegamos à tabela abaixo. Salientamos que os dados representam apenas que a maior parte da amostra que respondeu ao formulário pertence à classe correspondente se seguirmos os critérios de Quadros e Antunes (2001). A mesma escola tem correspondência em mais de uma classe social, pois o sustento da casa dos jovens dessas escolas vem de ocupações heterogêneas. De todo modo, podemos observar o que já esperávamos encontrar. A escola particular, Adventista, com jovens pertencentes a classes média alta e média. A escola pública mais central da cidade, Maria Rocha, com jovens pertencentes a três classes sociais distintas, média, média baixa e baixa. A escola pública central Maneco, mas já próxima da periferia, possui jovens pertencentes a classes média baixa e baixa. As duas escolas situadas em bairros populares da cidade possuem jovens que se enquadram nas classes média baixa e baixa.

Quadro 2 – Relação das escolas e classes sociais

Classe	Escola
Média Alta	Escola Adventista
Média	Escola Adventista Escola Maria Rocha
Média Baixa	Irmão José Otão Escola Dom Antônio Reis Escola Manoel Ribas Escola Maria Rocha
Baixa	Irmão José Otão Escola Dom Antônio Reis Escola Manoel Ribas Escola Maria Rocha

Fonte: pesquisa própria

Aos alunos, foi dada a opção de colocarem seus nomes na folha do formulário. Deste

estabelecem o período dos 15 aos 24 anos como sendo a faixa etária em que se encontra a Juventude. No entanto, optamos por considerar a partir dos 14 anos para não excluirmos os estudantes, especialmente do primeiro ano do ensino médio, que responderam ao formulário.

modo foi constatado se eles eram do gênero masculino ou feminino. Assim, dos 394 jovens que tiveram seus dados validados, 139 pertencem ao sexo feminino e 113 ao masculino, 142 jovens não responderam, pois optaram por não colocar seus nomes no instrumento.

Tabela 2 - Número de alunos por sexo

Feminino / Masculino	Número de alunos	Percentual
Feminino	139	35,3%
Masculino	113	28,7%
Não respondeu	142	36%
Total de alunos	394	100%

Fonte: pesquisa própria

Em relação ao ano que os alunos respondentes estavam cursando, a maioria, 164 jovens, cursava o primeiro ano do ensino médio (41,3%), 120 alunos cursavam o terceiro ano (30,2%) e 113 o segundo ano (28,5%). Esse resultado deve-se também ao fato da evasão dos alunos, especialmente da rede pública, que começam os estudos no 1º ano do ensino médio e têm grande desistência até o 3º ano. Assim, há realmente mais alunos de 1º ano do que de 3º ano nas escolas públicas.

Tabela 3 - Número de alunos em cada período de estudo

Período de ensino	Número de estudantes	Percentual
Primeiro ano do ensino médio	161	40,9%
Segundo ano do ensino médio	113	28,7%
Terceiro ano do ensino médio	120	30,5%

Fonte: pesquisa própria

3.2.3.1. Consumo Televisivo

Quando questionados, por meio do formulário, sobre se os alunos assistiam televisão, 387 responderam que sim (97,7%) e apenas 9 responderam que não (2,3%).

Na pesquisa quantitativa, quando perguntados sobre quais seus canais preferidos, a emissora que obteve mais citações foi a Globo, com 244 alunos assinalando esta alternativa (12,7%), seguido da Fox com 167 sinalizações (8,7%) e da rede Telecine com 154 marcações (8%). O SBT fica em quarto lugar com 152 citações dos jovens (7,9%), seguido do Multishow com 143 menções (7,5%) e Discovery com 134 sinalizações (7%). É saliente a presença de emissoras de TV por assinatura nas menções dos estudantes, mesmo por aqueles que cursam o ensino médio em escolas públicas e pertencem a classe social média baixa ou baixa.

Tabela 4 - Canais televisivos preferidos pelos jovens

Canais	Número de sinalizações
Globo	244
FOX	167
Telecines	154
SBT	152
Multishow	143
Discovery	134
TNT	111
Universal	95
Canais de esporte	93
Warner	91
Bandeirantes	74
Record	71
National Geographic	68
Cartoon	66
HBOs	63

Fonte: pesquisa própria

Ainda foram citados outros canais, distintos das alternativas oferecidas no formulário, pois a questão poderia ser respondida com a opção ‘outros’, em que o aluno escreveria então qual outro canal costuma assistir. Na opção outros foram mencionados canais expostos na tabela abaixo.

Tabela 5 - Outros canais televisivos mencionados pelos jovens

Canais	Número de sinalizações
History	7
Disney	5
Animal Planet, Nick	3 menções cada canal
Bis, Novo tempo, Off	2 menções cada canal
AXN, FX, Investigação Discovery, Home and Health, Mix TV, Sexy Hot, Artes, Play TV, Rede TV, TLC, True TV, Combate, TV Escola	1 menção cada canal

Fonte: pesquisa própria

Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2015), em 2015 26% dos lares brasileiros eram atendidos por um serviço pago de televisão, 23% por antena parabólica e 72% possuem acesso à TV aberta. No Rio Grande do Sul, o número de lares que são atendidos por um sistema pago de televisão cai para 23%, enquanto 11% têm antena parabólica e 83% têm acesso a canais de TV aberta em sua residência.

Estes números não condizem com os valores encontrados em nossa pesquisa quantitativa com os estudantes, que parecem ter amplo acesso a TV paga. No entanto, devemos considerar também que nossa amostra é mista e não temos o mesmo número de respondentes proporcional a cada classe social para traçar um panorama fiel ao contexto social brasileiro. Assinar canais pagos de televisão parece estar mais acessível às famílias brasileiras.

Na pesquisa quantitativa, ao serem questionados sobre os gêneros de programa que os jovens mais gostam, Filme foi a opção assinalada mais vezes, por 354 alunos (12,9%), seguida de Seriados com 270 sinalizações (9,9%), tendo os gêneros Humorístico e Desenho empatado no terceiro lugar com 235 respondentes (8,6%). Musical foi marcado por 219 jovens (8%), seguido de Noticiário por 215 estudantes (7,9%) e Documentário com 190 sinalizações (6,9%). Esporte obteve 180 marcações (6,6%) e Telenovela 157 (5,7%).

O quinto e o sexto lugares nas respostas referentes a Noticiário e Documentário, respectivamente, nos leva a perceber a função de entretenimento que a televisão tem na vida dos jovens. Já na Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (BRASIL, 2015) o resultado obtido com todas as faixas etárias e classes, em todo o Brasil, foi de que as pessoas utilizam a televisão em primeiro lugar para se informar (79%), ficando a diversão e entretenimento como motivação secundária (67%), e para passar o tempo livre (32%) como terceira alternativa.

Tabela 6 - Gêneros de programas mais vistos na televisão

Gênero	Número de sinalizações
Filme	354
Seriados	270
Desenho	235
Humorístico	235
Musical	219
Noticiário	215
Documentário	190
Esporte	180
Telenovela	157
Entrevista	113
Culinária	84
Reality Show	80
Game Show	66
Debate	57

Fonte: pesquisa própria

No que diz respeito à frequência com a qual os alunos assistem televisão, a ampla maioria, 285 (72,2%), afirma assistir diariamente, enquanto 53 respondentes dizem assistir cerca de três vezes por semana (13,8%) e 33 alunos marcaram a assistência de uma vez por semana (8,3%). Quinzenalmente, uma vez por mês ou não respondeu foi marcado pelos outros 13 respondentes.

Tabela 7 - Frequência com que o jovem assiste televisão

Frequência	Número de sinalizações
Diariamente	285
Três vezes por semana	53
Uma vez por semana	33
Quinzenalmente	7
Uma vez por mês	4

Fonte: pesquisa própria

Nos formulários respondidos, os jovens que afirmam assistir televisão, quando perguntados sobre com quem assistem, responderam, em sua maioria, assistir com a família, marcado por 222 alunos (44,2%), e/ou sozinho, assinalado por 208 jovens (41,1%). Esta questão podia ser respondida com mais de uma opção. Estes dados apontam a televisão como um meio cuja assistência, em grande parte, ocorre em momentos de reunião familiar, o que ressalta a importância da família como mediadora no contato do jovem com o meio televisivo.

Dados da PBM 2015 (BRASIL, 2015, p. 28) revelam que 49% das pessoas que assistem televisão o fazem enquanto ‘comem alguma coisa’, 28% ‘conversam com outra pessoa’ e 21% ‘fazem alguma atividade doméstica’.

Tabela 8 - Com quem os jovens assistem televisão

Com quem assiste	Número de sinalizações
Com a família	222
Sozinho	208
Com amigos ou colegas	34

Fonte: pesquisa própria

Sobre o local onde os jovens assistem televisão, a maioria dos respondentes do formulário assiste televisão em casa, com 379 sinalizações (93,8%). O total de respostas é maior que o número total da amostra porque a questão era de múltipla escolha.

Tabela 9 - Locais em que os jovens assistem televisão

Local em que assiste	Número de sinalizações
Em casa	379
No restaurante/lancheria	9
Na escola	3
No cursinho	2

Fonte: pesquisa própria

3.2.3.2. *Consumo Específico de Telejornal*

No que diz respeito ao telejornal, a primeira pergunta do formulário era sobre se assiste ou não programas deste gênero. Dos 392 jovens que responderam à questão, 337 afirmam assistir (86,6%) e 52 dizem não assistir (13,4%).

Vale aqui demarcar que alguns jovens, mesmo afirmando não assistir telejornal, nas questões subsequentes assinalavam algum telejornal de sua preferência e uma frequência de assistência. Deste modo, mesmo que a frequência fosse baixa, a pesquisa considerou estes alunos como fazendo parte do grupo que assiste telejornal.

Ao serem questionados sobre quais telejornais assistem, o Jornal Nacional foi o mais marcado, com 248 respostas (29,1%), o RBS Notícias obteve 216 sinalizações (25,4%), o Jornal Hoje 104 (12,2%) e o Jornal da Globo 99 marcações (11,6%). O Bom Dia Brasil é assistido por 46 estudantes (5,4%). Dois telejornais de outras redes, Jornal da Band e SBT Brasil, obtiveram, ambos, 38 marcações (4,5%). Apenas 27 jovens (3,2%) afirmam assistir o Jornal da Record. Os alunos podiam marcar mais de uma opção.

Estes dados demonstram a preponderância da Rede Globo de Televisão, com os dois telejornais da noite tendo a maior parte da audiência. Mesmo o telejornal matutino da Rede tem mais audiência do que os telejornais noturnos da Rede Bandeirantes e SBT. O telejornal da Record consta em último lugar no número de citações dos estudantes.

Tabela 10 – Telejornais assistidos

Telejornais	Número de sinalizações
Jornal Nacional	248
RBS Notícias	216
Jornal Hoje	104
Jornal da Globo	99
Bom Dia Brasil	46
Jornal da Band	38
SBT Brasil	38
Jornal da Record	27

Fonte: pesquisa própria

Ao observarmos as opções escolhidas por escola a preferência dos alunos pelos telejornais mencionados segue a sequência assinalada na amostra geral.

Algumas pequenas diferenças foram notadas, como na escola Maria Rocha e Dom Antônio Reis, em que o Jornal Hoje é preterido ao Jornal da Globo, mas com uma margem de marcações pequena estatisticamente. O Jornal da Globo ocupa terceiro lugar de preferência em ambas as escolas, com 16 marcações, enquanto o Jornal Hoje obteve 13 menções. Uma das justificativas plausíveis para tal resultado, na Dom Antônio Reis, pode ser o fato de os alunos de ensino médio que responderam ao formulário nesta escola estudarem à noite e chegarem possivelmente em casa tarde. Já os alunos que responderam ao formulário na escola Maria Rocha são estudantes do turno da manhã.

Os alunos da escola Manoel Ribas preferem assistir o RBS Notícias, que ocupa o primeiro lugar de menções, com 47 sinalizações, e em segundo lugar está o Jornal Nacional, com 43 marcações.

Tabela 11 - Telejornais mais citados com recorte por escola

Telejornal Escola	Jornal Nacional	Jornal da Band	SBT Brasil	Jornal da Record	Bom Dia Brasil	Jornal Hoje	RBS Notícias	Jornal da Globo
Maria Rocha	37	7	5	2	3	13	32	16
Maneco	43	8	10	5	4	16	47	10
Adventista	42	4	6	4	4	20	29	18
CTISM	44	7	1	2	8	15	29	13
Dom Antônio Reis	35	5	7	3	12	13	32	16
Escola Est. Irmão José Otão	47	7	9	11	15	27	47	26

Fonte: pesquisa própria

Para os respondentes do formulário, a frequência de assistência a telejornais também é rotineira para a maioria: diária para 186 jovens (55,2%), cerca de três vezes por semana para 91 alunos (27%), de uma vez por semana para 42 deles (12,5%), quinzenal para 7 respondentes (2,1%) e de uma vez por mês para 11 informantes (3,3%). Constatamos com estes dados que um grande número de jovens assiste telejornal, sendo em sua maioria diariamente ou pelo menos três vezes por semana, o que nos dá indícios da importância que este gênero televisivo tem para a juventude estudante do ensino médio.

Tabela 12 - Frequência com que os jovens assistem telejornal

Frequência	Sinalizações
Diariamente	186
Três vezes por semana	91
Uma vez por semana	42
Quinzenalmente	7
Uma vez por mês	11

Fonte: pesquisa própria

A maior parte dos jovens que responderam ao formulário, 271 (70,9%), assiste telejornal com a família, e/ou sozinho, 93 (24,3%). Estas respostas são coerentes com os dados obtidos

quando perguntado, nas entrevistas em profundidade, com quem os alunos assistiam televisão, em que a ampla maioria também respondeu com a família ou sozinho.

Tabela 13 - Com quem os jovens assistem ao telejornal

Com quem	Sinalizações
Com a família	271
Sozinho	93
Com amigos e/ou colegas	7

Fonte: pesquisa própria

Quando perguntados sobre em que plataforma os jovens assistem telejornal, a televisão tem predomínio, com 281 marcações (80,5%), seguido de ‘na televisão ou na internet, dependendo do dia’, que foi assinalado por 48 jovens (13,6%). Apenas 11 jovens afirmam assistir telejornal na Internet (3,2%), e 7 dizem assistir na televisão e comentar nas redes sociais (2%).

Tabela 14 - Plataforma em que os jovens assistem ao telejornal

Plataforma	Sinalizações
Televisão	281
Na televisão ou na internet, dependendo do dia	48
Internet	11
Na televisão e comento nas redes sociais	2

Fonte: pesquisa própria

Ao serem questionados sobre onde veem telejornal, 333 (96,5%) alunos afirmam assistir em casa. Essa ampla maioria confere com as respostas sobre onde os alunos assistem televisão de modo geral, que também foi em casa.

Tabela 15 – Em que local os jovens assistem ao telejornal

Local	Sinalizações
Em casa	333
No restaurante/lancheria	6
Na escola	1
No cursinho	0

Fonte: pesquisa própria

Na questão referente à assistência parcial ou total do telejornal, a maioria dos jovens, 114 (28,9%) respondeu que ‘assiste parte do programa porque só vê o que chama a atenção’, seguido de 87 respondentes (22,1%) que ‘assiste todo o telejornal porque é importante’. Já 70 estudantes (17,8%) disseram ver todo telejornal porque gostam, e 66 (16,8%) assistem parte porque só veem o que interessa a eles. Percentuais menores responderam que: ‘assiste parte porque não tem tempo’, com 58 marcações (14,7%), ‘assiste parte porque é muita tragédia’, com 31 sinalizações (7,9%) e ‘assiste parte porque fica esperando para ver a novela’ com 14 respondentes (3,6%). A seguir uma tabela com os dados quantitativos da assistência parcial ou total do telejornal.

Tabela 16 – Assistência parcial ou total de telejornal

Resposta	Sinalizações
Assisto parte porque só vejo o que me chama a atenção	114
Assisto todo o jornal porque é importante	87
Assisto todo porque gosto	70
Assisto parte porque só vejo o que me interessa	66
Assisto parte porque não tenho tempo	58
Não resposta	55
Assisto parte porque é muita tragédia	31

Fonte: pesquisa própria

3.2.3.3. Consumo de Internet

Sobre o acesso à internet, dos 394 alunos que responderam ao formulário, apenas um (0,3%) afirma não acessar.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (BRASIL, 2015, p. 49) as características sociais e demográficas da população interferem no uso da internet, especialmente se comparada ao uso de outros meios de comunicação. O nível de escolaridade e de renda representa um grande diferencial para o indivíduo estar ou não conectado. De todo modo, os jovens são o grupo geracional que faz uso mais intenso da rede.

Os dados mostram que 65% dos jovens com até 25 anos acessam internet todos os dias. Entre os que têm acima de 65 anos, esse percentual cai para 4%. Entre os entrevistados com renda familiar mensal de até um salário mínimo (R\$ 724), a proporção dos que acessam a internet pelo menos uma vez por semana é de 20%. Quando a renda familiar é superior a cinco salários mínimos (R\$ 3.620 ou mais), a proporção sobe para 76%. Por sua vez, o recorte por escolaridade mostra que 87% dos respondentes com ensino superior acessam a internet pelo menos uma vez por semana, enquanto apenas 8% dos entrevistados que estudaram até 4ª série o fazem com a mesma frequência. (BRASIL, 2015, p. 49)

Em relação às razões pelas quais a população brasileira utiliza a internet houve um empate, com 67% dos entrevistados da Pesquisa Brasileira de Mídia apontando a resposta ‘para me divertir, como entretenimento’ e 67% mencionando ‘para me informar/saber as notícias’. Este aspecto demonstra que não são necessariamente os jovens a utilizarem a internet como entretenimento e, sim, que esta é uma tendência geral que está lado a lado com o interesse em se informar da população brasileira.

Ao serem questionados sobre o que costumam acessar na internet, a opção Redes Sociais foi marcada por 366 alunos (30,2%) e sites de vídeo como You Tube por 313 jovens (25,8%). Serviços de e-mail obtiveram terceiro lugar na preferência dos informantes, com 153 respostas (12,6%). A opção sites informativos que só existem na internet foi marcado por 123 jovens (10,2%). Já o item sites de jornais obteve marcação de 96 jovens (7,9%) e sites de revistas apenas 59 sinalizações (4,9%). Na opção ‘outros’ 65 alunos mencionaram *Whatsapp*, 9 citaram jogos e houve referência a entretenimento, pornografia, esportes, blogs, pesquisas para a escola,

filmes online, Snapchat⁵⁵, Deep⁵⁶, humor, aviação, Anime, musculação, cultura pop ou nerd, climatologia, Instagram e Tumblr⁵⁷.

Tabela 17 - Principais sites acessados

Sites acessados	Sinalizações
Redes Sociais	366
Sites de vídeo como Youtube	313
E-mail	153
Sites informativos que só existem na internet	123
Sites de jornais	96
Sites de revistas	59

Fonte: pesquisa própria

Assim como a assistência à televisão e ao telejornal, o acesso à internet é feito, majoritariamente, em casa, com 380 respostas (56,4%), seguido de ‘na casa de amigos’ por 106 jovens (15,7%) e na escola por 105 informantes (15,6%). Uma minoria de 40 jovens afirma acessar a internet no cursinho (5,9%) e apenas 18 na *lan house* (2,7%).

Tabela 18 - Local de acesso à internet

Local	Sinalizações
Em casa	380
Na casa de amigos	106
Na escola	105
No cursinho	40
Na lan-house	18

Fonte: pesquisa própria

⁵⁵ Rede social em que as informações lá colocadas desaparecem após 24 horas.

⁵⁶ Espécie de web invisível que não é indexada pelos buscadores padrão da internet. É necessário software especial para entrar nesta rede.

⁵⁷ Plataforma que permite aos usuários publicarem imagens, textos, links, vídeos, etc.

A respeito de quanto tempo por dia os jovens utilizam a internet, 116 (29,5%) responderam que de 2 a 4 horas por dia, seguido de 98 (24,9%) que acessam 8 horas ou mais por dia, e 98 (24,8%) afirmam utilizar a internet de 4 a 8 horas por dia. Apenas 54 (13,7%) acessam de 1 a 2 horas por dia, 16 (4,1%) menos de uma hora por dia e 10 (2,5%) assinalaram a opção 'outro.' Na opção 'outro', dois alunos escreveram que só acessam aos finais de semana, outro disse que não usa todos os dias, três disseram que usam 24 horas por dia, outro disse que 'depende', outro 'quando tenho tempo', outro 'só o necessário', outro '*tando* em casa tô na internet'.

Tabela 19 - Tempo diário de utilização da internet

Tempo em horas	Sinalizações
8 horas por dia ou mais	99
4 a 8 horas por dia	98
2 a 4 horas por dia	116
1 a 2 horas por dia	54
Menos de uma hora por dia	16

Fonte: pesquisa própria

Segundo dados da PBM, os jovens de 16 a 25 anos costumam utilizar a internet por um tempo médio de 5h51 minutos diários de segunda a sexta-feira, e de 5h25 minutos aos finais de semana. Em nosso estudo, não distinguimos o tempo de uso por dia da semana.

Sobre a plataforma em que os estudantes costumam acessar a internet, o celular foi a opção mais citada, com 346 marcações (48,3%), seguido do computador, com 309 sinalizações (43,1%). O tablet obteve 61 marcações (8,5%) e um jovem deixou a questão em branco.

Tabela 20 - Plataforma de acesso à internet

Plataforma	Sinalizações
Celular	346
Computador	309
<i>Tablet</i>	61

Fonte: pesquisa própria

Diferente de nossa pesquisa com os jovens, a PBM 2015 aponta que a principal plataforma de uso da internet pela população que acessa a rede é o computador, seguido do celular, que obteve crescimento nas menções se comparado aos dados de 2014.⁵⁸ Possivelmente, os jovens alavanquem a tendência de utilização do celular para acesso à rede, visto a maior habilidade dessa geração ao uso das novas tecnologias pois a ‘falta de habilidade com o computador afeta as pessoas mais velhas e menos escolarizadas’ (BRASIL, 2015, p. 50).

Quando perguntados sobre quais as atividades de mais uso da internet, a rede social Facebook foi o tópico mais assinalado, por 374 jovens (12,6%). ‘Ouvir música’ é um hábito de 347 respondentes (11,7%) e 332 alunos (11,2%) costumam ‘fazer trabalhos de aula’ com auxílio da internet. A opção ‘vídeo’ foi marcada por 323 pessoas (10,9%), seguido de ‘acessar e-mail’ e ‘ler sobre informações do dia a dia’, ambos com 264 sinalizações (8,9%). Os ‘jogos’ fazem parte da vida de 254 jovens (8,6%) e 224 informantes (7,5%) afirmaram baixar filmes pela internet. A rede social Twitter é acessada por 183 alunos (6,2%), e o Skype por 162 (5,5%). Já a opção ‘ler sobre celebridades’ foi marcada por 137 dos jovens (4,6%). A opção ‘outro’ foi sinalizada por 105 informantes (3,5%), com referências a Whatsapp (74 menções), Instagram (7 citações), Snapchat (5 menções), Tinder (1) e Tumblr (1), entre outros. Na época da aplicação dos formulários (2º semestre 2014, 1º semestre 2015), a rede Whatsapp era um canal ainda não popularizado. Deste modo, compreende-se as poucas menções que houve ao serviço de comunicação nos dados tabulados.

⁵⁸ Na PBM 2014, 40% dos entrevistados acessava a internet via celular e 84% via computador, já na PBM 2015 são 66% dos acessos via celular e 71% via computador.

Tabela 21 - Atividades de mais uso da internet

Atividade	Sinalizações
Acessar o Facebook	374
Ouvir Música	347
Fazer trabalhos de aula	332
Ver vídeos	323
Acessar e-mail	264
Ler sobre informações do dia a dia	264
Jogos	254
Baixar filmes	224
Acessar o Twitter	183
Conversar via Skype	162
Ler sobre celebridades	137

Fonte: pesquisa própria

Em dezembro de 2015, segundo dados do Facebook, havia no Brasil cerca de 100 milhões de usuários do aplicativo de mensagens⁵⁹. Em janeiro de 2014 eram 38 milhões, segundo o próprio serviço⁶⁰. Ou seja, em quase dois anos, o serviço quase triplicou o número de usuários.

O fato é que a opção ‘ler sobre informações do dia a dia’ ao acessar a internet está em quinto lugar na preferência dos jovens, empatado com a opção ‘acessar e-mail,’ e na observação realizada nas escolas também não foi demonstrado um grande interesse em consumo de notícias, a não ser na visualização das manchetes dos sites informativos que os estudantes seguem e, em alguns casos específicos, como em temas voltados à polícia e violência, por exemplo, os sites são acessados a partir das referidas manchetes e a matéria toda é lida.

⁵⁹ Segundo portal de notícias Cantu de 02 de fevereiro de 2016. Disponível em <http://portalcantu.com.br/noticias/brasil-mundo/item/29740-whatsapp-chega-a-1-bilhao-de-usuarios-brasil-tem-100-milhoes#sthash.W3nRPnNM.dpuf>

⁶⁰ Segundo Folha de São Paulo de 14 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/02/1418158-whatsapp-diz-ter-38-milhoes-de-usuarios-no-brasil.shtml>

3.2.3.4. Consumo de Rádio

Quando perguntados se ouvem rádio, 227 estudantes responderam que sim (57,6%), e 149 que não (37,8%). Dezoito alunos não responderam à questão (4,6%).

Quando separamos os dados por escola vemos que os alunos que menos ouvem rádio são no Colégio Maria Rocha, com 49% de ouvintes. Logo depois temos o Irmão José Otão com 50% de ouvintes, seguido da escola Adventista (particular) com 51% de ouvintes. O Colégio Técnico de Santa Maria tem 59% de estudantes ouvintes, seguido do Maneco, com 64% e a escola que tem mais jovens ouvintes de rádio é a Dom Antônio Reis, com 74 % dos jovens respondentes afirmando que ouvem rádio.

Observamos uma heterogeneidade no perfil de alunos que ouvem rádio, visto que os respondentes de escolas públicas, da escola privada e da escola federal estão intercalados na escala dos que mais ouvem e dos que menos ouvem rádio. Tanto o último quanto o primeiro ‘degrau’ da escala de ouvintes é composto por jovens de escolas públicas. No entanto, podemos afirmar que há uma audiência efetiva de rádio pelos jovens, pois em uma amostra de 394 jovens, 227 afirmam ouvir a mídia, resultando em 57,61% dos informantes.

Dos alunos que afirmam ouvir rádio, a Atlântida FM foi a emissora mais citada, com 145 menções (63,87%), 54 citaram a Medianeira FM (23,78%), 28 estudantes afirmam ouvir a rádio Gaúcha (12,33%) e 14 jovens mencionaram apenas FM (6,16%). Foram mencionadas também a Nativa FM por 17 alunos (7,48%) e outras como Antena Um, Nerdcast (online), Rede Aleluia, Jovem Pan (online), Rock FM (online) e emissoras AM como Imembuí, Santamariense e Band AM.

Sobre a plataforma em que os estudantes costumam ouvir rádio, 130 o fazem pelo celular (57,26%), 125 pelo aparelho convencional em casa (55,06%) e 106 no som do carro (46,69%). O computador é utilizado por 48 dos jovens para ouvir rádio (21,14%).

Tabela 22 - Plataforma por meio da qual os jovens ouvem rádio

Plataforma	Sinalizações
Celular	129
Som convencional em casa	123
Som do carro	105
Computador	48

Os dados da pesquisa com os jovens convergem com o que aponta a PBM 2016, em que 79% dos brasileiros com mais de 16 anos dizem preferir as emissoras FMs, enquanto apenas 15% declararam gostar mais das AMs⁶¹.

3.2.3.5. *Leitura de Livros*

Nos resultados quantitativos obtidos em nossa pesquisa, 233 jovens afirmam ler (59,13%), contra 153 que não têm este hábito (38,83%). Oito alunos não responderam à questão (2,03%).

Já se separarmos por escola, obtemos algumas distinções entre os alunos de cada instituição.

Tabela 23 – Leitura de livros por escola

Escola ----- Opções	Maria Rocha	Manoel Ribas	Adventista	CTISM	Dom Antônio Reis	Irmão José Otão	Total
Sim	39	46	42	44	25	37	233
Não	15	27	19	23	24	45	153
Não respondeu	3	0	1	0	1	3	8
Total	57	73	62	67	50	85	394

Fonte: pesquisa própria

Nas escolas estaduais centrais Maria Rocha e Manoel Ribas, assim como na escola privada Adventista e na federal CTISM, cerca de um terço de alunos afirma não ler e cerca de dois terços afirma ler. Já nas escolas localizadas na periferia da cidade, em áreas pobres, os valores mudam. Na Escola Estadual Irmão José Otão há menos alunos leitores (37) que não leitores (45). Já na Dom Antônio Reis o número de alunos leitores e não leitores de livro praticamente empata, com 25 leitores para 24 não leitores. Neste cenário, pode estar incluída a cultura escolar de exigir ou não livros para as atividades de aula, assim como certamente a

⁶¹ A PBM 2016 não tem dados específicos para ouvintes jovens.

distinção de classe opera um significado importante tanto na cultura de ler quanto na possibilidade de comprar um livro.

Quanto aos livros mais citados, foi recorrente a menção aos títulos que se transformaram em filmes. Entre eles estão *A culpa é das estrelas*, série *Divergente* (que possui três livros), *Jogos Vorazes*, série *Cinquenta Tons* (que possui três livros), série *Harry Potter* (que possui 7 livros), *Querido John*, *Quem é você Alaska* (de John Green), *Eleanor e Park*, entre outros.

Tabela 24 – Livros mais citados e suas relações com filmes ou séries

Número de citações	Livro	Filme ou Série
13	<i>A culpa é das estrelas</i>	Filme
5	<i>Divergente</i>	Filme – trilogia Os jovens citaram <i>Insurgente</i> (4) e <i>Convergente</i> (1)
4	<i>Jogos Vorazes</i>	Filme – trilogia
4	<i>Cinquenta Tons</i>	Filme - trilogia Os jovens citaram <i>Cinquenta Tons de Cinza</i> (4), <i>Cinquenta Tons de Liberdade</i> (1) e <i>Cinquenta Tons Mais Escuros</i> (1)
3	<i>Harry Potter</i>	Filme
3	<i>Querido John</i>	Filme
3	<i>Quem é você Alaska</i>	Não foi adaptado para o cinema
3	<i>Eleanor e Park</i>	Está em adaptação para o cinema
2	<i>Bíblia</i>	Já teve várias adaptações

Fonte: pesquisa própria

3.2.3.6. *Leitura de revistas e jornais*

Na pesquisa quantitativa, perguntados sobre se leem revistas, a maioria, 246, respondeu que não (62,4 %) e 140 jovens responderam que sim (35,5 %). Apenas 8 jovens não responderam essa questão (2%).

Dos jovens que leem revistas, a maioria, 106, lê impressa (49,1%), enquanto 61 leem no computador (28,2%), 35 por meio do celular (16,2%), 11 no *tablet* (5,1%) e três jovens responderam ‘outro’, mas não especificaram. Lembrando que nesta questão poderia ser

marcada mais de uma opção.

Quando perguntados se os jovens leem jornal, 238 afirmam que sim (60,4%) e 144 que não (36,5%). Doze alunos não responderam (3%).

Considerando o número geral, 60% dos jovens afirma ler jornal, o que é um número expressivo. Já no que diz respeito à plataforma em que o jornal é lido, um pouco mais da metade, 197 deles (52,7%), lê a versão impressa. O computador é utilizado por 96 jovens (25,7%) para acessar o jornal e o celular por 69 estudantes (18,4%). O tablet foi marcado por apenas 9 jovens (2,4%) e a opção ‘outro’ foi marcada por 3 pessoas (0,8%). Apenas um respondente especificou a resposta ‘outros’ como Facebook.

Tabela 25 - Plataforma em que lê jornal

Plataforma	Sinalizações
Impresso	197
Computador	96
Celular	69
<i>Tablet</i>	9

Fonte: pesquisa própria

Quando as respostas sobre a leitura ou não de jornal foram categorizadas por escola, obteve-se as seguintes informações:

Tabela 26 – Leitura de jornal por escola

Escola / Jornal	Sim	Não	Não respondeu	Total
Irmão José Otão	43	36	6	85
Maneco	53	20	0	73
Maria Rocha	32	23	2	57
Dom Antônio Reis	31	16	3	50
Adventista	41	20	1	62
CTISM	38	29	0	67
Total	238	144	12	394

Fonte: pesquisa própria

Em todas as escolas, mais da metade afirma ler jornais, tendo a Escola Estadual Irmão José Otão uma diferença entre leitores e não leitores menor que as detectadas nas outras escolas. Ou seja, os alunos dessa escola parecem ler menos jornais que os das outras. Talvez isso se deva à classe social dos estudantes dessa escola, que é localizada na periferia de Santa Maria. Essa distinção corrobora a indicação quantitativa do menor número de leitores de livro, se comparada às outras instituições pesquisadas, como já vimos. A instituição federal CTISM, que agrega estudantes de várias classes sociais, também demonstra um número próximo entre leitores e não leitores. Nota-se que a escola Manoel Ribas, instituição estadual situada em região central da cidade, tem uma grande diferença no número de leitores e não leitores de jornal, tendo mais de dois terços dos alunos afirmado ler jornal e menos de um terço respondido como não tendo o hábito de ler. Já a única instituição privada em que o formulário foi aplicado revela seguir a tendência das outras instituições, tendo dois terços dos jovens com hábito de ler jornal e um terço afirmando que não lê.

3.3 DO QUANTITATIVO PARA O QUALITATIVO: MUDANÇA DE PRISMA PARA ESQUADRINHAR O CAMPO

Depois de apresentados os dados quantitativos de nossa pesquisa, passamos à análise das entrevistas em profundidade, buscando compreender o modo como os jovens estudantes de ensino médio se relacionam com as diferentes mídias e o papel da família e escola nesta relação.

Para localizarmos cada jovem com quem fizemos entrevista em profundidade como pertencente a uma classe social específica utilizamos os critérios mencionados anteriormente, membro melhor situado (classificação sócio-ocupacional) e Critério Brasil. Esta categorização foi feita para tornar exequível a tarefa de analisarmos dados trazidos pelos jovens relacionando-os à classe a que pertencem. No entanto, é importante ressaltar que levaremos em conta, ainda, ao longo da análise dos elementos qualitativos, os capitais cultural e social dos jovens estudantes. Assim, atendemos ao anseio em pensarmos nosso problema de pesquisa para além da questão de classe social apenas como um critério de posses de bens materiais ou na definição ocupacional dos indivíduos que sustentam a família (como é pensado no Critério Brasil e na categorização de Quadros e Antunes (2001) que utilizamos na pesquisa quantitativa) para alcançarmos, em alguns momentos em que isso é possível, uma dimensão mais ampla da compreensão de classe social e como esse fator define a relação dos jovens com o mundo.

Há um movimento de reprodução social que faz com que uma determinada família, com um determinado padrão de capitais forme um jovem com o mesmo padrão e assim sucessivamente. Esta é a teoria que nos traz Bourdieu desde *A Reprodução* (1970), obra que escreveu em parceria com Jean Claude Passeron, em que analisavam e criticavam o sistema de ensino francês por ser um reprodutor de desigualdades sociais.

A seguir, apresentamos individualmente cada estudante com que conversamos na entrevista em profundidade. As informações caracterizam o indivíduo e sua classe social, assim como relatam brevemente seu contexto familiar e o consumo midiático de modo geral. Particularidades que tenham sido observadas durante a entrevista também constam deste perfil.

3.3.1 Perfil dos estudantes de ensino médio de escola privada

Mariana tem 16 anos e é uma aluna de alto rendimento, pertencente à classe média alta. A jovem é bastante desenvolta, discorre muito sobre cada pergunta e se expressa muito bem. Mora com a mãe, padrasto, um casal de irmãos mais novos. Seu padrasto (que considera como pai, pois não tem contato com o pai biológico) é proprietário de uma empresa de venda e conserto de bicicletas e a mãe cursa o ensino superior em Letras. Em relação à instrução, o padrasto tem o ensino fundamental completo e a mãe o ensino superior em andamento. A jovem tem dois irmãos mais novos que também estudam na escola particular em que conhecemos Mariana. A estudante só tem contato com os avós maternos, que são aposentados. O avô tinha uma fábrica de carrocerias e a avó era comerciária. Quanto ao principal ensinamento em sua educação, a jovem afirma que sempre foi em relação ao conhecimento, ‘sempre, desde pequena’, e também ‘de ter liberdade com responsabilidade’. A jovem afirma que a mãe sempre foi exigente em relação aos estudos e em sua educação preparou a filha para ser independente. Segundo a estudante, a família assiste a Globo reunida e “dá muita confusão quando a gente assiste ao telejornal”, pois a jovem e os pais têm opiniões muito diferentes. Mariana costuma se informar por meio de sites alternativos e os pais “não procuram outros meios para tentar fazer um parâmetro”. A jovem afirma que os pais são de direita e ela de esquerda e a diferença ideológica culmina em discussões, principalmente com o pai. Sua posição de esquerda é fruto, segundo a estudante, das discussões fomentadas pelas aulas de Sociologia. Embora ela creia que o professor tem uma tendência à esquerda, a jovem afirma que nas aulas sempre foram mostrados todos os lados e nunca foi defendida uma só visão pelo docente. A maior parte de seu círculo de amigos, formado pelos colegas de escola, são de esquerda: “a maioria dos meus amigos se mostram de esquerda e debatemos muito sobre isso” (acerca de política).

Mariana é uma jovem que sempre teve, por parte de sua mãe e avós, uma exigência muito grande em relação aos estudos e criou-se consciente de sua obrigação. Ela conta que:

Eles sempre me exigiram muito e, com o tempo, eu fui me exigindo. Essa exigência que eu tenho comigo, vem dos meus pais. Minha mãe não era de não dar bola se eu não fazia os temas, ela sempre se importava, brigava comigo e me exigia isso. Então desde pequena eu sempre aprendi a fazer o certo, tanto que quando eu recebia um bilhete eu chorava, ‘ah, minha mãe vai ficar braba comigo’.

Os avós, com quem a jovem teve muito contato na infância, participaram ativamente de sua educação.

[...] na infância eu fui criada também pelos meus avós, eles sempre me aconselharam a estudar bastante, porque eles dizem que o conhecimento é o que me leva pra frente, é o que me move. Minha mãe nunca foi do tipo, ‘ah, eu quero que tu cresça pra ti casar e ter uma família, ter filho’. Não, ‘eu quero que tu cresça, que tu seja realizada profissionalmente, tu seja feliz com o que tu faz’. Ela sempre leva pro lado profissional.

A mãe atualmente também estuda, cursa graduação em Letras, o que demonstra a busca familiar por um capital cultural maior. Mariana leva o conhecimento a sério e traz isso também para sua vida social, não só os estudos. Busca contrapor os fatos, não crê na primeira versão dos acontecimentos e, mesmo os pais seguindo uma linha ideológica mais à direita, contrapõe os argumentos dos pais, enfrentando-os e tentando fazer com que vejam o mundo por outro prisma. Sobre a assistência familiar a jovem diz que:

Eles (os pais) assistem a Globo, por mais que eu não seja muito a favor disso. E a gente tem opiniões bem diferentes. Dá muita confusão quando a gente assiste ao telejornal, porque eles têm uma opinião e daí eu tento explicar ‘não, não é assim’. Às vezes eu dou uma aula de política ali pra eles e eles ficam... (faz cara de espantada). Às vezes eu me pego sentada com eles no sofá olhando Jornal Nacional, que não é uma coisa que me agrada, mas que eu tô ali com eles, sabe?

Sobre a passividade dos pais em relação ao que assistem na televisão, Mariana se contrapõe e faz uma crítica:

[...] eu procuro me informar não só pelo que a TV nos passa, mas por outros meios de comunicação, outros sites que eu acho que são mais confiáveis e eu tento sempre buscar ‘peraí, tem alguma coisa errada’, daí eu vou atrás, sabe? Eles não, eles ficam com o conhecimento que a TV tá proporcionando, que aquele telejornal tá proporcionando. Eles não procuram outros meios pra tentar fazer um parâmetro. Os dois têm uma opinião muito parecida e eu acabo ... acaba dando um choque.

A família tem Netflix⁶² e a jovem costuma assistir filmes pelo serviço. Também assinam TV a cabo. O pai de Mariana assina o *Diário de Santa Maria*, mas a estudante só lê esporadicamente e afirma que sua temática preferida é política. Em relação ao lazer, a jovem diz que gosta de ler e ver filmes no cinema e pelo Netflix e prefere atividades individuais. Também conta que vai quase todo domingo no shopping da cidade para “passear e comer algo”. Faz parte de um grupo de jovens católicos que se reúnem uma vez por semana, chamada Juventude em Movimento (JEM), e é sócia de um clube campestre na área serrana da cidade, embora não frequente habitualmente, apenas no verão. A última notícia que tivemos de Mariana, antes de finalizar este texto, foi de que ela entrou pelo Enem no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria e também passou no vestibular para Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Franciscano, instituição particular da cidade. Chegou a cursar Jornalismo por algumas semanas e depois decidiu parar e voltar a estudar para cursar Medicina.

Leila é uma jovem tímida, de poucas palavras, e tem 16 anos. Tem médio rendimento na escola e pertence à classe média baixa. Mora com a mãe, o irmão mais novo, que estuda na mesma escola, e a avó materna. Seus pais são separados, mas ela convive com seu pai aos finais de semana e nas férias. Seu pai é sargento do exército e tem ensino médio incompleto. Já a mãe trabalha no comércio e também tem ensino médio incompleto. O irmão estuda na mesma escola particular, no ensino fundamental. A avó materna é aposentada como trabalhadora rural. O principal ensinamento em sua educação, segundo a jovem, foi de ‘de ter amor pelo próximo, fazer o que tu pode fazer pro outro’. Comenta que o pai é bastante exigente e que sempre foi bem informada pelo pai e mãe sobre as profissões e as várias escolhas que a jovem podia fazer. Os pais sempre deram ênfase para a jovem estudar, até porque “eles não tiveram tanto isso”, se referindo à oportunidade de dedicarem-se aos estudos. Leila pensa ser importante se manter informada pois “Se a gente não souber o que tá acontecendo, as informações, a gente não vai ter como discutir sobre isso, não vai ter como saber lidar com a sociedade também”. No entanto, a jovem não tem nenhuma temática específica pela qual se interesse. A estudante costuma assistir telejornal na rede Bandeirantes e na Globo com a vó e a mãe pela noite, demonstrando a ritualidade e a característica de reunir a família que o aparato televisivo proporciona. A vó gosta de assistir a rede Bandeirantes e depois sintoniza na Globo para esperar a novela⁶³. Leila

⁶² Netflix é um serviço de *streaming* de vídeo que pode ser acessado em diversas plataformas, como notebooks, tablets, smartphones e televisão, mediante o pagamento de uma taxa. Não consideramos aqui como um serviço de TV paga.

⁶³ O Jornal da Band começa às 19h20 e o Jornal Nacional começa às 20h30 conforme grade de programação das emissoras (Band: <http://www.band.uol.com.br/tv/programacao.asp> e Globo:

afirma que a família não segue uma linha ideológica, mas comenta quando está passando o telejornal o que acham que o governo está fazendo errado, independente de quem estiver no poder. A família “pensa parecido” e não costuma debater muito sobre os acontecimentos da atualidade. Crê que a televisão “tem parcialidade. “Até por conta disso eu não sou muito da TV. Nem sempre a gente vai ver o que pode realmente ter acontecido”, afirma a estudante. Leila costuma se informar também pelo Facebook, espaço virtual em que há mais pluralidade, segundo ela, e então “Eu sempre vejo os dois lados, são vários tipos (de sites que segue)” embora não lembre a denominação de nenhum deles, além do *Diário de Santa Maria* e do jornal *Zero Hora*. Em casa, a jovem não conta com nenhum serviço de TV por assinatura e nem Netflix. A estudante não costuma ler jornais impressos, tendo acesso apenas pelo Facebook às postagens dos jornais que segue. A família não assina nenhum jornal impresso. As atividades de lazer preferidas de Leila são em contato com a natureza. O pai mora em uma zona rural e a estudante gosta de se divertir com o irmão no açude ou jogando vôlei. Tem preferências por atividades coletivas, não é sócia de nenhum clube e não costuma ir a shopping. Atualmente a jovem está cursando Design no Centro Universitário Franciscano.

Isis tem 16 anos, é estudante de baixo rendimento, um pouco tímida, classe média alta. Mora com a mãe e a irmã mais nova que também estuda na escola particular. Sua mãe é fisioterapeuta com pós-graduação na área e é proprietária de uma empresa (clínica de fisioterapia, na qual tem funcionários). Seus pais são separados e a jovem não tem contato com o pai, só sabendo informar que ele é militar do exército. A avó materna, já falecida, era professora, e a estudante tem uma tia-avó paterna, com quem tem contato, que é professora de filosofia. A mãe a ensinou que “estudar é tudo. Se não estudar, tu não é ninguém”, embora a jovem reconheça que “ela me ensinou, mas eu não faço isso” (ou seja, não se dedica aos estudos). Embora não seja hábito, às vezes a estudante assiste ao Jornal Nacional com a mãe, pela noite. No entanto, Isis costuma ficar se comunicando com amigas pelo celular enquanto está na frente da televisão e só presta atenção em alguma programação quando a mãe chama a atenção da jovem para algo em específico como “ENEM e coisas de política”. A estudante também assiste Cidade Alerta às vezes, quando está sozinha, porque acha ‘engraçado’. A família assina a Net, embora não assistam muitos canais por assinatura. Em relação à linha ideológica, acredita que ela e a mãe são de direita. Afirma que uma amiga explicou o que é ser de direita e esquerda, mas que nunca falou sobre isso com a mãe. Nas redes sociais “eu uso

mais o Facebook só por causa do grupo do colégio, que é da turma que os professores botam slides e tudo, mas eu, por mim, eu não precisava ter”. Não costuma se informar pela rede, utilizando mais como entretenimento e comunicação. A estudante não demonstra ter preocupação em se informar com notícias através dos meios de comunicação. Assiste a telejornais ao mesmo tempo em que conversa com amigas no celular, utiliza Facebook para se comunicar, segue *Youtubers*⁶⁴ que apresentam vídeos de humor, posta fotos no *Snapchat* e rebloga no *Tumblr*. A família possui serviço de *streaming* Netflix por meio do qual a jovem vê séries e filmes. Embora a mãe assine os jornais *Diário de Santa Maria* e *Zero Hora*, a estudante não tem o hábito de ler jornal.

Isis tem na família exemplos de avós que foram professoras e a mãe que tem pós-graduação. Embora não tenha contato com o pai, diz que ele tem ensino superior incompleto, mas sem muita certeza. Questionada sobre como é sua educação familiar a jovem afirma que “Ela (a mãe) só quer que a gente seja alguém, que eu consiga passar na federal, que eu consiga me formar, que eu saia do colégio, que eu não rode, mas ela não dá muita bola pra nota desde que eu consiga passar.” Isis não gosta de estudar e diz que “é tão legal ficar no celular, entendeu? Daí tem que parar, tu tem que ficar longe, tem que focar naquele negócio que é chato (o estudo), que tu não gosta, sendo que o negocinho do teu lado te chamando...?” Afirma que o celular está sempre junto “Se o celular não tá na minha mão parece que falta um negócio em mim.” A jovem pratica a arte marcial Muay Thai há mais de um ano, gosta de atividades coletivas e é sócia de um clube na cidade, embora não frequente muito. Ao fim do ensino médio Isis foi aprovada no vestibular no Centro Universitário Franciscano e cursa Fisioterapia.

Marcelo tem 17 anos, é um aluno de alto rendimento, classe média alta. O jovem é bastante focado, se expressa bem e tem certeza do que quer para o futuro. Os pais são separados e mora com a mãe. O pai tem curso superior⁶⁵ e trabalha como gerente de banco em outra cidade. A mãe é fonoaudióloga e trabalha na área. O jovem não tem irmãos. Marcelo conta que o principal ensinamento em sua educação é o de ter responsabilidade. Em relação aos estudos afirma que a mãe diz que tem que estudar mas ter foco em algo que dê dinheiro. Marcelo tem facilidade no aprendizado e não costuma estudar em casa. A família ‘ouve’ televisão enquanto almoça, às vezes com a avó e a mãe, às vezes só com a mãe, mas não prestam muita atenção. Pela noite janta vendo televisão com a mãe, mas assiste fazendo a refeição ou mexendo no celular. Assinam TV a cabo, mas o jovem não tem tido tempo de assistir. Quando assistia eram

⁶⁴ Indivíduos, geralmente jovens, que produzem vídeos e veiculam pelo canal Youtube.

⁶⁵ O jovem afirma que o pai tem curso superior, mas não sabe especificar qual graduação.

canais como History ou Discovery Channel. Utiliza redes sociais para informação, entretenimento e comunicação. Quando perguntado se costuma seguir sites nas redes sociais afirma que: “Sim, bastante. *Diário de Santa Maria, Zero Hora*, de esportes, *GI*, um monte de site de notícias.” A família assina Netflix e o jovem costuma ver filmes pelo serviço de *streaming*, mas não gosta de séries. Sobre a leitura de jornais, a mãe não assina, mas o padrasto assina e às vezes leva o jornal para a casa de Marcelo e o jovem aproveita para ler o *Diário* e *ZH*. O estudante não se posiciona em uma linha ideológica e afirma que não gosta de consultar sites que sabe que pendem para a esquerda ou direita e sim ‘Eu prefiro ver sempre aquela notícia imparcial do que aquela que ‘ah, tal pessoa fez tal coisa e essa aqui não fez nada’. Quando perguntado se pensa que os sites que segue nas redes sociais são imparciais o jovem afirma que sim.

Marcelo vem de uma família em que pai e mãe têm curso superior, o avô paterno era tenente coronel da Aeronáutica, o avô materno é graduado em Economia e era prefeito de uma cidade próxima a Santa Maria até 2010 e a avó materna é formada em Ciências Contábeis. O jovem cresceu em uma família de capital cultural alto. Não tem irmãos. O avô paterno o ensinou a ler e quando tinha 4 anos já estava alfabetizado. A mãe do jovem o instrui a procurar uma carreira que o recompense financeiramente: “A minha mãe fala pra mim buscar o que dá mais dinheiro ao invés do que eu quiser assim, ela quer mais que eu veja algo que dê dinheiro”. Conta que a mãe dá bastante liberdade ao jovem pois tem confiança nele. Diz que “eu tô sempre fazendo tudo certinho no colégio”, nunca ficou em exame e tem facilidade na assimilação do conteúdo, tendo como média nas disciplinas notas acima de 8⁶⁶ pontos. Ao final do segundo ano do ensino médio prestou vestibular em uma instituição particular de Santa Maria e passou em décimo primeiro lugar para Arquitetura, em primeira chamada. Fez a prova como experiência. Quer mesmo cursar Engenharia Aeroespacial e trabalhar na Nasa. O jovem é ambicioso e acredita em si. O capital cultural e social colabora em seu desempenho e sucesso futuro. O jovem gosta de atividades coletivas, frequenta um clube do qual é sócio, onde costuma ir à academia e à piscina com amigos e jogar futebol. Atualmente Marcelo cursa Engenharia Aeroespacial na Universidade Federal de Santa Maria, como tinha planejado.

Fábio tem 16 anos, é um menino de poucas palavras, tem rendimento médio na escola e pertence à classe média. Mora com os pais e um irmão mais velho, de 26 anos, já formado em Enfermagem e que está na segunda graduação, cursando Medicina. Os pais têm ensino médio

⁶⁶ Em uma escala de 1 a 10.

incompleto e possuem uma pequena empresa familiar de venda e assistência técnica de ar condicionado que não possui funcionários. A avó materna era fazendeira e atualmente está aposentada, o avô paterno tem uma empresa de venda de gás e a avó paterna era enfermeira. O jovem afirma que os pais cobram que estude, no entanto Fábio costuma estudar apenas quando tem prova. Como principal ensinamento familiar, afirma que é o respeito e a educação com os outros. A família não costuma assistir televisão reunida, com exceção de domingo em que o jovem vê *Faustão* e o *Fantástico* com a mãe e aos sábados, quando almoça com os pais, assistem televisão juntos, mas o estudante não costuma comentar sobre nada do que assiste com os familiares, apenas observando. “Eles comentam entre si, eu só observo”. E quando perguntado sobre o que comentam ou quais temas preponderantes, Fábio diz que é sobre qualquer assunto que esteja passando. Esporadicamente, assiste ao *Jornal Nacional*, mas sem muito interesse. No entanto, afirma que a família, tanto pais quanto o irmão, gostam de assistir telejornais.

Há assinatura de TV a cabo em casa, mas o jovem afirma não ter nenhum interesse pela televisão, assistindo filmes e séries no computador por meio do serviço Netflix. Fábio não tem o hábito de ler jornais, embora a família assine o *Diário de Santa Maria* e *Zero Hora*. As redes sociais são usadas para comunicação e entretenimento, mas não para se informar já que não segue nenhum site de notícias. Fábio não se posiciona politicamente e afirma que “eu sou meio leigo nessa questão da política. Eu não gosto de (me) envolver.” Sobre os estudos, Fábio afirma que tem dificuldade de concentrar e que foi diagnosticado com déficit de atenção.

Sobre lazer, Fábio gosta de ir ao clube para “jogar bola”, frequentar a academia e ir na piscina no verão. Participa da Juventude em Movimento (JEM), tem preferência por atividades em grupo e afirma ir ao cinema com frequência. Atualmente Fábio trabalha na empresa da família com os pais em um turno e estuda no outro para ingressar na Universidade e cursar Odontologia.

Rodrigo é um aluno de baixo rendimento, classe média alta, bastante desenvolvido. Mora entre dois apartamentos de um mesmo prédio, um em que moram o padrasto e mãe, e outro em que mora a avó. A mãe é diretora de escola municipal, tem curso superior e está cursando pós-graduação. O padrasto é funcionário aposentado da UFSM, tem curso técnico em edificações, graduação em Geografia e hoje trabalha como projetista autônomo de residências e prédios. O jovem não tem contato com o pai. Em relação aos avós, o estudante tem contato apenas com a vó materna, que é costureira. Rodrigo diz que os pais cobram muito em relação ao estudo,

diariamente. Preparam o filho para a ausência deles e querem que ele seja independente. Como principal ensinamento afirma que é o amor ao próximo.

Eles me passam muito, tipo, como a minha família é evangélica e eu sou evangélico também, a gente prega muito a questão da... do amor ao próximo, sabe? Que tu tá de bem assim, com a vida, se ter Deus no coração, o resto vai, a gente consegue, sabe? Sempre tem um foco na vida profissional (também)...

Assiste a televisão com os pais e a vó pela noite, o RBS Notícias e o Jornal Nacional. Entra em debate principalmente com o padrasto, embora concorde com ele em muitas coisas. Conta que vê televisão quase sempre de modo desinteressado, mexendo no celular. Utiliza a internet para ler notícias, se comunicar e se entreter vendo vídeos divertidos. Segue sites como *GI* e *Diário de Santa Maria*. Afirma que ‘isso das notícias começou há pouco tempo atrás, desde que eu entrei no ensino médio’, demonstrando a mediação escolar no interesse do jovem pela notícia. A família assina dois serviços de TV paga: NET e GVT/Vivo. Não tem Netflix, mas afirma que o pai vai adquirir uma televisão para o quarto do jovem em breve e aí eles vão assinar Netflix. A avó e o pai assinam o *Diário* e *A Razão*⁶⁷, e cada jornal vai para um andar. A família lê bastante jornal e também assiste muita televisão. A mãe e a avó ligam a televisão para ver as novelas a partir das 18h e só desligam por volta da meia-noite. Sobre a assistência à televisão Rodrigo afirma que geralmente está em companhia da avó. Perguntado sobre os comentários familiares durante a assistência ele diz:

Não, ela (avó) não chega a comentar, ela só ‘ah, que barbaridade isso’, mas pouca coisa. Meu pai, a gente costuma às vezes entrar em debate em algumas coisas, principalmente política ultimamente. Eu gosto muito de falar de política. E eu pergunto pra ele, porque meu pai já teve uma relação com a política, daí ele meio que ensina bastante coisa.

O jovem lê jornal só quando tem alguma notícia de interesse, cujos temas predominantes são esporte e política. Afirma que a família já foi ‘mais de esquerda’, que a mãe era do PT e o pai do PDT, mas depois de todos os escândalos não há mais um partido definido e a família critica o que acha que está errado. Comenta que “É meio complicado de decidir um lado, porque... a gente quer o certo, só que geralmente o certo, às vezes, vem de um lado que a gente não apoia. Então eu quero ficar neutro, sabe? Escolher um lado pelo certo. Eu não consigo definir nada de lado.”

⁶⁷ Jornal local que circulou por 158 anos e fechou as portas em fevereiro de 2017.

Rodrigo gosta muito de atividades físicas e afirma frequentar bastante o clube do qual é sócio para praticar esportes e encontrar os amigos. Pratica handebol no colégio e este foi um dos motivos que o fez escolher a escola para cursar o ensino médio, por acreditar que este esporte era forte na instituição. Durante o ensino fundamental o jovem mudou de escola por problemas de saúde relacionados à ansiedade e só resolveu frequentar a escola atual no ensino médio. A mãe, ao conhecer o atual marido, que é evangélico, começou a frequentar a igreja com o filho e hoje todos frequentam o local em família. Na época da entrevista o padrasto do estudante tinha passado por um sério tratamento de saúde e, por isso, a família não estava mais indo à igreja reunida com tanta frequência. Atualmente, Rodrigo cursa Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Franciscano em Santa Maria.

Dos jovens até aqui apresentados podemos fazer uma relação entre o desempenho escolar, o capital cultural e o hábito de se manter informado. Os dois jovens com melhor desempenho, Mariana e Marcelo, costumam se preocupar com o que se passa no mundo, têm o hábito de ler notícias na Internet e seguem muitos sites na rede social Facebook. São estudantes que se expressam muito bem e têm na família uma preocupação clara com que os jovens estudem para que progridam na vida. Marcelo cresceu em uma família com o capital cultural alto, tendo os pais e avós curso superior. O estudante afirma não se posicionar em uma linha ideológica, buscando sites que sejam ‘imparciais’, citando meios hegemônicos de informação. A assistência televisiva recente do jovem foi demarcada pela por canais pagos como History e Discovery Channel, emissoras que tratam de história e descobertas científicas, caracterizadas pelo gênero documentário em suas programações, o que entendemos compor o perfil de alto capital cultural de Marcelo. Atualmente, ele não consegue mais acompanhar os canais por falta de tempo. Mariana, embora não conte com a formação familiar com nível superior, é muito influenciada e incentivada pela mãe a estudar e ser independente. A mãe, com 42 anos, está em busca de qualificação, cursando graduação em Letras. O papel da mãe na vida de Mariana é preponderante em sua fala, sempre ressaltando o alto nível de exigência. Politicamente, Mariana caracteriza-se por ser de esquerda e busca sites alternativos à mídia hegemônica para se manter informada. O fato dos pais manterem os três filhos em escola particular demonstra a preocupação com a qualidade de educação formal dos jovens. Como já mencionado nos perfis traçados, com o fim do ensino médio, os dois jovens foram aprovados para cursar ensino superior em universidades públicas e Mariana também foi aprovada em uma instituição particular.

Os dois jovens com médio desempenho se expressam de modo comedido, com poucas palavras, o que inclusive prejudicou a entrevista e a coleta de dados. Leila afirma ter preocupação em se manter informada, mas não sabe contar ao certo quais sites segue. Afirma conhecer os sites por meio de amigos que compartilham na linha do tempo e, quando a jovem acha interessante, ela passa a seguir também. Este aspecto demonstra o consumo incidental de notícias, que é determinado, neste caso, pelo círculo de amigos na rede social. A estudante também não apresenta postura política clara, afirmando apenas que é importante manter-se informada e avaliar o certo e o errado. Seus pais e avós não têm formação superior, mas a jovem afirma que tem incentivo dos pais a cursar uma graduação e aproveitar a oportunidade que eles não tiveram em sua juventude. Fábio não tem o hábito de se manter informado, não segue sites informativos na web, assiste esporadicamente televisão e afirma ser ‘leigo’ na questão política. O capital cultural familiar não é alto, os pais têm ensino médio incompleto e possuem uma pequena empresa que presta serviços técnicos e vende ar condicionado. O jovem conta com a avó paterna que tem curso superior em Enfermagem. O irmão destaca-se na trajetória familiar por estar cursando a segunda graduação, em Medicina. Há uma diferença saliente entre os jovens com ótimo desempenho e os com médio desempenho no que tange ao capital cultural e consumo de notícias. Os estudantes com ótimas médias na escola são interessados por notícias, seguem sites nas redes sociais e o capital cultural familiar é alto (Marcelo) ou em desenvolvimento (Mariana). Já os estudantes com médio desempenho não são tão interessados em notícias e o capital cultural de ambos, incluindo suas famílias, não é alto.

Os dois jovens com baixo desempenho são provenientes de família com alto capital cultural, mas o baixo desempenho não parece ser consequência direta do capital cultural e sim de questões particulares. Isis tem sua história familiar pontuada por um pai ausente mas que teve muitos conflitos com a mãe e com a jovem. A estudante evita falar sobre isso. Por sua vez, a mãe teve que trabalhar muito para criar as filhas sozinha. Até hoje a mãe passa o dia fora trabalhando, chegando em casa apenas à noite. Embora mãe e avós tenham curso superior e deem valor ao estudo, a jovem compreende a importância que o estudo tem, mas não consegue ser estudiosa, conforme relatou. Mesmo assim, quer ser fisioterapeuta e trabalhar na clínica da família. Não se importa com as notícias, prestando atenção em alguma informação apenas quando está vendo televisão com a mãe, de modo desatento, ‘conversando’ no celular com as amigas, e a mãe chama atenção para alguma notícia que esteja passando. A posição política da estudante e da mãe é mais próxima da direita, conforme Isis.

Já Rodrigo teve, desde criança, problemas com hiperatividade e ansiedade. O jovem se expressa muito bem e conta com uma família de alto capital cultural, com pais com curso superior. Seu pai (padrasto que considera como pai) já foi filiado ao PDT e a mãe era simpatizante do PT. Com os escândalos políticos dos últimos anos a família afastou-se da esquerda e agora tem críticas a todos os partidos, segundo o jovem. Rodrigo afirma não se enquadrar em nenhum posicionamento político, por observar que esquerda e direita têm aspectos positivos e negativos. O estudante se informa de diversos modos, assistindo televisão e seguindo vários sites informativos na Web. É um jovem expansivo, que se expressa muito bem, preocupado em se manter informado, mas que aponta seus problemas de saúde como os responsáveis por não ir tão bem nos estudos.

Apesar das dificuldades escolares, ambos estudam graduação em diferentes cursos de uma instituição particular, como já mencionado.

Embora a maioria dos jovens tenha serviço de TV paga em casa (cinco possuem e um não⁶⁸), ainda há a preponderância da Globo como canal mais assistido. Os jovens não têm, em sua maioria, preocupação em assistirem a telejornais, mas em momentos que estão com a família, especialmente pela noite, assistem porque a televisão está ligada e para acompanhar os familiares. O ritual de ver televisão é um importante aspecto apresentado pelos estudantes, pois embora esteja presente em suas falas uma certa ‘desimportância’ da assistência à televisão, quase todos assistem na hora das refeições e em momentos de reunião familiar na cozinha ou na sala da casa. Então, se formos considerar o tempo que os jovens passam em frente à televisão, mesmo que de modo desinteressado, podemos afirmar que há, sim, um alto consumo de telejornais pelos jovens entrevistados das escolas particulares. O fato da televisão ser um dispositivo cujo conteúdo pode ser consumido em grupo e paralelo a outras atividades, são fatores facilitadores para sua assistência. Há na fala de vários jovens a demarcação de assistirem televisão porque ‘está ligada’ ou para ficar em família, como veremos detalhadamente adiante, ao analisarmos especificamente a assistência televisiva.

⁶⁸ A única jovem que não conta com assinatura de TV paga em casa é filha de pais separados em que a mãe trabalha em uma farmácia como balconista e o pai é sargento do exército. A avó é aposentada e também ajuda em casa.

3.3.2 Perfil dos estudantes de ensino médio de escola pública

Laís tem 17 anos, é uma aluna de alto rendimento, classe média alta, bastante desenvolvida e se expressa muito bem. Mora com os pais e o irmão mais velho. A mãe é enfermeira pós-graduada e atende a domicílio. O pai tem ensino superior incompleto⁶⁹, é aposentado da Corsan, onde atuava na área de cartografia, e hoje trabalha como corretor de imóveis e técnico em edificações, dando consultoria. Como principal ensinamento da família, a jovem afirma que é “Correr atrás do que a gente quer. Sempre buscar mais e mais, e não se contentar com pouco. Sempre querer crescer mais”. A jovem se considera de esquerda e participou da ocupação da escola em 2016, durante a greve dos professores. Já os pais são neutros, não emitem opinião sobre política. O irmão é bem ‘conservador’, segundo a estudante. A família assiste ao *Jornal Nacional* e ao *Fantástico* juntos. A jovem não fica no celular enquanto assiste, pois afirma que “aí eu não consigo. Tem que olhar (concentrada)”. A jovem gosta de assistir ao Globo Repórter e acompanhava séries na Netflix quando tinha tempo. A família assina TV paga⁷⁰ na casa em que permanecem nos finais de semana, mas a jovem não cita nenhum canal de TV por assinatura ao discorrer sobre a assistência televisiva⁷¹. Laís utiliza as redes sociais para se comunicar, entreter e se informar. Segue jornais e sites de curiosidades no Facebook. Diariamente entra no site do *Diário de Santa Maria* para ler as notícias. A família assina quatro jornais: *A Razão*, *Diário de Santa Maria*, *Zero Hora* e *Correio do Povo*. O pai de Laís lê todos os jornais e a mãe apenas o *Diário*. Laís não lê muito o jornal impresso, mas afirma que está sempre se informando pelas redes sociais e pelos sites da Internet, além da assistência televisiva já mencionada.

A jovem participou da ocupação na escola e diz que “eu falo pra minha mãe que a gente estuda e tem que lutar pelas nossas coisas, sabe, por passagem, por condições melhores de estudo, por várias coisas, porque se a gente não lutar, quem que vai lutar?”.

Laís faz parte do Levante Popular⁷² e tem um capital social em que se relaciona com estudantes de graduação. Conta que seu círculo de amizades é construído por indivíduos fora do ambiente escolar: “todos os amigos que eu tenho ou são da UFSM, Unifra ou tão

⁶⁹ O pai de Laís já começou os cursos de Agronomia, Desenho Industrial, Física, Matemática e Ciências Contábeis.

⁷⁰ Consideramos nesta pesquisa TV paga quando referimos a serviços como os concedidos pelas empresas SKY, NET, Claro, Oi e GVT/Vivo em que disponibilizam diversos canais direto na televisão do usuário mediante pagamento mensal.

⁷¹ A jovem, junto com o irmão e os pais, divide-se em dois domicílios: uma casa na região serrana de Santa Maria, Itaara, onde a família passa os finais de semana, e um apartamento no centro da cidade que a família comprou para que os irmãos não precisem ir e vir de Itaara todos os dias. Os pais dividem-se entre as duas residências, pois têm mais flexibilidade de horário.

⁷² O Levante Popular “é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade” segundo dados do site do movimento. Disponível em levantemov.org.br. Acessado em 15 de janeiro de 2017.

trabalhando, tudo em torno de 18 a 25 anos. Não tenho nenhum amigo além dessa idade, mas a maioria assim é tudo mais velho. Não sei, é que eu sempre pensei que o pensamento combinava mais com o meu, sabe, a maturidade”. Inclusive, Laís é bolsista do curso de Psicologia da UFSM, em que participa de um grupo de estudos semanalmente. Como a estudante pretende cursar Psicologia, busca cursos e palestras que tenham a ver com o tema e foi assim que descobriu este grupo de estudos e começou a participar. Seu capital social é formado a partir de seu interesse pela Psicologia e pelos movimentos sociais, pois é nestes ambientes que ela encontra jovens mais velhos e constitui seu círculo de amigos. Laís cresceu em um ambiente de estudos, a mãe é enfermeira pós-graduada, a avó materna enfermeira aposentada, o pai já começou cinco cursos superiores diferentes, mas não concluiu nenhum. O pai conseguiu trabalho por meio de sua capacitação em curso técnico que fez e desenvolveu uma carreira de sucesso, segundo a filha. A educação da estudante foi rígida e há regras claras. Laís conta que há uma presença muito forte dos pais em sua vida:

Eles (os pais) não gostam muito que a gente fique ‘solto’, com as palavras deles, sabe? Tipo, porque eles acham que a família tem que tá ali sempre e é um alicerce, sabe? No momento que tu perder aquilo, tu te perde. Eles consideram isso bem importante, então eles não gostam que a gente fique longe deles.

A jovem aprendeu com os pais que o mundo é exigente “Eles sempre falam pra eu batalhar pelo o que eu quero, não desistir, sabe, sempre falam isso. E que é pra eu dar o meu melhor, porque o mundo é dos melhores e eu tenho que ser a melhor”. Laís diz que o pai não gosta muito que ela participe do Levante Popular, mas não proíbe. Já a mãe de Laís também participou durante sua juventude de mobilizações estudantis. Os estudos de ensino fundamental da jovem foram feitos em escola particular do terceiro ano até o oitavo ano. Laís decidiu por ir cursar o ensino médio em escola pública para poder tentar vaga na Universidade pelas cotas. Como sua atividade de lazer favorita, a jovem conta que gosta de pintar quadros e tem preferência por atividades individuais. Conta que “eu sou muito perfeccionista e eu sei que se eu fizer tem que ser do meu jeito e vai dar certo”. É sócia de um clube na cidade, mas diz não ter tempo de ir. Laís está atualmente cursando Letras na UFSM e afirma que pretende fazer Psicologia como segunda faculdade, quando já estiver trabalhando como professora. Continua atuando como bolsista no curso de Psicologia.

Isabel tem 17 anos, é uma aluna de médio rendimento, classe média baixa, se expressa com naturalidade, sem muitas dificuldades. A jovem mora com os pais e a irmã mais nova, que tem 12 anos e cursa o ensino fundamental também em uma escola pública. O pai é vigilante e a mãe está desempregada, mas já trabalhou como auxiliar de cozinha. Os pais possuem ensino médio completo. Como principal ensinamento os pais instruem Isabel a ser “Uma pessoa humilde e trabalhadora. Que nunca é pra eu desistir daquilo que eu sonho, sabe, daquilo que eu quero alcançar”. Os pais costumam aconselhar Isabel a estudar para ter uma profissão que seja fruto dos estudos. Mas o nível exigido pelos pais é divergente, pois “A minha mãe diz assim até que se eu fizer um curso técnico, me especializar numa área, pra ela tá bom, sabe, mas meu pai não. Meu pai acha que tem que fazer uma faculdade pra ter um futuro garantido, sabe?”

A família de Isabel faz parte do segmento trabalhador da sociedade que não possui formação superior. Suas avós eram donas de casa e já faleceram. Não sabe contar sobre o avô paterno, que não conheceu. O avô materno trabalhava em obras. O próprio incentivo para seguir nos estudos vem de modo diferenciado pelo pai e pela mãe, como mencionado acima. Um aconselhando a seguir o curso superior e o outro considerando que se a filha fizer um curso técnico já é de grande valia para seu futuro.

Isabel participou poucas vezes da ocupação que houve na escola, pois afirma que mora longe e que ficava caro ir e vir todos os dias de ônibus. Mas comenta que “Eu acho bem interessante, porque eles limpavam o colégio, fizeram várias atividades aqui dentro, sabe, artística, essas coisas, desenhavam”. A jovem também observou conquistas maiores como “A gente conseguiu as verbas, porque ‘tava’ atrasada a verba pra o colégio, daí ‘tava’ faltando dinheiro pra merenda, pra higiene, pra limpeza da escola e daí a gente conseguiu isso. Daí o governo liberou essa verba”. Em momentos diferentes da entrevista a jovem oscilou entre a primeira e a terceira pessoa do plural para se referir aos estudantes que fizeram parte do movimento, demonstrando sua participação, mas de modo não tão engajado como Laís, por exemplo.

Costuma assistir o *Bom Dia Brasil* pela manhã, enquanto toma café da manhã com a mãe, antes de ir para a escola. Na época da entrevista a jovem fazia cursinho pela noite e por isso afirmava não assistir televisão neste turno. Mas antes de frequentar o cursinho assistia ao Jornal Nacional com a família, enquanto jantavam. Segundo a estudante, o pai sempre comenta mais sobre as notícias e a mãe não expõe sua opinião. Há um pouco de conflito de opiniões quando comentam as notícias, pois “às vezes o meu pai não entende, sabe. Eu acho que ele é

mais de direita e eu sou mais de esquerda, daí as ideias não se batem, sabe. Ele tem umas opiniões que eu não concordo”. A família conta com TV por assinatura e a jovem afirma assistir Telecine e Fox para ver filmes, além da Globo para os telejornais e a novela, que ela assistia quando não fazia cursinho. No entanto, assiste telejornais durante as refeições e ao mesmo tempo em que mexe no celular, às vezes. A família não assina nenhum jornal. Isabel segue o *Diário de Santa Maria*, *A Razão* e o *GI* no Facebook, mas só lê as manchetes. Utiliza as redes sociais para comunicação, entretenimento e informação. A família não assina Netflix.

Como atividades de lazer diz que gosta muito de viajar com o namorado para a zona rural onde ele tem parentes. Ela gosta de atividades coletivas e em alguns domingos costuma ir para a Universidade Federal de Santa Maria tomar chimarrão e conversar com os amigos. Atualmente, Isabel terminou o ensino médio e está fazendo cursinho para entrar na Universidade, onde pretende cursar Enfermagem.

Ana tem 17 anos, é uma aluna de baixo rendimento, classe média baixa e se expressa bem. Mora com os pais e a irmã mais nova. A mãe de Ana é Técnica em Enfermagem, mas atualmente trabalha como secretária. O pai finalizou o ensino médio e é funcionário em uma empresa de bebidas. Os avós paternos moram ao lado de sua casa, a avó é dona de casa e o avô se aposentou como funcionário da Coca-Cola, empresa que seu filho, pai de Ana, trabalha hoje. Os avós maternos são falecidos. Como principal ensinamento dos pais a jovem afirma que é ‘não desistir’. “Os dois falam isso, então isso é um lema que eles me passam bastante”, conta a estudante. Ana não tem o hábito de ver televisão em família, nem na hora das refeições.

Os aparelhos de televisão ficam no quarto dos pais e no quarto que Ana divide com a irmã de 13 anos. A jovem é a única entrevistada cuja família não conta com aparelho televisivo na sala ou cozinha e, por isso, a assistência não é compartilhada. Nas raras vezes em que já assistiu televisão com a família, a estudante conta que não lembra de comentários dos pais. No entanto, afirma que eles se informam e que a partir de alguns comentários de seus pais, não necessariamente durante a assistência à televisão, faz com que ela os classifique como tendo uma linha ideológica nem a direita, nem a esquerda, mas centro. Já a jovem não se posiciona e afirma que não vê necessidade nisso e o tema não lhe interessa. A família assina Netflix e a jovem costuma ver muitos filmes pelo serviço, “por semana eu assisto uns 15 filmes”, afirma Ana. A jovem também conta com TV por assinatura em casa e afirma que “não assisto novela, não assisto Globo, eu só assisto TV a cabo. Por que? Porque passa filme, aí eu assisto filme e às vezes assisto... série, eu gosto muito de série. Mas só essas duas coisas eu assisto”. No

entanto, no decorrer da entrevista a jovem comenta que assiste desenhos e musicais na MTV. A família não assina nenhum jornal, mas a jovem lê o horóscopo no jornal impresso quando vai na avó, que mora ao lado de sua casa. Não segue nenhum site informativo nas redes sociais. Gosta de ler na internet notícias sobre animais, curiosidades e “textos de amor”. Utiliza as redes sociais para comunicação e entretenimento. Ana não participou da ocupação da escola, mas vê pontos positivos e negativos no movimento. Por ser a irmã mais velha, a estudante conta que tem uma rotina bastante atribulada, pois faz todo serviço da casa, incluindo o almoço e a janta, cuida da irmã, estuda e frequenta aulas de inglês e de dança, ambas duas vezes na semana. Seus pais passam o dia fora de casa trabalhando. Ana gostaria de fazer curso superior de Dança, mas os pais não apoiam pois preferem que a filha faça um curso que tenha melhores chances de retorno financeiro: “eles não querem que eu faça dança e dança é uma paixão que eu tenho. É isso que eu tenho medo, de fazer uma faculdade por aí e não ser tudo aquilo que eu queira mesmo”.

Durante a semana é difícil ter muito tempo com a família: “De noite os meus pais chegam, os dois, a comida já tá pronta, porque eu já fiz e aí a minha irmã tá no quarto, eu chamo eles pra comer e a gente senta e come... o dia começa bem corrido e meus pais trabalham o dia inteiro fora, aí é a janta assim é uma parte que a gente mais conversa e para pra conversar ali”. A assistência televisiva ocorre depois da refeição, cada um em seu quarto. “Na cozinha a gente só faz ali a comida, almoça e janta, e depois a gente vai pra TV.”

Quando perguntada sobre sua atividade de lazer preferida, Ana conta que é se reunir com a família para conversar, contar piadas e que um tio toca violão e anima as reuniões. Comenta que não gosta de ficar sozinha e prefere atividades coletivas. Já participou de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), mas há pouco tempo deixou a atividade. Conta que inclusive seus pais se conheceram em um CTG.

Ana diz que “Minha irmã não faz nada, na verdade. A minha irmã só estuda, porque ela além de ser nova, meus pais tão esperando eu arrumar minha própria vida pra começar a dar as coisas pra ela, porque duas não tem como”, o que ressalta um tempo limitado para a jovem se dedicar somente aos estudos pois os pais têm a irmã mais nova para se preocupar e não podem pagar outras atividades para ela enquanto a irmã mais velha depender financeiramente deles. No último contato que tivemos com Ana, no primeiro semestre de 2017, a jovem contou que está trabalhando como auxiliar de logística em uma grande empresa de bebidas, a mesma em

que o pai trabalha, e pela noite faz cursinho com o objetivo de entrar na Universidade Federal de Santa Maria.

Márcio tem 17 anos, é um aluno de alto rendimento, classe média baixa, que se expressa muito bem e parece ter clareza do que quer para sua vida. Mora com a mãe que trabalha como técnica em enfermagem e atende a domicílio. Os pais são separados e o jovem não tem contato com o pai há algum tempo. Conta que o pai trabalhou como ferroviário e tem ensino médio completo, mas não sabe informar sobre a ocupação do pai atualmente. Como principal ensinamento que a família lhe passou, Márcio afirma que foi em relação ao respeito e o valor da família, que é unida e muito importante para o jovem. A família não assina jornais, mas o estudante procura se manter informado pelos sites UOL ou Terra. Não segue nenhum site informativo nas redes sociais mas gosta de curiosidades como *Super Tela* e *Fatos Interessantes*. Às vezes Márcio assiste ao Jornal Hoje enquanto almoça. Também assiste ao RBS Notícias e ao Jornal Nacional com a mãe pela noite. O estudante afirma que ele e a mãe pensam parecido e seus comentários sobre as notícias são semelhantes. Não se caracteriza por ser de direita ou esquerda, pois pensa que ambos os lados têm aspectos bons e ruins. O jovem utiliza as redes sociais para estudar, se comunicar e se manter informado. Quando perguntado sobre como o jovem se informa sobre as notícias diárias ele afirma que “Pela televisão e quando o assunto é muito latente muita gente curte. Por exemplo, muita gente segue essas páginas, daí curte e são meus amigos, eu vejo, aí eu pesquiso, aí eu entro.” A família conta com Netflix para assistir seriados e filmes. O jovem também vê SBT e Band para ver programas de entretenimento como *Master Chef*⁷³ e *X Factor*⁷⁴. A família não assina nenhum tipo de TV paga. O jovem não participou das ocupações e acha que teve pontos positivos e negativos em relação ao movimento.

Márcio é um estudante que trabalhou como jovem aprendiz⁷⁵ quando estava no segundo ano do ensino médio. Sua mãe formou-se como Técnica em Enfermagem (análogo ao ensino médio) e sustenta a casa sozinha como cuidadora de idosos a domicílio. Sua irmã trabalha no comércio e tem ensino médio completo, mas quer fazer um curso técnico para se especializar em algo. O entorno familiar de Márcio é de união e apoio. Quando se refere à relação com a mãe afirma que “a gente tem uma união bacana assim, de conversar sempre que a minha mãe

⁷³ Reality show de culinária transmitido pela Bandeirantes.

⁷⁴ Reality show transmitido pela Bandeirantes.

⁷⁵ Jovem Aprendiz é um programa do governo federal no qual jovens entre 14 e 24 anos, que já concluíram ou estejam matriculados no ensino médio, que visa capacitar o indivíduo para o mercado de trabalho. A proposta tem ênfase em atender jovens em situação de vulnerabilidade social, regularmente matriculados ou concluintes da rede pública de ensino. *Não seria ensino médio?*

chega do trabalho. Volta e daí descansa um pouco, e daí eu vou ali conversar com ela, então a gente sempre conversou”. O jovem tem uma irmã mais velha que tem ensino médio completo e trabalha no comércio. Embora a irmã seja casada e não more mais com Márcio e a mãe, o contato do jovem com a irmã é muito próximo. Por vezes Márcio viaja com a irmã nas férias e a presença da jovem é constante na casa do estudante. Márcio valoriza a união da família ao dizer que:

[...] se tu tem uma família que é ruim, por exemplo, sem o teu pai ou a tua mãe, ou tu não tem uma base, tu tem que se virar por ti. Mas falando de mim especificamente, eu acho que é muito importante, porque a minha família é bem unida, a minha parte de mãe, sabe, meus tios e tudo.

O jovem reconhece o amparo familiar pois “é uma família bem unida, sabe, e nos aniversários, Natal a gente tenta passar junto e meu pai nunca foi presente, mas meus tios sempre ‘tiveram’ comigo, então conversa, dá conselho. Então eu posso dizer que meu amparo familiar é bom, tem uma base bem legal.”

Márcio é um jovem que, por ser de classe popular, assim como a maioria dos outros jovens entrevistados da escola pública, tem uma moratória social menor do que os estudantes de classe média alta da rede particular, por exemplo. Conta que trabalhou como jovem aprendiz e, perguntado sobre o motivo, diz que “eu resolvi trabalhar pela experiência e também pelo dinheiro, mas não só pelo um ou só pelo outro, porque eu ganhei como aprendiz, mas eu ocupava quatro horas do meu tempo.” O trabalho, que ocupou boa parte de 2015, em que o jovem cursava o segundo ano, colaborou para que as notas não fossem tão boas em sala de aula. “Eu acho que no início foi um pouco diferente assim, porque eu chegava na aula cansado e, como o tempo de adaptação é um pouco complicado, às vezes eu ia estudar pra prova, eu estudava muito pouco, porque eu chegava tarde”. No entanto, com o tempo o jovem se adaptou. Conta que

[...] foi, digamos, que o ano mais puxado pra mim, mas foi um ano bem produtivo também. Foi um dos anos que eu mais produzi assim tanto na questão intelectual quanto pessoal. E foi bem bom, foi bem interessante vivenciar aquilo tudo e aí eu consegui também terminar ele com êxito e passar.

Parou de trabalhar porque acabou o contrato, mas ao final do ensino médio diz que “A minha primeira opção no ENEM eu vou colocar como Odontologia, Administração ou Direito”. Em paralelo “eu pretendo ver se eu passo na NPOR e (quero) continuar estudando, não quero parar de estudar, quero fazer um curso superior e me estabelecer numa boa profissão assim.”

Márcio foi criado só pela mãe e a irmã, que tem diferença de idade de 10 anos a mais, também fez parte de sua educação. O jovem é muito claro em relação aos ensinamentos familiares:

Eu fui criado pela minha mãe e ela sempre foi bem clara comigo que eu teria que ter responsabilidades, respeitar os outros, mas nunca deixar de dar o meu valor, o meu respeito, de impor o que eu acho. E sempre fazer pelo certo que eu ia ter recompensas boas, mas que também eu teria obrigação de fazer o certo pra mim, não só pela recompensa. Isso é bom, porque não criou alguém que faça só pra receber.

Márcio denota ter valores firmes e claros, além de uma relação bem próxima com a mãe e demais familiares maternos, que o incentivam a estudar apesar do capital cultural baixo. Sobre o futuro profissional ele conta que mãe e irmã aconselham a “Me empenhar pra sempre ser o melhor no que eu quiser e sempre fazer as coisas com tranquilidade, com calma e se não der hoje certo, amanhã vai dar, elas dizem”. O estudante afirma que escolheu ir para o Maria Rocha cursar o ensino médio porque considerava uma escola pública de qualidade. Márcio é um jovem que gosta de atividades de lazer individuais, como correr e ir na academia. Atualmente Márcio está servindo ao Exército e fazendo cursinho para ingressar como efetivo nas Forças Armadas por meio da seleção para a Escola de Sargento das Armas (EsSA).

Pedro tem 17 anos, é um aluno de médio rendimento, classe média baixa, com boa expressão oral. Mora com os pais, a irmã gêmea e a avó materna. O pai estudou até o primeiro ano do ensino médio e trabalha na construção civil e em reformas de casa. A mãe completou o ensino fundamental e cuida de idosos em residências. Como principal ensinamento familiar o jovem afirma que é o respeito. “Sempre cresci no meio que sempre tinha todo o tipo de pessoas assim, daí sempre fui ensinado: ‘Ah, respeita a pessoa mesmo assim’, por isso que tenho mais ou menos essa ideia na cabeça de respeitar o outro independente de como é”. O estudante conta que a educação que tem é bem rigorosa, com atenção aos estudos e ao comportamento. De todos os entrevistados, Pedro foi o que mais participou da ocupação da escola e defendeu as reivindicações. Afirma: “Participei dos 33 dias e eu vi isso como algo extremamente revolucionário”. Pedro também participou do projeto Amigos da Biblioteca, na escola, até o começo de 2016, quando a bibliotecária, responsável pela proposta, foi transferida e o projeto não continuou. O estudante também participava, na época da entrevista, da Rádio Escola, projeto desenvolvido por uma professora supervisora e um grupo de estudantes. Embora o capital cultural seja baixo, Pedro se destaca do grupo entrevistado por seu interesse e participação política. Conta que não há ninguém na família como ele, mas o jovem acredita que

essa vontade de participar de projetos e ‘tomar frente às coisas’ vem de sua leitura de livros. Quando estava no ensino fundamental o estudante era bastante tímido e chamava sua atenção a leitura de personagens fortes e lutadores de causas sociais. Mas conta que foi no ensino médio, com sua entrada no grupo da Biblioteca, que começou a ler mais e se interessar por questões sociais. A vivência escolar aumentou seu gosto pela leitura, e o círculo de colegas e amigos que fez na escola despertou no jovem a preocupação com mobilizações sociais, encontrando eco no que começou na infância, provocado pela leitura de alguns livros. O estudante encontrou respaldo e incentivo para seguir o caminho das Ciências Sociais no capital social formado durante o ensino médio, tendo a chance de participar do movimento de ocupação da escola e se “descobrir” um jovem de esquerda. Mas afirma que foi só no terceiro ano do ensino médio que ele pode se identificar claramente com essa posição política. Antes disso, não se reconhecia como tal.

A família assiste ao Jornal Nacional e a novela das 21h na Globo, mas o jovem só vê o Jornal quando alguma coisa lhe chama a atenção. Pedro também costuma assistir o RBS Notícias com a mãe. No entanto, a assistência aos telejornais se dá enquanto o estudante também acessa o celular. Não assinam Netflix, mas o jovem assiste séries em sites online. Ele conta que, quando a novela termina e a televisão fica ‘liberada’, ele e a irmã assistem musicais na MTV. A família tem TV a cabo e Pedro gosta de assistir séries na Warner Channel. Raramente o jovem lê algum jornal, a família não assina, mas às vezes Pedro compra um jornal no mercado quando vê algo que interesse. O estudante segue o *Diário* e o G1 no Facebook e também se informa por meio das páginas que os amigos compartilham. Pedro conta que ele e a irmã são de esquerda e participaram do movimento (ocupações na escola) juntos, mas que os pais e a vó são ‘mais de direita’. O jovem utiliza as redes sociais para se comunicar, se entreter e se informar. Pedro tem vários amigos que cursam Ciências Sociais, graduação que pretende fazer. Conta que sua principal atividade de lazer é se reunir com amigos da escola para ouvir música e conversar. Concluído na finalização do texto da tese, o jovem contou que ingressou na UFSM e está cursando Ciências Sociais, como queria.

Mateus tem 18 anos, é um aluno de baixo rendimento, classe média, que demonstrou bastante interesse em participar da pesquisa e se expressa bem. Mora com os pais e a irmã mais nova. A mãe tem curso superior em Farmácia, mas trabalha fora de sua área cuidando de idosos. O pai tem ensino médio incompleto e é policial militar, era primeiro sargento e se aposentou como tenente. Embora o pai não tenha formação superior, Mateus diz que “O meu pai não

terminou o ensino médio, não tem uma formação, mas meu pai estuda muito, sabe, ele gosta muito de estudar por si, sabe, então a gente conversa muitas coisas”. O jovem revela em muitos trechos de sua fala a admiração que tem pelo pai e como seu modo de ser e sua opinião interferem na vida do estudante. Como principal ensinamento “Eles sempre me disseram pra seguir as regras, pra ser uma boa pessoa, uma pessoa que tem uma ética grande, sabe, seguindo as leis e também o estudo da escola. Eu, sinceramente, não tenho sido muito fiel a isso na escola, mas agora eu melhorei, sabe? No primeiro trimestre eu não ‘tava’ muito bem, agora eu melhorei bastante”.

O jovem não tem o hábito de assistir muita televisão. Conta que a família costuma ver televisão junto aos finais de semana, quando tem tempo. Em relação a telejornais, se a família está assistindo, o estudante olha aquilo que lhe chama a atenção. Nas férias o estudante assiste bastante TV, e sua preferência é por séries e filmes. A família conta com Netflix e TV a cabo, mas atualmente João tem baixado séries por meio da internet e assiste, especialmente, desenhos animados japoneses, chamados Animês. O estudante também assiste muitos vídeos pelo Youtube, sobre jogos, cultura nerd e tecnologia. A família não assina nenhum jornal e o jovem se mantém informado, principalmente, pela rede. Na internet o jovem acompanha o G1, também para ver a veracidade das informações que circulam no Facebook: “Geralmente eu olho muito notícia assim... pelo Facebook, mas eu vou atrás, porque 80% do que tem no Facebook é mentira, sabe. Então eu vou muito atrás de informações pra ver se é verídico mesmo”. O jovem não participou das ocupações, mas foi até a escola para ver. “Aqui as pessoas vieram porque uns vieram, daí era amiguinho e veio junto, sabe? Então eu não acho que foi por luta mesmo e sim pra mostrar que tá aqui, pra se aparecer mesmo, entendeu?”. Mateus pensa que a família tem uma linha política parecida entre si e que é mais de direita. Comenta que “Outro dia a gente olhando o debate, eu convidei ele (o pai) pra assistir no Youtube o debate da Hillary e do Trump, a gente assistiu e discutiu sobre aquilo”. O estudante respeita muito a opinião do pai e o ouve sempre para tomar decisões. Inclusive sobre seu futuro profissional diz que

Meus pais sempre me deram uma grande liberdade de escolha pra o que eu quero seguir, sabe, se eu quero trabalhar, se eu quero fazer faculdade, mas eles me colocaram num caminho, sabe...meu pai sempre me disse pra mim fazer uma escolha pro meu futuro e isso me levou a querer fazer uma faculdade... Agora vou fazer minha faculdade ano que vem, então meu pai me instruiu a fazer isso e vou fazer licenciatura em matemática e... acho que grande parte da família que me influenciou a fazer essa escolha.

O jovem conta que prefere atividades de lazer individuais, mas é sócio de um clube na cidade e costuma frequentar academia e a piscina, pois gosta muito de nadar. No verão tem o

hábito de ir à sede campestre aproveitar o espaço verde do clube e as piscinas. Embora João tenha sido indicado pela escola como um jovem de baixo rendimento, ele conta que gosta de fazer trabalhos sozinho e, mesmo quando está em grupo, propõe que ele faça o trabalho e coloque o nome dos colegas, pois se sente mais seguro de que o trabalho vai dar certo assim. O baixo rendimento do estudante parece ter sido vinculado a problemas emocionais e à falta de tempo para estudar, visto que ele trabalhou durante os primeiros três anos de ensino médio. No ensino fundamental o jovem era bastante quieto e se isolava dos demais colegas: “eu tirava altas notas e nunca gostei muito de me comunicar com as pessoas, tanto é que o primeiro amigo que eu tive foi na oitava série”. Já no ensino médio houve mudança de escola e João conta ter feito vários amigos na nova instituição. Foi no primeiro ano do ensino médio que João resolveu procurar uma vaga como Jovem Aprendiz, na qual trabalhou durante três anos. No terceiro ano o estudante teve problemas de relacionamento com uma namorada e conta que fez ‘muitas coisas erradas’, brigava com os pais e não estudava. Por isso, reprovou na escola. Na época da entrevista, João estava repetindo o terceiro ano e afirmou que os problemas faziam parte do passado e que, embora geralmente não fosse bem no primeiro trimestre na escola, a tendência era melhorar pois ele estava se dedicando. A família é evangélica, mas o jovem não costuma ir com muita frequência à igreja. O estudante conta que gosta de jogar xadrez e que pratica na escola, substituindo as aulas de Educação Física. Também toca clarinete, flauta e trompete, que aprendeu quando era criança em aulas na igreja. Atualmente Mateus cumpre um ano de serviço obrigatório no Exército e cursa Matemática na UFSM.

A maioria dos jovens da escola pública tem serviço de TV paga em casa (Ana, Isabel, João e Pedro possuem e Márcio e Laís não), assim como os jovens entrevistados da escola privada. Mesmo assim, também há a preponderância da Globo como canal mais assistido. De modo geral, os jovens não ligam o aparelho televisivo para assistir o telejornal, mas assistem com a família pois a televisão é ligada nos horários de algumas refeições, especialmente pela noite. A ritualidade é demarcada, do mesmo modo que com os jovens da escola particular, pela assistência familiar da televisão. Os estudantes não têm contato com jornal impresso, em sua maioria, mas seguem páginas de jornais pelo Facebook. Sobre as redes sociais, o acesso se dá para comunicação e também para manterem-se informados. Quando não seguem páginas de sites informativos, os jovens costumam ler as notícias que seus amigos compartilham. De modo geral, o consumo midiático é semelhante entre os alunos de escola privada e pública de nossa amostra, com alguns casos de diferenciação que serão detalhados posteriormente, quando vamos analisar o consumo midiático de modo mais específico.

Um aspecto surgiu nas informações como diferencial entre os jovens da escola pública e os jovens da escola privada: dois jovens da escola pública, ambos do sexo masculino, Márcio e Mateus, trabalharam por meio do projeto Jovem Aprendiz durante o ensino médio. Este aspecto diferencia-se dos jovens de escola particular, em que nenhum estudante mencionou já ter trabalhado. O impacto da classe social na vida dos jovens nos remete a uma maior necessidade de exercer atividade que renda financeiramente, dificultando assim a dedicação integral aos estudos. Os dois jovens comentaram sobre o quanto o trabalho foi gratificante, mas que, no entanto, diminuía o tempo disponível para estudar. Mateus, um dos jovens, falou espontaneamente sobre a utilização que fez do dinheiro de seu trabalho para assinar Netflix e comprar seu computador pessoal. Sobre a necessidade de trabalhar, comentou sobre a experiência do pai: “o meu pai quando tinha minha idade, ele saiu da escola pra ajudar em casa, sabe, e tinha 16, 17 anos, 18. Ele parou de estudar pra ajudar os pais em casa”. Mas pensa que agora há mais chances de estudar e os jovens não reprovam como no tempo de seu pai pois está mais fácil, “a escola aqui só não passa quem não quer mesmo, sabe, porque... por exemplo, assim... a gente tem avaliação, certo, depois se a gente não passa tem o PPDA que seria uma recuperação, daí se não passa tem outra depois, daí se não passar nos dois daí fica pra trás”. E opina dizendo que essa facilidade é ruim pois “isso deixa muito preguiçoso as pessoas, sabe, de certa forma, porque.... ‘ah, eu não vou estudar, vou fazer a prova depois e estudo antes da prova’, entendeu, e as pessoas não vão querer fazer nada na aula e depois vão passar na prova”. O estudante utiliza seu próprio exemplo: “eu rodei ano passado, porque eu não quis fazer as recuperações, sabe, eu não sei explicar até hoje o porquê eu fiz aquilo”. E afirma que “ano passado eu tive colegas que não fizeram nada o ano inteiro e chegaram no final do ano e fizeram a prova e passaram, sabe, daí tipo, então isso é muito injusto de certa forma pra quem estuda e pra quem não estuda”, pois quase todos os alunos são aprovados, não importando o quanto se estude.

Já Márcio comenta que o trabalho de um ano fez com que ele amadurecesse bastante e que “resolvi trabalhar pela experiência e também pelo dinheiro, mas não só pelo um ou só pelo outro, porque eu ganhei como aprendiz, mas eu ocupava 4 horas (diárias, cinco dias da semana) do meu tempo”. Seu retorno financeiro era menos de um salário mínimo regional, mas foi importante, não comentando sobre no que utilizava seu dinheiro.

3.3.3. Os jovens entrevistados e a classe social a que pertencem: parâmetros para análise

Até aqui traçamos um perfil de cada entrevistado, considerando seu desempenho, a escola em que estuda e sua classe social, que é determinada nesta tese pelo membro melhor situado na família (capital econômico) e uma análise do capital cultural e social familiar. Já observamos, embora sem grande detalhamento, que o capital econômico, cultural e social interferem no desempenho escolar e no consumo de notícias. Um aspecto que surgiu durante as entrevistas foi relacionado a problemas familiares e de saúde que afetam os jovens, mas estes fatores fazem parte de categorias que não nos cabe analisar aqui.

A seguir trazemos uma tabela que relaciona a classe social a que cada jovem pertence à rede escolar em que estuda e a sinalização sobre o desempenho de cada um. Salientamos que o desempenho escolar nos foi aferido pelos professores das escolas, que indicaram tais alunos. Por meio das entrevistas foi possível confirmar o diagnóstico dado aos alunos, por intermédio de suas histórias de vida e pelas próprias autopercepções.

Quadro 3 - Classificação por classe e rede escolar de cada jovem entrevistado

Classe	Escola Particular	Escola Pública
Média Alta	Mariana – alto desempenho Isis – baixo desempenho Rodrigo – baixo desempenho Marcelo – alto desempenho	Laís – alto desempenho
Média	Fábio – médio desempenho	Mateus – baixo desempenho
Média Baixa	Leila – médio desempenho	Isabel – médio desempenho Ana – baixo desempenho Márcio – alto desempenho Pedro – médio desempenho

Fonte: pesquisa própria

A partir do quadro podemos observar que mais da metade dos estudantes da escola particular pertencem à classe média alta. Já os jovens que estudam na rede pública pertencem, em sua maioria, à classe média baixa.

Laís é a única estudante de escola pública pertencente à classe média alta e tem ótimo desempenho nos estudos. Mateus é o único jovem que estuda em escola pública, pertence à classe média e tem baixo desempenho. Fábio é o único jovem que estuda em escola privada,

pertence à classe média e tem médio desempenho. Os outros quatro jovens que estudam em escolas estaduais pertencem à classe média baixa, dois com desempenho médio, um baixo e um alto.

Laís e Márcio, pertencentes à escola pública, assim como Mariana e Marcelo, pertencentes à escola privada, têm ótimas notas, acima da média, segundo eles próprios dizem.

Já Leila e Fábio, estudantes da escola privada, assim como Pedro e Isabel, estudantes da escola pública, afirmam reconhecerem-se como alunos médios, que nunca correram o risco de reprovação.

O mesmo não ocorre com Rodrigo e Isis, alunos da rede privada e Ana e Mateus, alunos da rede pública. Mateus e Rodrigo inclusive já reprovaram. Mateus no segundo ano do ensino médio e Rodrigo no ensino fundamental. No entanto, Mateus e Rodrigo atribuem as reprovações a problemas de ordem psicológica. Mateus esteve deprimido e Rodrigo tem problemas com ansiedade e trata até a atualidade o déficit de atenção. Isis afirma que não gosta de estudar e que sempre fica em recuperação, desde o quinto ano do ensino fundamental. A jovem justifica seu mau desempenho também ao fato de não saber estudar: “O meu problema é que eu não sei estudar, não é que eu não goste, é que eu realmente não sei estudar. Não sei pegar e estudar. Eu decoro”. Ana afirma que “Eu pego recuperação normalmente no primeiro trimestre, depois eu não pego mais, porque eu começo a ver o que eu errei e começo a correr atrás”. Mas quando perguntada se gosta da escola ela conta que “Eu gosto de folia na escola”, referindo-se às amizades que faz. Mas complementa: “Eu gosto de folia, mas eu gosto de aprender ao mesmo tempo. Sou uma pessoa muito curiosa e eu gosto de tá aprendendo toda hora. E o que eu não gosto... é de uma aula repetida. Eu não gosto de uma aula assim sem graça”.

3.3.4. Inferências sobre o capital cultural por meio da formação e ocupação dos pais

Se relacionarmos os jovens e seus desempenhos com as formações dos pais, temos que: nos quatro alunos de melhor desempenho, três deles possuem pais (pai ou mãe, ou os dois) com curso superior concluído ou em andamento (Mariana, Marcelo e Laís); nos quatro jovens com desempenho médio, temos todos os pais com ensino médio completo ou incompleto, e apenas uma mãe com apenas ensino fundamental completo; nos quatro jovens com desempenho fraco, três famílias têm pelo menos um dos pais com curso superior completo e apenas uma aluna com pais com ensino médio completo (Isabel). Assim, em nossa mostra, não podemos fazer relação

entre a instrução formal dos pais e o desempenho dos filhos. No entanto, uma observação que consideramos relevante e que já foi mencionada refere-se ao fato de que os dois meninos com desempenho baixo, tanto o que estuda na escola privada, quanto o que estuda na escola pública, tiveram problemas psicológicos e foi esse o motivo pelo qual, segundo eles próprios, fez com que já tivessem reprovado de ano (Rodrigo e Mateus). Rodrigo inclusive ainda trata o Déficit de Atenção que o atrapalha nos estudos.

Quadro 4 - Desempenho Escolar dos Estudante, Formação e Ocupação dos Pais

Estudante	Desempenho	Formação pais	Ocupação pais
Mariana	Ótimo – escola privada	Mãe: ensino superior em andamento Pai: ensino fundamental completo	Mãe: estudante Pai: pequeno empresário / comerciante
Laís	Ótimo – escola pública	Mãe: pós-graduação Pai: ensino superior incompleto	Mãe: enfermeira Pai: consultor e corretor de imóveis
Marcelo	Ótimo – escola privada	Mãe: curso superior Pai: curso superior	Mãe: fonoaudióloga clínica Pai: gerente de banco
Márcio	Ótimo – escola pública	Mãe: ensino médio técnico Pai: não tem contato	Mãe: técnica em enfermagem Pai: não tem contato
Leila	Médio – escola privada	Mãe: ensino médio incompleto Pai: ensino médio incompleto	Mãe: comerciária Pai: sargento do exército
Ana	Médio – escola pública	Mãe: ensino médio técnico Pai: ensino médio completo	Mãe: secretária Pai: funcionário do ramo de bebidas
Fábio	Médio – escola privada	Mãe: ensino médio incompleto Pai: ensino médio incompleto	Mãe: empresária / comerciante Pai: empresário / comerciante
Pedro	Médio – escola pública	Mãe: ensino fundamental completo Pai: ensino médio incompleto	Mãe: cuidadora de idosos Pai: construção civil, mestre de obras
Isis	Baixo – escola privada	Mãe: pós-graduação Pai: não tem contato	Mãe: empresária, possui clínica de fisioterapia
Isabel	Baixo – escola pública	Mãe: ensino médio completo Pai: ensino médio completo	Mãe: auxiliar de cozinha, atualmente desempregada Pai: vigilante
Rodrigo	Baixo – escola privada	Mãe: cursando pós-graduação Padrasto: ensino superior completo	Mãe: diretora de escola municipal Pai: projetista residencial
Mateus	Baixo – escola pública	Mãe: curso superior completo Pai: ensino médio incompleto	Mãe: cuidadora de idosos Pai: policial aposentado

Fonte: pesquisa própria

Já se relacionarmos o desempenho do estudante com a ocupação dos pais teremos um quadro variado. Referente a alunos com ótimo desempenho temos como membro melhor

situado um pai que sustenta a casa como pequeno empresário (Mariana), outro pai que é aposentado de um órgão público (Corsan) e trabalha com consultoria e corretagem de imóveis (Laís), uma família em que a mãe trabalha em uma clínica como fonoaudióloga (Marcelo) e outro jovem em que a mãe trabalha a domicílio como técnica de enfermagem (Márcio). Três dos jovens pertencem à classe média alta e um à classe média baixa.

No que tange aos quatro alunos com médio desempenho, temos famílias pertencentes à classe média baixa e apenas um jovem com família de classe média. Como membro melhor situado temos um casal de pais pequenos empresários (Fábio), pai sargento do exército (Leila), pai funcionário do ramo de bebidas (Ana) e outro pai mestre de obras (Pedro).

Finalizando, no que diz respeito a jovens com baixo desempenho, temos dois jovens pertencentes à classe média alta, um jovem situado em contexto de classe média e uma jovem integrante da classe média baixa. As ocupações de seus pais vão desde uma mãe que sustenta a casa sozinha como proprietária de uma clínica de fisioterapia (Isis), um pai que trabalha como vigilante (Isabel), um pai que é policial militar aposentado (Mateus) e um pai que é projetista residencial e aposentado da UFSM (Rodrigo).

Considerando o total da amostra qualitativa, a maioria das famílias tem no pai ou padrasto o papel de chefe da família no que diz respeito ao sustento do lar (7 famílias, Mariana, Laís, Ana, Pedro, Isabel, Rodrigo e Mateus). Em 3 famílias o sustento depende do casal (Marcelo, Leila, Fábio) e em dois casos as famílias são sustentadas pelas mães sozinhas (Márcio e Isis). Não houve nenhum caso de família composta pelo pai e filhos, sem a mãe estar presente.

3.3.5. Inferências sobre o capital cultural por meio da leitura de livros

Temos até aqui dados sobre o capital econômico da família e informações sobre a formação escolar dos pais que incide sobre o capital cultural dos mesmos. Somando a isso, buscamos averiguar os hábitos de lazer dos jovens na intenção de que estas informações nos dessem mais subsídios sobre a formação do capital cultural e social dos estudantes. Desse modo, visitar parentes, visitar amigos, frequentar bares, clubes e Centros de Tradições Gaúchas, assim como participar de esportes coletivos e ir ao cinema fazem parte da formação do capital cultural e social dos jovens, pois diz respeito às atividades exercidas em seu tempo livre e também ao círculo de pessoas com quem o jovem convive para além da instituição familiar. Essas questões

foram feitas aos entrevistados mas, no entanto, não observamos distinções na maioria das respostas. Consideramos relevantes para nossa análise apenas algumas informações que estão colocadas abaixo.

Todos os doze jovens entrevistados têm em comum o fato de terem assinalado ‘sempre’ para ouvir música. Navegar na internet também foi pontuado como ‘sempre’ por quase todos, com exceção de Ana que marcou ‘às vezes’. A maioria dos jovens afirmou frequentar algum clube, mesmo que não seja sócio. Vão a clubes para irem em festas e atividades abertas ao público em geral. De todos os informantes, sete são sócios de clubes na cidade: Mariana, Marcelo, Fábio, Isis e Rodrigo, estudantes da rede privada e pertencentes à classe média alta, com exceção de Fábio que pertence à classe média; e Laís e Mateus, estudantes da rede pública, mas pertencentes às classes média alta e média respectivamente. A informação sobre ser sócio ou não de clubes deixa claro que os jovens de classe social mais elevada podem participar de espaços como um clube e ter acesso a esportes, piscinas e formas de lazer que os jovens de classe popular não têm possibilidade. Mesmo com a diferença econômica, quase todos os estudantes disseram ir ao cinema, alguns ‘às vezes’ e outros ‘sempre’, com exceção de Pedro e Isabel, pertencentes à classe média baixa, que assinalaram ‘nunca’. No entanto, os jovens que mais frequentam cinema são Mariana e Marcelo, ambos de classe média alta e com excelente desempenho.

O consumo cultural também nos traz dados a partir dos quais podemos compreender melhor o capital cultural de cada estudante. Não chegamos a abordar em nossas entrevistas a cultura culta como frequência a peças de teatro e visita a museus e apreciação de obras de arte. No entanto, podemos observar traços do consumo de cultura culta por meio das informações sobre consumo de livros.

3.3.5.1 Estudantes com alto desempenho

Os estudantes com melhor desempenho apresentam uma distinção se comparados aos outros jovens em relação à leitura de livros. Os quatro jovens com ótimo desempenho, tanto da escola privada quanto da estadual, gostam de ler.

Mariana é a única jovem, de todos os entrevistados, que, quando perguntada sobre sua atividade de lazer favorita, respondeu que é ler. “Ler, eu gosto de ler livros pra minha idade. Eu não me divirto muito com livros de literatura. Dependendo eu até gosto, tipo Machado de Assis,

coisas assim. Mas eu gosto mais é de ler John Green⁷⁶, essas literaturas assim pra adolescente.” E completou dizendo que também gosta de ver filmes históricos e romances.

A estudante tem influência da mãe, que está cursando graduação em Letras e assiste a filmes históricos solicitados na faculdade, junto com a filha. Os outros três jovens com ótimo desempenho, embora quando perguntados sobre sua atividade de lazer favorita tenham respondido de modo diferente⁷⁷ de Mariana, ao serem questionados diretamente sobre o hábito de leitura afirmaram que gostam de ler.

Assim como Mariana, Laís e Marcelo gostam de literatura que possui sua correspondência em filmes, embora Laís também costume ler livros ligados a Psicologia, que pretende cursar quando finalizar o ensino médio. No entanto, Marcelo, que diz gostar de fantasia e ficção, não lembra o último livro que leu, mas conta que está lendo um livro para atividade em sala de aula.

O último que eu li foi... Eu vou ter que começar a ler agora o Calabar. Eu vou ser juiz de um júri simulado que vai ter, daí eu vou ter que saber tudo as coisas. Mas o último livro que eu li foi um de ficção, mas eu não lembro o nome. Eu gosto mais mesmo de ficção, fantasia e tudo mais.

Enquanto as adolescentes que costumam ler livros dizem comprá-los e lê-los impressos, Marcelo não costuma ler livros físicos:

Eu pesquiso às vezes na internet, pra ver... alguns eu leio na internet mesmo, no computador, do que no físico, né? Físico eu tenho bem poucos. Eu leio mais na internet. Mas é por lá... pela internet que eu pesquiso os livros, alguns.

No entanto, Marcelo conta que sua mãe assina a revista Mundo Estranho desde 2008 e que ele a lê impressa. Perguntado sobre se o estudante gosta de títulos que se tornaram filmes, ele responde que “Sim, a maioria eu vejo o filme primeiro, antes de ler o livro”.

⁷⁶ John Green, citado pela jovem, é autor de seis livros de sucesso, quatro deles transformados em filmes. O maior best-seller do escritor, A Culpa É das Estrelas (2012) vendeu 2,3 milhões de exemplares no país e originou um filme que foi igualmente um sucesso. (Segundo dados do jornal Zero Hora de 08 de julho de 2015. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/07/conheca-livros-de-john-green-que-foram-ou-estao-indo-para-as-telas-4796896.html>)

⁷⁷ Márcio tem como atividade preferida de lazer praticar atividades físicas como correr e ir na academia, Marcelo tem como preferência jogar futebol e Laís gosta de pintar quadros.

Márcio comentou sobre obras diferentes dos demais jovens, afirmando que já leu livro de Maquiavel e uma obra santa-mariense que comprou na Feira do Livro realizada no ano anterior à entrevista (2015). Descobrimos, por meio da fala de outros estudantes da mesma escola, que o professor de Sociologia do ensino médio recomenda frequentemente livros que tem na biblioteca da instituição, instigando os jovens a lerem, por exemplo, obras de Maquiavel.

O jovem afirma que procura ler para exercitar o cérebro e aprender palavras novas. Na época da entrevista o estudante disse que não estava lendo livros pois estava sem tempo em função dos estudos e preparação para o Enem, mas lia textos na internet, notícias, e contou que o último livro que leu foi nas férias. Talvez Márcio não tenha tanto acesso ao cinema por questões econômicas, e por isso filmes vinculados a livros não sejam tão interessantes.

A situação é diferente para os outros jovens, que mencionaram suas idas ao cinema ao se referir ao lazer. Mariana vai muito ao shopping e frequenta o cinema ou assiste filmes em casa. Marcelo vai muito ao cinema. Laís vai ao cinema às vezes, mas, para além de alguns livros juvenis, também lê livros e textos acadêmicos pois se interessa por Psicologia e participa de um grupo de estudos para o qual tem leituras obrigatórias. Embora Márcio seja um ótimo aluno, as informações mostram que ele tem que fazer um esforço maior para manter um capital cultural, pois possui menos recursos para frequentar cinema, clube, pagar por livros, entre outros.

A mediação familiar é importante no hábito de leitura destes jovens. Todos os estudantes com ótimo desempenho afirmam que pai e/ou mãe leem, com exceção de Mariana que afirma que o pai não lê livros mas costuma ler jornais e a mãe não lê livros ou jornais com frequência, mas que a família dispõe de muitos livros de literatura brasileira e romances americanos em casa. Marcelo conta que “Minha mãe lê bastante. Ela lê mais romance, essas coisas, só que mais realistas, do que os que eu leio.” Márcio afirma que a mãe lê livros espíritas e romances e que a família possui uma estante com alguns livros, mas que são, em sua maioria, de sua mãe. Na casa de Laís ela e sua mãe gostam de ler. Embora afirme que o pai não lê livros, ele lê muitos textos e artigos sobre sua profissão e também assina e lê quatro jornais diários. Mas os livros que tem em casa são, na maior parte, de sua mãe: “Minha mãe gosta mais de livro de autoajuda e espiritismo”, mas também “como ela é ligada à saúde, é enfermeira pós-graduada, ela gosta muito, então ela adora e fica lá lendo essas coisas”, se referindo a livros de psicologia, saúde e espiritismo.

Considerando os quatro jovens analisados com ótimo desempenho, temos Mariana e Laís com posicionamento de esquerda e Márcio e Marcelo que preferem não se posicionar.

3.3.5.2. *Estudantes com médio desempenho*

Já ao observarmos os jovens com médio desempenho temos um quadro distinto. Leila e Fábio, estudantes de escola particular, dizem não ter interesse em ler livros. Leila diz que utilizava a biblioteca até o ano anterior à entrevista, 2015, para pegar obras solicitadas pelos professores e que seriam utilizados em aula. Fábio não costuma ir à biblioteca e a assistência a filmes é esporádica, assim como Leila, que diz assistir pouco a filmes.

Sobre a mediação familiar destes jovens, Leila afirma que o pai lê, mas não sabe exatamente sobre que temas, por ter contato com ele só aos finais de semana, mas diz que ‘já o vi lendo’. Fábio conta que o pai lê livros relacionados à sua profissão: “Lê livros que interessam a ele, de relações financeiras, coisas do gênero” e possui uma mesa cheia de livros.

Ambos os jovens estudantes da escola privada e que possuem médio desempenho não têm posição política definida.

Pedro, estudante de escola pública e que participou do movimento estudantil que ocupou a escola em 2016, se sobressai no grupo de jovens de médio desempenho:

Antes (no ensino fundamental e começo do ensino médio) eu lia mais romance no geral assim, agora eu tô mais focado na parte de história assim. Daí eu tô lendo bastante sobre a 1ª Guerra Mundial, 2ª Guerra, fascismo, nazismo, já tem uns 4 meses que eu tô lendo direto isso. Eu tô lendo bastante, tô lendo mais revistas e livros ainda não achei tantos.

O jovem conta que ‘descobre’ os livros pelas redes sociais e por amigos: “nas redes sociais eu vejo notícias bastante falando disso e grupo de amigos também” e que atualmente está lendo Harry Potter. Afirma que já viu todos os filmes e que só agora começou a ler os livros, está no primeiro da série, que possui sete livros. O jovem costuma pegar os livros para ler na biblioteca da escola e fez parte do grupo que trabalhou em projetos de leitura. Sobre a biblioteca conta que “tem livros muito bons e bem atualizados. Lá tinha uma lista para os alunos deixarem sugestões com nomes de livros que queriam que comprassem e daí quando vinha a verba, daí a gente ia lá, pegava aquela lista e comprava os livros, cada livro que a gente conseguia com o dinheiro que a gente tinha”.

Ainda conta que em sua família, apenas ele e a irmã são leitores de livros. Possui alguns livros em casa que são do seu pai. “Antes ele (o pai) lia mais do que ele lê hoje. Hoje eu não vejo o pai assim, só alguma revista, não livro.” O estudante afirma também que costuma ver muitos filmes baixados da internet. Este é o principal modo de assistência de filmes pelo jovem, que afirma que nunca vai ao cinema.

Ana também gosta muito de ler e, do mesmo modo que Pedro, fica sabendo dos livros pelas redes sociais “...no meu Facebook tem muita coisa de filme e livro, eu acabo vendo o que vem de novo. Aí procuro saber a história e depois eu vou pra ler mesmo”. Conta que está sem tempo mas está tentando começar a ler um livro: “eu tô sem tempo, mas tô tentando... ‘O anjo’ é o nome do livro que eu tô tentando pegar pra ler agora, mas é um livro grossão assim, não sei quantas páginas, mas eu vou conseguir”. Os livros que têm sua correspondência em filmes são os que mais interessam à jovem, que os assiste geralmente na Netflix: “às vezes o livro se torna bem mais interessante que o próprio filme, daí acabo vendo o filme e depois lendo o livro e gosto mais do livro do que do filme”. Afirma que já leu todos os livros do Harry Potter e da saga Crepúsculo, além de outros, e que, por mês lê uns três livros. Ana diz que seus pais não leem por falta de tempo e de interesse, mas sua irmã mais nova lê bastante porque a escola de ensino fundamental em que ela estuda exige bastante leitura de livros. A família tem uma pequena biblioteca em casa com livros da jovem, composto tanto por obras utilizadas na escola e outros que a jovem compra para ler por interesse próprio. A biblioteca da escola não é utilizada com frequência, mas às vezes a jovem procura algum livro, inclusive quando acha alguma indicação de professor interessante. A estudante menciona que o professor de Sociologia é um dos que mais indica livros e, embora não sejam obrigatórios, por vezes são interessantes e a jovem os busca na biblioteca.

Dos estudantes com médio desempenho, os dois informantes que cursam escola privada não têm o hábito de ler livros, já os dois jovens que frequentam escola pública são leitores assíduos. A mediação escolar e midiática surge na fala de Ana como sendo importante, pois a jovem busca livros comentados em aula, assim como obras que conhece pelas redes sociais, seja por meio do que lê nas páginas que segue, assim como por meio de postagens e comentários de amigos. Pedro não tem na família exemplo de pais leitores. No entanto, embora o jovem não tenha discorrido objetivamente sobre a influência dos professores no hábito de ler, ele conta que suas disciplinas favoritas na escola são Sociologia, Filosofia, Geografia e História e que são estes os conteúdos que gosta mais de estudar. Como tem interesse por Sociologia, busca alguns documentários para assistir na internet. O professor de Sociologia utiliza slides em sala de aula e a professora de História costuma passar e/ou compartilhar vídeos com os alunos no

grupo que eles têm no Facebook. Pedro afirma ser de esquerda e participou do movimento que ocupou a escola no ano de 2016. Já Ana não tem posição política definida e não participou da ocupação na escola.

3.3.5.3. Estudantes com baixo desempenho

Nas informações concernentes aos jovens de baixo desempenho temos Isis e Rodrigo, que frequentam a escola particular e Isabel e Mateus, estudantes de escola pública.

Isis gosta muito de ler, sempre livros da literatura juvenil, que repercutem na mídia e circulam entre as suas amigas. A jovem tem uma colega em especial que possui muitos livros em casa e costuma indicar livros para Isis. As amigas conversam sobre os livros lidos e indicam umas para as outras.

Eu tenho uma amiga que lê muito e o quarto dela é uma biblioteca. Ela tem a cama dela e o resto é tudo estante com livros. Tudo que tu pode imaginar. Ela vai na livraria e faz um enxoval de livros. E ela vai ler e o que ela gosta ela coloca na estante que ela gosta, o que ela não gosta ela coloca na estante que ela não gosta. Ela vai recomendando: Lê esse aqui que é bom, não sei o que. Aí eu vou lá, compro e leio.

A estudante já leu *Jogos Vorazes*⁷⁸, *Harry Potter*, a trilogia *Divergente*⁷⁹, entre outros *best sellers*. A biblioteca da escola não é frequentada. Em casa a irmã mais jovem não costuma ler, mas a mãe lê livros de autoajuda e a estudante comenta que “Ela quer que eu leia *O Segredo*, porque ajuda a ter uma percepção da vida, que tu não depende das pessoas e depende de ti pra fazer aquilo acontecer”. A mãe da estudante tem alguns livros em casa, em seu quarto, e Isis tem os dela. Sobre filmes a jovem assiste a uns três por semana pela Netflix e, às vezes, vai ao cinema.

Já Rodrigo conta que não costuma ler muitos livros, mas lê muito notícias na internet. Na época da entrevista estava lendo um livro solicitado em aula, pois a turma iria fazer um júri simulado e o estudante seria o advogado de defesa. Sobre o uso da biblioteca da escola Rodrigo afirma: “Eu não sabia que tinha biblioteca até ano passado. Meus amigos que falaram. Não sabia onde ficava, porque ter (biblioteca) sempre tem. Mas... eu acho que nunca fui na biblioteca”. Quando questionado sobre se os professores não exigem a leitura de livros durante

⁷⁸ Trilogia de livros e filmes americanos que obtiveram muito sucesso no Brasil

⁷⁹ Série de três livros, sendo que duas obras já renderam roteiros para filmes.

o período letivo o jovem menciona que “A gente lê em literatura, tem os livros recomendados do PS e do Enem. Só que a gente lê em casa... a gente ou tem em casa ou baixa na internet.”

Sobre a família, Rodrigo salienta que seu pai era um leitor de livros assíduo

Livros, o meu pai ele lia muito. Agora ele parou. Meu pai é mais velho. Ele não lê tanto, mas ele costumava ler muito. Minha mãe estuda ainda, tá fazendo pós, ela só estuda, mas ler, ler assim, não. Ela lia bastante também. Ela é diretora também, aí ela costuma ler, mas as coisas dela. Livro assim, não. A minha vó lê muito jornal.

Isis se considera com posicionamento político de direita, assim como sua mãe, mas conta que as duas nunca conversaram sobre isso. Já Rodrigo afirma não se enquadrar em nenhuma posição política, mas seus pais já foram de esquerda e hoje são críticos a todos os partidos e não possuem posição definida.

Isabel não tem atualmente o hábito de ler, mas até o segundo ano do ensino médio lia alguns livros, em torno de três por ano, que pegava na biblioteca da escola. A família não costuma ler e os livros que possuem em casa não são manuseados: “A minha mãe sempre tem os livros que a gente ganha do colégio e que não precisa devolver e a minha mãe sempre guarda. Até quando ela estudava, tem livro da época que ela estudava”. Isabel costuma ver filmes na TV a cabo apenas aos finais de semana, mas não demonstra ter muito interesse.

Mateus conta que lê muito revistas em quadrinho japonesas chamadas mangás. Até o segundo ano do ensino médio costumava ler outras obras, inclusive frequentando a biblioteca da escola

[...] aqui a biblioteca da escola tem bastante livros legais, inclusive eu já li muito livro da biblioteca da escola. Tanto é que a própria escola no primeiro ano fez um projeto que eles deram uma verba pra comprar livros e eles fizeram um projeto, passaram nas turmas e a gente escolheu os livros pra comprar, sabe? E, tipo, tem muito livro sensacional ali.

O jovem conta que já leu alguns livros da série *Harry Potter* e do autor John Green. O pai também gosta de ler e, por ser muito religioso, costuma ler a *Bíblia* e outros livros religiosos. A irmã lê um pouco, mas o jovem não sabe dizer que tipo de obra. Já a mãe “A minha mãe, antigamente, ela costumava ler, agora que ela não tá lendo mais, mas acho que é por falta de tempo mesmo”. A família conta com livros na sala, tanto dicionários, enciclopédias quanto obras religiosas que o pai lê. No quarto do jovem há uma prateleira com muitos livros, especialmente mangás. Mateus também gosta de assistir filmes, geralmente sucessos americanos e conta que já viu os seis filmes de Piratas do Caribe.

Mateus diz se enquadrar mais próximo a uma posição política de direita, como seus pais, e Isabel afirma ser mais próxima da esquerda, diferente do pai que é de direita.

3.3.5.4. *Entre leitores e não leitores: as mediações existentes entre os jovens e os livros*

Dos 12 jovens entrevistados, apenas 3, pertencentes à escola privada e de distintas classes sociais, afirmam não ler livros. Os demais jovens têm o hábito de ler, embora Isabel, estudante de escola pública, classe média baixa, tenha afirmado que não tem lido livros. No entanto, ela tinha o hábito de ler até o segundo ano do ensino médio. Deste modo, não podemos considerá-la como não leitora de livros, visto que, embora ela afirme não gostar de ler livros, ela lia cerca de três obras por ano até o ano anterior à entrevista.

Quadro 5 – Leitores e não leitores de livros e classe social a que pertencem

Classe Social	Leitores	Não leitores
Média alta	Mariana, Isis, Marcelo, Laís	Rodrigo
Média	Mateus	Fábio
Média baixa	Márcio, Pedro, Ana, Isabel	Leila

Fonte: pesquisa própria

Como os dados colhidos na pesquisa não nos mostram relação entre distinção de classe e leitura de livros, analisaremos os leitores conforme a escola a que pertencem. Cinco estudantes de escola pública leem com frequência (Laís, Mateus, Márcio, Pedro e Ana). Laís se destaca por ter interesses em textos complexos e livros de Psicologia, o que demonstra um capital cultural elevado vinculado a um capital social formado por jovens que já estão na graduação. Pedro também demonstra um diferencial em relação aos outros jovens por ter interesse em temas ligados a Sociologia e História, também decorrentes de seu envolvimento com projetos da Rádio Escola e da Biblioteca do colégio onde estuda, além de ter-se vinculado ao movimento de ocupação da escola e, assim, segundo ele afirma, ter-se descoberto de esquerda. Observamos que ambos os jovens, Laís e Pedro, participam de movimento sociais e têm posicionamento político de esquerda, o que nos revela uma conexão entre pensamento crítico e interessado em política a uma maior procura por leituras que fogem do espectro dos *best-sellers* juvenis.

Ao analisarmos os estudantes de escola privada encontramos três jovens leitores assíduos que têm preferência por livros da literatura juvenil americana, que seguem a linha de obras de sucesso que inspiraram filmes de sucesso. Neste cenário, Mariana se destaca por assistir filmes históricos e documentários, o que não ocorre com os outros jovens. Mariana segue um posicionamento político de esquerda e é a entrevistada que mais lê notícias em sites alternativos, comparando aos outros onze jovens estudantes de nossa amostra.

Constatamos que ler livros não está necessariamente ligado a um ótimo desempenho na escola, visto que encontramos leitores assíduos com diferentes desempenhos. No entanto, duas jovens com ótimo desempenho (Laís e Mariana) têm um perfil bastante crítico, de esquerda, e consomem mídias de modo diversos dos demais, como já relatado. Este quadro se repete ao analisarmos o perfil de Pedro, que também é de esquerda e, embora leia os mesmos livros juvenis citados pela maioria, busca em revistas textos aprofundados que tratem de História e Sociologia.

A importância da mediação familiar pode ser constatada pelo fato de que, dos nove jovens leitores, cinco deles têm pais (pai ou mãe, ou ambos) que também costumam ler (Laís, Márcio, Marcelo, Isis, Mateus).

Sobre as mediações família e escola, investigação recente (FAILLA, 2016) aponta que quem mais influencia no gosto do que ler e no hábito pela leitura são a mãe (ou responsável do sexo feminino) e a escola, por meio de um professor: “O hábito de leitura dos pais tem forte influência na construção do hábito de leitura dos filhos. Além disso, o mesmo se observa em relação à escolaridade dos pais; os leitores têm pais relativamente mais escolarizados do que os não leitores”, o que demonstra a importância das mediações família e escola, assim como a influência do capital cultural dos pais.

Em relação à formação dos pais em nossa pesquisa, dos nove estudantes que afirmam ler, seis têm pais (pai ou mãe, ou ambos) com curso superior completo ou em andamento (Marcelo, Mariana, Laís, Fábio, Isis, Mateus).

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4* (FAILLA, 2016) mostrou que quanto maior a renda familiar, mais leitores encontramos, o que demonstra uma conexão entre classe social e incidência de leitores. À questão do capital econômico vem a somar o capital cultural, pois a mesma investigação aponta que quanto maior a escolaridade, maior a leitura de livros. No

ensino fundamental do 1^a ao 5^a ano encontramos 50% de leitores, já do 6^o ao 9^o ano este valor sobe para 60%. No ensino médio encontramos 62% de leitores e no ensino superior 82% de leitores. O fato de estar ou não estudando também é fundamental, pois segundo dados da mesma pesquisa, entre as pessoas que estudam, independentemente da idade, houve uma prevalência de 84% de leitores. Já entre os que não estudam apenas 46% costumam ler livros.

Ao compararmos nossa investigação qualitativa com a pesquisa quantitativa realizada com os 394 jovens do ensino médio, destacamos dois pontos de convergência: os jovens de ensino médio, em sua maioria, têm o hábito de ler; os jovens costumam ler *best-sellers* que têm sua correspondência em filmes de sucesso. A sociabilidade é fator primordial no hábito de leitura dos estudantes. Os jovens leem livros motivados por colegas que estão lendo, pela mídia e pelos filmes para os quais os livros foram adaptados. Essa dedução parte do fato de que os livros mais citados são os sucessos de venda para o público juvenil, e, em sua maioria, foram adaptados para o cinema, sendo títulos que se repetem nas menções quantitativas. Os jovens ouvem dicas dos amigos sobre o que ler e sobre o que acessar na internet. As linhas do tempo das redes sociais servem também como meio de propagação de sites, em que amigos ‘curtem’ as páginas que os amigos compartilham e assim forma-se uma rede de jovens seguindo as mesmas publicações e difundindo entre si os mesmos gostos e leituras na web. Estes dados reiteram a reflexão proposta por Ceccantini:

As práticas culturais dos jovens são hoje complexas, múltiplas, inter-relacionadas e se apoiam fortemente num processo lúdico e de socialização, que, por sua vez, adquire contornos cada vez mais globalizados. Em outras palavras, dificilmente um jovem lê um livro “de forma isolada”. E entenda-se essa expressão na sua ambiguidade: tanto no sentido de ler um livro e se restringir a ele ou de ler um livro na solidão e apenas para si mesmo. (CECCANTINI, 2016, p. 89)

Na investigação recente realizada em nível nacional, acima citada (FAILLA, 2016), quando perguntados sobre o livro mais marcante que já leu, considerando todas as faixas etárias, a pesquisa mostra que: 1^o lugar, a *Bíblia*; 2^o, *A culpa é das estrelas*; 3^o, *A cabana*; 4^o, *O Pequeno Príncipe*; 5^o lugar, *Cinquenta Tons de Cinza*. Todas as obras têm suas correspondências em filmes, cujos roteiros foram baseados nos livros. Este quadro se repete em nossa pesquisa quantitativa e qualitativa, o que demonstra uma relação da cultura audiovisual com a leitura dos livros de Rowling.

A cultura audiovisual envolve a todos nós, mas os jovens estão particularmente conectados a este modo de estar em contato com o mundo. Martín-Barbero (1992) defende a

necessidade da utilização dos meios, por parte da escola, não apenas como instrumentos e sim como um novo contexto em que os sentidos são provocados por uma ambiência multifacetada, em que o estudante se comunica, ouve, vê e interage.

Acerca da mediação escolar na leitura de livros, mesmo aqueles alunos que não gostam tanto de ler livros o fazem quando há indicações e exigências de aula. Desse modo, podemos inferir que a escola é um espaço de incentivo à leitura, junto a outras formas de consumo cultural e lazer. A partir dela podem ser estabelecidas conexões com a arte, literatura, teatro, propiciando um alargamento das opções de lazer e incluindo um maior hábito de leitura.

Alguns jovens da escola particular afirmaram, nas entrevistas em profundidade, estar lendo apenas porque era preciso para um trabalho de aula. Questionados também sobre a utilização de conteúdos e meio de comunicação na escola, os estudantes contam que as salas de aula destinadas ao ensino médio do colégio particular possuem um computador e data show já instalados para as aulas. Os alunos são unânimes em afirmar que os professores usam slides e vídeos nas aulas. Na escola privada, alguns poucos livros são exigidos em diferentes disciplinas e muitos são recomendados por serem tema de prova no Enem e na Prova Seriada.

Todos também afirmam que os professores não costumam usar qualquer material impresso de revistas e jornais nas aulas. A preferência dos professores é por audiovisual, como documentários e vídeo-aulas. São várias as disciplinas que utilizam estes recursos.

Já na escola pública a estrutura é precária. Há apenas uma sala com datashow e os professores têm de marcar antecipadamente e fazer uma escala de horários para que todos possam ter espaço à sala com suas turmas. Ao contrário da escola privada, há predomínio de slides nas aulas em que algum recurso audiovisual é utilizado. No entanto, as aulas de Sociologia foram citadas mais de uma vez como sendo um espaço de indicação de livros e incentivo à leitura. A disciplina de Literatura exige leituras semestrais, mas por vezes não é solicitado um livro inteiro e sim a turma é dividida e cada um deve ler um conto de determinada obra, por exemplo. No entanto, a escola pública em que fizemos nossa pesquisa apresentava um projeto de estímulo à leitura inaugurado por uma funcionária da biblioteca junto a alunos interessados. O projeto contava com incentivo à leitura por meio da premiação do Leitor do Mês, encontros literários para discutir obras que estivessem em destaque, além de visitas a escolinhas infantis e organização de teatros, como conta Pedro: “Nós também íamos em algumas creches fazer alguns teatros. Nós nos reuníamos e montávamos uma peça original

nossa, a gente planejava, escrevia a peça assim, os personagens, a gente criava e a gente ia lá apresentar”. Apesar do projeto, nenhum outro aluno entrevistado na escola pública fez menção a participar dos encontros literários e ter seu hábito de leitura atrelado ao projeto. Mas Mateus e Isabel mencionaram já terem utilizado a biblioteca em anos anteriores, e Mateus inclusive afirmou que a biblioteca era muito boa e que em determinado momento os alunos puderam participar da compra de livros novos de acordo com seus interesses.

Por meio dos dados colhidos com os informantes das escolas privada e pública observamos que a escola privada consegue trabalhar mais conteúdos por meio de videoaulas e documentários, devido aos equipamentos e infraestrutura que possui. Já na escola pública há problemas com equipamentos e ambientes adequados que dificultam o uso de audiovisual. De todo modo, os professores da escola particular parecem mais interessados em trabalhar com os alunos diversos materiais audiovisuais, enquanto os professores de escola pública utilizam prioritariamente slides em suas aulas.

Embora textos advindos de notícias ou reportagens de revistas e jornais não sejam usualmente levados para sala de aula pelos professores, a leitura de livros continua sendo estimulada na escola e parece surtir efeito, ao menos para uma parcela dos estudantes.

Ao contrário do que a mídia por vezes noticia, o fato é que os jovens estudantes do ensino médio são, em sua maioria, leitores, como ratificam outras pesquisas:

Os dados revelados sobre a leitura dos jovens na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4 (2016/ano-base 2015) vão na contramão dessa visão apocalíptica, reiterando um cenário bem mais alentador sobre o perfil dos jovens como leitores do que o usualmente apontado, sobretudo se for considerado o contexto da população brasileira como um todo. Vale dizer que algumas pesquisas e projetos sobre o assunto disponibilizados nas duas últimas décadas, ainda que orientados segundo diferentes objetivos e perspectivas, vêm acenando para esse quadro paulatinamente otimista quanto às leituras juvenis. (CECCANTINI, 2016, p. 84)

Segundo o levantamento nacional (FAILLA, 2016) há uma faixa etária em que há preponderância no hábito de ler. Conforme a pesquisa, 84% de pré-adolescentes entre 11 e 13 anos são leitores. Há um pequeno decréscimo à medida que a faixa etária aumenta: 75% dos jovens de 14 a 17 anos leem livros, e se considerarmos jovens de 18 aos 24 anos, há uma incidência de 67% de leitores. Esse valor continua decrescendo até a terceira idade, em que há o maior número de não leitores, chegando a 73%.

3.3.6. Leitura de jornais e revistas

Sobre a leitura de jornais e revistas, a maioria dos jovens não lê estas mídias impressas, como pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 6 – Leitura de jornais e revistas

Classe	Aluno	Lê jornais? (impresso)	Lê revistas? (impressa)	Mediação familiar
Média alta	Mariana	Raramente	Não	Família assina <i>DSM</i> . Não assinam revistas
	Isis	Não	Não	Mãe assina <i>Diário</i> e <i>ZH</i> . Vô lê bastante jornal.
	Laís	Não	Não	Família assina <i>A Razão</i> , <i>DSM</i> , <i>Correio</i> e <i>ZH</i> . O pai lê os quatro jornais.
	Marcelo	Raramente	Sim	A mãe assina <i>Mundo Estranho</i> para o filho desde 2008. Mãe também assina outras de vida doméstica e culinária, mas o jovem não lê. A família não assina nenhum jornal, mas o padrasto assina e quando o padrasto leva para a sua casa ele lê o <i>DSM</i> e <i>ZH</i>
	Rodrigo	Às vezes	Não	Família assina <i>DSM</i> e <i>A Razão</i> . Os pais leem bastante jornal. Família não assina revista.
Média	Fábio	Não	Não	Família assina <i>ZH</i> e <i>DSM</i> , pai lê jornais, mas mãe não.
	Mateus	Não	Não	Família não assina jornais ou revistas.
Média baixa	Leila	Não	Não	Família não lê e nem assina jornais ou revistas.
	Ana	Lê o horóscopo na casa da vó	Não	Vó assina <i>DSM</i> , pais não. Não assinam revistas.
	Isabel	Não	Não	Não assinam.
	Márcio	Não	Não	Não assinam.
	Pedro	Raramente, compra no mercado o <i>DSM</i> , se interessa por política	Sim. Revistas que ganhou de História.	Não assinam.

Fonte: pesquisa própria

Os cinco primeiros jovens mencionados na tabela pertencem à classe média alta, já Fábio e Mateus pertencem à classe média, e os cinco jovens restantes pertencem à classe média baixa.

Observamos que no que tange aos jovens de classe média alta o número de respostas “raramente” ou “às vezes” é superior aos demais, das classes média e média baixa, cuja maioria afirma não ler jornais e revistas. Dos cinco jovens de classe alta, quatro contam com assinatura de jornais em casa e um estudante conta com a assinatura de uma revista que gosta de ler. Já os jovens de classe média e média baixa afirmam não ter o hábito de ler jornais, com exceção de Pedro que compra jornal no mercado quando se interessa por algum assunto. O capital econômico exerce um papel importante ao dificultar o acesso dos jovens a estas mídias impressas. O fato da família assinar revista ou jornal impresso permite que a mídia esteja disponível no domicílio, proporcionando a possibilidade de o jovem ler, mesmo que não apresente grande interesse.

De todo modo, no que tange à leitura de notícias por mídias impressas, há pouco interesse por jornais e revistas. No entanto, os jovens costumam ler por meio da internet, tópico sobre o qual vamos discorrer adiante.

3.3.7. Considerações acerca do hábito de leitura

Sendo assim, concluímos nossa análise sobre o hábito de leitura afirmando que:

- A maior parte dos jovens leitores em nossa amostra tem preferência por livros vinculados à cultura audiovisual;
- Mesmo os estudantes não leitores de livros leem, durante o ano letivo, motivados pela escola;
- A maioria dos estudantes de ensino médio tem o hábito de ler livros;
- A mediação familiar é importante pelo capital cultural incorporado por meio do exemplo que os pais dão aos filhos; pelo capital cultural objetivado, explicitado no acesso que os jovens têm a livros dentro do ambiente familiar, inclusive possibilitando economicamente a aquisição das obras e assinatura de jornais e revistas;
- O capital cultural dos pais, considerando aqui a escolaridade, é importante na formação de leitores, pois repercute na importância que o jovem dá à leitura;

- A mediação escolar é importante no hábito de leitura dos jovens, seja pela promoção de discussões que acarretem na busca de leitura sobre algum tema; seja pela indicação de livros; seja pela imposição de leituras obrigatórias.

- Jovens de esquerda (Laís, Pedro, Mariana) e que participam de movimentos sociais (Laís e Pedro) consomem textos de modo diferenciado, sejam livros, revistas ou sites da internet. Laís, classe média alta, costuma ler textos de Psicologia (acadêmicos), Pedro, classe média baixa, gosta de ler revistas com textos sobre História e Sociologia, Mariana, classe média alta, lê sites alternativos na internet.

3.4. CONSUMO MUDIÁTICO: APROXIMAÇÕES ENTRE O QUANTITATIVO E O QUALITATIVO

Analisamos, a seguir, o consumo midiático, tendo em vista a assistência à televisão de modo geral e, logo em seguida, a telejornais especificamente; o acesso à internet e as principais atividades realizadas na rede; e, por último, a escuta de rádio.

3.4.1 Consumo Televisivo

La televisión tiene un enorme poder simbólico instituyente, influye en la cultura que compartimos, en el lenguaje que usamos, en los mecanismos que empleamos para pensar. Y creo que su influencia es muchas veces negativa, ya que su lucha por el rating, su carácter comercial, su necesidad de entretener siempre al espectador para que no emigre hacia otro programa, va formando un televidente impaciente, tendiente a la pasividad, que necesita permanentes estímulos, “una audiencia perezosa” como decía Bourdieu, que no tolera un pensamiento complejo, un razonamiento prolongado, una reflexión que requiera un mayor esfuerzo de atención. (MARGULIS, 2004, p. 313)

Como neste texto de Margulis, o meio televisivo é muitas vezes recriminado por ser uma mídia que apresenta conteúdos rasos e cujas características narrativas não oferecem um espaço fecundo para reflexões complexas. No entanto, é importante estarmos atentos a dois fatores que envolvem a assistência televisiva: o seu papel informativo, especialmente por meio dos telejornais; e o hábito da assistência coletiva familiar, cuja ritualidade demarca o dia a dia de muitas famílias. Assim, observamos em nossa pesquisa que a televisão é uma das principais mídias por meio da qual os indivíduos se mantêm a par das notícias e das concepções de mundo de seus familiares, haja visto a prática dos comentários e trocas de ideias durante a assistência.

Assistir televisão é uma atividade corriqueira na vida dos jovens investigados. Assim como nos dados obtidos por meio do formulário, nas entrevistas em profundidade todos os estudantes afirmaram assistir a mídia, mesmo que seja aderindo à assistência familiar e não motivado por sua própria vontade de ligar a televisão e ver um programa em específico. No entanto, embora demonstrem em suas falas certo despreço pela televisão, ao contarem sobre suas rotinas constatamos que a maioria dos jovens assistem a mídia habitualmente, seja buscando programas de entretenimento por gosto individual ou na assistência familiar de telejornais durante as refeições e em momentos de reunião com os pais, principalmente ao fim do dia⁸⁰.

Analisando as entrevistas em profundidade observamos que, dos doze entrevistados, apenas dois não contam com TV por assinatura em suas residências, ambos pertencentes à classe média baixa, uma estudante de escola privada (Leila) e um aluno de escola pública (Márcio). Assim, os dados qualitativos condizem com os resultados quantitativos em que observamos muitas famílias, mesmo com baixa renda, consumindo TV por assinatura. Observamos que, nos últimos anos, a concorrência entre os serviços promoveu a diminuição de valores mensais a serem pagos pelo serviço de assinatura de emissoras fechadas⁸¹. Mesmo assim, o capital econômico interfere no acesso ao serviço, como podemos constatar pelos dois jovens que não contam com TV por assinatura e que pertencem à classe média baixa.

Mesmo que a maioria dos jovens entrevistados tenha acesso a TV por assinatura, de modo geral, tanto na pesquisa quantitativa quanto na pesquisa qualitativa a emissora mais vista em suas residências é a Globo. Nas entrevistas realizadas fica claro o fato de que a Globo é o canal que a família assiste junto, não sendo a emissora de preferência de nenhum jovem. Observamos também a alta incidência do serviço de *streaming* Netflix nas residências, pois oito jovens contam que assinam a plataforma.

⁸⁰ Utilizamos aqui, conforme nomenclatura de Aronchi de Souza (2004), a categoria entretenimento abarcando os gêneros série, filme, novela, programa de auditório, entre outros, e a categoria informativa à qual pertencem os gêneros documentário, telejornal, programa de entrevista e programa de debate.

⁸¹ Segundo informações da revista Exame de 02 de abril de 2012, o presidente da Anatel já previa, nesta época, uma maior oferta dos serviços de TV por assinatura e uma expansão nos domicílios que teriam acesso à TV paga devido a dois fatores: a entrada de operadoras de telefonia no serviço e a expansão de renda pela classe C. Disponível em <http://exame.abril.com.br/tecnologia/80-dos-domicilios-terao-tv-por-assinatura-em-10-anos/> Acessado em maio 2017.

Quadro 7 - Acesso a TV paga e assinatura do serviço Netflix

Classe	Estudantes	Possui TV por assinatura	Netflix	Classe	Escola
Média alta	Mariana	Sim	Sim	Média alta	Privada
	Marcelo	Sim	Sim	Média alta	Privada
	Isis	Sim	Sim	Média alta	Privada
	Rodrigo	Sim, o único caso que assina dois serviços de TV a cabo em aparelhos diferentes na casa.	Não	Média alta	Privada
	Laís	Sim	Sim	Média alta	Pública
Média	Fábio	Sim	Sim	Média	Privada
	Mateus	Sim	Sim	Média	Pública
Média baixa	Leila	Não	Não	Média baixa	Privada
	Márcio	Não	Sim	Média baixa	Pública
	Isabel	Sim	Não	Média baixa	Pública
	Pedro	Sim	Não	Média baixa	Pública
	Ana	Sim	Sim	Média baixa	Pública

Fonte: pesquisa própria

A maior parte dos jovens entrevistados possui televisão por assinatura, mas apenas Rodrigo afirma assistir o canal Globo News⁸² para se manter informado. Os demais utilizam os canais fechados para ver programas de entretenimento como filmes ou séries e/ou informativos como documentários.

Considerando os jovens pertencentes à rede pública que contam com canais por assinatura em sua residência, Pedro afirma que ele e sua irmã gêmea gostam de assistir musicais na MTV. Além deste canal eles assistem séries pela Warner Channel.

⁸² Globo News é um canal de notícias do grupo Globo que se mantém no ar 24 horas por dia. Sua grade de programação conta com telejornais, programas de entrevista e debate.

Já Mateus afirma que não tem tido muito tempo de ver televisão, e opta por ver Animês baixados de sites, embora nas férias assista a séries e filmes em canais pagos.

Laís, ao ser perguntada se assiste televisão afirma que “Não muito, só quando tá ligada. Se tá ligada eu vou olhar”. No entanto, no decorrer da entrevista diz que: “Mas uma coisa que eu gosto muito de olhar é aquele *Globo Repórter*, *Fantástico*, *Profissão Repórter*... eu adoro”, demonstrando seu gosto por assistir reportagens especiais, mais longas e aprofundadas, que são próprias destes programas.

Isabel, embora afirme que não tenha o hábito de ver muito televisão, assiste filmes, às vezes, em emissoras da TV por assinatura.

Ana é bem enfática ao afirmar que “não assisto novela, não assisto Globo, eu só assisto TV a cabo” e justifica contando que seus gêneros preferidos são filme e série “porque passa filme, aí eu assisto filme e às vezes assisto ... série, eu gosto muito de série. Mas só essas duas coisas eu assisto”. Lembrando que a família de Ana não conta com televisão na sala ou cozinha, possuindo o aparelho apenas nos quartos.

Considerando os jovens estudantes da rede privada que têm canais por assinatura em sua casa, Marianagosta de assistir desenhos no Gloob e no Cartoon, assim como a MTV.

Isis também gosta de ver canais de desenhos e o Home & Health. Inclusive a estudante afirma que sua atividade de lazer favorita é assistir a desenhos na televisão.

Rodrigo gosta muito de assistir canais de esporte como o SporTV e critica a mãe que quer ver sempre a Globo quando estão juntos na cozinha. “Sempre na Globo, esse que é o problema.... Eu gosto do SporTV. Aí não dá pra botar, a mãe quer Globo”. Mas quando Rodrigo quer saber atualidades, ele gosta de ver Globo News. “Sportv é só quando tem jogo e a Globo News é quando ‘ah, vou assistir uma notícia’”, sendo o único jovem que cita o canal fechado para se informar.

O hábito da TV ligada é ressaltado também por Marcelo que conta “Não, a gente fica ouvindo só a TV. A gente fica comendo na cozinha sem olhar, só ouve. A TV fica ligada”. No entanto, a atenção não está voltada para a televisão. Durante o jantar, o aparelho televisivo está sintonizado na Globo e o programa que passa é o Jornal Nacional, mas, conforme Marcelo: “Eu mais fico só comendo mesmo do que prestando atenção na TV”. O canal de televisão preferido do estudante é o SporTV e ele assiste com frequência. “Sempre que tem jogo. Eu olho jogo na quarta, às vezes tem jogo de tarde também olho, domingo tem jogo sempre”. Há um tempo ele costumava olhar outros canais, mas ultimamente não tem achado nada muito interessante para assistir. “Antes, quando tinha alguma coisa de interessante, eu olhava History, Discovery

Channel, só que agora não tá dando mais muita coisa, só *reality* e daí não tem graça. Mas era isso que eu olhava antes.”

Mateus afirma não assistir quase televisão e tem como gênero favorito os desenhos japoneses (Animês) que baixa da internet. Quando perguntado do seu canal favorito diz que “quando eu assistia televisão, eu assistia muito a Fox, mas faz tempo”. De modo geral, a assistência de televisão é incidental: “no Jornal do Almoço eles falam os tópicos antes de... por exemplo, esses dias teve um tópico muito interessante, eu ‘tava’ passando na frente e ouvi a previsão de empregos pro futuro, sabe, aqui no Brasil, daí eu parei e ouvi, daí tipo, eu esperei pra olhar. Eu olho só coisas que me interessam mesmo, assuntos interessantes. ”

De todos os jovens de classe média alta, apenas Rodrigo não conta com Netflix, embora afirme que o pai vai comprar em breve uma televisão para o quarto do jovem e então ele assinará o serviço de *streaming*. Os dois jovens de classe média assinam Netflix e três, dos cinco jovens de classe média baixa não contam com o serviço. Embora a Netflix tenha entrado no mercado brasileiro com um baixo valor a ser pago pela sua assinatura⁸³, não é acessível a famílias da classe trabalhadora que tem que priorizar gastos básicos como alimentação, moradia e escola para seus filhos. Algumas destas mesmas famílias optam então por investir em TV por assinatura em vez de assinar Netflix, que é um serviço mais recente e que oferece conteúdos audiovisuais com gêneros mais restritos como documentários, séries e filmes, enquanto os serviços de TV por assinatura têm uma oferta mais variada de programas e ainda possibilitam o pagamento pelos ‘combos’ que conta com telefone fixo, internet e acesso a canais fechados.

Embora seja um hábito familiar o aparelho televisivo ficar sintonizado na Globo, os jovens não demonstram preferência por este canal, como podemos ver a seguir.

Quadro 8 - Canais e gêneros preferidos dos jovens entrevistados:

Classe	Estudantes	Canal preferido	Gêneros preferidos	Programa Favorito
	Mariana	Gloob, Cartoon, MTV	Desenhos e musicais	Não possui programa favorito
	Marcelo	SporTV	Esporte e Documentário	Jogos de Futebol

⁸³ Em 2016 a assinatura básica custava R\$ 19,90 mensais.

Média alta	Isis	Cartoon	Desenho	Clariêncio (desenho - Cartoon)
	Rodrigo	SporTV e Globo News	Esporte e Notícias	Não possui programa favorito
	Laís	Não possui canal favorito	Filmes e Documentários	Globo Repórter (documentários e grandes reportagens – Globo)
Média	Fábio	Não possui canal favorito	Séries	Não possui programa favorito
	Mateus	Não possui canal favorito	Desenhos animados baixados da internet (Animes)	Depois dos Animes, The Walking Dead (série - Fox)
Média baixa	Leila	Não possui canal favorito	Não possui gênero preferido	Não possui programa favorito
	Márcio	Não possui canal favorito	Telejornal, séries e filme	Masterchef (reality culinário - Band)
	Isabel	Telecine	Novela e Filmes	Não possui programa favorito
	Pedro	MTV	Musicais e Séries	Supernatural (série - Warner)
	Ana	Multishow	Filmes e séries	The Vampire Diaries (série - MTV)

Fonte: pesquisa própria

Nos dados coletados por meio das entrevistas com os doze jovens, entre os gêneros preferidos, séries obteve quatro menções, desenhos e filmes três menções, programas de esporte, musicais e documentário duas menções, novela e programas de notícias uma menção.

Nenhum jovem referiu-se à Globo como canal favorito, embora a maioria assista ao Jornal Nacional com a família. Os estudantes que não possuem TV por assinatura não têm canal

favorito (Márcio e Leila). Os demais, que contam com serviço de TV pago, citaram canais fechados, com exceção de Laís, Fábio e Mateus, que afirmaram não ter canal favorito.

Assim como na pesquisa quantitativa, filmes e séries são apontados com frequência pelos jovens, embora não necessariamente nas perguntas objetivas. Ao serem questionados especificamente sobre seus gêneros preferidos na televisão, apenas quatro apontaram filmes (Fábio, Ana, Isabel e Márcio) e quatro sinalizaram séries (Fábio, Ana, Márcio e Pedro). No entanto, as informações obtidas ao longo das entrevistas, quando os jovens contaram acerca de suas atividades de lazer e suas rotinas, nos mostram que a assistência a filmes e séries é maior do que as menções objetivas sobre tipo de programa favorito. Mariana é um exemplo, pois afirma que, além de ler, sua principal atividade de lazer é assistir filmes. Porém, ao ser perguntada sobre gênero favorito na televisão, não menciona filmes. Acreditamos que estes dados estão relacionados ao fato de muitos jovens assistirem filmes e séries por meio da Netflix, um serviço de *streaming* que pode ser assistido no computador, celular, ou no aparelho televisivo. Assim, ver filmes e séries não compõem os gêneros favoritos de assistência na televisão convencional, seja em canais abertos ou fechados. Para alguns, o hábito de assistência é por meio do serviço Netflix que, basicamente, oferece séries, filmes e documentários para os assinantes. Todos os jovens entrevistados assistem filmes e/ou séries com frequência, com exceção de Leila, que diz assistir esporadicamente. Estes dados confluem com as informações da pesquisa quantitativa em que a opção Filme foi assinalada por 354 jovens quando perguntados sobre qual gênero que mais gosta, e Série por 270 estudantes. Assim, os gêneros de entretenimento filmes e séries ocupam os primeiros lugares na preferência dos jovens na presente investigação.

A busca por entretenimento é o principal fator que motiva os jovens a verem televisão, tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa. O aspecto do entretenimento parece ser característico do jovem, que utiliza os meios de comunicação, de modo geral, para diversão. Esta inferência parte tanto das observações realizadas pela pesquisa nas escolas, nas respostas obtidas no formulário e nas entrevistas em profundidade ao observarmos as informações no que diz respeito especialmente ao consumo televisivo e da internet.

No entanto, em quinto lugar na pesquisa quantitativa (com 215 sinalizações) quase empatado com o gênero Musical (com 219 menções) aparece a categoria Noticiário. Nas entrevistas em profundidade, todos os jovens, com exceção de Ana, afirmam assistir a telejornais, o que corrobora a importância que a notícia tem na rotina familiar e no dia a dia dos estudantes.

Laís e Marcelo, que citaram documentário como gênero preferido, figuram como alunos de escola pública e privada, respectivamente, com ótimo desempenho e pertencem à classe média alta. Márcio, que apontou telejornal como um dos gêneros favoritos é estudante com ótimo desempenho de escola pública, classe média baixa. Já Rodrigo, que citou programas de notícias junto a programa de esportes como gêneros preferidos é estudante da escola particular com baixo desempenho, já reprovou e pertence à classe média alta. Rodrigo é uma exceção, pois tem interesse por programas de notícias e seu desempenho é baixo. No entanto, já apontamos o fator saúde ligado ao déficit de atenção como sendo o motivo pelo seu baixo desempenho, segundo o próprio jovem afirma. Os demais entrevistados apontaram gêneros ligados ao entretenimento como favoritos. Estes dados nos remetem à relação que o desempenho escolar pode ter com o consumo de notícias. Como já mencionado, quanto maior o desempenho, mais interesse dos jovens por notícias ou programas como documentários, que oferecem reflexões sobre os acontecimentos e pertencem à categoria informativa da programação de televisão brasileira (ARONCHI DE SOUZA, 2004). Destacamos que, entre os jovens de classe alta, há maior interesse por programas informativos na televisão (Marcelo, Rodrigo e Laís), enquanto que nos estudantes pertencentes à classe trabalhadora apenas um assinalou esta categoria (Márcio), o que demonstra um indício da relação entre classe social e da valorização do gênero informativo.

Podemos concluir que os jovens assistem telejornais em família, especialmente em canais de TV aberta, com predomínio da Globo. Os canais de TV fechada, com predomínio de emissoras que oferecem programas de entretenimento, são assistidos individualmente pelos jovens, sem a companhia da família. A assistência a filmes e séries ocorre com muita frequência pela plataforma Netflix. A televisão, como a conhecemos tradicionalmente, vem perdendo espaço para o serviço de *streaming* que oferece programas sob demanda, ou seja, todas as séries e filmes ficam disponíveis e o sujeito pode assistir quando e como quiser.

3.4.1.1. Consumo Específico de Telejornal

Os dados colhidos por meio dos formulários assemelham-se às informações que obtivemos nas entrevistas. Os jovens têm o hábito de assistir a telejornais, em sua maior parte com a família (271 jovens que preencheram o formulário / 11 estudantes entrevistados), e com bastante frequência: diariamente (186 jovens / 7 estudantes) ou cerca de três vezes por semana (91 jovens / 2 estudantes).

Nas entrevistas em profundidade onze jovens acompanham o Jornal Nacional com a família, com frequências diferentes. A exceção é Ana, a única jovem cujo domicílio não possui televisão na sala e/ou cozinha, que afirma ver telejornal esporadicamente sozinha enquanto ‘zapeia’. O menor interesse por telejornal vem de dois estudantes de escola pública, que têm desempenho baixo em sala de aula e pertencem às classes média baixa e média (Ana e Mateus) e de um jovem com médio desempenho de escola privada, pertencente à classe média (Fábio). Em nossa pesquisa, consideramos como indicadores de interesse dos jovens os seguintes aspectos: gênero preferido; frequência à assistência de telejornal; atenção que os jovens afirmam ter durante a assistência.

Os demais jovens veem telejornais acompanhados da família durante as refeições. Um aspecto marcante da assistência à televisão relaciona os momentos de reunião da família e/ou das refeições com o tempo que se tem para ver o telejornal. O modo como os jovens assistem nos mostra que o ‘ver telejornal’ não é uma escolha pessoal, mas eles veem porque é o que está sendo transmitido no momento das refeições.

A seguinte tabela mostra os telejornais a que os jovens costumam assistir, a frequência e com quem costuma ser a assistência.

Quadro 9 - Telejornais assistidos, frequência e com quem costumam assistir

Classe	Estudantes	Qual telejornal	Frequência	Com quem
Média alta	Mariana	Jornal Nacional	Diariamente	Com a família
	Marcelo	Jornal Nacional	3 vezes por semana	Com a mãe
	Isis	Jornal Nacional	Três vezes por semana	Com a mãe
		Cidade Alerta	Uma vez por semana	Sozinha
	Rodrigo	Jornal Nacional RBS Notícias Bom Dia Brasil	Diariamente	Com família ou sozinho
Laís	Jornal Nacional Jornal Hoje Bom Dia Rio Grande	Diariamente	Com a família	
Média	Fábio	Jornal Nacional	Uma vez por semana	Com família ou sozinho
	Mateus	Não tem um em específico	Uma vez por semana	Com família ou sozinho
	Leila	Jornal Nacional RBS Notícias Jornal Hoje	Diariamente	Com a família

Média baixa	Márcio	Jornal Nacional RBS Notícias Jornal Hoje Bom Dia Brasil Jornal da Globo	Diariamente	Com a família
	Isabel	Jornal Nacional Jornal Hoje	Diariamente	Com família ou sozinha
	Pedro	Jornal Nacional RBS Notícias	Diariamente	Com a família
	Ana	Não tem um que veja com frequência	Raro	Sozinha enquanto zapeia

Fonte: pesquisa própria

Os alunos com melhor desempenho da rede privada, pertencentes à classe média alta, Mariana e Marcelo, têm o hábito de assistir apenas ao Jornal Nacional, com a família, embora não considerem o telejornal como a principal fonte de informação. Mariana costuma se informar pelas redes sociais, conta que segue várias páginas alternativas no Facebook na busca por informações gerais, como Revista Fórum⁸⁴, Quebrando Tabu⁸⁵ e a página da UNICEF⁸⁶. Marcelo também tem o hábito de se informar pelas redes sociais, conta que segue o “*Diário de Santa Maria, Zero Hora*, (sites) de esportes, *GI*, um monte de sites de notícias”. A diferença entre ambos é que Mariana busca por sites fora da mídia hegemônica. Já Marcelo está habituado aos sites pertencentes às mesmas empresas que comandam os grandes conglomerados midiáticos.

Quanto aos jovens da rede pública com ótimo desempenho, Laís e Márcio, pertencentes à classe média alta e classe média baixa, respectivamente, assistem diversos telejornais diariamente com a família. Laís conta que, além de ver muitos telejornais, também lê jornal, mas não o impresso: “eu acho que eu leio mais na internet, por mais que eu não leia jornal (impresso), eu tô sempre vendo o *DSM* na internet. Sabe aquelas notícias ‘ah, aconteceu tal coisa’?, eu sempre acabo lendo, clico na manchete”. Já Márcio não segue nenhum site informativo nas redes sociais e afirma que se mantém informado pela televisão e os diversos

⁸⁵ Quebrando Tabu é uma página do Facebook que surgiu a partir de um documentário que discute a legalização das drogas. Segundo dados da página “Quebrando o Tabu tem como principal objetivo a abertura de um debate sério e bem informado sobre o complexo problema das drogas no Brasil e no mundo”. Disponível em https://www.facebook.com/pg/quebrandootabu/about/?ref=page_internal. Acessada em maio de 2017.

⁸⁶ Página que visa tratar sobre os direitos de crianças e adolescentes e o trabalho da Unicef. Disponível em https://www.facebook.com/pg/UNICEFBrasil/about/?ref=page_internal. Acessada em maio 2017.

telejornais que assiste em casa. Laís demonstra senso crítico em relação à televisão, dizendo que a informação dada é rasa:

Na TV, eles querem muito isso, tipo ai ‘fulano matou não sei quem’, só que não fala o porquê, entendeu. E aí fica ‘tá, mas e aí?’, daí ficam ‘ah, que crueldade’, mas nem sabe, entendeu, nem sabe se foi vítima ou não. É algo que mexe comigo, mas me faz querer saber o porquê e eu não descobro, entendeu.

E ainda comenta sobre a manipulação que percebe “eu acho que muitas vezes as informações ali não são bem claras, sabe. Eles querem te induzir a pensar algo, principalmente na TV”.

Observamos nestes quatro alunos uma similaridade: todos têm interesse em se manterem informados, mas de modos diferentes. Os três jovens de classe média alta, Mariana, Laís e Marcelo costumam ler notícias pela internet, seguindo sites diversos. Márcio, pertencente à classe média baixa, informa-se assistindo diversos telejornais na Globo. Todos, com exceção de Mariana, informam-se pela mídia hegemônica.

Leila e Fábio, jovens que frequentam a escola privada e pertencem às classes média baixa e média, respectivamente, e Ana e Pedro, estudantes de escola pública e que pertencem à classe média baixa, têm desempenho médio e, em sua maioria, não demonstram muito interesse por notícias.

Fábio gosta de assistir séries no Netflix e afirma que quase não vê televisão, embora acompanhe, às vezes, algum telejornal em família. O jovem não demonstra interesse por se manter informado. Segue o *Diário de Santa Maria* pelo Facebook, mas afirma que gosta de ler na rede social sobre curiosidades, “nada de informação”.

Leila não tem canal, gênero ou programa favorito, mas diz que assiste televisão “quase todos os dias, mas de passagem” também com a família, especialmente na hora da janta quando está passando o telejornal. Embora considere que se manter informada é importante, a jovem costuma apenas ler as manchetes na linha do tempo do Facebook e consumir notícias incidentalmente por meio das postagens dos amigos. Segue sites como *Diário de Santa Maria* e *Zero Hora*, e outras que amigos compartilham e que acha interessantes, mas não sabe dizer o nome das páginas.

Já Ana conta que a assistência esporádica de telejornal ocorre em seu quarto, sozinha. “É raro olhar. Às vezes eu assisto lá alguma coisa que passa ali na hora e não tem nada pra assistir, que meus filmes já acabou, aí eu paro ali e vejo alguma coisa interessante, mas já

mudo na hora”. A jovem não tem preocupação com a informação e não segue nenhum site de notícias, apenas páginas de músicas e mensagens⁸⁷.

Pedro assiste telejornal durante as refeições e costuma se informar pelas redes sociais, do mesmo modo que Leila, lendo notícias pelas postagens no Facebook. Segue alguns sites de notícias como *GI* e *Diário de Santa Maria*. Também gosta de ler textos sobre Filosofia e História.

Quanto aos jovens com desempenho baixo, Rodrigo e Isis, da escola privada e classe média alta, e Mateus e Isabel, da escola pública, classes média e média baixa, reiteram o quadro de pouco interesse por notícia. A exceção fica por conta de Rodrigo, como já foi referido, e sua assistência à Globo News, mesmo que esporádica, e o interesse por páginas de notícias dentro da plataforma Facebook.

Isis assiste, às vezes, ao Jornal Nacional junto com a mãe, mas afirma não prestar atenção e ficar conversando com as amigas pelo celular. Usa as redes sociais para se comunicar e ler curiosidades no Facebook. Não segue nenhum site de notícias.

Mateus às vezes assiste telejornal com o pai, mas gosta mesmo de ver Animês que baixa da internet. Utiliza as redes sociais para se comunicar e não segue nenhuma página de notícias, mas assiste muitos vídeos pela internet e conta que segue um youtuber que trata de temas tecnológicos e o canal de um casal que mora no Canadá e relata como é sua vida no país por meio de vídeos.

Isabel não gosta de ver noticiário, embora às vezes assista alguma coisa, pois a TV fica ligada na hora das refeições. Usa as redes sociais para se comunicar e não segue nenhuma página de notícias no Facebook.

A assistência a telejornais é demarcada, na rotina de praticamente todos os jovens, pela presença da família. É sempre o pai ou a mãe que ligam a televisão. Os jovens estão mais vinculados à internet, que utilizam prioritariamente para se informar e entreter, e a assistência de séries e filmes em canais de televisão fechados e na Netflix. Contudo, apresenta-se aqui, novamente, um maior interesse por notícias advindo dos jovens que pertencem à classe média alta (Mariana, Marcelo e Laís).

⁸⁷ Páginas de mensagens são aquelas que publicam pensamentos de otimismo, ironia, reflexões, etc.

3.4.1.2 Mediação familiar de assistência à televisão

Os jovens entrevistados reafirmam em suas falas sobre o hábito familiar de assistir televisão diariamente às refeições. Rodrigo conta que “Assim, eu olho os jornais. Raramente eu vou ligar a TV pra assistir um programa, tipo, um programa, uma série, uma coisa assim. Vou chegar, vou sentar, porque não tem outra coisa pra olhar no momento que eu tô almoçando ali. Aí eu olho assim. Digamos que é todo dia, só que não é uma coisa que eu gosto de fazer. Coisa mais que virou costume”. Sobre os comentários durante a assistência, o jovem diz que “Meu pai, a gente costuma, às vezes, entrar em debate em algumas coisas, principalmente política ultimamente. Eu gosto muito de falar de política. E eu pergunto pra ele, porque meu pai já teve uma relação com a política, daí ele meio que ensina bastante coisa”. Mas o jovem demonstra em sua fala uma relação de troca com o pai, visto que também o ensina, de certo modo, a ter uma visão crítica da mídia:

Eu quando olho Globo já vou com o pé atrás. Eu sempre olho com o pé atrás... eu comecei a falar sobre isso com ele (o pai) e ele começou a ver, a achar também. Porque tem muitas coisas que eles falam e a gente já questiona na hora e fica meio que aquela coisa no ar, sabe? ‘Ah, tá induzindo a isso’.

Marcelo costuma jantar com a mãe, sempre assistindo televisão, geralmente o Jornal Nacional. No entanto, a mãe não costuma fazer muitos comentários embora acompanhe sempre novelas e noticiários: “a mãe olha bastante. Ela tá sempre olhando TV, no caso as novelas, os noticiários. Ela tá sempre vendo TV. Agora eu não, eu fico já por fora da TV, não olho a televisão assim.” Marcelo afirma que vê televisão sempre que tem jogo, umas três vezes por semana. Em relação a documentário, que foi apontado pelo jovem como um dos gêneros favoritos, ele diz que “Antes, quando tinha alguma coisa de interessante, eu olhava History, Discory Chanel, só que agora não tá dando mais muita coisa, só *reality* e daí não tem graça. Mas era isso que eu olhava antes”.

Fábio conta que os pais gostam de assistir a telejornais, mas o jovem não tem o hábito de ver com eles. Por vezes ouve os pais comentando alguma coisa sobre as notícias, mas não participa da conversa. Eventualmente assiste ao canal Globo com os pais, especialmente aos finais de semana. “Bom, final de semana até tem (assistência à TV) quando eu fico com eles (os pais). Quando eles vão almoçar, eles veem TV e daí eu vejo também... Domingo de noite é mais eu e a mãe que olhamos. Aí a gente vê Fantástico, vê Faustão”.

Leila acompanha a família, que costuma assistir o Jornal da Band e o Jornal Nacional, embora a jovem assista parcialmente. No entanto, não há muitos comentários entre a mãe, a avó e a jovem, que moram juntas. Afirma que não há uma posição familiar assumida em relação à política, mas que cada um faz a avaliação do que é certo ou errado e que suas opiniões são parecidas. Mesmo que assistam os telejornais diariamente, Leila diz acreditar que o programa preferido da vó e da mãe é ver novela.

Isis assiste televisão diariamente, especialmente desenhos, seu gênero preferido. Com a mãe ela vê o telejornal “digamos que umas quatro vezes por semana.” A mãe chama a atenção da filha quando percebe algum assunto interessante, pois a jovem costuma ver televisão dispersa conversando com amigas pelo celular.

Mariana conta que cerca de três vezes por semana ela vê filmes e séries. Com a família ela vê telejornal: “Na hora da janta, daí eu termino de jantar e sento ali ao lado deles pra continuar assistindo”. A jovem foi bastante enfática durante a entrevista sobre o conflito existente com seus pais e o quanto ela se esforça para alertá-los da importância de consultar outras fontes de notícia que não o Jornal Nacional: “eles ficam com o conhecimento que a TV tá proporcionando, que aquele telejornal tá proporcionando. Eles não procuram outros meios pra tentar fazer um parâmetro. Os dois têm uma opinião muito parecida”. Em relação aos comentários durante o telejornal, “eles comentam muito! Até agora com essa coisa de impeachment, eles são muito favoráveis e eu fico explicando que não é a melhor saída. Eles são mais, tipo, de direita e eu sou de esquerda, daí dá uns choques assim quando a gente vai opinar”.

Márcio, embora diga que gosta de ver séries e filmes, não o faz com frequência. “Uma vez por semana, às vezes nem isso”. No entanto, ao ser perguntado sobre a assistência de telejornal, ele afirma que vê diariamente, embora não esteja concentrado no programa. “Normalmente é porque eu tô fazendo outra coisa junto, a não ser que, por exemplo, eu quero ver uma notícia ou esteja acontecendo algo, porque na época do impeachment eu sentava pra ver direto”. A família, formada por Márcio e a mãe, tem o hábito de jantar na frente da televisão. Márcio conta como a televisão suscita temas para conversar como a mãe: “A gente vê TV junto, né, porque às vezes tu tá olhando, conversando e.... só que se não tivesse TV, eu acho que a gente não conversaria, é mais algo que colabora, mas não digo que é a parte central mesmo”. O jovem e a mãe têm opiniões parecidas e concordam na maior parte das vezes em seus comentários.

Pedro diz que vê televisão todos os dias, especialmente a programação da MTV com a irmã. A assistência de telejornal geralmente é com a mãe e durante as refeições. O pai quase

não assiste televisão. Pedro também conta que seu pai é mais posicionado à direita e o jovem e a irmã são de esquerda. O jovem conta que a irmã é ‘feminista ativa’ e, por isso, às vezes há conflito entre ela e os pais. No entanto, sempre prevalece o respeito, segundo o jovem. Durante a assistência televisiva não há muitos comentários em família.

Mateus, embora pouco assista a telejornais, fica sabendo da opinião da família, especialmente do pai, porque gosta de conversar com ele sobre assuntos da atualidade. Afirma que o pai é policial militar aposentado e por isso gosta de ver notícias policiais, assim como Mateus. Esporadicamente a assistência a telejornais ocorre quando o estudante chega em casa da escola e encontra o pai vendo o Jornal Hoje, então assiste um pouco com o pai e eles comentam sobre as notícias. A mediação paterna surge na fala do jovem como fundamental, pois em vários momentos ele comenta sobre como o pai é importante em sua vida: “meu pai é bem honesto, eu admiro muito o meu pai. É uma pessoa que eu gosto muito” e “Eu e meu pai, a gente discute muito sobre política, futebol, a gente fala muito de Física, sabe. O meu pai não terminou o ensino médio, não tem uma formação, mas meu pai estuda muito, sabe, ele gosta muito de estudar por si, então a gente conversa muitas coisas”. A mãe de João Paulo não opina muito e o estudante não se refere à mãe em seus relatos sobre as discussões políticas e as conversas sobre atualidades em geral.

Laís afirma que, geralmente, só vê televisão se o aparelho foi ligado por algum familiar. Um programa que reúne a família é o Fantástico: “Meu pai gosta de TV também, fica bem emocionado olhando, meu irmão gosta, então todo mundo gosta do Fantástico” e o Jornal Nacional durante o lanche da noite. Sobre a assistência de documentários, a estudante acompanha na Netflix

Aquele Cosmos é muito bom, do universo que fala da Física Quântica também. Deixa eu ver... eu vi um sobre drogas também ... Deixa eu ver... teve um que olhei que até foi muito estranho, a minha mãe olhou ‘Por que tu tá olhando isso?’, que era sobre bulimia, anemia. Mas sabe, eu gosto de ver coisas informativas, sabe, eu não sei. Eu gosto de entender sobre aquilo e se alguém me perguntar eu vou saber, entendeu? Tipo, eu gosto daquilo, igual meu pai.

Embora a assistência de documentários seja individual por parte da jovem, ela menciona o pai como um exemplo seguido no que tange ao seu gosto por gêneros informativos.

Eu não sei se é pelo meu pai, ele escuta muito rádio assim, é viciado em rádio, jornal e informação e eu acabei tendo isso na minha família, então eu sempre gostei de escutar rádio e tipo, eu vinha pra escola escutando rádio, notícias e aí eu voltava escutando rádio. Aí a gente olhava Jornal Nacional, o jornal da

Band também. Meu pai sempre muda de canal, assim ó, minha mãe brinca e quando ele ficar velho a gente vai trancar ele num quarto com telão e vai passar só noticiário assim direto, porque ele ama, incrível, ele tem um prazer de olhar as notícias. Bom, e eu sempre gostei (de notícias) por causa disso.

Mas a assistência à ficção também surge na fala da jovem, geralmente acompanhada da presença da mãe: “quando tá dando novela minha mãe sempre olha, sempre não, ela olha as da noite assim. Ela gosta muito de Velho Chico que eu já olhei também e é muito bom. Tem uma história muito legal. Aquele Justiça eu gostei bastante também. Quando ela tá olhando, eu olho”. Laís gosta de expressar sua opinião em casa e seus pais comentam sobre o que consideram certo e errado, mas sem entrar em questões políticas. Conta que seus pais são conservadores, mas sobre política buscam ser neutros. A relação da jovem com a mãe é bem aberta e conversam sobre tudo: “eu falei com ela sobre aborto, sobre várias coisas assim, ela tá pensando mais, sabe? Eu falo pra ela várias coisas, a gente discute várias coisas”. Já o pai é mais resistente a mudanças: “eu acho que por mais que ele tenha muito conhecimento sobre, ele não consegue botar em prática por ser antigo assim de pensamento”. A jovem comenta sobre como a mediação familiar influencia no modo de pensar do pai: “a família dele já fala ‘não, que homem é assim e mulher é assim’, então ele tem esse pensamento bem antigo até. Espero que mude, não sei”. Este quadro se repete com o irmão da Laís, que também é bastante conservador: “o meu irmão eu acho ele muito machista, muito, muito. Mas eu acho que é mais influência de ter visto meu pai assim, sabe, de ter aquela visão”.

Ana não tem televisão na cozinha nem na sala, então a família faz as refeições conversando, sem a interferência de nenhuma mídia. Mesmo a família não assistindo televisão reunida, a jovem afirma que sabe sobre a posição política de seus pais por eles comentarem o que assistiram na televisão. Os comentários ocorrem durante a refeição ou em momentos de lazer. Uma diferença da família de Ana em relação às demais é que os pais não gostam da Globo, segundo a jovem. Por isso, assistem o telejornal na Record. No entanto a estudante não sabe informar o porquê da preferência.

Isabel, embora diga que não gosta de assistir noticiário, o faz todos os dias pois a televisão está ligada nos horários das refeições. O aparelho televisivo fica sintonizado na Globo e a família vê *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*. Isabel também conta sobre o pai, que comenta às vezes sobre algum assunto ligado especialmente à política quando assistem televisão. Pelos comentários percebe que seu pai tem posição política ligada à direita ou centro: “Às vezes o meu pai não entende. Eu acho que ele é mais de direita e eu sou mais de esquerda, daí as ideias não se batem, sabe. Ele tem umas opiniões que eu não concordo”. No entanto, a

estudante afirma que um não tenta convencer o outro com argumentações. A mãe de Isabel não costuma fazer comentários sobre questões políticas ou de atualidade em geral.

Tanto os dados quantitativos quanto os qualitativos apontam a televisão como um meio cuja assistência, em grande parte, ocorre em momentos de reunião familiar, o que ressalta a importância da família como mediadora no contato do jovem com o meio televisivo.

Como destaca a antropóloga Cynthia Andersen Sarti “a família, inclusive para os adultos, continua detentora dessa função de dar sentido às relações entre os indivíduos e servir de espaço de elaboração das experiências vividas” (2004, p. 120).

Para a maior parte dos jovens entrevistados ver televisão ocorre em momentos de união e troca e não como fonte de disputa ou poder. Não há grandes discussões no que tange aos conteúdos, mas uma rotina instaurada na casa em que os temas sobre os quais a família conversa pode ou não ter conexão com o que está passando no momento. Por meio de nossos dados empíricos podemos constatar que a assistência televisiva está ligada ao consumo como processo de integração (CANCLINI, 1995), pois ocorre com grande frequência relacionada a estar junto com os familiares e trocar ideias, assim como processo de ritualização (idem), pois demarca o momento das refeições dentro da rotina familiar.

A televisão ainda é o veículo por excelência que propicia uma assistência coletiva por meio da qual debates podem ser suscitados e os membros da família podem compartilhar seus pensamentos sobre o mundo vivido. Para Sarti, a televisão cria “referências de identidade para os jovens” (2004, p. 124) que não podem ser ignoradas pela família, tendo em vista a exposição dos diversos segmentos sociais a suas mensagens. Este aspecto da televisão é especialmente importante diante do risco potencializado por diversos meios de comunicação nos indivíduos em família “que passam a não se relacionar entre si, estando presentes, mas conectados aos meios, e não uns aos outros, sobretudo nas famílias de camadas médias e altas, que agora dispõem também de computadores e acesso à internet” (2004, p. 124).

Observamos nas narrativas dos entrevistados que, entre os estudantes de classe alta, há mais debates e trocas de ideias durante a assistência dos telejornais (Rodrigo, Laís e Mariana) enquanto que apenas um jovem de classe média baixa (Márcio) afirma conversar frequentemente com a mãe sobre os conteúdos jornalísticos. Os jovens de classes média baixa e média, de modo geral, não apresentam tanta interlocução com seus pais enquanto assistem televisão. No entanto, Mateus, classe média, gosta de conversar com o pai sobre assuntos da atualidade, embora não necessariamente durante a assistência à televisão, e tem na figura paterna uma grande referência. Isabel, classe média baixa, também afirma que seu pai faz alguns comentários enquanto assistem TV, mas não chega a existir um diálogo entre os dois

sobre o que estão vendo. As manifestações do pai servem mais para que a jovem saiba como o pai pensa e tenha consciência de como sua posição é discordante dele em alguns pontos.

O diálogo e reflexão sobre assuntos da atualidade, motivados pelo que os indivíduos assistem na televisão, parece ser característico das classes altas, que possuem, além de capital econômico, também alto capital social e cultural. A maturação intelectual vai ocorrendo de modo processual e com a mediação dos pais, que servem de exemplo e dão subsídios aos filhos para que eles se construam enquanto cidadãos.

3.4.1.3. Dispersão: o modo como os jovens assistem telejornais

Na pesquisa qualitativa todos os jovens afirmaram ver telejornal pela televisão e nenhum comenta nas redes sociais, o que demonstra o não uso da segunda tela como aparato que expanda a assistência televisiva. Os jovens veem televisão acessando a internet pelo celular, mas executando outra atividade, que não tem conexão com a assistência televisiva. Como Travancas já observou em sua pesquisa com jovens universitários, não é comum para eles verem telejornal concentrados.

A recepção mais fluída, menos fixa, muitas vezes sem o indivíduo ficar sentado em frente ao aparelho de televisão, é uma marca da maneira de ver TV dos 16 jovens estudados. Com algumas exceções – particularmente dos dois estudantes mais velhos, que se dedicam a ver o JN de forma mais intensa, sem interrupções, ou pelo menos sem interrupções voluntárias –, quase todos os outros veem o telejornal realizando outras atividades e, muitas vezes, apenas ouvem o jornal, só se aproximando da televisão quando a matéria os interessa. Foram inúmeros os casos de entrevistados que diziam “ser estranho ver assim”, sendo que “ver assim” significava ver televisão parado. (TRAVANCAS, 2010, p. 10-11)

Pesquisa da Ipsos⁸⁸ para o Google Brasil mostra que há uma tendência crescente de consumo de mídia em que quase 7 em cada 10 usuários brasileiros usa TV e smartphone ao mesmo tempo⁸⁹. Este aspecto multitelas é confirmado em nossas entrevistas em profundidade em que, perguntados especificamente sobre como os jovens assistem telejornal, 8 jovens afirmaram que veem ao mesmo tempo em que navegam na internet e/ou se comunicam com amigos pelas redes sociais, por meio do celular (Leila, Isis, Marcelo, Fábio, Rodrigo, Isabel, Márcio, Pedro). No entanto, os jovens assistem televisão e fazem alguma atividade paralela no

⁸⁸ 63 milhões de brasileiros usam pelo menos duas telas diariamente (TV + computador); 30 milhões de brasileiros usam três telas (TV + computador + smartphone); segundo dados da Ipsos para o Google.

⁸⁹ Informações disponíveis em <http://www.quempesquisa.com.br/pesquisa-da-ipsos-para-o-google-revela-que-brasil-ja-tem-30-mi-de-internautas-multi-telas/>

celular, pois não utilizam o aparelho móvel para comentar ou procurar mais informações sobre o que está passando na televisão. A maior parte da assistência dos jovens a telejornais ocorre sem concentração na televisão, pois aderem à atitude multitarefa sem terem foco em nenhuma atividade especificamente.

Quanto mais clara a posição política, mais os jovens comentam as notícias em família e mais eles assistem os telejornais focados. Mesmo que jovens com ótimo desempenho e com baixo desempenho digam que assistem telejornal comentando com a família, a intensidade e frequência com que isso acontece é diferente. Isis, por exemplo, que tem baixo desempenho, afirma que os comentários surgem quando sua mãe chama a atenção da jovem para alguma coisa que está passando, pois na maior parte do tempo a estudante fica conversando com amigas no celular ao mesmo tempo em que assiste telejornal ao lado da mãe. Já Laís e Mariana, que têm alto desempenho, assistem parte do telejornal, mas concentradas no que está passando e costumam comentar com a família, apresentando opiniões bastante contundentes sobre o que se passa na atualidade.

3.4.1.4 A violência como tema de interesse

Na pesquisa quantitativa foi perguntado se os jovens assistiam telejornal integral ou parcialmente e foram elencados alguns motivos que eles podiam assinalar. Uma pequena parcela afirmou ‘assistir parte do telejornal pois é muita tragédia’ (31 jovens, 7,9%). Já nas entrevistas em profundidade e na observação realizada durante o recreio nas escolas de ensino médio ao serem questionados sobre quais assuntos chamavam mais atenção dos estudantes e os faziam clicar no link do jornal online e ler a notícia, os informantes afirmaram, com frequência, que os temas ‘esporte’ e ‘polícia’ eram os mais visados. A partir dessas informações podemos fazer algumas considerações, aliando ao que observamos nas narrativas dos estudantes sobre temas preferidos nas notícias lidas pela internet ao certo incômodo demonstrado pela fração de jovens que afirmou ver muita tragédia nos telejornais. Embora parte dos jovens pareça estar incomodada com o excesso de más notícias nos telejornais, os fatos narrados pela mídia sobre a questão da segurança pública chamam a atenção na medida em que os estudantes buscam saber sobre o quão estão seguros nos espaços em que transitam.

Ultimamente tem acontecido bastante isso, me preocupo, pode acontecer comigo (referindo-se à violência). (Leila)
Notícia que assassinou alguém, ou alguma coisa da Câmara, inflação, economia eu gosto muito também. Polícia eu gosto bastante, me interessa. Não é gostar, né? Mas quero tá informado. (Rodrigo)
Porque é algo que a gente tá vivendo no mundo de hoje. Pode acontecer comigo. (Fábio)

Esta preocupação com a violência e segurança vem ao encontro do que Paul Singer (2005) nos traz em artigo que propõe uma leitura sobre os dados advindos do Projeto Juventude⁹⁰. O autor afirma que os jovens querem mudar o mundo, mas antes têm que cuidar de sua própria sobrevivência, pois 42% vivem em família com renda de até dois salários mínimos e 31% com dois a cinco salários mínimos. Embora nas entrevistas analisadas em nossa pesquisa os jovens pertençam à classe média, classe média alta e classe média baixa, nenhum deles revela uma vida que não seja de luta dos pais e mães para dar sustento e boa educação para os jovens. Eles sabem das dificuldades e não vivem com imenso conforto, alguns mencionando inclusive que só tentarão vaga na Universidade Federal por ser pública e gratuita.

O Projeto Juventude ainda revela que as maiores preocupações dos jovens são com a violência/segurança (55%) e emprego (52%), ao mesmo tempo em que as mudanças que os jovens gostariam que ocorressem são, em primeiro lugar, o término da violência (40%), o término da miséria, pobreza e fome (30%) e a mudança nas condições de trabalho e emprego (30%), estando em terceiro lugar a redução da desigualdade social (9%).

Embora as preocupações dos jovens tenham caráter solidário, eles preocupam-se, em um primeiro momento, com a própria segurança e procuram, a partir das notícias, acompanhar como está a criminalidade no local onde vivem.

Medo e violência fazem parte do cotidiano de todos os jovens e compõem o cenário espacial vivido na metrópole, independentemente da classe social a que pertencem. A violência tornou-se uma categoria mundializada, transnacional e transmediática que atravessa, indistintamente, sociedades e grupos sociais. Entretanto, sabemos há muito, os jovens da favela e das habitações de periferia convivem bem mais de perto com esta realidade. Trafegar pelas ruas da cidade supõe correr riscos e aprender a conviver com o medo. (BORELLI, 2003, p. 119)

⁹⁰ Referente ao Perfil da Juventude Brasileira, pesquisa realizada em 2003 pelo Instituto Cidadania composta por 3.501 entrevistas com jovens de 15 a 24 anos de 198 municípios do Brasil. Como fruto, originou o livro 'Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional', que é uma das referências bibliográficas de nossa tese.

Travancas (2010) observou em seu estudo com jovens universitários que, ao mesmo tempo em que os estudantes afirmavam que o Jornal Nacional mostrava só notícias ruins, por outro, era visto como um produto relaxante. Para a autora, o telejornal

[...] aponta para a permanência, para a manutenção de um certo *status quo* que tranquiliza quem o assiste. Ele estabelece e reafirma uma barreira. O que está na telinha é o mundo. Em chamadas. Não é o “meu” mundo. Quando desligo o canal, me desligo de tudo aquilo que ele mostrou e respiro aliviado porque aquele é “outro” mundo. (TRAVANCAS, 2010, p. 9)

O telejornal tem um caráter informativo que proporciona aos espectadores manterem-se informados sobre o mundo e sua própria localidade, ao mesmo tempo em que traz a segurança de que os fatos estão acontecendo ‘lá fora’, longe de nosso lar seguro e tranquilo.

Nossa pesquisa referenda as reflexões encontradas nos autores consultados, de modo que os jovens entrevistados convivem com os riscos da cidade e procuram manter-se a par dos acontecimentos para que possam se prevenir e evitar a violência.

3.4.2. Consumo de Internet

Sobre o consumo de Internet por parte dos estudantes entrevistados, todos afirmam acessar a rede de computadores. Este dado corrobora com o que encontramos em termos quantitativos, em que apenas um aluno que preencheu o formulário afirmou não acessar a internet. Segundo dados da pesquisa realizada em 2015 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), 80% dos adolescentes até 17 anos usam a internet. Estão desconectados 5 milhões e 900 mil jovens e o principal obstáculo para o acesso é a falta de disponibilidade no domicílio. O telefone celular é o principal meio usado para se conectar, sendo utilizado por 83% dos jovens, segundo dados da mesma pesquisa.

Em nossa investigação, estamos frente a jovens escolarizados e que pertencem às classes média, média alta e média baixa. Todos os entrevistados possuem celular e o dispositivo é o meio preponderante por meio do qual acessam a internet, assim como apontado nos dados colhidos na pesquisa quantitativa. Todos os jovens possuem notebook ou computador de mesa (desktop), apenas Márcio (classe média baixa) afirmou que seu computador estragou há seis meses e que ele ainda não mandou arrumar. O estudante diz não sentir falta do computador e que usa o celular para tudo. Apenas quando precisa fazer algum trabalho para a escola sente falta do dispositivo. Os jovens que frequentam escola pública utilizam menos computadores e

desktops pois possuem menos acesso à plataforma por conta do capital econômico. Ana, Pedro e Isabel, de classe média baixa, contam com um computador compartilhado por toda a família e quase não o utilizam. Laís, classe média alta, divide o computador com seu irmão. Mateus, classe média, tem um computador no quarto, que comprou com a remuneração de seu estágio.

Já os jovens que frequentam escola particular e pertencem à classe média alta, em sua maioria, possuem um computador só para si. Marcelo, Rodrigo, Mariana, pertencentes à classe média alta, e Fábio, classe média, possuem seus computadores de uso pessoal. Isis, classe média alta, divide o computador com sua irmã, mas afirma que a mãe comprou outro, mais veloz e as duas revezam o uso entre o antigo e o novo. Leila, classe média baixa, possui um computador em casa, compartilhado com sua mãe e irmão.

Deste modo, quanto mais alta a classe, mais provável que o jovem tenha um computador em seu quarto, de uso exclusivo.

Quando questionados sobre o que acessam na internet todos os jovens responderam que se conectam às redes sociais. Na pesquisa quantitativa este também foi o item marcado pela maioria dos jovens. Seis estudantes afirmam usar a internet para jogar (Marcelo, Fábio, Isis, Rodrigo, Laís, Mateus), seis jovens pontuaram que usam a internet para fazer pesquisas (Mariana, Marcelo, Isis, Leila, Fábio, Ana), três para estudar (Ana, Isabel e Mateus) e um para fazer trabalhos (Pedro). As últimas alternativas mencionadas estão vinculadas, pois os jovens que afirmaram utilizar a internet para fazer pesquisas não deixaram claro se era para trabalhos de aula ou pesquisas em temas de interesse próprio, então compreendemos que estudar, fazer trabalhos e fazer pesquisas têm em comum o fato de serem atividades que visam adquirir conhecimento sobre determinado tema e convergem para o estudo. No entanto, ao observarmos as narrativas juvenis dos informantes sobre o que fazem na rede, prevalece o uso para comunicação entre os amigos pelo Whatsapp e Messenger; e entretenimento, seja para ouvir músicas por meio do Youtube, ver a linha do tempo no Facebook, ver fotos no Instagram, etc.

Os jovens de classe média alta permanecem mais tempo conectados: Mariana, Laís e Marcelo afirmam que acessam a internet de 4 a 8 horas por dia, enquanto Isis e Rodrigo mais de 8 horas por dia. Já Fábio, classe média, permanece conectado de 4 a 8 horas por dia, e Mateus, também classe média, mais de 8 horas por dia. Os jovens que pertencem à classe média baixa, Márcio, Pedro, Ana e Isabel permanecem conectados de 2 a 4 horas por dia e apenas Leila, dos jovens de classe média baixa, afirmou acessar a internet de 4 a 8 horas por dia. O menor tempo de conexão dos jovens da classe trabalhadora possivelmente está vinculado ao fato de nem todos possuírem sinal de internet em seus celulares livremente, pois o capital econômico é menor que dos jovens das classes média e média alta.

O menor tempo destinado ao acesso à rede de computadores incide diretamente no tempo destinado a pesquisas, estudo pela rede, comunicação com os pares e leitura de notícias online.

3.4.2.1. *Sobre o consumo de notícias na internet*

Para Martín-Barbero “el campo de la comunicación se presenta hoy primordialmente configurado por tres dimensiones: el *espacio* del mundo, el *territorio* de la ciudad ey el *tempo* de los jóvenes” (2002, p. 10). O autor ressalta que as redes põem em circulação fluxos de informação que transformam os modos de comunicar. Nos novos cenários de comunicação emerge a fragmentação e o fluxo de imagens em múltiplas plataformas.

Segundo o estudo de Boczkowsky, Mitchelstein e Matassi (2016), a relação que os jovens mantém com as notícias do dia a dia depende da sociabilidade que as redes sociais geram, pois a própria rede de relacionamento é fonte de conteúdo lido pelos jovens. O consumo de notícias ocorre em meio a conversas online, de modo breve e diluído, ao mesmo tempo em que o indivíduo visualiza *memes*⁹¹, depoimentos, dialoga entre pares e ‘curte’ postagens.

Nas entrevistas com os jovens estudantes de ensino médio identificamos que há um alto grau de consumo de notícias por meio da internet, de modo fragmentado e disperso, especialmente pelas redes sociais. Relatos como os de Rodrigo são comuns: “Leio na internet bastante. Leio bastante reportagem, G1, do Ig eu acho, uma coisa assim”. Quando questionado como ele chega até as notícias, o jovem afirma:

Pelo Face e Twitter, tem bastante coisa. O Twitter tem uma opção ali que é momento que mostra o que tá acontecendo agora. Tem também quando dá uma notícia da Dilma, do Temer, do Cunha, a gente vai lá ver, sabe? No Facebook, às vezes, aparece notícia também. Notícia de esporte tá sempre aparecendo, a gente entra no site do Olé Brasil, por exemplo, ou no Globo Esporte.

A fala de Fábio retrata os hábitos de leitura dos jovens na internet ‘se eu tô no Facebook assim e passa manchete de alguma coisa que me interessa eu leio, clico ali. Mas não que eu

⁹¹ Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, meme é uma imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.

procure'. Sites como os do *Diário de Santa Maria*, *Zero Hora* e *G1* são alguns dos mais citados pelos estudantes.

Recente estudo sobre como os jovens consomem notícia indica que este processo ocorre principalmente por meio dos celulares, de modo difuso, imerso nas redes sociais. A investigação, realizada pelo Centro de Estudos de Mídia e Sociedade na Argentina (MESO) em conjunto com a Universidade de San Andrés (Argentina) e a Universidade Northwestern de Chicago (EUA) introduz o conceito de 'notícia incidental', ou seja, não há o hábito de buscar notícias no computador, TV ou jornal, mas o consumo fortuito, nas *timelines*. A pesquisa ouviu 24 jovens na Argentina, na faixa etária dos 18 aos 29 anos, a maioria pertencente à classe média e média alta.

Como retrata a pesquisa

La mayoría de los entrevistados accede a las noticias por medios digitales, usualmente a través de dispositivos móviles, como una práctica secundaria de su monitoreo de las redes sociales. No entran en contacto con el universo digital para buscar noticias, sino que se encuentran con ellas en los feeds de sus redes, entremezcladas con anécdotas graciosas de amigos, pedidos de ayuda y fotos de viajes, animales y comidas. A veces clickean en los titulares y dedican poco tiempo a leer la información más allá del título y la bajada, para luego volver a Facebook o interrumpir el consumo mediático porque hay que bajar del colectivo y empezar a caminar. (BOCZKOWSKY, MITCHELSTEIN e MATASSI, 2016, online)

Assim como os jovens argentinos, também são os jovens pesquisados em nossa investigação. Através de uma prática 'incidental', como afirma o estudo argentino, não há uma hierarquia no conteúdo jornalístico na experiência do jovem. Há um grande mosaico em meio a histórias, opiniões, informações de todo tipo e procedência. Os jovens não sentam e dispendem um tempo para ler jornal, mas acessam as informações pela tela de um computador ou celular através das redes sociais. Nas palavras de Boczkowsky, Mitchelstein e Matassi, os "jóvenes no se posicionan como sujetos que usan los medios, sino que viven en ellos, como si se tratase de un ambiente digital afín a los ambientes urbanos y naturales que engloban sus vidas cotidianas". (idem, 2016, online)

Estar nas redes faz parte da vivência destes estudantes como algo intrínseco à experiência de vida. Os jovens hoje leem notícias sem uma rotina, não há mais um ritual de ler o jornal no café da manhã ou ver o programa de TV de modo focado. Diversão e informação estão juntas nas telas, ocorrendo simultaneamente, durante os espaços de tempo vagos no

decorrer de todo o dia, em diversos pequenos momentos em que os jovens leem as atualizações da sua linha do tempo.

La noticia incidental no es la última etapa en este proceso de evolución histórica, sino la fase más reciente de una transición mediática sobre la que no podemos anticipar cuándo y cómo va a concluir. Si la dirección de esta tendencia continuara, podría cambiar el equilibrio que el rol de las noticias tiene en la conexión entre la comunicación de los medios y aquella entre las personas. Como los estudios de opinión pública de segunda mitad del siglo XX revelaron, la influencia de los medios en el público está mediatizada por las conversaciones en la vida cotidiana. (idem, 2016, online)

Boczkowsky, Mitchelstein e Matassi ressaltam que, na atualidade, mais do que nunca, as redes de contato são grandes fontes de influência, as quais moldam o menu informativo que chega às linhas do tempo dos indivíduos. Se assim for, afirmam os autores, talvez estejamos frente ao surgimento de uma nova cultura midiática, mais livre, com menos hierarquias em que há uma multiplicidade de atores e uma maneira mais diversa de informações distribuída. No entanto, observamos em nossos estudos ainda uma preponderância dos jovens em seguirem sites da mídia hegemônica, tendo poucas menções acerca de leitura de páginas ‘alternativas’.

Mariana, classe média alta, é uma dessas exceções, pois busca sites alternativos para se informar e é a estudante de escola privada que mais se assume enquanto ideologia de ‘esquerda’, como afirma:

Facebook uso bastante, é a rede que eu mais uso, tanto pra postar fotos e me informar. Eu tenho meus amigos no Facebook e pra acessar as páginas, tanto páginas de humor quanto de política. Eu me informo muito pelo Facebook. Eu sigo páginas e às vezes alguém compartilha, daí eu vejo que não sigo, eu entro e daí já olho, já curto e sigo. Mas tem as páginas que eu sigo, que eu acompanho já, a revista ‘Fórum’, aquela ‘Quebrando Tabu’ também que eles trazem muita informação, porque eles são esquerdistas, tem a da ONU, da UNICEF.

Ela também segue veículos hegemônicos, como o G1. No entanto, não é o que lhe chama mais atenção.

Quando eu me interessar eu entro e leio, senão eu só vejo as manchetes. Mas a maioria eu entro e leio. Eu gosto do G1, tem outros sites também. ... Eu leio bastante coisas em relação ao feminismo. Leio bastante também tanto reportagens quanto textos, bastante sobre esses movimentos atuais. Eu gosto também da página do Jean Willis, que é aquele deputado homossexual. Eu gosto bastante desse tipo de assunto também.

A mediação escolar, a partir de amigas e colegas de aula aparece com ênfase para Mariana.

Quando eles postam coisas sobre celebridades eu não olho. Mas eu tenho várias amigas que elas postam muita coisa sobre política e sobre outras questões mundiais assim que eu também entro pra me informar. Elas postam também muitas publicações feministas e de apoio aos homossexuais, LGBT, sabe? Então eu procuro muito isso. Mas quando é coisa sobre filme ou sobre celebridade eu procuro não olhar muito. É mais coisa pra eu me informar mesmo do que pra me divertir.

Marcelo, classe média alta, também tem o hábito de assistir vídeos e afirma desconfiar das versões do noticiário. O jovem assiste *youtubers* que crê serem ‘críticos’ e é o modo que tem de ter acesso a versões distintas das que lê nas postagens do *GI* e *Diário de Santa Maria*, os quais segue no Facebook. Não é que a notícia esteja relegada em segundo plano na vida dos estudantes, mas a informação jornalística está vinculada também ao entretenimento, pois ao mesmo tempo em que os jovens leem notícias na linha do tempo, acompanham postagens dos amigos, ‘conversam’ entre si por meio dos chats e pesquisam assuntos para a aula.

Mariana e Marcelo são dos dois estudantes com melhor desempenho escolar entre os seis entrevistados da rede privada e, juntamente com Rodrigo, também de classe média alta, formam o grupo de jovens com mais interesse por notícias entre os entrevistados da escola particular.

Já Leila, classe média baixa, que segue *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria* pelo Facebook afirma que lê as manchetes e segue alguns sites que conhece através do compartilhamento de amigos. Mas não lembra o nome das páginas. A leitura é incidental, pelo que aparece em sua linha do tempo.

Fábio, classe média, segue o *Diário de Santa Maria* e outros de curiosidades como *Você Sabia* e o perfil da revista *Mundo Estranho*. O estudante também assiste vídeos de *youtubers* com a mesma ênfase em curiosidades.

Isis, classe média alta, dos seis jovens da escola particular, é a que menos tem contato com notícias por meio da internet. Não segue nenhum jornal na rede ou site de notícias, mas gosta de ler sobre curiosidades: “Eu gosto de uma página no Facebook que são fatos desconhecidos, que são coisas curiosas. Aí tem a foto do negócio e ‘ah, esse é o porco mais gordo do mundo’”.

Na escola pública, Márcio, classe média baixa, segue *Fatos Interessantes*⁹² e *Super Tela*⁹³, mas nenhum site de notícias. Lê manchete de jornais pelo Facebook quando algum amigo curte ou compartilha. Afirma que se informa mesmo “Pela televisão e quando o assunto é muito latente muita gente curte (no Facebook). Por exemplo, muita gente segue essas páginas, daí curte e são meus amigos, eu vejo”. A rede de amigos é importante para Márcio se manter atualizado: “hoje meu colega comentou que querem... anular a redação do ENEM por ter vazado o tema e aí a gente conversou um pouco sobre isso”.

Já Laís, classe média alta, diz se informar muito pelo Facebook, pois segue o *Diário de Santa Maria*, *A Razão* e *Zero Hora*, além de ler compartilhamentos de notícias de amigos ou páginas que os amigos curtem. Mas a jovem também entra direto na página do jornal para ler notícias: “Quase sempre eu entro no Diário, uma vez por dia e vou olhando as notícias do Diário.” Segue Fatos Desconhecidos, sites de Psicologia e costuma ler curiosidades na rede social.

Pedro, classe média baixa, segue páginas de História e Filosofia no Facebook, além de páginas de humor como *Ajudar o Povo de Humanas a Fazer Miçangas*⁹⁴ e *Filosofia da Depressão*⁹⁵, o perfil do *Diário de Santa Maria* e o *G1*. Sobre a leitura de notícias afirma que lê as manchetes e só quando “me atinge muito assim que eu tento abrir o link pra ler tudo”. Quando questionado sobre o que o atinge muito, o jovem respondeu que, por exemplo, notícias do impeachment. Pedro afirma ter interesse por política e movimentos sociais, sendo os temas que mais lhe chamam atenção.

O capital social de Pedro é um importante aliado na hora de definir o que o jovem vai ler nas redes sociais pois “tenho amigos que cursam Ciências Sociais, daí eu vejo algo que eles compartilham, as mesmas páginas, daí eu acho legal e vou lá e pesquiso assim que eu vejo várias publicações da página, daí eu começo a seguir. Acho bem interessante”. O estudante conheceu estes amigos por meio dos movimentos sociais, especialmente durante a ocupação da

⁹² Se apresenta como uma página de entretenimento que mostra “Alguns fatos interessantes para matar sua curiosidade!” Disponível em <https://www.facebook.com/fatosinteressantesnaweb/>

⁹³ Página do Facebook que contém “imagens com curiosidades/frases e vídeos sobre os mais diversos assuntos”, segundo o próprio serviço. Disponível em <https://www.facebook.com/Supertela/>. Também conta com um site no endereço <http://supertela.club/>

⁹⁴ Página do Facebook voltada para jovens que publica mensagens e imagens irônicas sobre a vida de estudantes da área das humanas. Disponível em <https://www.facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga/> Também conta com um site no endereço <http://povodehumanas.ig.com.br/>

⁹⁵ Página de humor do Facebook, que apresenta imagens e textos sobre filosofia. Disponível em <https://www.facebook.com/socratespensa/>

escola em que Pedro participou. Conta que um dos amigos conheceu quando o mesmo foi na escola fazer o trabalho de campo para sua pesquisa, por exemplo.

Mateus, pertencente à classe média, não segue sites de notícias e afirma que “80% das coisas do Facebook são mentiras, então tem que ir muito atrás das informações que tem no Facebook”. O jovem diz que acha o Facebook “meio inútil” e que a rede social serve “mais para comunicação mesmo”. Ele conta que “eu desativo o Facebook nas férias, eu não uso, sabe, eu acho meio inútil ter o Facebook, mas, por exemplo, agora eu tô usando o Facebook, porque tem o grupo da turma geralmente cai muita coisa lá, sabe, cai matérias, polígrafos novos”. Mateus segue páginas de humor no Facebook, assim como o perfil de um canal do Youtube, o qual assiste com frequência. Ao ser questionado sobre o que lê nas redes sociais de modo geral, reafirma a falta de confiança e interesse que tem. “Eu só dou uma passada, geralmente eu não leio, tem muita baboseira nas redes, tem muita porcaria, então não leio muita coisa, não”. No entanto, revela a mediação escolar ao se referir a uma professora da escola, cujas postagens o jovem gosta de ler e comentar:

A professora Adriana, por exemplo, eu gosto bastante das postagens dela, porque ela posta bastante opinião também, sabe, daí eu comento bastante. Ela fala sobre política também, então eu comento bastante com ela. A gente debate bastante ... eu gosto bastante dela, porque ela não é aquela pessoa extremista, sabe. A gente debate bastante sobre nossas opiniões, então não é uma coisa que fica chata, não é a pessoa que chega e te bota o dedo na cara.

Ana pertence à classe média baixa e conta que segue no Facebook páginas de música, dança e livros, mas nenhum site de notícias. A estudante gosta de ler na rede social “letra de música, mini textinhos de dois parágrafos que tem, que são textos relacionados a amor, umas bem bonitinhas assim” e não faz menção a nenhuma leitura de notícias, mesmo quando instigada a isso.

Isabel também pertence à classe média baixa e segue o *Diário de Santa Maria*, *A Razão* e o *GI*, mas só lê as manchetes. A jovem também segue a Kéfera⁹⁶ no Youtube. As redes sociais são utilizadas para comunicação e entretenimento, sem dar muita atenção a notícias da atualidade.

⁹⁶ Jovem *youtuber*, tem seu canal de vídeos sobre assuntos diversos disponível no Youtube em <https://www.youtube.com/user/5incominutos>. Após o sucesso dos vídeos, que começou em 2010, a jovem já atuou como dubladora, apresentadora de programas de televisão, apresentadora de programa de rádio, lançou dois livros e dá continuidade à sua carreira de atriz em peças de teatro, que começou antes de estreiar em vídeos.

3.4.2.2 Conclusões acerca do consumo de notícias pela Internet

Podemos concluir então que os jovens de classe média alta Mariana, Marcelo e Rodrigo são os estudantes que mais consomem notícias pelas redes, embora só Mariana apresente procura por pluralidade de fontes e leitura de textos que digam respeito a causas sociais que discutam questões de gênero, direitos humanos, entre outros. É válido ressaltar que a jovem conta com a forte presença da mãe que sempre valorizou e ensinou a filha a ser independente e dar prioridade aos estudos e a carreira.

Já Marcelo vem de uma família com alto capital cultural e que sempre teve incentivo a estudar e ocupar um alto posto de trabalho, que lhe desse bom rendimento financeiro. O jovem nunca teve dificuldades no colégio e parece, por sua narrativa, ter alta competência cognitiva.

Rodrigo tem em seu pai o grande alicerce familiar. Embora a mãe o tenha criado sozinha por um tempo, quando o padrasto, que chama de pai, veio a se somar à família, Rodrigo voltou a ter a referência paterna e aponta a importância disso em sua narrativa, reconhecendo o quanto a relação entre pai e filho soma em sua vida.

Laís também pertence à classe média alta e manifesta interesse por notícias na internet, embora demonstre preferência por textos que têm como foco acontecimentos locais. O interesse das jovens por textos de Psicologia, na rede e fora dela, demarca um perfil diferenciado, pois a estudante já demonstra estar focada em seu futuro como psicóloga, já que afirma querer cursar esta graduação. Laís também conta com apoio familiar forte, com mãe graduada em Enfermagem, com quem possui forte vínculo emocional, e pai 'viciado' em notícias, conforme a jovem afirmou.

Isis pertence à classe média alta mas não demonstra interesse por notícias. O fato da jovem ter uma trajetória familiar demarcada pela ausência do pai e do profundo esforço de sua mãe para dar boa qualidade de vida às filhas, faz com que as irmãs passem a maior parte do dia na escola e em casa sozinhas, pois a mãe trabalha desde o começo da manhã até o anoitecer. O contato que Isis tem com a mãe é pela noite, durante a refeição, período em que as duas, às vezes, assistem ao Jornal Nacional juntas, mesmo que a jovem não tenha muito interesse pelo programa. A estudante conta sobre o quanto a mãe procura chamar a atenção da jovem para assuntos considerados importantes, e é só então que Isis realmente assiste ao que está passando no telejornal. A vivência entre mãe e filha se estende aos finais de semana, período em que elas veem um filme juntas, descansam e organizam a casa.

Fábio e Mateus pertencem à classe média e não apresentam grande preocupação em acompanhar notícias, nem pela internet. Mateus tem grande descrédito pelo que lê na internet

e, ao mesmo tempo em que afirma que precisa pesquisar para ver se são verdadeiras as informações que lê no Facebook, não demonstra acreditar em nenhum canal em específico, não seguindo ou citando qualquer site de notícias que considere confiável. O jovem tem forte vínculo com o pai, que é seu grande exemplo. A mediação familiar em relação a notícias não é muito forte, pois os pais não são retratados na entrevista como sendo fortemente interessados por notícias.

Fábio não demonstra interesse por notícias ou perspectiva crítica em seus comentários. Seus pais trabalham durante todo o dia e o contato entre pais e filho parece exíguo por conta disso.

Já as jovens de classe média baixa Leila e Isabel têm em comum o fato de apresentarem pouco interesse por notícias, embora sigam alguns sites de notícias no Facebook. Leila conta com a mediação familiar da mãe, avó e pai que, embora separado de sua mãe, mantém contato frequente. No entanto, nenhum familiar costuma fazer muitos comentários sobre notícias ou fomentar discussões sobre política ou assuntos da atualidade.

Ana, classe média baixa, não segue nenhum site e não se interessa por notícias. Não se refere aos pais como indivíduos que suscitam debates acerca de assuntos atuais.

Já Pedro, classe média baixa, segue sites hegemônicos como *GI* e *Diário de Santa Maria*, mas tem grande interesse por notícias de política e movimentos sociais, em grande parte despertados pelos projetos que participou na escola e na ocupação da qual participou ativamente, como já mencionado. O jovem é uma exceção nos estudantes pertencentes à classe média baixa, por sua consciência política e engajamento. Embora seus pais não sejam apontados como exemplo de indivíduos preocupados com notícias, a mediação escolar parece fazer muita diferença na vida do estudante.

Márcio, classe média baixa, conta, por parte de sua mãe e irmã, com uma grande valorização do capital cultural que pode ser adquirido pelo jovem e uma alta união familiar. Estes aspectos parecem fortalecer o percurso de sucesso escolar e preocupação com o futuro do jovem. Márcio se informa pelos telejornais que assiste com a família.

Com tudo o que foi exposto sobre consumo de televisão e internet, chegamos à conclusão de que a classe social interfere diretamente no consumo de notícias, seja por meio da internet ou da televisão; a mediação familiar é de grande importância na formação de jovens interessados por notícia; a mediação escolar também cumpre papel importante ao suscitar debates e possibilitar espaços para o crescimento intelectual dos jovens. Uma análise específica da mediação escolar na formação juvenil e a interferência da escola no hábito de consumo de

notícias será feita posteriormente. Antes, faremos algumas considerações sobre o consumo de rádio.

3.4.3 Consumo de Rádio

Dos doze jovens entrevistados, nove ouvem rádio com a família e um ouvia quando estava no trabalho, o que vem ao encontro de nossa pesquisa quantitativa em que mais da metade dos jovens afirmaram ouvir rádio (227 estudantes, 57,6%).

No entanto, é importante salientar que o consumo de rádio pelos jovens está aliado à mediação familiar. Nenhum entrevistado afirmou ouvir rádio pelo fato de individualmente ter o hábito. O gosto pessoal dos jovens é por música, pois todos afirmam ouvir pelo celular. Dos doze entrevistados, nove deles, ou seja, Rodrigo, Fábio, Leila, Isis, Pedro, Mateus, Laís, Ana e Isabel comentaram sobre a presença do rádio nas preferências da família.

Rodrigo, classe alta, estudante de escola privada, conta do hábito de seu pai:

A Gaúcha é bom quando eu tô no carro. Sempre quando eu tô no carro, eu tô ouvindo a Gaúcha, aqueles boletins informativos, sempre é bom. Eu gosto de ouvir a Gaúcha. Agora, que daqui uns dias eu já vou tirar a carteira, vou começar a fazer a prova, daí o meu pai fez eu pegar o hábito de ouvir a Gaúcha tanto pelo trânsito quanto pelo que tá acontecendo agora, sabe? Quando a gente vai viajar é bom de botar, não sei se é a Gaúcha que tem informação sempre trânsito, da rodovia e tal.

Fábio, classe média, conta que ouve rádio às vezes com o pai porque chega em casa e o rádio está ligado em alguma emissora de notícias que o jovem não sabe dizer qual é. Leila, classe média baixa, só ouve rádio Atlântida quando está com a mãe no carro, indo para a escola. Afirma que o pai gosta de ouvir rádio, mas ela não tem o hábito de ouvir com ele. Isis, classe média alta, lembra que a vó materna gostava muito de ouvir rádio e, quando a mesma era viva, “a gente botava um radiozinho e ficava ouvindo aquelas músicas velhas. Eu gostava”.

Com os jovens da escola pública o quadro de audiência de rádio se repete. Pedro, classe média baixa, afirma que o pai ouve música no rádio em casa, mas o jovem não sabe precisar a emissora. Mateus, classe média, ouve rádio quando o pai liga o aparelho:

- Eu ouço às vezes com o pai de manhã quando liga antes de eu ir pra escola. É que às vezes ele vai na academia, sabe, daí ele me traz da escola e eu ouço, só que eu nunca sei qual é que tá passando, é coisa bem aleatória.

P - Mas é música?

- Não, a gente ouve geralmente... notícia.

Laís, classe média alta, conta que o pai sempre gostou de se manter bem informado, também pelo rádio: “eu sempre gostei de escutar rádio e tipo, eu vinha pra escola escutando rádio, notícias e aí eu voltava escutando rádio”. O pai da jovem consome notícias intensamente por vários meios, inclusive rádio: “olha a gente vai pra alguma festa de carro, meu pai só escuta notícia. Não tem musiquinha, nada. O caminho inteiro escutando notícia, volta e é só notícia. Vai no mercado com ele e é só notícia”. No entanto, a jovem só ouve rádio quando está com o pai.

Ana, classe média baixa, conta que os avós e pais adoram música e dança e todos ouvem muita música, além do noticiário, pelo rádio, principalmente pela manhã. Mas a jovem afirma gostar mesmo é de música.

Isabel, classe média baixa, conta que ela e a mãe ouvem a Atlântida em casa pelo aparelho de rádio convencional.

Márcio, classe média baixa, ouvia rádio quando trabalhava: “Rádio eu ouvia quando eu ‘tava’ trabalhando que daí de tarde a gente deixava o rádio ligado. Deixava na Medianeira, daí tocava música e falavam um pouco de notícia, mas agora só ouço música mesmo”.

O rádio parece ser um dispositivo comunicacional que perpassa todas as classes sociais, não demonstrando preponderância em uma classe específica na fala dos jovens.

O consumo de música é comum entre todos os jovens, que usam o celular e fones de ouvido em diversos momentos do dia e são bem ecléticos no gosto musical. Nenhum estudante afirmou ligar o rádio ou mesmo ouvir alguma emissora no celular. A preferência é por baixar músicas ou utilizar aplicativos como o *Spotify*⁹⁷, como comentado por Laís.

Em pesquisa realizada com jovens de 15 a 24 anos, das classes alta e média alta de Porto Alegre, Cardoso e Rocha (2011) mostram que os jovens ouvem em média, menos de uma hora por dia de rádio, sendo que 35,8% no carro e 20,9% em casa, assemelhando-se aos dados que encontramos com nossos entrevistados. Na mesma pesquisa, quando perguntados sobre quais são os assuntos mais interessantes a serem ouvidos no rádio, 71,5% dos homens e 81% das mulheres prefere música, ficando futebol em segundo lugar para os homens, com 52,8%. Para nossos entrevistados Rodrigo e Marcelo, ambos de classe média alta, o rádio também é utilizado para ouvir jogos.

A importância da música para os jovens revela uma marca não só dos estudantes entrevistados, mas dos jovens da atualidade. É preciso reconhecer também que, ao longo do

⁹⁷ *Spotify* é um serviço de música digital que dá acesso a milhões de músicas. Pode ser utilizado gratuitamente, com algumas restrições, e tem serviço pago também, que permite baixar músicas e outros benefícios.

tempo, a música tem encontrado meios diferentes de se disseminar, acompanhando o desenvolvimento tecnológico. Para Santini e Lima (2005, p. 2)

A música é um produto social e simbólico de grande importância nas diferentes formações culturais, principalmente se considerarmos a sua capacidade de criar vínculos afetivos entre as pessoas. A música pode usar diferentes formas de linguagem e expressão, sendo produto cultural de características muito especiais: nenhum produto cultural tem mostrado tamanha capacidade de adaptação aos diferentes meios de comunicação.

Assim, a música é hoje o principal produto de áudio na preferência dos jovens, o que vem a somar no interesse por entretenimento que encontramos em nossa pesquisa.

3.4.4 A mediação escolar no consumo midiático

Embora as escolas públicas e privadas se diferenciem em suas estruturas, com menor ou maior possibilidade física de oferecer aos alunos instrumentos para a inserção de mídia nas aulas, observamos nas narrativas juvenis que os dois ambientes se utilizam dos mesmos recursos, contando com pequenas distinções.

A escola privada possui em cada sala de aula computador e datashow de modo permanente. Assim, os professores podem usar o aparato para passar slides ou vídeos. Conforme os jovens contam, os professores costumam utilizar ambos os recursos em suas aulas, especialmente vídeos, como documentários. Os jovens também podem utilizar os dispositivos nos seminários apresentados em sala.

Computadores não são liberados para os alunos, embora haja uma sala de informática, mas que raramente é utilizada. A rede *wifi* também não é aberta, e para ter acesso é preciso solicitar permissão e apresentar uma justificativa referendada por um professor da necessidade de acesso à rede para alguma pesquisa de aula.

Jornais e revistas não são manuseados na escola e a biblioteca não é utilizada para este fim. Os jovens nem sabem se a biblioteca possui revistas e/ou jornais.

Já a leitura de livros é indicada pelos professores, seja para atividades de aula ou como designação para as provas do Enem que os alunos realizam ao fim do ensino médio. Na época da entrevista os jovens estudantes da escola particular estavam lendo livros pois simulariam um júri em que atuariam como advogados de defesa, acusação, entre outras posições na atividade

de aula. No entanto, estes livros são adquiridos pelos jovens e a biblioteca da escola não é frequentada.

Quando questionados se os professores encorajavam os jovens a manterem-se informados, as opiniões foram diversas. Mas alguns estudantes apontaram o incentivo dos professores, especialmente das disciplinas de História e Sociologia, ao manifestarem a importância de os jovens manterem-se atualizados, inclusive por conta da prova do Enem, que fariam ao final do ano e que contaria para o ingresso no ensino superior.

Já na escola pública há apenas uma sala com datashow e computador que é utilizado por todos os professores conforme escala previamente marcada. Mesmo assim, os jovens afirmam que muitos professores utilizam slides em aula, sendo mais frequentes que os vídeos. Os alunos também podem utilizar slides quando apresentam seminários.

Computadores não são liberados para os alunos, embora também haja uma sala de informática, mas que é utilizada prioritariamente por estudantes do curso técnico e, conforme contam os jovens, possui computadores ultrapassados e que não funcionam bem. A rede *wifi* é restrita aos professores e funcionários.

Assim como na escola privada, não há inserção de revistas ou jornais em sala de aula e os jovens também não têm o hábito de procurar estes meios na biblioteca da instituição.

A leitura de livros é realizada por indicação dos professores, especialmente para as aulas de Literatura ou como referência para o Enem. Há leitura esporádica de livros da biblioteca por sugestão de professor, sem obrigatoriedade para atividades em sala de aula, principalmente do professor de Sociologia.

Quando questionados se há em sala de aula um incentivo dos professores para que os jovens busquem notícias da atualidade, as opiniões foram variadas. Como na escola privada, os professores de Sociologia e História foram citados como sendo aqueles que mais encorajam os jovens a manterem-se informados, embora não citem uma mídia em específico.

Percebemos em nossa investigação que as disciplinas que mais instigam os jovens a se manterem em contato com atualidades são História e Sociologia. Este dado não é surpreendente, visto que a natureza dessas disciplinas da área das Ciências Sociais e Humanas lida diretamente com fatos históricos e de cunho social. Constatamos a importância destas matérias para o ensino médio, o que nos parece um diagnóstico fundamental na fase política que vivemos no Brasil,

marcada pela aprovação de reforma do ensino médio em fevereiro de 2017 que prevê a não obrigatoriedade das disciplinas acima mencionadas nos três anos de ensino⁹⁸.

No que diz respeito ao uso de conteúdos midiáticos pelos alunos nas atividades de sala de aula, tanto jovens da escola pública quanto da escola privada afirmam fazer uso especialmente da internet para pesquisa e estudo, não havendo distinção de classe quanto à utilização que fazem.

Laís afirma que a mídia “sempre me ajudou a buscar novas informações, a pesquisar algo” e ainda “Eu gosto muito de ler, então eu leio muitos livros que eu tenho lá em casa, mas quando tem algo que eu quero procurar e não tem neles eu vou pro Youtube”.

Ana conta que a mídia lhe ajuda com “muita informação, muita coisa. Às vezes tua professora vai lá e te explica uma matéria que tu não sabe nada do que ela tá falando, não sabe nem o que é aquilo e aí ela manda tu pesquisar e onde? Na mídia.”

Isabel também utiliza vídeos para compreender melhor o conteúdo dado em aula. “Muitas vezes pra estudar eu pego no Youtube as videoaulas que tem, eles explicam bem”. Para pesquisa a jovem utiliza “... vários sites que tem, tipo Brasil Escola ou site do IBGE também pra Geografia, que é bom.”

Já Márcio menciona o caráter que a internet tem de intercomunicação: “Já me ajudou bastante. Eu acho que ajuda desde avisar quando não vai ter aula no colégio público e até te ajudar a estudar por uma videoaula e postar algum trabalho no face e no whatsapp”.

Pedro costuma ver videoaulas: “eu vou lá no Youtube e digito o conteúdo e vejo diversos videoaulas, daí eu vejo a que eu entendo mais. A que eu entendo mais, daí eu repito várias vezes pra pegar bem o conteúdo, eu faço algumas anotações”.

Mateus inclusive tem o hábito de assistir aulas de reforço com frequência:

[...] muitas coisas que eu não aprendo na escola, eu aprendo na internet, porque tem umas matérias que eu não consigo acompanhar na escola, daí vou na internet e olho, reolho, leio, sabe. ... Geralmente eu procuro muito videoaula, procuro bastante informações também e eu, sabe, aprendo muito com a internet.

⁹⁸ Português e Matemática são as únicas disciplinas obrigatórias nos três anos de ensino médio, sendo que os jovens devem escolher entre conteúdo comum e assuntos específicos de acordo com o itinerário formativo escolhido pelo estudante (linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica). Informações disponíveis em <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/16/sancionada-lei-da-reforma-no-ensino-medio>. Acessado em maio de 2017

Marcelo utiliza os meios de comunicação para saber mais sobre temas que precisa escrever nas aulas de redação, assim como menciona as notícias para se manter informado sobre História e Geografia.

Pra redação das notícias. Pra ter dados pra poder colocar na redação, de alguns temas que tu vai ler no jornal ou olhar na tv o jornal e tá falando sobre aquilo. Aí tu vai lá e já fica com aquilo na cabeça pra colocar na redação. Ou também pra ... às vezes até o conteúdo de outras matérias que falam nos jornais, e essas coisas, que ajuda. No caso de História, falam bastante de História, de Geografia, tão falando bastante no jornal, clima e tal. Ajuda bastante. ... Quando tem trabalho eu vou pesquisar na internet. Trabalho de Biologia, eu vou lá. Dificilmente eu vou pegar uma coisa física eu sempre vou na internet pesquisar.

Fábio é econômico quando fala do papel dos meios de comunicação em sua vida escolar, mas afirma que os sites o ajudam.

Rodrigo busca tanto vídeos quanto resumos por escrito: “Vídeoaula, muito. Assisto bastante, de Biologia. Procuo muitos sites também. Resumo do conteúdo, principalmente quando eu tô inseguro pra antes da prova. Eu acordo mais cedo, ou um dia antes, e vou, procuro na internet, sempre me ajuda”.

Mariana diz que para as “aulas de História e Geografia, já me ajudou bastante. Eu estudo muito também pela Internet. Os sites que eu pesquiso também me ajudam pra aula. Não tem sites específicos, sabe, mas eu uso bastante internet pra pesquisar.”

Leila não menciona que ela própria utilize algum conteúdo de mídia para estudar ou se aprofundar em tema tratado em aula, comentando apenas que os professores utilizam em aula slides e vídeos.

Isis tem o hábito de pesquisar na internet “Quando tem redação. A professora dá o tema, dá as folhas com o texto de apoio e às vezes eu pesquiso mais, pra ter mais informações pra fazer a redação e entregar. Hoje ela deu um tema, então eu tenho que chegar em casa e fazer a redação. Então se eu quiser me aprofundar... Vou procurar no Google.”

Todos os jovens, com exceção de Leila, utilizam a internet para pesquisa e estudo. As videoaulas são uma menção constante na fala dos jovens, que demonstram a facilidade com que compreendem os conteúdos por meio do audiovisual.

Conforme os comentários dos jovens, podemos identificar como a internet faz parte da vida de todos eles e os ajuda no desempenho escolar. Neste aspecto, a rede de computadores é utilizada de modo democrático, embora devamos fazer a ressalva do tempo menor que os jovens de classe média baixa têm diante da Web. Mas, ao acessarem o serviço, todos os jovens têm à

sua disposição videoaulas, textos, resumos de conteúdos, sites de notícias, e fazem uso dos conteúdos de modo semelhante, tendo o audiovisual uma menção frequente na fala dos estudantes.

3.4.5 A mediação familiar no consumo midiático

Por meio dos dados colhidos nesta investigação, fica clara a importância da mediação familiar no consumo midiático dos jovens entrevistados. Estudantes que possuem pais que assinam revistas e jornais apresentam maior índice de leitura destes meios do que os que não contam com esta mediação. Este aspecto é influenciado também pelo capital econômico familiar, pois jovens pertencentes à classe média alta contam com assinatura de jornais ou revistas em casa, ao contrário dos jovens pertencentes a classes populares.

Também pudemos constatar que pais leitores, interessados por notícias e que têm o hábito de comentar sobre o que leem e veem com a família, criam um ambiente em que os filhos, por meio do capital cultural incorporado, têm mais chance de serem jovens que se interessam em manterem-se informados sobre o que acontece à sua volta.

Outro aspecto a ser considerado é o grau de exigência dos pais com os filhos em relação aos estudos e como isso parece refletir na consciência dos jovens em relação aos estudos e à formação de uma consciência crítica em relação ao mundo. Embora em todas as entrevistas os jovens tenham dito que os pais se preocupam com os estudos dos filhos, há uma compreensão subjetiva do quão intensa é a exigência. Quanto mais baixa a classe social, menor é a exigência, até devido ao tempo que os pais têm com os jovens. A mediação familiar, o encontro, o contato entre pais e filhos reflete no consumo de notícias dos jovens e no desempenho escolar. O capital incorporado por meio dos exemplos que os pais dão aos filhos é diretamente proporcional às ações que os estudantes têm em relação à mídia e aos estudos. Temos como exemplo Laís, cujo pai estuda muito por conta própria, a mãe possui curso superior, e ambos costumam conversar com o casal de filhos sobre a importância de estudar, de “dar o seu melhor”, assim como são referência no hábito de manterem-se informados, especialmente o pai da jovem. Márcio, em sua narrativa, discorre sobre a figura da mãe como uma mulher forte, com quem mantém muito diálogo e que o instiga a continuar os estudos e buscar o melhor para seu futuro. Mãe e filho têm o hábito de ver telejornais juntos comentando sobre os acontecimentos. Marcelo tem pai e mãe com graduação, demonstra forte autoconfiança, afirma que a mãe o incentiva a seguir uma carreira que “dê dinheiro” e tem grande ambição. O jovem e a mãe não costumam comentar

muito sobre notícias, mas o jovem tem consciência da importância de se manter informado e tem uma herança familiar com forte capital cultural que vem desde seus avós, que possuem curso superior.

De modo antagônico, jovens de classe popular, com pais que dialogam menos sobre acontecimentos da atualidade com os filhos, que não têm o hábito de ler jornais, que leem menos livros, com formação escolar de nível médio, tem filhos menos preocupados com notícias, menos interessados em manterem-se atualizados e com menos acesso a revistas e jornais, assim como menor capital econômico que os possibilite comprar livros. A exigência destes pais em relação ao desempenho dos filhos também parece ser menor, segundo apontam as narrativas juvenis. Talvez até pelo fato de os pais terem formação escolar que não chegou ao nível superior, possa ser uma motivação para que eles estejam satisfeitos com o fato dos jovens estarem no terceiro ano do ensino médio. Não parece haver grande cobrança para que os jovens sigam estudando, sendo que os pais demonstram flexibilidade em relação à formação dos filhos, aceitando inclusive a possibilidade de uma formação técnica para construção da carreira, como é o caso de Isabel, classe média baixa, cuja mãe pensa que um curso técnico é um bom caminho para o futuro da filha. Ana, também de classe média baixa, afirma que os pais estão felizes por ela estar pensando em ser militar, pois eles “priorizam a parte de tu ganhar dinheiro”, além do fato de o pai da jovem já ter feito parte do Exército mas não ter conseguido continuar então “é o orgulho da vida dele que eu fique fardada”, afirma a estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CONSUMO JUVENIL DE NOTÍCIAS

Em nossa pesquisa, encontramos um universo fragmentado, em que diversos dispositivos são acessados pelos jovens e o consumo de notícias é realizado de modo aleatório pelo que aparece na *timeline* das redes sociais, seja fruto de sites que os estudantes seguem, seja pelo compartilhamento de amigos.

Encontramos em nossa investigação uma relação clara entre desempenho escolar e consumo de notícias. Quanto melhor o desempenho, maior o interesse por notícias. Já a relação entre classe social e consumo de notícias fica clara quando identificamos os jovens pertencentes a classes sociais mais altas como sendo os que mais demonstram ter o hábito de se manter informados, como também demonstra a pesquisa de Lindell e Sartoretto (2017) já mencionada. A mediação familiar também surge como um forte aporte para que os jovens se mantenham atualizados e vinculados ao que acontece no dia a dia de sua cidade e do mundo.

Em nossa amostra observamos que as escolas, tanto a pública quanto a privada, instigam os alunos a manterem-se informados, seja por meio da indicação direta dos professores ressaltando a importância dos alunos lerem jornais ou assistirem telejornais, assim como pelos comentários feitos em aula sobre reportagens vistas ou lidas pelos mestres. As narrativas juvenis nos dão indícios dos esforços feitos por alguns professores para vincular suas aulas com os fatos concretos do dia a dia. As menções dos estudantes foram recorrentes, especialmente, ao citarem os professores de História e Sociologia. Estas disciplinas, em ambas as escolas, são desenvolvidas por meio de uma forte conexão com a atualidade. Livros são sugeridos, vídeos documentários são vistos em aula ou indicados para que vejam fora da sala de aula, e a importância de saber o que se passa no mundo é salientada pelos professores. Claro, pode-se argumentar que Sociologia e História são disciplinas propícias a estas relações entre conteúdo escolar e ‘vida real’. No entanto, acreditamos que, mais do que isso, há modos distintos de se ministrar um conteúdo, e as falas dos jovens entrevistados nos mostram que, no que diz respeito aos seus professores, há uma maneira de desenvolver aspectos históricos e sociológicos que denotam a pretensão de ampliar os horizontes dos jovens, sem dar a eles respostas prontas e sim fazer avançar para uma leitura crítica da realidade.

Nossa reflexão vai de encontro ao que afirmam Tomazetti e Schlickmann (2016, p. 339) para quem a escola na atualidade “estaria assumindo apenas uma função informativa, que é característica da imprensa e das diferentes mídias digitais, de fácil acesso e disponível em todos

os setores sociais.”. Claro que não podemos fazer afirmativas categóricas, mas cremos haver esperança de um papel formativo exercido pelo ambiente escolar. Justamente pela importância que a mediação escolar tem na vida dos jovens é preciso repensar sua estrutura e práticas.

Além das aulas usuais da grade curricular seguida no ambiente escolar, há na escola pública, na qual estudam os jovens entrevistados, projetos como a Rádio Escola e Amigos da Biblioteca que, embora poucos estudantes façam parte, são exemplos de estratégias para envolver os alunos com atividades de protagonismo juvenil, além de incentivar a leitura de livros. As próprias dificuldades de estrutura e falta de professores da escola estadual repercutem nos alunos instigando-os a realizar a ocupação, em 2016, como foi mencionado. Há uma clara relação entre os alunos que se reconhecem como alinhados a uma posição política de esquerda e a participação na ocupação. Alisson, Camila e Valentina são os três estudantes da escola pública que atuaram no movimento e afirmam ser de esquerda. Destes três, Alisson e Valentina demonstram uma clara distinção dos demais informantes da escola pública na busca por leituras aprofundadas e na preocupação com a sociedade. Foi por meio da ocupação que Alisson conheceu estudantes das Ciências Sociais, o que colaborou no interesse do jovem pela área e culminou com uma ampliação em seus horizontes de leitura. Já Valentina demonstra que os vínculos feitos por meio da participação no Movimento Levante Popular também agregam ao seu modo de pensar e refletir sobre a realidade.

Na escola privada, apenas Yasmim se posiciona como sendo de esquerda. A estudante comenta que isso deve-se, em parte, à conversa com os colegas, cuja maioria é de esquerda, segundo ela, ao estímulo dos professores da escola, que chamam a atenção dos jovens para não assistirem “só a Globo”, assim também como dos professores do cursinho pré-vestibular que comentam sobre outros sites em que as notícias podem ser acompanhadas, além dos meios hegemônicos.

Sobre a posição política dos professores, a maioria dos estudantes afirma que os mestres buscam mostrar todos os aspectos da realidade e deixar que os alunos tirem suas próprias conclusões. Yasmim diz que há muitos professores de esquerda, mas que há outros tantos ‘neutros’. Yasmim foi a única estudante da escola particular a ter essa opinião sobre alguns professores serem de esquerda. Os demais têm a impressão de professores isentos. Letícia foi a única jovem da escola particular a dizer que para os professores “é irrelevante” a discussão política. Nos parece que a leitura dos jovens acerca da realidade da sala de aula passa pelo próprio filtro da posição ideológica de cada um, tendo uma jovem de esquerda interpretado o posicionamento de alguns professores como sendo de esquerda, e a jovem de direita, mas que

não se preocupa com política ou quaisquer informações da atualidade, compreendido que os professores não consideram relevante temas políticos. De todo modo, pela leitura dos informantes, é demarcada uma preocupação dos professores em dar subsídios aos alunos e não ‘moldar’ os jovens segundo uma ou outra ideologia⁹⁹. Já na escola pública, Alisson foi o único jovem a afirmar que alguns professores deixam bem claro suas posições afirmando serem de esquerda ou direita e o porquê. Os demais jovens não mencionaram observar posicionamentos políticos entre os professores. Este fator talvez se deva ao fato de Alisson ser de esquerda e afirmar ter uma relação mais próxima com alguns professores pela própria atuação do jovem nos projetos da rádio escola e da biblioteca, além de ter participado ativamente durante todos os dias da ocupação. Uma pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira (SPOSITO, 2005) mostra que a confiança que os jovens têm nos professores é apontada com muita intensidade, ficando logo depois da família. No entanto, segundo Sposito, esse dado pode significar mais respeito à conduta e competência dos mestres do que laços de interação pessoal visto que os professores e escola são pouco citados como fontes de diálogo em torno de assuntos relevantes para os jovens na investigação realizada. Quando perguntados sobre o grau de satisfação com a educação escolar recebida na pesquisa comentada por Sposito, tanto mais satisfeito é o jovem que chegou aos bancos universitários e menos satisfeitos os que frequentaram a escola até o ensino fundamental ou médio apenas. Já em nosso estudo, todos os jovens afirmam gostar da escola e percebem seus professores como competentes e dedicados, com raras exceções de mestres que não dominam o conteúdo.

Em relação a mediação familiar, quando perguntados sobre a posição política dos pais, a maioria dos jovens acredita que haja uma tendência à direita. Mesmo assim, quatro estudantes se afirmam de esquerda (Yasmim, Valentina, Alisson e Camila). Para estes alunos, ser de esquerda significa uma preocupação com a igualdade e com a luta contra o preconceito. Não foi feita menção a nenhum partido, mas pudemos observar a preocupação com a coletividade em suas falas.

Essa preocupação com a coletividade faz com que estes jovens, com exceção de Camila, busquem ler textos reflexivos sobre a condição atual das pessoas. Yasmim gosta de ler conteúdos da UNICEF e de sites alternativos, Alisson lê textos de História e Sociologia, especialmente em revistas, Valentina costuma ler textos de Psicologia na busca por

⁹⁹ O que vai contra o que afirma o movimento Escola Sem Partido sobre a suposta ‘doutrinação ideológica’ (à esquerda) que ocorre nas escolas. O movimento inspirou projetos de lei que visam delimitar os direitos e deveres dos professores dentro da sala de aula, os direitos dos pais na decisão sobre o conteúdo da educação dos filhos e regras para a definição de livros didáticos a serem adotados pelas escolas.

compreender o ser humano, além de ter o hábito de assistir programas televisivos que apresentam reportagens aprofundadas.

Jovens que se consideram de direita, centro ou sem posição definida, variam em seus modos de consumir notícias ou lerem textos aprofundados. Neste ponto surge uma clara distinção de classe. Lorenzo, Filipe (ambos classe média alta) e Leandro (classe média baixa) são jovens que afirmam observar o que é certo ou errado, sem seguir uma posição política definida. Os três se mantêm informados diariamente, os dois primeiros por meio de notícias pela internet, Lorenzo assistindo também um canal de TV paga especializado em notícias e Leandro através dos vários telejornais que assiste na televisão aberta.

Assim, são seis os jovens que demonstram uma preocupação em manterem-se informados, assistindo telejornais, seguindo páginas de notícias no Facebook ou acessando sites específicos: Valentina, Yasmim, Lorenzo, Filipe (classe média alta), Alisson e Leandro (classe média baixa). Enquanto Letícia (classe média alta), Giovanna (classe média baixa), Kauã, João Pedro (classe média), Camila e Isadora (classe média baixa), todos que se classificam como direita, centro ou sem posição definida, não demonstram muito interesse por notícias.

Há uma preponderância, na amostra de jovens pertencentes a classe média alta, no interesse por notícias. Já os dois jovens de classe média baixa, Alisson e Leandro, que se distinguem dos demais estudantes de sua classe social quanto ao consumo de notícias apresentam uma forte mediação da escola (Alisson) e da família (Leandro) que colaboram na construção deste quadro de diferenciação.

Assim, podemos concluir que, levando em conta a característica processual do momento histórico, político, econômico, social e midiático que vivemos hoje, a classe social continua sendo relevante para pensarmos o sujeito e suas várias práticas. Aqui, especialmente, o consumo midiático. O *habitus* de classe repercute no modo como se consomem conteúdos. Os capitais denotam distinções nos modos de compreender o mundo e se relacionar com os meios. O capital econômico determina a escola que o jovem vai frequentar e, conseqüentemente, o repertório a que o jovem vai ter acesso.

Voltando à mediação familiar, os jovens claramente contam com o hábito da família na rotina de assistir telejornais. No entanto, a grande maioria assiste sem atenção focada no conteúdo televisivo, realizando outras atividades ao mesmo tempo. Mesmo assim, os comentários familiares e o capital social incorporado pelos pais colaboram na construção de sujeitos interessados por notícias e com consciência crítica sobre os acontecimentos.

Além do fato da família assistir televisão em momentos do dia que está reunida para fazer as refeições, consideramos duas possibilidades de interpretação para o hábito familiar de ver televisão. Uma que a família se reúne porque quer ver televisão e o dispositivo está na sala, ou, uma segunda possibilidade, que nos parece mais próxima do que percebemos nas narrativas juvenis, de que a família quer ficar reunida e aproveita para ver televisão. A fala dos jovens, de modo geral, mostra que a segunda interpretação está correta no caso de nossa amostra pois os jovens querem ficar juntos, é um momento para ver televisão e conversar, especialmente nos casos dos jovens mais críticos e que gostam de comentar as notícias com os pais como Valentina, Yasmim e Leandro. A televisão ‘abastece’ a família com assuntos. Mesmo os jovens que não tem opinião formada sobre a política, por exemplo, ficam sabendo o que os pais pensam ao assistir televisão. Os outros meios de comunicação não são ‘aglutinadores’ e não provocam debate ou comentários.

No que tange à discussão sobre as transformações no processo comunicacional e levando em conta a importância das questões aqui levantadas para pensarmos o objeto de nosso estudo, a notícia, e a categoria a partir da qual operamos nossa análise, a juventude, a questão da convergência entre os meios é primordial para compreender os caminhos percorridos pela recepção na construção de novos processos cognitivos que perpassam a figura do ‘flaneur’ atual, organizando novas formas de leitura e de relação com os meios.

Considerando a leitura de jornais, o consumo de conteúdo televisivo e o acesso a sites podemos concluir que a leitura de jornais não é uma rotina e distingue-se claramente do consumo televisivo por ser um ato solitário e não interativo, o que acreditamos que sejam fatores que contribuem para o desinteresse juvenil. Quando há leitura de jornais impressos ela é esporádica, na maioria dos casos. De modo geral os jovens se mantêm informados por meio da internet, seguindo sites. O consumo de notícias, considerando todos os meios, é diretamente proporcional ao desempenho escolar, ou seja, quanto melhor o desempenho, mais interesse há por notícias.

Embora a televisão não seja um meio de busca pela informação, o ritual de assistência televisiva com a família incide em consumo de notícias pelo dispositivo. Por meio do Facebook os jovens também se mantêm informados, o que não significa que eles majoritariamente procurem notícias, mas que o consumo de informação é incidental, lendo notícias em meio ao entretenimento.

O interesse pelo entretenimento parece ser característico do jovem, que utiliza os meios

de comunicação, de modo geral, para diversão. Podemos observar isso ao considerarmos as preferências nos gêneros televisivos mais assinalados pelos jovens (Filme, Seriado, Humorístico e Desenho são os mais citados) e o uso da internet especialmente para acesso a redes sociais que, por sua vez, são utilizadas de modo primordial para comunicação e entretenimento. O consumo de notícias vem como uma atividade que está em segundo plano, mas que ocorre cotidianamente, em diferentes intensidades quanto maior ou menor é a classe social, relacionada aqui ao capital econômico, cultural e social dos jovens e suas famílias.

Cumprimos com esta investigação os objetivos propostos e acreditamos que nossas conclusões são de grande valia para a área pois, devido à complexidade do processo comunicativo, ainda contamos com um panorama incipiente no que tange aos estudos da recepção, ambiente fértil para pesquisas que intentem, como o caso do presente estudo, observar, compreender e analisar os modos de atuação dos usuários, levando em conta as mediações e as características do processo como novo desafio analítico.

Últimas palavras

Neste trabalho há uma grande afinidade entre a pesquisadora e a categoria/grupo pesquisado pois, quem hoje investiga os jovens leciona desde 1996 em cursos de Jornalismo, tendo uma relação em que ensina e aprende constantemente com estudantes que chegam aos bancos escolares dos cursos superiores cada vez mais cedo. Muitos alunos de 16 e 17 anos já fizeram e ainda fazem parte de suas turmas como acadêmicos de Jornalismo. Conviver com jovens e tentar facilitar o caminho para o conhecimento é uma tarefa das mais instigantes, justamente pela fase em que se encontram. No caminho, trilhas tranquilas de serem percorridas e outras com diversos percalços a enfrentar, mas sempre um desafio estimulante, pois os jovens sempre trazem mundos a serem desbravados, conhecidos e reconhecidos.

Na tentativa de conhecê-los, compreendê-los e mostrar ao campo acadêmico das Ciências Sociais quem são os jovens e como eles se relacionam com a mídia é que surgiu o projeto de tese que hoje dá fruto a este texto. Não obstante a afinidade, é preciso salvaguardar aqui que o discurso de um indivíduo sobre outro, ou sobre um grupo como é o caso, é sempre um exercício de poder. É um discurso com ponto de vista, ainda que a partir de autores diversos e sempre procurando relativizar entre si as vozes dos filósofos, sociólogos, professores, etc., que ecoaram neste estudo.

Ao possuímos consciência dos limites da investigação, temos também modos de diminuir os danos. Ao trazer como subsídios embasamento teórico de autores amplamente

reconhecidos na área, fazê-los dialogar entre si e, especialmente, relacioná-los com os discursos dos próprios jovens: é aqui que está a riqueza da pesquisa. Ir a campo e ouvir os jovens, primeiro por meio de formulários em que se pode averiguar vários pontos sobre consumo midiático e depois, por meio de entrevistas em profundidade, em que foi então possível compreender a fundo o nosso problema de pesquisa: como se relacionam as mediações família e escola no consumo midiático dos jovens estudantes secundaristas em Santa Maria.

Embora partindo de um roteiro semiestruturado, as entrevistas em profundidade desenvolveram-se em forma de diálogo, em que os jovens podiam dar mais ênfase a questões que consideravam mais importantes, em que novas perguntas eram realizadas a partir das respostas dos informantes, em que a ordem das perguntas por vezes era modificada tendo em vista o momento que estava sendo narrado pelo jovem, assim dando um tom de naturalidade à interlocução, fazendo com que o estudante se sentisse a vontade, como se estivesse conversando com um(a) amigo(a). Mais de um jovem comentou ao fim da entrevista o quanto tinha sido interessante a experiência. Um aluno disse: “Eu nunca tinha pensado sobre certas coisas que te contei! Foi muito bacana pra mim falar sobre isso.” (João Pedro) E outra comentou: “Logo que a professora falou que eu tinha sido escolhida para participar da pesquisa, fiquei muito feliz! Queria muito participar e saber como funciona!” (Yasmim) Muitos dos jovens também já conheciam a pesquisadora de vista, de sua inserção no recreio em ambas as escolas, nas quais foi realizar observação. Essa pré-análise também foi importante tanto para a investigadora perceber o comportamento dos jovens, quanto para eles se familiarizarem com a sua presença.

De tudo, fica a riqueza do processo, o aprendizado na percepção dos pontos de vista, na interlocução realizada entre autores e o campo, nos desafios de uma pesquisa com tantos aspectos a serem levados em conta para se chegar a algum ‘lugar’. ‘Lugar’ este que é só uma ‘parada’ e não uma chegada final. Cujas ‘conclusões’ fazem parte de algo muito maior que diz respeito a compreensão da juventude na atualidade, frente a uma sociedade em mutação, com mídias também em metamorfose, em que as certezas são poucas e as possibilidades de experiências são muitas.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, H. W.; Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, H.W., BRANCO, P.P. M. (orgs) **Retrato da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO, H.W. e BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. **Ensino médio**: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO/MEC, 2003.
- ABRAMOVAY, M. (Coord.) **Juventudes na escola, sentidos e buscas**: por que frequentam? Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015
- APPADURAI, A. **The social life of things**: commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ARONCHI DE SOUZA, J.C. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis/SC: Editora UFSC, 2012.
- BOCZKOWSKY, P.; MITCHELSTEIN, E.; MATASSI, M. El medio Yas No Es Medio Ni Mensaje. IN: **Anfibia**. Universidad Nacional de San Martín. Agosto 2016. Disponível em <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/medio-ya-no-mensaje/>
- BORELLI, S. H. S.. Universalidades e singularidades juvenis: cotidiano, nomadismo, consumo cultural. In: **Eco-Pós** (UFRJ), UFRJ - Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 113-122, 2003.
- BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. L. DE M. . Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. In: **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso), v. 5, p. 27-40, 2008.
- BORELLI, S.H.S. , FREIRE FILHO, J. **Culturas Juvenis no Século XXI**. SP: EDUC, 2008.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria. Alice; CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- _____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papiurus, 2011.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.(1964, 1985)
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014** : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2014.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2015.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2016.

CALLEJO, J. Audiencias activas: Una aproximación empírica en el nuevo sistema televisivo español. In **Revista Telos** No.44, Diciembre-Febrero 1996. Disponível em <http://www.uned.es/ntedu/espanol/master/segundo/modulos/audiencias-y-nuevos-medios/audien-activas.htm> Acessado em janeiro 2015

CARDOSO, R. L.; ROCHA, C. M.F. A relação do público jovem com o rádio na atualidade. In: **Comunicação, mídia e consumo**. Escola Superior de Propaganda e Marketing São Paulo. ano 8 vol.8 n.22 p. 167-186 jul.2011

CECCANTINI, J. L. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Zoara.(org.) **Retratos da leitura no Brasil 4** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

DAYRELL, J. A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

_____. O Aluno do Ensino Médio: o Jovem Desconhecido. In.: **Revista Salto para o Futuro**. Ano XIX, boletim 18, novembro/2009.

DOWNING, J. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, J. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

DUBET, F. As Desigualdades Multiplicadas. In: **Educação como exercício de diversidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2005.

_____. Juventude e escolarização: os sentidos do ensino médio. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Salto Para o Futuro**. Ano XIX, boletim 18. Brasília, DF: MEC, nov. 2009.

FAILLA, Z.(org.) **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FAUSTO NETO, A. Transações da Recepção: a contaminação da AIDS pelos discursos sociais. In **Lumina**. V. 3, n. 1, p. 1-16, jan/jun 2000, Facom.

_____. Mídia, prática social – prática de sentido. In Encontro Anual da Compós, 15. **Anais...** UNESP, Bauru, 2006.

_____. Fragmentos de uma análise da mediação. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

_____. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. In: XVIII Encontro da Compós - GT Recepção, Usos e Consumos Midiáticos. **Anais...** Belo Horizonte, 2009.

FREIRE FILHO, J. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. In: **Eco-Pós** – v. 6, n. 1, janeiro-julho de 2003, pp. 72-97

GARCÍA CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

_____. Los Estudios sobre Comunicación y Consumo: El trabajo interdisciplinario en tiempos neoconservadores. In: **Dialogos de la Comunicación** n.32. Lima: FELAFACS, 1992

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- GONÇALVES, H.S. Juventude Brasileira, Entre a Tradição e a Modernidade. In: **Tempo Social** – USP, vol. 17, n. 2. Novembro 2005. pp. 207 -219
- GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: key concepts**. London: Routledge., 2008.
- GRESSLER, L. A. **Introdução a pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HERSCHMANN, M. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- JACKS, N. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. In Revista Famecos, número 5. Porto Alegre: novembro 1996.
- JACKS, N. Tempo e espaço e recepção. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M.J. (orgs) **O Indivíduo e as Mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 197-207.
- JACKS, N.A.; MENEZES, D.; PIEDRAS, E. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- JACKS, N.A., TOALDO, M. **Consumo Midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção**. In XXII Encontro da Compós. Anais... Salvador, 2013.
- JACKS, N. A. (Coord.); TOALDO, M. (Org.). **Brasil em Números: dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais** 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014. v. 1.
- JACKS, N.A. **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- JACKS, N. A. et al. Jovem e consumo midiático: dados preliminares do estudo piloto e da pesquisa exploratória. In XXIII Encontro da Compós. **Anais...**Manaus, 2014a.
- JACKS, N.A. et al. Jovem brasileiro e consumo midiático em tempos de convergência: panorama preliminar.. In: XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, 2014, Lima - Peru. **Anais...** , 2014b.
- JACKS, N. A. et al. Jovem brasileiro e consumo midiático em tempos de convergência: panorama preliminar. In: BRIGNOL, L.D.; BORELLI, V. (Orgs.). **Pesquisa em recepção - Relatos da II Jornada Gaúcha**. 1ed.Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, v. 1, p. 77-84.
- JACKS, N. A. et al. Pequeno Relato de um Grande Esforço: Jovem e consumo midiático em tempos de convergência'. **Contemporânea** (UFBA. Online), v. 13, p. 10-26, 2015a.
- JACKS, N. A. et al. Os Jovens Nordeste no Facebook. In: **Olhar diverso - Multidisciplinar**, v. 1, p. 9-52, 2016.
- JACKS, N. A.; SCHMITZ, D. . Jovens brasileiros e convergência midiática: espiando o cenário nacional. In: Bruno Campanella e Carla Barros. (Org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1ed.Rio de Janeiro: E- papers, 2016, v. 1, p. 157-178.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JOHN, V. M. Recepção dos Conteúdos Jornalísticos: gêneses e lacunas. In: JACKS, N. **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- LINDELL, J.; SARTORETTO, P. Young people, class and the news : Distinction, socialization and moral sentiments. **Journalism Studies**, 2017, p. 1–20.

LOPES, M.I.V.. Uma agenda metodológica para a recepção transmidiática da ficção televisiva In BACCEGA, M.A.; OROFINO, I.(orgs.) **Consumindo e vivendo a vida**. São Paulo: Intermeios, 2013

_____. Mediação e Recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n.1, p. 21-44, jan/jun. 2014.

LULL, J. **World families watch television**. New York: Sage, 1988.

MARGULIS, M e URRESTI, M. In MARGULIS, M. (Edit.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996.

MARGULIS, M. Juventude o Juventudes? Entrevista concedida a Olga Celestina da Silva Durand. In: **Revista Perspectiva**, volume 22 nº 2 julho/dezembro 2004. Editora da UFSC. Florianópolis, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medias a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. De los medios a las practicas. In: **Cuadernos de comunicación y practicas sociales**, n. 1, p. 9-18, 1990.

_____. Nuevos modos de ler. Seminario Mito o realidad del libro, V Feria Internacional del Libro, Bogotá; publicado en: **Magazín Dominical** No.474, El Espectador, Mayo de 1992, pp. 19 – 22

_____. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo, 1998, jan./abr., p.53-67.

_____. Sujeito, comunicação e cultura. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna/ECA-USP, mai-ago, 1999, n. 15. Entrevista concedida a Roseli Fíguro e Maria Aparecida Baccega. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36864/39586>.

_____. Recepción de medios y consumo cultural: travesías. In: SUNKEL, Guillermo. **El consumo cultural em América Latina**. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1999.

_____. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002

_____. **La Educacion desde La Comunicacion**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2003.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-79.

_____. **As formas mestiças da mídia**. Pesquisa FAPESP Online, n. 163, set. 2009, p. 10-15. Entrevista concedida à Mariluce Moura.

_____.Uma aventura epistemológica. **Matrizes**, v. 2, n. 2, 2009a, p. 143-162. Entrevista concedida à Maria Immacolata Vassalo de Lopes.

MOREIRA, A.F.B.; CANDAU, V.M. Educação Escolar e Cultura (s): construindo caminhos. In: **Educação como exercício de diversidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2005.

MORLEY, D. **Family television**. Cultural power and domestic leisure. New York: Routledge, 1991.

_____. Between the public and the private: the domestic uses of information and communication technologies. In: CRUZ, Jon; LEWIS, Justin (eds) **Viewing, reading, listening**: audiences and cultural reception. Westview Press: Boulder (CO), 1994.

OLIVEIRA, A.M. **Jovens e Adolescentes no Ensino Médio**: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis. Santa Maria: UFSM, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

OROZCO GÓMEZ, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **La influencia de la TV em la educación de niños e jóvenes**: opiniones, mitos, hechos. México: Universidade Iberoamericana, 1992.

_____. Uma pedagogia para os meios de comunicação. **Comunicação e Educação**, ano IV, número 12, entrevista, 1992a.

PAIS, J. M. Jovens e Cidadania. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 49, 2005, pp. 53-70

_____. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A. H.; ANGELUCI, A. C. B. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas In: **Matrizes** V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014 São Paulo - Brasil p. 159-178

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) **Juventude e sociedade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

QUADROS, W.; ANTUNES, D. **Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa**. Cadernos do CESIT, Campinas. nº 30, out. 2001.

RAMOS, J.L. **A Dieta Jornalística Televisiva e o Impacto na Vida Escolar: a percepção dos jovens de uma escola pública de ensino médio**. Itajaí: Univale, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

REIS, F. O uso da categoria de ritual nos estudos de comunicação: uma análise das intersecções entre antropologia e teoria da comunicação. **Observatório da Comunicação**: ISCTE, Lisboa, 2012.

RIOS, P. ; FREITAS, G. M. S. A Interface dos Jovens de Campina Grande junto aos Meios de Comunicação: um estudo social do jornal impresso, rádio, tv e internet. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – **Anais...** Recife, Pernambuco – 02 a 06 de setembro de 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1640-1.html>

ROCHA, E., PEREIRA. C., BALTHAZAR, A.C. Tempo Livre é Tempo Útil: gadgets, entretenimento e juventude. In XIX Encontro da Compós – **Anais...** PUC Rio de Janeiro, RJ - junho de 2010. Disponível em http://compos.com.puc-rio.br/media/gt11_everardo_rocha_claudia_pereira_ana_carolina_balthazar.pdf

ROCHA, E.; PEREIRA., C. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

RONSINI, V. M. Sementes híbridas em campos cercados. In: Colóquio Interamericano de Ciências da Comunicação: Brasil/Canadá, Salvador, 2002. **Anais...** Salvador: UFBA, 2002.

RONSINI, V. M.. Fluxo midiático e cultura juvenil. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-11, julho/dezembro 2004.

_____. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. v. 1000.

_____. Televisão e reprodução simbólica da desigualdade: leituras juvenis. In: Sílvia Borelli; João Freire Filho. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, v. , p. 93-109.

RONSINI, V. M.; ALMEIDA, J. F.; QUINES, S.O. . O Consumo da Televisão por Jovens de Classe Popular e as Mediações da Família e da Escola. In: **Eco-Pós** (UFRJ), v. 13, p. 230-246, 2010.

RONSINI, V. M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In GOMES, Itânia; JANOTTI JR, Jeder. **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador, Edufba, 2011

RONSINI, V.M.; MISSAU, L.D.. A representação das identidades juvenis no audiovisual comunitário. **Cuadernos de Información** - Facultad de Comunicaciones (Impresa), v. 2, p. 117-128, 2012.

RONSINI, V.M.; OLIVEIRA-CRUZ, M.C. B. F. ; PREDIGER, S.. 'Malhação identidade': a interação juvenil na cultura da convergência. **Contemporânea** (UFBA. Online), v. 10, p. 391-409, 2012.

SANTINI, R.M.; LIMA, C.R.M. Difusão de música na era da internet. In: V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, Salvador (BA). **Anais...** União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2005.

SARTI, Cynthia Andersen, O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHMITZ, D. M. Será Que o Jovem Só Vê TV? A juventude nas pesquisas de recepção. In: JACKS, N. **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SETTON, M.G.J. Juventude, Mídias e TIC. In: SPOSITO, M. P. (coord.). Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte, MG : **Argumentvm**, 2009. Vol. 2, p. 63-86.

SILVERSTONE, R.. **Por Que Estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SINGER, P. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, H.W., BRANCO, P.P. M. **Retrato da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SOARES, K., PIPPI, J. , SILVA, M. As preferências em destaque: perfil de acesso midiático e produtos informativos. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – **Anais...** Recife, Pernambuco – 02 a 06 de setembro de 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2221-1.html>

SOUSA, J. P.. Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia** Vol.II Nº 1 – Florianópolis, SC - 1º Semestre de 2005.

SPOSITO, M. P. . Estudos Sobre Juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 5/6, n. 5, p. 37-52, 1997.

_____. **Os Jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

_____. (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta. (Org.). **Ensino Médio** - ciência, cultura e trabalho. 1 ed. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004, v. 1, p. 73-92.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

_____. **Juventude e Educação**: interações entre educação escolar e a educação não-formal. *Educação e Realidade*, v. 33, p. 83-97, 2008.

TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012.

TOMAZETTI, E.M.; SCHLICKMANN, V.. Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido. **Educação e Pesquisa** – Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 42, p. 331-342, 2016.

TRAVANCAS, I. **Juventude e televisão**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. Juventude e televisão: a recepção do noticiário televisivo Jornal Nacional entre jovens universitários brasileiros In: **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF** Vol.4 - nº1 - junho 2010

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. In: **Diálogos de la comunicación**. Revista teórica de la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social. Integrante de la Red Iberoamericana de revistas de Comunicación y Cultura. Número 48. Oct. 1997.

WILLIS, P. Aprendiendo a trabajar. Cómo los chicos de clase obrera consiguen trabajos de clase obrera. Madrid: Akal, 1981. (1 ed. 1977). (Original inglês: **Learning to labour**. How working class kids get working class jobs. Aldershot, Gower.)

_____. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

IDENTIFICAÇÃO

ENTREVISTADO:

DATA:

LOCAL:

TEMPO DE DURAÇÃO:

DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

1. Nome:
2. Idade:
3. Telefone:
4. Endereço completo:
5. Bairro:
6. Escola / série e turma:
7. Religião:
8. Número de pessoas que residem na casa: Quem são?
9. Imóvel é próprio ou alugado?
10. Dados Critério Brasil:

ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	Superior Completo

11. Responsável pelo sustento da família:
12. Nome e profissão da mãe:
13. Escolaridade da mãe:
14. Nome e profissão do pai:
15. Escolaridade do pai:
16. Tem irmãos: se sim, nome, idade, profissão e escolaridade.
17. Profissão dos avós com os quais tem mais proximidade:
18. Filhos? Sim() Não () Quantos_____

FAMÍLIA

19. Educação que recebeu dos pais, como é? (Exigências – refeições – televisão – férias – conselhos sobre o trabalho/futuro profissional)
20. Personalidade dos pais (passivo, mandão - Liberdade para namorar, viajar sozinho)
21. Qual o principal valor/ensinamento que sua família lhe passa?
22. Relação da sua família com pessoas de nível econômico diferente do seu
23. Seus pais assistem a telejornais junto com você? Há algum outro programa que reúna a família?

24. Se sim, eles costumam comentar algo durante a assistência?
25. Quais os programas televisivos preferidos de seus pais? E dos irmãos?
26. Seus pais conhecem/controlam o que você vê na televisão ou acessa na internet?

ESCOLA

27. Qual foi sua trajetória escolar? (por quais escolas passou, se mudou, porquê, se repetiu o ano)
28. O que você gosta e o que não gosta na escola?
29. Como avalia o desempenho dos professores – autoridade e falta de autoridade; competência
30. Como avalia o seu desempenho – estuda para as provas, estudante dedicado ou não, como são suas médias?
31. Conflitos com colegas – quais conflitos mais comuns – devido raça, classe, aparência
32. Quais são suas atividades extra-curriculares? (cursinho, Grêmios Estudantis, esportes, cursos de línguas, dança, trabalho voluntário, igreja, aula de instrumento...)
33. Você acha que os jovens estudam pouco ou muito?
34. Se você pudesse mudar algo no sistema de ensino da sua escola, o que seria?
35. O que a escola representa para você?
36. Quais são seus planos para quando terminar o ensino médio?
37. A mídia já lhe ajudou na escola, de alguma maneira? Cite um exemplo.
38. Os professores usam algum recurso da mídia em suas aulas?
39. Há inserção de meios de comunicação, conteúdos da mídia na escola? Como?
40. Você tem acesso a computadores na escola? Como são utilizados (com que frequência, para que, em que momentos)?
41. E rádio?
42. Televisão?
43. Os professores estimulam os alunos a assistirem telejornais?
44. Celulares?
45. Livros? Como é o uso da biblioteca?
46. Revistas e jornais?

VALORES

47. O que significa ser jovem para você?
48. Quais as melhores e as piores coisas em ser jovem?
49. Como você vê a juventude hoje, é preocupada com questões políticas ou não, é atuante ou não?
50. Você acredita que exista preconceito contra o jovem?
51. Qual a diferença entre um jovem de classe alta e um jovem de classe popular?
52. Quando um jovem se torna um adulto?
53. Qual sua maior preocupação, no momento?
54. Qual seu maior sonho?
55. Como você se vê daqui a dez anos?

LAZER

56. Qual sua atividade de lazer favorita?

57. Frequência das atividades semanais no tempo livre

Atividade	Nunca	Às vezes	Sempre
Visitar parentes			
Visitar amigos			
Esporte			
Bar			
Clube			
Ctg			
Assistir tv			
Navegar na internet			
Ir ao cinema			
Ouvir música			
Jogar no pc ou dispositivo móvel			
Jogar Xbox ou outro console			

58. Preferências por atividades coletivas ou individuais

59. Clubes, frequenta? É sócia?

60. Tem alguma outra forma associativa?

CONSUMO DE MÍDIA

61. Você costuma ler? O que?

62. Está lendo algum livro no momento? Qual? Qual gênero?

63. Tua família lê livros?

64. Vocês tem biblioteca?

65. Você costuma ver filmes? Qual foi o último?

66. Você costuma ler jornais? Quais? Com que frequência? Em que plataforma?

67. Tua família assina algum jornal?

68. Quais assuntos te interessam mais nos jornais?

69. Você costuma ler revistas? Quais? Com que frequência? Em que plataforma?

70. Tua família assina alguma revista?

71. Você costuma ouvir rádio? Qual canal? Com que frequência? Onde? Qual plataforma?

72. Você costuma ouvir música? Em qual plataforma? Quanto tempo por dia? Em que momentos?

TELEVISÃO

73. Você assiste televisão?

74. Qual o seu canal de televisão favorito? Por quê?

75. Qual seu programa favorito? Por quê?

76. Além do canal que você mais gosta, quais outros canais você assiste?

77. Que gêneros de programa você mais gosta?

78. Com que frequência você assiste?
 79. Com quem você assiste?
 80. Em que plataforma você assiste?
 81. Onde você assiste?

TELEJORNAL

82. Você assiste a algum telejornal? Quais?
 () Jornal Nacional () Jornal da Band () SBT Brasil
 () Jornal da Record () Bom Dia Brasil () Jornal Hoje
 () RBS Notícias () Jornal da Globo () outro
83. Você assiste a todo telejornal ou uma parte? Por quê?
84. Com que frequência você assiste?
 () diariamente () 3 vezes por semana () 1 vez por semana
 () quinzenalmente () 1 vez por mês
85. Com quem você assiste?
 () com a família
 () com amigos e/ou colegas
 () com animal de estimação
 () sozinho
86. Como você assiste? (concentrado, comentando, comendo, fazendo outra coisa, navegando na internet, no pc ou celular, estudando, em qual plataforma)
 87. Onde você assiste? Se for em casa, qual local da casa?

COMPUTADOR

88. Você usa o computador? Que tipo (desktop ou notebook)? Onde?
 89. Para que atividades?
 90. Quanto tempo por dia?

CELULAR

91. Você tem celular? Para que você usa? (numerar, sendo 1 para o maior uso e indo em ordem decrescente)
 () falar com amigos () fazer ligações () Mensagem/SMS/ whatsapp () Enviar/ler e-mails
 () Acessar internet e sites de redes sociais () Jogos () Música/MP3 () Ouvir rádio () Outro. Qual?
92. Você tem internet no celular ou usa as redes dos lugares que você está?

INTERNET

93. Você acessa a internet?

94. O que você costuma acessar?
95. Onde você acessa a internet?
96. Quanto tempo você realmente utiliza a internet?
- () 8 horas por dia ou mais
- () 4 a 8 horas por dia
- () 2 a 4 horas por dia
- () 1 a 2 horas por dia
- () Menos de uma hora por dia
- () Outro. Quanto tempo?
97. Em que plataforma você acessa a internet?
98. Quais são as atividades de mais uso da Internet?
99. Quanto tempo por dia?
100. Em que lugares?

REDES SOCIAIS

101. Quais redes sociais você mais usa? Para que usa cada uma delas?
102. Em que plataforma usa?
103. Você segue algum site informativo nas redes, revistas, jornais, rádio, blog, programa de tv?
104. Você lê só as manchetes ou clica pra ver mais informações no site seguido?
105. Quais assuntos te chamam a atenção?
106. O que você lê nas redes?
107. Que tipo de assunto você costuma postar nas redes?
108. Costuma ler postagens de outras pessoas?
109. Costuma compartilhar os posts? Em que situações? Sobre que temas?
110. Costuma comentar algo que você viu na televisão (ou em algum outro meio de comunicação) nas redes?

APÊNDICE B – FORMULÁRIO

1. PERFIL

1.1 Qual sua idade?

15 anos 16 anos 17 anos 18 anos 19 anos 20 anos

Outro:

1.2 Onde você estuda?.....

1.3 Em que período você está?

Primeiro ano do ensino médio

Segundo ano do ensino médio

Terceiro ano do ensino médio

1.4 Quem sustenta a família?

pai mãe avô avó Outro:

1.5 No que trabalha a pessoa que sustenta a família? Especifique em que empresa ela trabalha / onde:.....

- se for como vendedor(a) autônomo(a), especifique o ramo:

- se for aposentado(a), especifique no que ele é aposentado:

- se for militar, especifique a patente:

- se for pensionista, especifique em qual área:

- se for produtor(a) rural especifique se é pequeno, médio ou grande:

1.6 Qual a profissão do pai (caso não seja ele que sustenta a família)? Especifique em que empresa ele trabalha / onde:.....

- se for como vendedor autônomo, especifique o ramo:

- se for aposentado, especifique no que ele é aposentado:.....

- se for militar, especifique a patente:

- se for pensionista, especifique em qual área:

- se for produtor rural especifique se é pequeno, médio ou grande:

1.7 Qual a profissão da mãe (caso não seja ele que sustenta a família)? Especifique em que empresa ela trabalha / onde:.....

- se for como vendedora autônoma, especifique o ramo:

- se for aposentada, especifique no que ela é aposentada:

- se for militar, especifique a patente:

- se for pensionista, especifique em qual área:

- se for produtora rural especifique se é pequena, médio ou grande:

2. TELEVISÃO

2.1 Você assiste televisão? () sim () não

2.2 Quais os canais preferidos (numere de 1 a 5, sendo 1 o principal e 5 o menos importante – se quiser, pode marcar menos canais ou mais):

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> SBT | <input type="checkbox"/> Globo |
| <input type="checkbox"/> Record | <input type="checkbox"/> Bandeirantes |
| <input type="checkbox"/> MTV | <input type="checkbox"/> Globo News |
| <input type="checkbox"/> Multishow | <input type="checkbox"/> People and Arts |
| <input type="checkbox"/> FOX | <input type="checkbox"/> Sony |
| <input type="checkbox"/> Cartoon | <input type="checkbox"/> TNT |
| <input type="checkbox"/> Discovery | <input type="checkbox"/> Universal |
| <input type="checkbox"/> GNT | <input type="checkbox"/> Warner |
| <input type="checkbox"/> Canais de esporte (inclui ESPN, Fox Sport, Sportv, etc.) | <input type="checkbox"/> National Geographic |
| <input type="checkbox"/> HBOs | <input type="checkbox"/> Telecines |
| | Outros:..... |

2.3 Que gêneros de programa você mais gosta? Escolha de 1 (o que você gosta mais) até 10 (o que você gosta menos)

- | | |
|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Desenho | <input type="checkbox"/> Seriados |
| <input type="checkbox"/> Documentário | <input type="checkbox"/> Talk-show |
| <input type="checkbox"/> Esporte | <input type="checkbox"/> Reality-show |
| <input type="checkbox"/> Filme | <input type="checkbox"/> Telenovela |
| <input type="checkbox"/> Entrevista | <input type="checkbox"/> Infantil |
| <input type="checkbox"/> Humorístico | <input type="checkbox"/> Musical |
| <input type="checkbox"/> Noticiário | <input type="checkbox"/> Quiz-show |
| <input type="checkbox"/> Auditório | <input type="checkbox"/> Debate |
| <input type="checkbox"/> Colunismo Social | <input type="checkbox"/> Telecompra |
| <input type="checkbox"/> Culinária | <input type="checkbox"/> Político |
| <input type="checkbox"/> Game Show | <input type="checkbox"/> Religioso |

2.4. Com que frequência você assiste?

- () diariamente
 () 3 vezes por semana
 () 1 vez por semana
 () quinzenalmente
 () 1 vez por mês

2.5. Com quem você assiste?

- () com a família
 () com amigos e/ou colegas
 () com animal de estimação
 () sozinho

2.6. Em que plataforma você assiste?

- () Internet () Na televisão ou na internet, dependendo do dia
 () Televisão () Na televisão e comento nas redes sociais

Outro. Qual?

2.7. Onde você assiste? (Você pode marcar mais de uma opção)

Em casa

No cursinho

No restaurante/lancheria (hora do lanche ou almoço)

Na escola

Outro lugar. Qual?

3. TELEJORNAL

3.1 Você assiste a algum telejornal? Sim Não

3.2 A quais telejornais você assiste? (Você pode marcar mais de uma opção)

Jornal Nacional Bom Dia Brasil

Jornal da Band Jornal Hoje

SBT Brasil RBS Notícias

Jornal da Record Jornal da Globo

Outro. Qual?

3.3 Com que frequência você assiste?

diariamente

3 vezes por semana

1 vez por semana

quincenalmente

1 vez por mês

3.4 Com quem você assiste?

com a família

com amigos e/ou colegas

com animal de estimação sozinho

3.5. Como você assiste?

Internet

Televisão

Na televisão ou na internet, dependendo do dia

Na televisão e comento nas redes sociais

Outro. Qual?

3.6. Onde você assiste? (Você pode marcar mais de uma opção)

Em casa

No cursinho

No restaurante/lancheria (hora do lanche ou almoço)

Na escola

Outro lugar. Qual?

3.7. Você assiste a todo telejornal ou uma parte? Por quê? (Você pode marcar mais de uma opção)

assisto todo telejornal

porque é importante

porque gosto

Outro:.....

Assisto parte do telejornal

porque não tenho tempo

porque só vejo o que me chama a atenção

porque fico esperando pra ver a novela

porque só vejo o que me interessa

porque é muita tragédia

Outro:.....

4. INTERNET

4.1. Você acessa a internet? Sim Não

4.2. O que você costuma acessar? (Você pode marcar mais de uma opção)

Redes sociais como Twitter, Facebook, Orkut

Sites de jornais

Sites de revistas

Sites de vídeo como You Tube

E.mail

Sites informativos que existem só na internet.

outro. Qual?

4.3 Onde você acessa a internet? (Você pode marcar mais de uma opção)

- Em casa Na escola No cursinho
 Na lan-house Na casa de amigos Outro. Qual?

4.4 Quanto tempo você realmente utiliza a internet?

- 8 horas por dia ou mais 1 a 2 horas por dia
 4 a 8 horas por dia Menos de uma hora por dia
 2 a 4 horas por dia Outro. Quanto tempo?.....

4.5 Em que plataforma você acessa a internet? (Você pode marcar mais de uma opção)

- celular computador tablet

4.6. Quais são as atividades de mais uso da Internet, em ordem decrescente? Você deve numerar de 1 a 10, sendo um para a atividade que você mais usa a Internet e 10 a atividade que você menos usa.

- Acessar e.mail Vídeo
 Ler sobre informações do dia a dia Jogos
 Ler sobre celebridades Facebook
 Baixar filme Twitter
 Música Fazer trabalhos de aula
 Skype Outro. Qual?.....

5. CONSUMO DE MÍDIA GERAL

5.1 Você lê revistas? sim não

5.2. Se sim, qual(s) revista(s) você lê?

5.3 Em que plataforma você lê a(s) revista(s)? (Você pode responder mais de uma opção.)

- Impressa Computador Celular Tablet

Outro:.....

5.4 Você costuma ler jornal(s)? sim não

5.5 Se sim, qual(s)?.....

5.6 Em que plataforma você lê jornal(s)? (Você pode responder mais de uma opção.)

- Impresso Computador Celular Tablet Outro:.....

5.7 Você tem o hábito de ler livros? sim não

5.8 Se sim, qual o último que você leu e quando foi?

5.9 Você tem o hábito de ouvir rádio? sim não

5.10 Se sim, qual(s) emissora(s)?.....

5.11 Em que plataforma você ouve rádio?(Você pode responder mais de uma opção.)

- som do carro som convencional em casa computador celular

Outro:.....